

This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

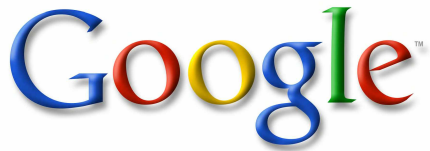
Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

~~24~~
✓

2 Vol

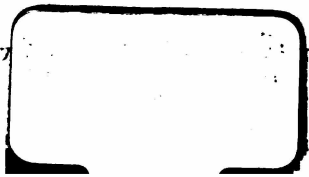
12

~~26487~~

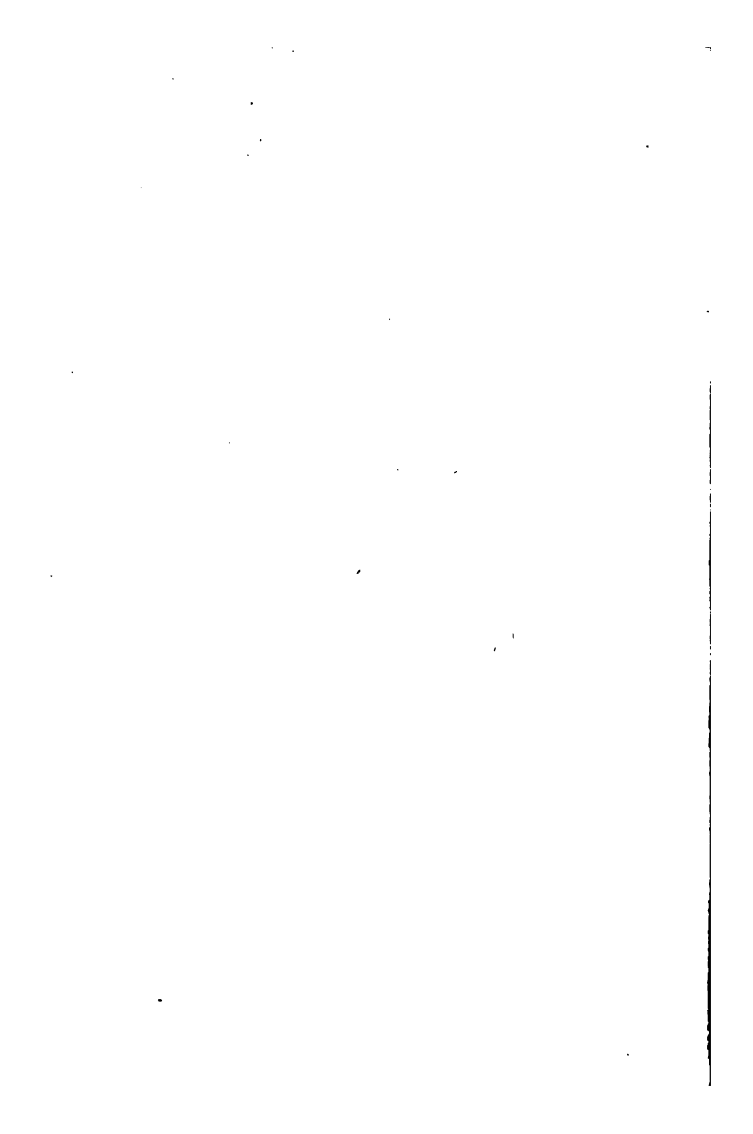
~~275. d. 9.~~



Vet. Part. II A.9

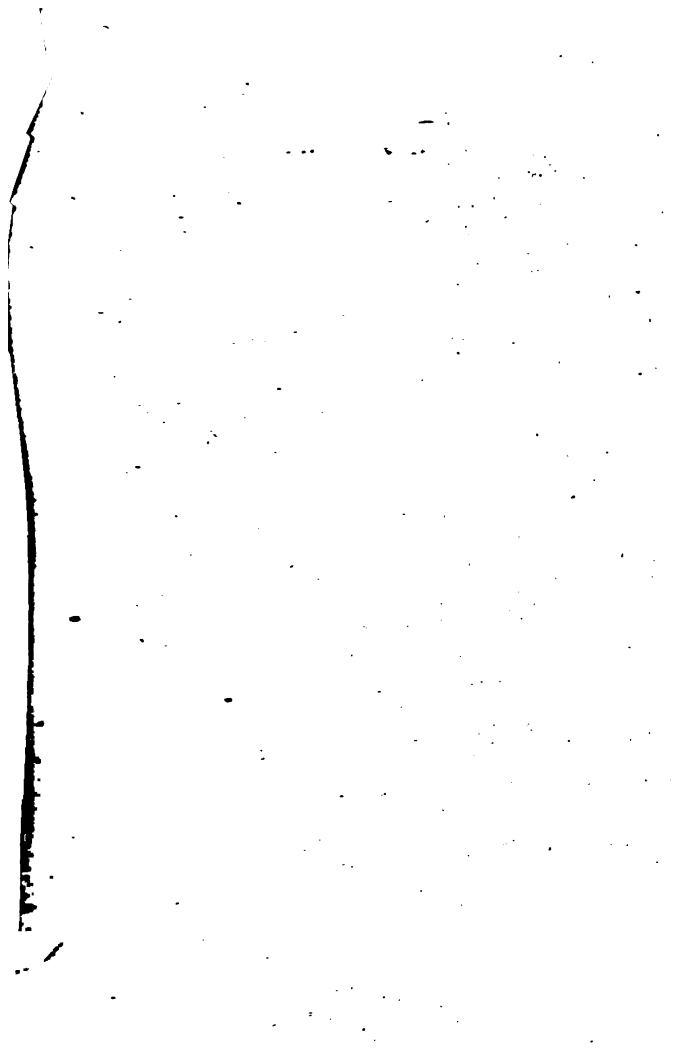


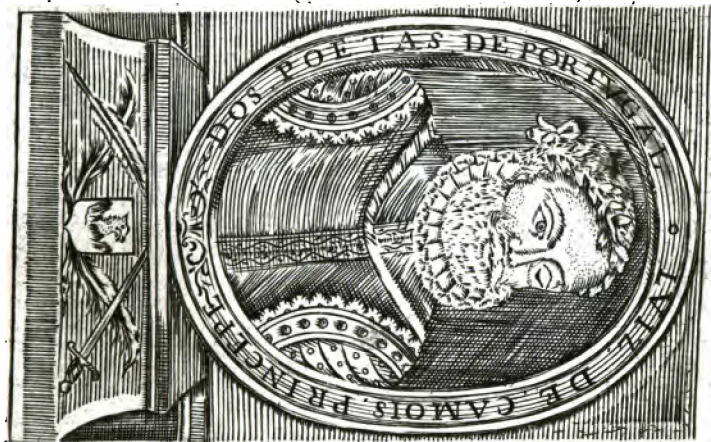
Ex Libris Tho: Inghel
Nov: Coll: Oxon: quon
Socii qui ob. 31^{mo}: Jul: 178











E C C O S,
QUE O CLARIM DA FAMA DA:
POSTILHA O
DE APOLLO.

MONTADO NO PEGAZO, GIRANDO

o Universo, para divulgar ao Orbe literario as peregrinas flores da Poesia Portugueza, com que vistosamente se esmaltaõ os jardins das Musas do Parrazo.

A CADE MIA UNIVERSAL.

Em a qual se recolhem os crystaes mais puros, que os famigerados Engenbos Lusitanos beberaõ nas fontes de Hipocrene, Helicon, e Aganipe.

E C C O I.

DEDICADO

AO NOSSO FIDELISSIMO MÓNARCHA

D. JOSEPH I.

P O R

JOSEPH MAREGELO DE OSAN.

)(✕)(

L I S B O A:

Na Offic. de Francisco Borges de Souza.

Anno de MDCCLXI.

Com todas as licenças necessarias.



DEDICATORIA.

Prostrado a vossos pés, Senhor, offereço
O fructo, que atéqui tenho colhido
Do meu trabalho, e sendo recebido
Por Vós, terei o premio, que appeteco.
Não ser offerta propria reconheço,
Tudo o que he nestes versos incluído;
E quando nada tenhaõ merecido,
Eu a vossa attenção não desmereço.
O meu gosto seria ter-vos dado
O recreio mayor, a mayor gloria:
Porém o meu intento foy frustrado.
Mas posso ter ao menos a vangloria, (do)
Que o vosso Augusto Nome aqui grava.
Me fará digno de immortal memoria.

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

70

71

72

73

74

75

76

77

78

79

80

81

82

83

84

85

86

87

88

89

90

91

92

93

94

95

96

97

98

99

100

PROLOGO.

PArece ley, e passa a ser costume,
Que em reverencia de qualquer volume,
Que com parto jucundo
Sahe do ventre do prélo á luz do mundo,
E na berlina, que lhe doura o ferro,
Coberta de carneira, ou de bezerro,
Corre sem descansar por varios modos,
Servindo-lhe de pés as mãos de todos ;
Que hum Prologo adiante
Traga em lugar de archote bem flámante,
Que lhe venha aclarando
O quis, quibus, e quid, quomodo, e quando:
Inda que esteja claro quanto encerra,
E tenha o livro o fructo á flor da terra.
Tambem do dito Prologo a elegancia
Tem outra circumstancia,
Que he a posse pacifica, que goza,
De naõ ser nũca em verso, sêpre em proza.
Item, que o Leitor sempre sem desvio
Benevolo ha de fer, e ha de fer pio,
E inda que com Herodes aparente,
Sempre ha de fer de Eneas descendente :
Por isso, sem perigo,
Ha de chamar ao seu Leitor amigo,

Que assim foy sempre usado , (do ;
Quer seja, ou não, seu logro, ou seu cunha-
Ou nas noites passadas

Lhe mataste seu pay ás punhaladas,
Pois tratá-lo de tu nunca lhe esquece ,
Como se desde a escola o conhecesse ,
E ambos n'um Mestre andassem,
Podendo muy bem ser que o tu tyranno ,
Topar fosse c'um Rey muy deshumano ,
Que elle não conhecesse ,
Nem saiba q̄ tal Rey no mundo houvesse ;
Porque hum Livro volante
Corre, sem que lhe ponhão o pé diante ,
E como por dinheiro se reparte ,
Chegar póde o tal livro a toda a parte ,
Aonde houver dinheiro , sem desdouro ,
Em ouro , ou prata , ou cobre , e ainda
em couro

Narrar tambem o Prologo se obriga ,
Do trabalho , que teve , e da fadiga ,
Em escarafunchar tanta memoria
Guardada nos archivos ,
Por dar á patria gloria , (vivos.
Bom nome aos mortos , melhor fama aos
Isto nunca se escuza ,
Que nos Prologos todos assim se uza ,
O pedir a quem ler que não censure,
es de ler, e que depois murmure,

Tambem

Tambem está bem posto ,
E aquillo de escrever por dar lhe gosto ,
Isto, e mil cousas boas ,
Humas palavras tão tabelliôas ,
Em fraze costumada ,
Que todas valem pouco mais de nada.
Temos Prologo, sim, mas differente ,
E não lá como o escreve a outra gente.
Primeiramente, seja este em verso ,
Que a clara Musa canta :
Saiba-se no Universo ,
Que outro valor mais alto se levanta;
E neste grande caso ,
Não fazemos da Proza nenhum caso ,
Porque sem alboroto
Em proza falla alli qualquer maroto :
Sem ser couza donoza,
Em proza falla a Dama mais formosa ,
E esta tal formosura
Se está na mór altura ,
Bem que da discrição ande na escóla ,
Se he formosa , está dito, ha ser tola :
E a criança de mamma sem ser gente ,
Pay, e mãy, chama em proza balbuciente,
E os rapazes ás amas, sem cortejo,
Tambem em proza pedẽ pão cõ queijo.
As prozas finalmente aqui se calaõ ,
Por ser idioma em que todos fallaõ.

Aqui mais culta fraze procuramos,
Por isso em verso agora prologamos.
Pois amigo ao Leitor também não chamo,
Inda que a todos amo ,
Porq̃ , ou distante, ou proximo elle seja,
Faço o que manda a Santa Madre Igreja:
E ainda que inimigo o encontrara
Por fé talvez que a hum inimigo amara;
Porque me não dissesse o Evangelho ,
Que nem de graça tomo o seu conselho.
Tratar de tu o Leitor, he grosseria,
Não me ensinaraõ tanta cortezia
Ha de aqui fer tratado ,
Conforme o seu estado.
Se for Religioso , com decencia,
Digo que lêa su Reverencia;
Pois a Reverendissima, que se usa,
Não lha quer aqui dar a minha Muza.
Se for Capucho, pôde ler Vossáde ,
A tudo o mais lhe dou Paternidade.
Se for Leigo, lhe digo sem affrontas ,
Que não lêa, que reze pelas contas,
Porque o ler lhe he vedado ,
Bem que dê pelo livro o seu cruzado.
Se for Conimbricence bom estudante,
Lêa senhor Doutor, será bastante;
Se for homem sem outro sobrescrito ,
Lêa Vossa Mercê, e tenho dito ;

Se for pelaõ , com o mesmo se contente,
E naõ seja insolente ,
Querendo a Senhoria,
Que se reserva para a fidalguia ;
E a da meya tigella
Tambem aproveitar-se póde della.
Com os criados da casa ,
Com quem gente muy boa naõ faz yaza,
E com os Titulos, tenho conveniencias,
Para dizer-lhes: lêam Vossellencias.
Aos Principes naõ mando,
Que eu naõ sou atrevido, nẽ zombando,
E se me ponho a geito,
Só mando que lhes peço o meu respeito.
Que ha de hum vilaõ roim , ha de hum
magano.

Mandar ler a hnm Monarcha soberano !
E pelo atrevimento
Ninguẽ lhe dá c'ũ páo ! Dera-lhe eu cẽto.
Naõ reparaõ que taes facilidades
Saõ herezias contra as Magestades ?
E herege da politica obstinado
Merece em auto publico queimado.
Diverso tratamento
Teraõ as Damas de alto firmamento,
Que a habitaçaõ do Ceo ás taes Senhoras
Divinas as faz ser em poucas horas ;
E eu tantas respeitando immunidades

Lhes

Lhes digo: lêão Vossas Divindades.
As demais Damas bellas
Consultadas em Soes, Luas, e Estrellas,
Que ja cõ presumpções de mais formosas,
Nã querẽ ser Jasmins, nem ser ja Rozas,
E Angelicas, ainda eu o duvido,
Pois haõ de pôr o ponto mais subido,
Com a belleza tem, sem menoscabo,
Na cara de Anjo, effeitos de diabo;
Com razãõ digo a estas formosuras:
Lêão vossas celestes diabruras,
Porque assim cuido que melhor as trato,
Dando-lhe as diabruras de barato.
Que se estas divindades endiabradas
Quizerem por discretas ser tratadas,
Tratem de ler, e nã se cifre tudo
Dõ toucador no crystallino estudo,
Que a idolatrar-lhe ensina
A imagem da belleza por divina.
Desta regra se tira
Maravilha fatal, que o mundo admira;
Admira o mesmo Apollo tal Poeta
Rara na erudição, e na brandura,
Inda que os mesmos Astros inquieta.
Ama do verso a fraze sempre pura,
Campa no mundo todo por discreta,
Aondeisó lhe aggrava a formosura.
Esta decima Musa

Tem mais que sciencia infusa.

A qui no Livro brilha hũ seu Soneto (to.
Na idéa, e alsũpto, em tudo o mais discre.

Quanto aqui vay escrito ,

Naõ leva meu mais que este sobrescrito ,

Pois para se amañar o tal Livrinho ,

Cada Poeta entrou com o seu versinho ,

Como quem bota esmóla cada dia

Das almas na bacia:

Tambem como quem pede

Missa pedida para S. Mamede ,

A modo de quem chora ,

E lhe respondem: eu naõ tenho agora :

E elle bate a outra porta sem pinguiza

Até que junta esmóla para a Missa.

Da mesma sorte andey pelo meu modo

Té que de muitas partes fiz hum todo ,

Como a filha das agoas Neptuninas ,

Que hum pintor com destreza ,

Querendo retratar tanta belleza ,

Juntou muitas bellezas peregrinas ,

E das feiçoens melhores

Escolheo as mais bellas ,

E assim de todas ellas

Fez a copia da Deosa dos amores ;

Pois desse mesmo modo ,

Se compôs deste livro a parte, e o todo,

Como o passaro , em cujo corpo cabe ,

(En

(Eu nunca o ouvi , nem vi , nem sey a
que sabe)

Vestir as gallas , e compor as modas ,
Com as pennas , que vestem as aves todas ,
E deste modo pobre se condena ,
Atirar-lhe cada huma a sua penna ,
Ficando elle despido com desdouro ;
Pois assim ficará o livro em couro ,
Se vem cada Poeta , e delle cobra
O que o livro tomou , que he a sua obra.
Mas assim como na ave he patarata
O que della se conta ,
Assim dos que chafurdaõ a fonte grata
Tambem será affronta
Tomar o que me déraõ , naõ forçados ,
Em suas obras seletas :
Porèm se laõ Poetas ,
Naõ será muito sejaõ corcovados.
Censurem , ou naõ censurem,
Murmurem , ou naõ murmurem
Critiquem , ou naõ critiquem , a isso digo ,
Que ellas censuras nada tem commigo ,
Inda dellas appello ,
Sem temer que me façaõ amarello.
Mas se todos constantes ,
Põem de participantes
O livro , estou perdido ,
Deos lhes tire tudo isso do sentido.

A collecção formosa
De tanta consonancia numerosa
O Leitor me agradeça,
Leva no livro huma galante peça.
E se o livro, de fato
Não presta : porque foy taõ infensato
O Leitor galhofeiro,
Que veyo a dar por elle o seu dinheiro ?
Nisto não ha trapallia,
Porque este livro não se dá de graça,
Pois cada versinho
A seu Author custou bom dinheyrinho,

Vale.

THE
LIBRARY
OF THE
MUSEUM OF
COMPARATIVE ZOOLOGY
AND
ANATOMY
AT
HARVARD UNIVERSITY
1280 DIVINITY AVENUE
CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS 02138
U.S.A.

1952

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

Vistas as informações, pôde-se imprimir a Collecção de obras, que se apresenta, e quer dar ao Prêlo em dous tomos, com o titulo: *Eccos, que o Clarim da fama dá*, Joseph Maragello de Ofan, e depois voltará conferida para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa no Paço de Palhavã 8. de Janeiro 1760.

Trigozo. Silveiro Lobo.

DO ORDENRIO.

*Approvaçãõ do M. R. P. M. Jubilado
Fr. Joseph. da Madre de Deos, Exa-
minador das Tres Ordens, Consultor
da Bulla, e Examinador Synodal no
Patriarchado &c.*

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

Vil o Livro, que se pertende reim-
primir, e todos os mais papeis, de
que trata esta petiçãõ, e em todas estas
Obras Poeticas não acheu cousa alguma
opposta á pureza da nossa Santa Fé, ou
bons costumes. V. Excellencia mandará o
que for servido. Convento de N. Senhora
de Jesus de Lisbõa 27 de Janeiro de
1760.

Fr. Joseph da Madre de Deos.

Vista a informaçãõ, pôde-se impri-
mir, e depois torne para se dar li-
cença para correr. Lisbõa 3. de Fevereiro
de 1760.

D. J. Arceb. de Lacedemonia.

DO

DO PAÇO.

*Approvaçõ do M. R. Diogo Barboza
Machado, Academico da Academia
Real &c.*

S E N H O R.

A Colleçã de Poezias, assim sagradas, como profanas, que se perende imprimir, não contém cousa alguma contra as Leys de V. Magestade; tge mandarã o que for servido. Lisbõa qude Fevereiro de 1760.

5.

Diogo Barboza Machado.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornerã á Mesa revisto pelo Revisor, para se dar licença que corra, tem a qual não correrã. Libõa 11 de Fevereiro de 1760.

*valbo. D. Velho. Castello.
Car Siqueira. Pacheco.*

SEGUNDAS LICENC,AS

Do Santo Officio.

PO^ode correr. Lisboa 10 de Fevereiro de 1761.

Trigozo. Silverio Lobo. Carvalho.

Do Ordinario.

PO^ode correr. Lisboa. 20 de Fevereiro de 1761.

D. J. Arceb. de Lacedemonia.

Do Paço.

TAixaõ para correr em dezoito vintens. Lisboa 10 de Abril de 1761.

D. Velbo. Castello. Fonseca.

IN.

INDICE

*Das obras , que neste tomo
se contêm.*

- I**ntroduçãõ Poetica , Pagina 1.
Triunfo Regio á jornada do Senhor
Rey D. Joã.V. dividida em Observa-
coes: Observaçãõ primeira , p. 33.
Observaçãõ segunda , p. 56.
Observaçãõ terceira , p. 78.
Observaçãõ quarta , p. 93.
Observaçãõ quinta , p. 111.
Observaçãõ sexta , p. 125.
Egloga na morte do Senhor D. Miguel.
p. 151.
Sentimentos de D. Pedro , e de D. Ignez
de Castro , primeira parte , p. 171.
Segunda parte da mesma Obra , p. 195.
Ao mesmo assumpto, Glossa da Oitava
de Camões , p. 219.
Glossa do Soneto de Francisco Rodri-
gues Lobo , p. 223.
Outra Glossa ao mesmo Soneto, p. 229.
Outra Glossa ao mesmo soneto , p. 234.
Amante Desprezado , Idilio , p. 239.

Ao Conde de Val-de-Reys, sendo Regedor das Justiças. Oitavas, p. 246.

Retrato de huma Dama. Oitavas, p. 252.

Ao mesmo Assumpto, pelos mesmos consoantes. (applicando-as a hum Cadaver) Oitavas, p. 256.

Descripção da noite. Soneto, p. 260.

A Clori, que tocando una cithara hizo morir un Cygne. Soneto, p. 261.

Descripção de hum Prado. Soneto, p. 262.

Diz Eliano, que o Cygne vence a Aguia se esta o dezafia. Soneto, p. 263.

Impedio Scipião Africano aos nobres mancebos, que queriaõ dezamparar a batalha de Canas. Soneto, p. 264.

Voando huma Borboleta Junto a os olhos de F. Soneto, p. 265.

Acção generosa de Scipião, quando venceu a nova Carthago. Soneto, p. 266.

A Alexandre chorando, porque ouviu dizer que havia mais mundos. Soneto p. 267.

Morte violenta dos filhos, e sobrinhos de Junio Bruto, feita pelo mesmo Bruto. Soneto, p. 268.

que morreo de ar. Soneto, 269.

Acção

Acção severa de Omilio Scauro contra seu filho, o qual sentido se mata. Soneto, p. 270.

A la hermosura de un cabello. Soneto, p. 271.

Descripção da Aurora. Soneto, p. 272.

A F. com hum espada na mão. Soneto, p. 273.

A Filis. Soneto, p. 274.

Ao seu cuidado. Soneto, p. 275.

Descripção da Primavera. Soneto, p. 276.

Aos gostos breves do mundo. Soneto, p. 277.

Descripção do campo. Soneto, p. 278.

A hum passaro cantando. Soneto, p. 279.

Mata-se Charondas a si mesmo por transgredir huma ley, que elle tinha dado, e querer executar a pena della, que era de morte. Soneto, p. 280.

Applauso da Victoria das Linhas de Elvas. Oitavas, p. 281.

Vida de hum Estudante pobre. Oitavas, p. 298.

Varios Sonetos de Soror Violante do Ceo, p. 306.

Canto Epico, e Encomiastico. Oitavas. p. 314.

Cinco Jornadas de Jeronymo Bahia para Coim-

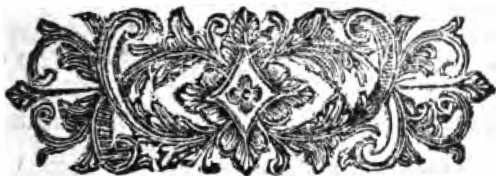
Coimbra. Romances , p. 321.
Egloga Pastoril. p. 361.
Soliloquio de hum peccador prostrado
aos pés de Jesu Christo. Sextinas , p.
366.

PROTESTAÇÃO DA FÉ

SONETO.

NO Mar destes discursos resumido
Da barca figo da Romana Igreja
O sagrado Farol, para que esteja
A seus dictames tudo submettido.
Se alguma cousa tenho proferido
Que a seus Decretos contraposto seja,
Por retractada a dou: porque me veja
Do naufragio de absurdos eximido,
Desta sorte esta Obra he bem que siga
A derrota ; evitando os defacertos
Da borrasca dos erros inimiga:
Pois navegando pelos rumos certos
Da Verdade Catholica , prosiga
Seus applauzos no porto dos acertos.





INTRODUÇÃO

P O E T I C A .

I.

RA do anno a Estação primeira ;
 Em q̃ de Colchos o animal luzido
 Acaba no Zodiaco a carreira
 Depois da porta ao anno ter abrido :
 E fugindo dos peixes , derradeira
 Estação do Inverno desabrido ,
 Luzes promette ao Ceo , flores á terra
 Nas auzencias do frio , que desterra.

II.

E o dourado vélo sacudindo
 Das geadas do Inverno rigoroso ,
 Está sobre campo de ouro descobrindo
 Hum bordado de prata muy vistoso :
 Indo com a dourada ponta abrindo
 Caminho nesse campo luminoso ,
 Pizando ayroso lucidas estrellas,
 Mais rico de esplendor que todas ellas.

Introducção

III.

E já por sua ordem vem andando ;
 Da Estrella de Cythéra acompanhado ,
 Aquelle , em que Tonante disfarçando
 A magestade , o mar passou a nado ,
 Quando a filha de Agenor furtando ,
 Antes do casamento celebrado ,
 Quiz mostrar na armação só apparente
 O que depois seria realmente.

IV.

Mas Febo, q̃ apressado o vem seguindo
 Com garrochões de luz sórtés fazia ,
 Tirando settas , e rojões brandindo ,
 No terreiro do Ceo ao Boy corria :
 Sobre Pyrois montado vem ferindo ,
 Menos com rayos , mais co' a bizzarria ,
 E tomando das pontas certo agouro ,
 Sortes lhe vem fazendo , como a touro.

V.

O generoso bruto estimulado
 Das estrellas , que Febo luminoso
 Nas ilhargas lhe emprega , acelerado
 Busca o contrario com rancor fogoso :
 Logo por rédeas de ouro soffreado
 Ouro puro mastiga , e precioso ,
 Pregando em campo de ouro a fina prata
 De que calçada traz a bruta pata.

VI.

VI.

Vio-se mais gentil , mais engraçado ,
Mais rico de esplendores Febo ardente ,
De galla mais vistosa vem trajado
Bordada de ouro puro , e refulgente :
Os rayos , que n'outra hora vibra irado ,
São luz agora pura , e innocente ,
Publicando por linguas de fulgores ,
Que vem dar luz á terra , galla ás flores.

VII.

Mais bello se levanta , mais luzido
Da tumba de crystal , em que espirára ,
E nella á sepultura conduzido ,
Entre horrores da sombra caminhára :
Onde a formosa Thetis escondido
No mausoléo das ondas o enterrára ,
Sepultando discreta , amante , e grata
Hum corpo todo de ouro em muita prata.

VIII.

O Ceo , que acompanhára á sepultura
O cadaver com tochas rutilantes ,
Que accendera na noite mais escura ,
Como signaes da dor , o luto , que antes
Arrastar-lhe fizera a sorte dura ,
Muda em gallas de luz mais roçagantes ,
Multiplicando agora em alegria
O que entao padecera de agonia.

E as exequias tristes , que entoára
 Por bocca de nocturnas pardas aves ,
 Que na sombra cruel de luz avára
 Generação tristes , e voáraõ graves :
 Agora quando as sombras defampara ,
 Troca em musicas brandas , e suaves
 Por bocca de cantores passarinhos ,
 Que a córos estaõ cántando nos raminhos.

E os lugubres signaes , q̃ estaõ lhe da-
 Nessa torre do Ceo funebres finos, (vaõ
 Quando á morte funestos se dobravaõ ,
 No metal menos , que na dor mais finos :
 Em repiques alegres commutavaõ ,
 Esses Ceos atroando crystallinos ,
 Respondendó do ar as avesinhas ,
 E no prado tocando as campainhas.

Na terra a Deosa Flora debuxava ,
 Sentada em verde estrado , subtilmente
 Formosa Primavera , que igualava ,
 Se naõ vencia , esse Orbe transparente :
 E nas flores da terra arremedava
 As estrellas do Ceo resplandecente
 Com tal arte, e primor , tal galhardia,
 Que a terra novo Ceo se parecia.

XII.

Para o rico bordado se servia
 Da seda , que lhe offrecem lindas flores,
 Das quaes com destra maõ subtil fazia
 De cores mil finissimos labores :
 E com ellas ao campo revestia ,
 Cortando-lhe vestidos de mil cores ,
 Engastando por pedras preciosas
 As lagrimas da Aurora mais lustrosas.

XIII.

Veste de verde escuro amenos prados,
 Misturando mil castas de boninas ,
 E nos montes , e oiteiros levantados
 Fóрма de melhor ouro novas minas :
 Pintando de cor d'ouro os namorados
 Girasoes , que ás esféras crySTALLINAS
 Despedem faudosos mil suspiros ,
 A sua dor mostrando nos seus giros.

XIV.

As penhas , q̃ outro tempo presumidas
 Na igualdade c'os astros competiaõ ,
 Agora das hervinhas revestidas
 Na formosura aos astros excediaõ :
 Do presidio das flores guarnecidas ,
 Aos Ceos na gentileza desafiaõ ,
 Pertendendo ficarem nesta guerra
 Como os astros no Ceo , astros na terra.

XV.

Ambares no jardim respira a rosa,
 Em throno de esmeraldas sublimada,
 Servindo-lhe de guarda numerosa
 Os espinhos, que em roda a tem cercada:
 Fraldelim traz de purpura vistosa,
 Com rica guarnição de ouro bordada,
 Recuperando agora o que no Estio
 Perdeo de formosura, galla, e brio.

O cravo, que aspirava a ser reinante
 Na cheirosa República das flores,
 Traja galla de purpura flammante,
 Sahindo-lhe ao rosto vivas cores,
 De ver que tão formoso, e roçagante
 Haja de conhecer outros mayores,
 Sentindo com tal ancia esta agoniã,
 Que a Aurora lhe receita huma sangria.

O jafmin, que das flores na pureza
 Pertende se lhe julgue a primazia,
 Temendo ser vencido nesta empreza,
 De receyo, e temor branco se enfia:
 Por ver que posta em campo, e em defeza,
 Lhe compete a açucena em bizzarria,
 Temendo, com razaõ, que a sua prata
 A victõria lhe alcance muy barata.

O lyrio d'outra parte o vencimento
Se promette muy certo da victoria ,
Por se ver taõ formoso em luzimento ,
Que vence o Rey mayor em pompa, e glo-
Fazendo do luzir merecimento , (ria:
Naõ vendo que o luzir só he vaã gloria ;
Porèm esta razaõ , que allega o lyrio ,
Julgaõ todas as flores por delirio.!

XIX.

Vendo a rosa que o lyrio rebellado
Conspira contra a sua magestade ,
E que pertende a coroa ter do prado ,
Aspirando á suprema dignidade :
Entra em grande temor , mayor cuidado ;
E para castigar-lhe a needade
Manda marchar em alas as boninas
Com librés de mil cores peregrinas.

XX.

Marchando na vanguarda valorosos ,
De roçagante purpura trajados ,
Por Capitães os cravos olorosos ,
Com botas de esmeralda vaõ calçados :
Taõ bellos , taõ gentís , e taõ formosos ,
Que elles só são a flor dos mais foldados ,
Enas botas , que calçaõ ao guerreiro ,
Levaõ esporas azues de cavalleiro.

XXI.

Introdução

XXI.

Seguem-se logo postas em fileira
 Outras flores com cargos diferentes ,
 Levaõ as açucenas a bandeira
 Com esmaltes de ouro refulgentes :
 Cadaqual quer na gloria ser primeira ,
 Mostrando-se á porfia diligentes ;
 Até a mesma rosa alli se via
 Armada da forçosa picaria.

XXII.

Logo em seu seguimento vaõ marchan-
 Qual gente militar de Infantaria, (do,
 E na sonóra caixa vay tocando
 Com compassada maõ destra a cachia ,
 A cujo som se ouve ir disparando
 Bálas de olores a mosquetaria ,
 E atirando fogosas as cravinas ,
 Causando no contrario mil ruinas.

XXIII.

Nesta , pois , Estação deliciosa ,
 Em que o mundo de novo recupera
 Quanto a Estação do Inverno rigorosa
 Lhe roubou triste , lhe furtou sevéra :
 Neste tempo, em que a terra mais formosa
 Traja gallas de linda Primavera ,
 Quiz Apollo se abrisse a Academia ,
 Por reformar de novo a Poesia.

XXIV.

XXIV.

Como ouvia dizer se murmurava
Sem respeito nenhum, ou cortezia,
E que o vulgo ignorante motejava
Com solta lingua a nobre Poesia:
Sendo o que nisto mais se adiantava
O que della talvez nada entendia;
Quiz que se consultasse no Parnaso
O que era bom fazer-se neste caso.

XXV.

A Cyllenio pedio que interviesses
Em negocio tao grave, tao preciso,
E que as Musas irmaas aviso dessem,
Para vir ao Parnaso de improviso:
E que elle assistir tambem quizesse,
Porque c'o parecer do seu juizo,
Como tao grave, douto, e acertado,
Veria este negocio em bom estado.

XXVI.

Poem-se gentil Cyllenio acelerado
As azas tao ligeiras, como ayrosas,
E navega sobre ellas estribado
Por golfos de crystal maré de rosas:
Os ventos, quando o vem tao apressado,
As proprias azas tem por vagarosas,
Dando ao filho de Maya a primazia,
Assim nos vãos, como em bizzarria.

XXVII.

Introdução
XXVII.

Vinha o filho de Maya tão formoso ,
 Como em florido Abril ameno prado ,
 Alegre , e juntamente magestoso ,
 O grave desmentindo com o agrado ,
 Entre grave , e severo , amoroso ;
 E de Helycona ao bosque já chëgado ,
 Co' a lyra acorde de ouro , que tocava,
 As Musas ao Parnaso convocava.

XXVIII.

Era tão doce o som, que sendo ouvido
 No Ceo , no ar , na terra, nos rochedos,
 Lhe deraõ juntamente attento ouvido
 Astros , e aves , homens , e penedos :
 Sendo tanto de todos applaudido ,
 Que ouviraõ mudos, e escutáraõ quedos;
 Sõ Ecco , que das grutas o ouvia ,
 Por bocca das cavernas respondia.

XXIX.

Naõ tocava melhor , quando attrahia
 O citharedo Anfião rochedos duros ,
 E ao som da doce lyra desprendia
 Os riscos , e penhascos mais seguros ,
 Quando á famosa Thebas construía
 C' o brando do seu som seus fortes muros,
 Levando atraz da cithara suave
 O tosco monte], o rochedo grave.

XXX.

XXX.

Assim todas as Musas , que assistiaõ
Na floresta cheirosa entre as boninas ,
E com Flora gentil se divertiaõ
Junto ás agoas da fonte crystallinas ,
Sendo os crystaes undosos , que corriaõ ,
Espelho a suas faces peregrinas ,
Attrahidas da musica , que ouviraõ ,
Ao cume do Parnaso se subiraõ.

XXXI.

Intimou-lhes Cyllenio o seu mandado,
Que da parte de Apollo lhes trazia ,
E logo alli ficou determinado
Por commum parecer ao certo o dia ,
Como lhes pareceo mais acertado ,
Para poder abrir-se a Academia :
E com isto Cyllenio se despede ,
E co' as azas do vento as proprias mede.

XXXII.

Em quanto o dia fixo não chegava ,
E as Musas se preparaõ com cuidado ,
De apregoar a fama não cessava
O congresso , que está determinado :
Todo o Poeta já se apparelhava ,
Esperando este dia alvoroçado ;
Só Momo , que isto soube , escarnecia ,
Fazendo do tal caso zombaria.

XXXIII.

Era Momo inimigo declarado
 De Apollo , cujas obras não gostava ,
 E por ver que he de todos celebrado
 Publicamente delle murmurava :
 E vendo agora o tempo accommodado ,
 Ter com elle razões determinava ,
 Apparelhando já para a peleja
 As armas , que lhe dava a torpe inveja.

Já vinha a bella Aurora destoucando
 A madeixa gentil de seus cabellos ,
 Do mesmo Sol os rayos desprezando
 Por menos elegantes , menos bellos :
 E sobre os verdes campos orvalhando ,
 Começava de prata a guarnecê-los ,
 Restituindo ao campo , ás flores, e aves
 A graça , o cheiro , as musicas suaves.

O ledo passarinho , que dormia
 Entre os viçosos ramos do loureiro ,
 E c'o somno da noite refazia
 O trabalho , que teve o dia inteiro ,
 Tanto que vio a luz , que apparecia ,
 A fauda cortez , e lifonjeiro ,
 Cantando ao som da fonte , q̃ correndo,
 Nas pedrinhas, q̃ encontra, vay tangendo.

XXXVI.

As flores , que de noite adormecidas
Descançavaõ entre camas olorosas ,
Das lagrimas da Aurora humedecidas
Se levantaõ mais lindas , mais formosas :
E dos cheirosos leitos já erguidas,
Cortezia á manhaã fazem ayrosas ,
Porque a viraçaõ branda , que corria ,
Com muito ar cortezes as fazia.

XXXVII.

Zefyro brandamente respirando
As orvalhadas flores sacudia ,
E com a mimosa planta tropeçando
Ora se levantava , ora cahia :
Outra vez crespas ondas remedando ,
O prado em mar de rosas convertia ,
Onde em golfos navegaõ de vapores
Feitas náos do jardim todas as flores.

XXXVIII.

Atraz da roxa Aurora caminhava ,
Pelas portas entrando do Oriente ,
O flammante Planeta , que rodava
Em coche de crystal resplandecente ,
E de abrazado fogo arremessava
Ligeiras settas com rigor valente ,
Brando, e cruel, trazendo em feus ardores
Bom dia ao campo, e má tarde ás flores.

XXXIX.

Introducção
XXXIX.

Este era , pois , o dia celebrado
Pelo neto gentil do velho Athlante ,
Para o qual com as Musas ajustado
O congresso deixára relevante :
Vem todos para o monte celebrado,
De Mercurio guiados , que adiante
Caminhava , querendo ser primeiro
Por mostrar-se cortez , e lisongeiro.

XL.

Chegaõ do monte ao cume, onde susten-
Quatro finas columnas bem lavradas (taõ
Húma nobre fachada, em que se ostentaõ
A natureza , e arte já esgottadas :
Mais graça, e formosura lhe accrescentaõ
Verdes heras em troncos dilatadas ,
Que na porta vistosas se enlaçavaõ ,
Dando mais graça ás pedras, q̃ abraçavaõ.

XLI.

Já entra a numerosa companhia
No sacro monte a Apollo acompanhando
Cujo aspecto benigno parecia (do,
Mais luzente q̃ o Sol, quando espalhando
Densa nuvem , que o rosto lhe cobria ,
Apparece das ondas triunfando :
Passados os primeiros cumprimentos ,
Manda tomar a todos seus assentos.

XLII.

XLII.

Calliope formosa , a quem he dado
Overso heroico , grave , e magestoso ,
Occupava hum assento marchetado
Com niveo dente do animal forçoso ,
A quem Bellona vio no campo armado
Feito andante castello bellicoso :
Trajava primavera de labores ,
Semeada de fructos , e de flores.

XLIII.

Clio n'outra cadeira se sentava ,
Onde por désttra maõ se vem lavradas
As historias antigas , que mostrava
Presentes , sendo que eraõ já passadas :
Na preciosa galla , que trajava ,
Outras tambem se viaõ debuxadas ,
Representando assim mortas figuras ,
Como se foraõ vivas escrituras.

XLIV.

Logo n'uma cadeira de safira
Erato junto a Clio se diviza ,
Erato , aquella Musa , cuja lyra
Os coraçõs alegre , e suaviza :
Aquella , a cujos rogos flexas tira
O cego Deos , que mata , e tyranniza ;
Roupas azues de fina seda veste ,
Que a fazem parecer cousa celeste.

XLV.

XLV.

No quarto assento leda succedia
 Thalia , a cujo cargo he commettido
 Compôr a doce , e branda poesia ,
 Que arrebate, e suspenda o grato ouvido :
 Hum véo , que a branca neve desafia
 Na candidez , lhe serve de vestido ;
 Mas como o véo em tudo era taõ raro ,
 He nuvem pouca para Sol taõ claro.

XLVI.

A quinta era Melpomene chorosa ,
 Das lugubres tragedias inventora ,
 Mas naõ lhe tira o triste o ser formosa ,
 Que antes he mais formosa quãdo chora :
 Bem como he mais bizarra, mais vistosa
 Quando lagrimas verte a bella Aurora ;
 Qual a rosa , que está mais engraçada
 Quando amanhece em lagrimas banhada.

XLVII.

Terpsicore gentil , ayrosa , e bella ,
 N'um bordado cochim lugar tomava ,
 Feito de prata , e ouro , cuja téla
 Ao natural as flores retratava :
 Esta , de quem lições tomar anhéla
 O Thrace Orfeu, na cythara tocava, (ta,
 Juntando ás cordas de ouro a maõ de pra-
 Com que huns enlea , outros arreбата.

XLVIII.

Em settimo lugar se vê sentada
A que na gentileza era a primeira,
Euterpe linda, bella, e engraçada:
Vestia de huma seda muy ligeira,
Com canutilho de ouro repassada,
Da cor, que tem a fresca lorangeira,
Quádo opprimida está cõ pomos de ouro
Manifestando á vista o seu thesouro.

XLIX.

Cadeira de crystal resplandecente,
Emulo no resplandor da luz mais pura,
Mais luzido que o Sol mais refulgente,
Occupa hum novo Sol na formosura,
Polymnia, aquella Musa, que eloquente,
A gentileza com a sciencia apura,
Tão formosa, que nescia parecia,
Tão sabia, que ser feya merecia.

L.

Na ultima cadeira magestosa,
A quem varias estrellas esmaltavaõ
Com invenção tão rara, e primorosa,
Que hum novo Ceo na terra retratavaõ,
Urania se sentava tão formosa,
Que as outras Musas todas duvidavaõ.
Se excedia o poder da natureza
Hum prodigio tão raro da belleza.

LI.

Todas tinhaõ capellas de boninas
 Colhidas na formosa madrugada ,
 Quando as portas do Oriente crystallinas
 Abrio a esposa de Tithon nevada :
 Salpicadas de cores peregrinas ,
 Qual roxa , qual azul , qual encarnada ;
 Mas po'õ faõ formosas as capellas ,
 Ellas faõ mais formosas , e mais bellas...

LII.

Vem-se em nichos estatuas levantadas
 Dos Poetas , que mais as merecèraõ
 Pelos versos , e obras celebradas ,
 Que com grande trabalho compuzeraõ :
 Homéro alli se vê , por quem armadas
 Sette nobres Cidades contendèraõ ;
 Mas em vaõ , que a talento taõ profundo
 He patria pouca o dilatado mundo.

LIII.

Huma estatua de jaspe bem lavrado
 A Ennio Tarentino figurava ,
 Ennio, que entre os estrondos de soldado
 O descanço das Musas conservava :
 Estava de verdes heras coroadado
 Misturadas com ouro , em que mostrava
 Poderem-se juntar n'um sãõ sujeito
 Discreta penna , valoroso peito.

LIV.

LIV.

N'um porfido esculpido o Mantuano
 Admirações, e pasmos infundia,
 Mostrádo hum não sey que mais q̃ de hu-
 Com q̃ respeito ainda concilia: (mano,
 De fronte deste está Venusiano,
 Outro famoso heróe na Poesia;
 Em fim, alli se vem outros pintados
 Dos antigos, que são mais affamados.

LV.

Via-se muito ao vivo retratado,
 A espada n'uma mão, na outra a penna;
 Camoens, o mor Poeta, o mor Soldado,
 Que vio Bellona, conheceo Camena:
 Aquelle ingenho nunca affás louvado,
 Que quanto mais nos louva, nos condena,
 Sendo calumnia nossa os seus louvores,
 Que pagamos com tantos desfavores.

LVI.

Junto a este também se descobria
 Miranda, o que do celebre Mondego
 Nas faudosas prayas assistia,
 Arguindo de louco, amente, e cego
 Ao que dentro nas Cortes se atrevia
 Passar a vida sem algum focego;
 Claro a seus pés o rio se descobre
 De arêas rico, de corrente pobre.

Huma estatua de murta coroadada
 Aquelle grande ingenho representa,
 Que á corrente do Lena limitada
 De Aganipe as correntes accrescenta:
 A branda Primavera alli pintada
 Ramilhetes de flores lhe appresenta
 Por maõ das bellas Tagides formosas,
 Que hõrou cõ versos, illustrou cõ profas.

Via-se aquelle Cysne Lusitano,
 Que em numerozo métro levantado
 Tanto illustrou seu nome soberano,
 Que n'um, e outro Pólo he celebrado:
 Cujos versos fizeraõ mais ufano,
 Do que o Troyano féro debellado,
 O valoroso Ulysses, que se preza
 Mais desta penna, que daquella empreza.

Hum verde ramo de viçosa planta
 A cabeça de Sá tem coroadado,
 Aquelle, cuja Musa ao Ceo levanta
 O valoroso esforço sublimado
 Dos Portuguezes com viveza tanta,
 Com estylo taõ alto, e levantado,
 Que em cada verso seu, em cada canto
 Fulmina hum rayo de terror, e espanto.

LX.

Outros muitos alli se divisavaõ
Em porfidos , e marmores lavrados ,
Entre os quaes mais illustres se mostravaõ
Os Cyfnes Portuguezes celebrados :
Alli tambem mulheres naõ faltavaõ ,
De ingenhos taõ sublimes , e elevados ,
Que nas famosas obras , que deixáraõ ,
Columnas a seus nomes levantáraõ.

LXI.

No meyo desta sala sublimado
Hum throno está de fina pedraria
Com miudos labores debuxado ,
Mais fulgente que o Sol ao meyo dia ,
Quando em chãmas de luz morre abraza-
Nelle sentado Apollo presidia , (do:
Tendo junto a si para o conselho
O sabio neto do forçoso velho.

LXII.

Geral silencio a todos foy mandado
Pelo Deos , que he do monte Presidente,
O qual desde o seu throno levantado ,
Com tom de voz sonora , e vehemente ,
Com gesto hũ pouco grave, e carregado,
Que mostra aos olhos o que n'alma sente,
Ao congresso , que junto o attendia ,
Estas formaes palavras proferia:

LXIII.

LXIII.

Discretos moradores deste monte ,
 A quem só dos mortaes he concedido
 Beber as agoas dessa clara fonte ,
 Em que ingenho , e saber está escondido,
 Tempo creyo ser já que a todos conte
 O que ha muito tempo tenho ouvido ,
 Naõ sem mágoa , por ver taõ desprezada
 A nossa arte taõ nobre , e celebrada.

LXIV.

Naõ era antigamente concedida
 Entrada neste monte a qualquer gente ,
 Nem era no Parnaso admittida
 A que douta naõ fosse , ou eloquente :
 Hoje porèm se vê introduzida
 Ignorante , e discreta juntamente :
 Dizem-me se concede aqui entrada
 Sem que seja pedida , nem rogada.

LXV.

Naõ era assim antigamente , quando.. ;
 Mas aqui o naõ deixa ir por diante
 Da noite o negro filho , que escutando
 Attento estava , esperto , e vigilante
 Dentro de opaca nuvem espreitando ,
 E com voz , e com gesto petulante
 Estas palavras diz escarnecendo ,
 Nas de Apollo invejoso desfazendo :

LXVI.

LXVI.

Antes sempre assim foy no tempo anti-
Como agora succede no presente, (go,
O que provar-te logo aqui me obrigo
Com manifesta prova claramente :
Nem cuides que he por fer teu inimigo,
Mas porq̃ o genio meu me não consente
Deixar que nos louvores te dilates
Desta casa , que o foy sempre de orates.

LXVII.

Mas se crer-me não queres, porq̃ enten-
Que venho aqui cõ animo dãnado, (des
E da verdade minha te defendes
Com capa de não fer-te afeiçoado ;
Quero tentar agora se te rendes ,
Fazendo a pontaria de outro lado :
Leamos nas Historirs os louvores ,
Que se daõ desta casa aos moradores.

LXVIII.

Estas sim, que estão livres de suspeita ,
Que fallaõ sem lisonja claramente ,
Onde não apparece contrafeita
A mentira com capa de innocente ,
Onde o que he feyo, e máo se não enfeita
Com capa de virtude , que o desmente
Leamos , e verás que o que te digo
Não procede de fer teu inimigo.

LXIX.

Alumno deste monte foy Querilo ,
 Aquelle grande ingenho , que escreveo
 A Historia de Alexandre em tal estylo ,
 Que as glorias de Alexandre escureceo
 Desórte , que querendo hum dia ouvi-lo,
 A si proprio taõ outro pareceo ,
 Que entendeo q̃ a inveja assim lhe ordena
 Para taõ grande espada taõ má penna.

LXX.

Mas em fim,naõ me espáta q̃ escrevesse
 Com estylo taõ baixo , e mal limado ,
 Porque quem como eu aos teus conhece,
 Esse conceito delles tem formado :
 Pasma-me porèm muito pertendesse
 Ser do grande Alexandre premiado ;
 Já entãõ se tirava de ser bruto ,
 Como agora succede , grande fructo.

LXXI.

Fez com elle Alexandre este concerto,
 De que qualquer dos versos , q̃ mostrasse
 Que estava escrito com primor, e acerto,
 Com talento de ouro se pagasse :
 Mas que, se algũ se achava naõ estar certo
 O erro hum bofetaõ bom lhe custasse :
 Oh quanto bofetaõ hoje se dera
 Se hum contrato como este se fizera !

LXXII.

A' vista da promessa cobiçoso
Querilo não descança até que veja
Embolsado o metal mais precioso ,
Que por premio alcançar em vão deseja;
Mas sahio-lhe o contrato tão lucroso ,
Que a paga, além de grande, foy sobeja;
Porque em sendo tres paginas passadas
Elle já estava morto ás bofetadas.

LXXIII.

Não tenhas esta historia por sonhada ,
Entendendo que he méro fingimento
Nascido da vontade depravada
Com que teu nome deslustrar intento :
Amey sempre a verdade, nem me agrada
Usar de cauteloso pensamento ,
Que o ser acutelado he graõ baixeza ,
Que não diz bem com minha natureza.

LXXIV.

Nem fallo de Helimon, ou de Carcino
Outros heróes. Mas eis-que Clio bella
Com gesto tão bizarro , e peregrino ,
Qual na noite serena alegre estrella ,
Reprehendendo de Momo o desatino ,
A practica lhe corta, e atropella , (nos,
Dizendo: Em vão pertendes deslustrar-
Que o dizer mal de nós he mais louvar-
nos.

Naõ foraõ nas idades taõ famofos
 Todos effes Heróes , que celebramos ,
 Se naõ tivessem tantos invejosos ,
 Quantos pelas Historias encontramos :
 Cuidas q̃ a inveja os fez menos honrosos?
 Enganas-te , porque se os veneramos
 He só porque invejosos nos mostráraõ
 Serem grandes, pois delles murmuráraõ.

LXXVI.

Se te prezas de fer bem entendido ,
 Verás que este discurso he bem fundado ;
 Porq̃ ninguem he de outro accõmettido
 Sem ter prendas que o façãõ invejado :
 Se naõ , mostra quem fosse conhecido
 Por letras ; ou por armas affamado ,
 De que se naõ refira que tivesse
 Quem desdourar feu nome pertende'le.

LXXVII.

Que torre viste tu , que ameaçasse
 Escalar effes orbes de diamante ,
 A quem ligeiro o passo naõ cortasse
 Igneo parto da nuvem scintillante ?
 Viste algum dia flor , que naõ murchasse
 Origor do Planeta radiante ,
 Ou fonte , cuja linfa clara , e pura
 Naõ sentisse do gelo a prizaõ dura ?

LXXVIII.

Pois assim como a torre alta despreza
Do rayo a furia firme , em pé ficando ,
E rî a flor , emblema da belleza ,
Dos rigores do Sol linda triunfando ,
E cobra a fonte a antiga ligeireza ,
Por linguas de crystal victores dando ,
Assim ficaõ mais nobres , mais luzidos
Os ingenhos , que foraõ mais mordidos.

LXXIX.

Jágora vês que o noslo abatimento
Glorias faõ para nós , e faõ louvores ,
Razaõ porque nos fica o sentimento
De que mais naõ fizesses , ou mayores :
Despreza embora , naõ nos dás tormento ,
Accrescentas favores a favores ,
Que se a tua calumnia nos infama ,
Ella mesma por grande nos acclama.

LXXX.

Mas quero de outro modo cõvencer-te,
Naõ só com a razaõ , mas com a historia,
Pois que della tambem queres valer-te
Para roubar ao monte a antiga gloria :
Ouve tudo o que della hey de trazer-te,
Que naõ podes negar , porque he notoria,
E ficarás de todo conhecido
Por mal intencionado , e fementido.

LXXXI.

Introducçaõ
LXXXI.

Já começava a bella contendora
A revolver annaes da antiguidade,
Que escapáraõ da fouce cortadora
Do tempo féro, da vorás idade:
Mas Momo, que a verdade não ignora,
A que deixe este intento a persuade,
Por suspeitar que ficará corrido
De que vindo a vencer, torne vencido.

LXXXII.

Muitos em cada seculos famosos,
Clio por sua ordem vay contando,
Alguns delles em guerras valorosos,
Que as pennas co' as espadas aparando,
Sendo de Marte filhos bellicosos,
O saõ tambem de Apollo doce, e brando;
Porque no mesmo peito bem se encerra
Furor das Mufas c'o furor da guerra.

LXXXIII.

Disse: E qual o vencido combatente
Na batalha cruel, e sanguinosa
A perdida victória tanto sente,
Que a vida de pezar lhe he enojosa:
Assim raivoso Momo impaciente
Da victória de Clio gloriosa,
Tanto sente a victória alli perdida,
Que antes perder quizera a propria vida.

LXXXIV.

LXXXIV.

Revolve na cançada fantasia
 Mil imaginações sobre o que faça,
 Tornar a contender he bizzarria,
 Mas perder outra vez he mor desgraça:
 Ir-se fem responder he cobardia,
 Se responde, outra perda o ameaça,
 Confessar-se vencido he ser medroso,
 Contender novamente perigoso.

LXXXV.

Quer ir-se, e quer ficar-se juntamente,
 Quizera responder, e mais calar-se,
 Mas descobrindo em tudo inconveniente
 Não pôde, inda que quer, determinar-se;
 Attonito, pasmado, indifferente
 Já vay a responder, torna a pasmar-se,
 Vay-se, mas volta logo, e se podera
 Inda ficára, mudo respondera.

LXXXVI.

Em fim, a responder se apparelhava;
 Quando batendo irado o folio puro
 Apollo contra elle fulminava,
 Não já brando, mas forte, bravo, e duro:
 He possível, ó Momo, lhe gritava,
 Que sendo tu por nascimento escuro
 Parto da noite, ouzado te attrevas
 Oppor á minha luz as tuas trevas?

LXXXVII.

Introducção
LXXXVII.

Se o ficares vencido te he penoso ,
Torna-te a ti a culpa , que o quizeste ,
Quando com má tenção, peito orgulhoso
Ultrajar minha gloria te atreveste :
Sente agora o castigo rigoroso ,
Que por taõ grave culpa mereceste ,
E sabe que quem mais do justo falla
A's vezes com pudor vencido cala.

LXXXVIII.

A assim dizia. E logo socegado ,
Com semblante rizonho , e carinhoso ,
Do throno de çafyras semeado
Falla a todo o congresso numeroso :
Diz-lhe que ha muito tem determinado
Envergonhar a Momo presumptuoso
De modo , que naõ possa mais em diante
Maquinar-lhes calumnia similhante.

LXXXIX.

Mandando publicar por todo o mundo
As obras dos famosos Lusitanos ,
De ingenho grande , de saber profundo ,
Cujos doutos escritos soberanos
O tempo gastador , e furibundo
Pertendera acabar entre os humanos ,
E a naõ tê-lo atégora reprimido ,
Os tivera de todo consumido.

XC.

Por tanto lhes mandava que juntassem
Estas obras , que andavaõ espalhadas ,
E juntas brevemente as publicassem
Para serem de todo celebradas ;
Porque naõ era justo que ficassem
Entre o esquecimento sepultadas ,
Podendo-lhes servir de defensivo
Contra Momo invejoso , e vingativo.

XCI.

Acabou. Logo todos se ausentáraõ ,
Applaudindo de Apollo a providencia :
As obras espalhadas ajuntáraõ
Depois de graõ trabalho , e diligencia ,
E pelo mundo todo as divulgáraõ ,
Naõ obstante de Momo a resistencia ,
Que raivoso de inveja pertendia
Esta gloria tirar á Poesia.





TRIUNFO REGIO
 RECOPIADO EM HUMA
 EPANAFORA
 P O E T I C A ,

Em que se descrevem os Festejos, que os
 habitantes da Villa de Setubal dedi-
 cáraõ ao Senhor Rey

D. JOAÕ V.

DE GLORIOSA MEMORIA,
 Na entrada que fez na mesma Villa em
 20 de Junho de 1711.

Passa Sua Magestade da Corte para Azeitãõ.

OBSERVAÇAM I.

I.
 Dourava o Sol cõ bellos resplandores
 Do alegre Junho as agradaveis horas,
 Com gallas de luzeiros superiores,
 Vestindo plantas, adornando auroras:
 Amalthéa colhia as varias flores,
 Que Mayo lhe offertava, e brilhadoras
 Eraõ do agrado com gentis caricias
 Thesouro ameno em cofre de delicias.

Part. I.

C

II. Da

II.

Das aves a républica diffusa
 Formava, madrugando a luz primeira,
 Huma doce lisonja, mas confusa,
 Ou grata confusão, mas lisonjeira:
 Na solfa natural, que não recusa
 No artificio imitar a verdadeira,
 Filoméla entre os ramos modulava,
 Progne gemia, a Rola suspirava.

III.

Beijava os pés o Tejo reverente
 Da coroada Ulisséa, que retrata,
 Formando-lhe na liquida corrente
 Lenço de neve, e lamina de prata:
 Vagavaõ seus crystaes taõ brandamente
 Pela campanha das escumas grata,
 Que foraõ claro espelho, em que queria
 Compor-se a esféra, e revesti-se o dia.

IV.

Quando o Grande Monarcha Lusitano,
 Magnanimo Joaõ, no nome quinto,
 Deixando o seu Palacio Soberano,
 Com breve digressão, termo succinto,
 Da caça procurou o emprego ufano,
 No intricado das silvas labyrintho,
 Destinando Azeitaõ, com gosto justo,
 A seu recreyo domicilio augusto.

V. Na-

V.

Naquelle Alcaçar singular se via ,
Que algum tempo já foy com luz notoria
Esféra relevante , que admittia
Do resplendor de Aveiro a excelsa gloria:
Com grave perfeição se prevenia
Esta estancia feliz , para memoria
De que sempre com dita sublimada
Fora de illustres Principes morada.

VI.

He este sitio de Azeitão vistoso ,
O mais alegre , que conhece o mundo ,
Nas flores, de q̄ abunda, o mais formoso,
Nos fructos, que produz, o mais fecundo:
Tanto na fresca amenidade ayroso ,
Como na verde perfeição jucundo ,
Paraíso de allivios celebrado ,
Pensil frondoso , Elysio cultivado.

VII.

Salutifero sempre, pela immensa
Multidão de recreyos , com que admira,
No continuo regálo , que dispensa ,
No benevolo vento, que respira:
A magoa , que se julga mais intensa,
Contra a saude allí nunca conspira ,
Porque o bem das delicias singulares
Lhe vem sempre benigna pelos ares.

C II

VIII. Vi.

VIII.

Vifinho sendo dos fragôfos montes
 Da Arrabida, se sangra em prateadas
 Liquidas vêas de perennes fontes ,
 Na cópia puras , no crystal nevadas :
 Na vista de apraziveis Orizontes ,
 As tristezas desterra mais pezadas ,
 Sendó contra a penosa tyrannia
 Valle de gloria , e selva de alegria.

IX.

Nas ribeiras não falta a copia grata
 Do crystallino humor ; que se deriva
 De esfêra tosca , exhalação de prata ,
 Quando mais bella , então mais fugitiva :
 Até que o prado com delicias ata
 Tanta undosa lindeza successiva ,
 Encontrando os nevados resplandores
 Prizaó fragrante em carcere de flores.

X.

Discorrem tantas copias transparentes
 Por entre os arvoredos , que arrogantes
 Saó dos valles estatuas florecentes ,
 Ou da montanha rusticos gigantes :
 Complicados os ramos eminentes ,
 Parecem nos seus vinculos constantes ,
 Na varia pompa , que o Outono perde ,
 Torres de sombra em Babylonia verde.

XI. As

XI.

As aves na sonora relevancia ,
Attendendo das flores a excellencia ,
Com justa emulaçãõ , já da fragrancia
Apuraõ de seus eccos a cadencia :
Summamente invejosas da elegancia ,
Nunca intentaõ ceder da competencia ;
Assim contendem cada instante graves ,
Bellas as flores , musicas as aves.

XII.

Entráraõ no Palacio , em que podia
Do alinhõ superior o luxo bello ,
Se naõ prodigio ser da galhardia ,
Luzir ao menos do primor modello :
De huma , e de outra alegre gallaríã
A grande Praça viraõ , que o desvélo
Popular de palanques adornára
Com grata distincãõ , policia rara:

XIII.

Da Barandã tambem , que se dilata
Sobre a praya , a largueza successiva
Do Porto celebráraõ , que huma grata
Aos olhos fórma sempre perspectiva :
Donde o Sado entre circulos de prata
Multidaõ de navios excessiva
Costuma recolher todos os annos ,
De Hollandezes , Suécos , e Britanos.

XIV. Da

XIV.

Da Provincia este Rio Trantagana
 Se deriva em modica corrente ,
 Veloz sahindo com violencia ufana
 Para as ultimas partes do Occidente :
 Da famosa Salacia , que Romana
 Colonia se applaudia antigamente ;
 Mais rico dos crystais, que envolve puros,
 Fertiliza os districtos , banha os muros.

XV.

Até que discorrendo por espaço
 De nove legoas com rumor furioso,
 Junto a Setuval mostra ser hum braço
 Do Gigante das agoas caudaloso :
 Neste sitio, com mais desembaraço,
 Defendido do incurso proceloso,
 Porto lhe constitue taõ profundo
 Melhor da Europa, e singular no mundo.

XVI.

Na margem sua providente a sorte
 A fabrica conserva das Salinas ,
 Em que o calor do Sol , e o vento Norte
 Formaõ copias de Sal taõ crystallinas :
 Pois se conduz em nautico transporte
 A's partes Boreaes , de que benignas
 Utilidades deixaõ seus effeitos ,
 De que recebe ElRey grandes direitos.

XVII. De

XVII.

De tal modo , que póde sem desdouro
De alguma affectaçã , vangloria grata ;
Muito mais que o Pactólo , rio de ouro ,
Chamar-se o Sado já Rio da prata :
Que como de riquezas hum thesouro
Concede á gente, que em seu Sal contrata,
Por causa do Commercio lucrativo,
He Setuval o Empório mais ativo.

XVIII.

Na copia da diversa pescaria
Este Rio tem tal fecundidade ,
Que , matando-se tanta cada dia,
Parece cresce mais a quantidade :
Com nenhuma maritima porfia
Jámais póde extinguir-se a immensidade,
Sendo o seu peixe, no sabor prezado ,
A todo o mais do Reyno avantajado.

XIX.

Todo o genero delle em repetida
Continua multidaõ produz a fôrte ,
Ou nas prizoens da rede perca a vida ,
Ou ferido do anzol encontre a morte :
Inda aquelle, que avulta em mais crescida
Grandeza, com que rompe as ondas forte,
Sentindo a fisga , que o penetra aguda ,
O bravo arrojo em desalento muda.

XX. Do

XX.

Do Alem-Tejo o districto prolongado
 Delle recebe successiva copia ,
 Porque assim seu desejo faciado ,
 Deste alimento naõ padeça a inopia ;
 Tambem para outras partes com cuidado
 Fazer se manda a diligencia propria ,
 Sendo a todos , com grande provimento,
 Igualmente regálo , que sustento.

XXI.

Resulta desta prospera abundancia ,
 Que se logra com tanta diligencia ,
 A pescatoria insaciavel ancia
 Huma vez a delgraça , outra a opulencia;
 Pois talvez, por lucrarem mais ganancia,
 Encontraõ do naufragio a contingencia;
 Duvidoso proveito , em que a fortuna
 Se mostra mais avara , que opportuna.

XXII.

Outros sahindo deste Rio undoso
 A navegar por mares inclementes ,
 Penetraõ com designio cobiçoso
 Estrangeiras Regiões , Climas ardentes ;
 Que o genio dos mortaes, taõ deseioso
 De conseguir riquezas differentes ,
 Naõ se enfastia , por costume antigo ,
 De buscar o seu lucro entre o perigo.

XXIII. Já

XXIII.

Já desse Seyo Arabico remoto ,
O furibundo pelago visitaõ ,
E da America o mar , que esteve ignoto,
As vélas dilatando solicitaõ :
Já por industria fábia do Piloto ,
As prayas opulentas ver meditaõ
Da insigne Goa , que se julga ufana ,
Em concha crystallina , Perla Indiana.

XXIV.

Recolhem-se talvez, sem do adquirido
Se mostrar satisfeito o seu cuidado ,
Ficando da molestia consumido ,
Por não ser o interesse consummado :
Natural appetite taõ seguido
Do humano peito a lucros inclinado ,
Em quem nunca he possivel que se vede
Do ouro a fome , da cobiça a sede.

XXV.

He deste Rio a transparencia grata ,
Em todo o tempo , que le vê quieta ,
Espelho prateado , em que retrata
Seus lizeiros o Delphico Planeta :
E quando triste remontar-se trata
Do dourado Zenith , buscando a méta
Do Occidête, a formar-lhe entaõ se attre-
Uma de prata em tumulo de neve. (ve

XXVI. De

De estãpa fervem seus crystaes taõ pu-
 Que debuxaõ, sem traça de artificios,
 Desta admiravel Praça os altos muros,
 Soberbas Torres, nobres Edificios:
 Assim se ostentaõ com razaõ seguros
 Contra os mais bellicosos maleficios;
 Porque o desfeito aljofar lhes destina
 Fosso argentado, e baze crystallina.

XXVII.

Alegres se mostravaõ recreando
 Os Infantes a vista no curioso
 Quadro do Rio transparente, quando
 Lhes retratava allivio taõ gostoso:
 As bandeiras diversas tremolando,
 Por impulsos do Zephiro amoroso,
 Os navios faziaõ ser nas cores
 Matizados jardins de errantes flores.

XXVIII.

Luiz Joseph tambem nella assistia,
 Illustrando na ingenua gravidade
 Dos Souzas a elevada Fidalguia,
 Dos Tavares a egregia qualidade:
 Setuval vangloriosa appetecia
 A tanto Alumno mais sublimidade,
 Vendo que exalta nos caprichos raros
 Timbres antigos, e braçoens preclaros.

XXIX.

Outros muitos da Corte acompanháraõ
A seu Monarcha nesta illustre empreza ;
Que com grave decoro sublimáraõ
Deste triumpho a celebre grandeza :
Cujos nomes, se aqui se relatáraõ,
Como se deve a taõ summa nobreza ,
Esta noticia fora , por diffusa ,
Naõ só fastidiosa , mas confusa.

XXX.

Em silencio se fiquem , que impossivel
He que memoria deste excessõ faça ,
Como tambem do numero plausivel
Das pessoas taõ nobres desta Praça :
Que todas , com deívêlo indefectivel ,
Porque o gosto feliz se satisfaça ,
Recebendo jaçtancia repetida
Acompanháraõ pompa taõ luzida.

XXXI.

Se nunca os mais folicitos primores
Da Arithmetica pódem ter cautélas
Para explicar o computo das flores ,
Ou referir a copia das estrellas :
Menos posso eu dizer os superiores
Assistentes de tantas ditas bellas ,
Se em finezas venciaõ tributarias
As muitas flores , as estrellas varias.

XXXII. Con-

XXXII.

Concurso não levou tão numeroso ,
 Nem tão luzido , o Rey de Macedonia ,
 Quando o Solio lucrou tão decoroso ,
 Que perdera Darío em Babylonia :
 Nem de Anchises o filho tão piedoso ,
 Depois que debellára a terra Ausonia ,
 Quando a Turno soberbo dera a morte
 Merecendo a Lavinia por Consorte.

XXXIII.

Nem Romulo, que a Regia Dignidade
 Logrou (com damno do Sabino adverso)
 Daquella tão magnifica Cidade ,
 Que se applaude Cabeça do Universo :
 Porque nesta geral festividade ,
 O fasto se admirava tão diverso ,
 Que em seu triunfo esplendido se via
 Mais nobre multidão , mais fidalguia.

XXXIV.

Pois neste tão bellissimo Congresso
 De pompas ricas , celebre thesouro ,
 Quanto brilhava , tudo foy excessivo ,
 Quanto se via , nada foy desdouro :
 Cifrárao nelle as opulencias preço ,
 Puzerao liberaes as minas ouro ,
 Adornos a vangloria relevantes ,
 O brio joyas , o primor diamantes.

XXXV. Por-

XXXV.

Porque neste espectáculo tão grato,
Como em bello compendio rezumia
Luzimentos pomposos o aparato,
Caprichos pontuaes a galhardia:
Inexplicaveis perfeiçoens o ornato,
Resplandores gentis a bizarria,
Fastos o alinho, aromas o recreyo,
Lustres o pundonor, gallas o asseyo.

XXXVI.

Em seus matos não chega a ser violenta
A caça, porque então melhor se estima
A Lebre, que o seu curso mais alenta,
A Perdiz, que o seu vôo mais anima:
O Veado tambem gosto accrescenta,
Sem que veloz os impetos reprima,
De Aêteon, que a Diana vio curioso,
Retratando inda o fado lacrimoso.

XXXVII.

Neste verde Paiz mellifluas aves,
Do natural instincto persuadidas,
Constituem républicas suaves,
Em breves domicilios divididas:
Nellas dispõem com providencias graves
As doçuras do gosto appetecidas,
Do nectar puro liquidos tributos,
As flores convertendo em doces fructos.

XXXVIII. Nem

XXXVIII.

Nem carece tambem da copia amada
 Daquellas plantas , que Lyseo conſigna,
 Para ſerem com fórma moderada
 Da tristeza aprazivel medicina :
 A multidaõ naõ falta dilatada
 Das outras , que Cybelles predomina ,
 Para lhe ſerem por annuncio fauſto
 Votiva offerta , e ruſtico holocausto.

XXXIX.

Nem menos deſſas arvores frondofas ,
 Que ſaõ da amada paz taõ competente,
 Se naõ preſagio em fórtes venturoſas ,
 Symbolo grave , inſignia florefcente :
 A Pallas ſe dedicaõ generoſas ,
 De cujos fructos nasce a providente
 Fecundidade de oleo , que goſtoſo
 Compõem o nome de Azeitaõ famoſo.

XL.

Neſte ſitio ſe oſtenta edificado
 Hum Convento com nobres reſplandores
 A San Domingos ſendo conſagrado ,
 Patriarcha de inſignes Prégadores :
 Onde aſſiſte com zelo reformado
 O fervor das virtudes superiores ,
 Reſplandecendo nelle a Santidade
 Com Sacro Culto , ardente actividade.

XLI. Jun-

XLI.

Junto se admira a fabrica sublime
Dos Regios Alencaftres , alta gloria ,
Que na grandeza Soberana exprime
De Aveiro a summa exaltação notória :
Cujo Alcaçar Supremo he bem se estime
Por singular esplendida memoria
Dos braçoens generosos, com que a fama
Seu timbre illustra , seu decoro acclama.

XLII.

Neste Augusto Palacio, que admirado
Logra taõ singular celebridade ,
Para seguir da caça o defenfado
Se achava a Portugueza Mageftade :
Assistido do séquito estimado
De illustres Cavalheiros , que a vontade
Do Monarcha , que foy bem dirigida ,
Sempre merece fer muito applaudida.

XLIII.

Luzida sociedade lhe faziaõ
Os Augustos Infantes , Superiores
Amantes heliotropios , que seguiãõ
De tanto Sol os claros resplandores :
Se já com doce affecto não bebiaõ
Na fonte dos beneficos favores
Mimoso agrado , como na formosa
Luz que idolatra a debil Mariposa.

XLIV. O

XLIV.

O Infante Dom Francisco generoso
 Se ostentava com brios Soberanos ,
 Prototypo de prendas magestoso
 Nas auroras de Abril , na flor dos annos:
 Promettendo nos timbres de animoso
 Domar os inimigos mais tyrannos
 Se com força talvez agigantada
 Vibrar a lança , ou esgrimir a espada.

XLV.

Dom Antonio tambem , que vaticina
 No seu nome felices seguranças
 De lograr Portugal , com gloria digna ,
 Alegres ditas , altas esperanças :
 Pois a fortuna humilde já lhe inclina
 De seus velozes giros as mudanças ;
 Porque feja em Reaes sublimidades
 Pasmio do mundo , affombro das idades.

XLVI.

Dom Manoel não menos, que descobre
 Antes dos annos taõ prudente aviso ,
 Já se nos mostra com presagio nobre
 Armado Adonis , Militar Narciso :
 Na tenra idade respeitoso encobre
 Das venturas o cumulo preciso ,
 Indicando feliz com sorte egregia
 Magnanimo vigor , indole Regia.

XLVII. De-

XLVII.

Destes Altos Infantes assistido
O Luso Athlante, que ditoso impéra,
Sustentando em seus hombros taõ luzido
Do dilatado Imperio a Augusta Esphera:
De hum devoto desejo commovido,
Visitar determina a Casa austéra
Da Arrabida, no mundo celebrada,
Deserto inculto, e rustica morada.

XLVIII.

Reprimia de hum zephiro animado
Monstro Andaluz as repugnancias fúmas,
Sendo nas ondas do suor banhado
Baxel errante em pélago de escumas:
E como a força de seu fogo irado
O pé robusto lhe calçou de plumas,
Era correndo accelerada setta,
Vivente exhalação, veloz Cometa.

XLIX.

Já dos Grandes penetra acompanhado
Das fragosas montanhas as larguezas,
Labyrintho de brenhas intricado,
Babylonia confusa de asperezas:
Já do bosque vencendo o desusado
Intratavel concurso de estreitezas,
Entre penhas taõ rusticas descobre
Thezouro rico em domicilio pobre.

L.

O Sagrado Convento vio naquellas
 Rudes ostentaçoens das rochas brutas ;
 Pois repartidas pelo monte as células ,
 São da aspereza penitentes grutas :
 Sem corredor algum para as cautéllas
 Da calma , ou tempestades resolutas ,
 Mostrando neste agreste desconcerto
 Mais rara perfeição , mayor concerto.

LI.

Naõ deixou de causar-lhe sumo agra-
 Da curiosa Igreja o grande asseyo , (do
 Por nella se encontrar recopilado
 Quanto na perfeição serve de enlejo :
 Transluzia o primor mais alinhado ,
 Motivando no parco mais recreyo ,
 Porque a virtude santa da pobreza
 Naõ perde os privilegios da belleza.

LII.

Na Capella Mayor , no adorno rara ,
 Se admirava da Arrabida a Senhora ,
 Que em peregrina veneravel Ara
 Feliz se exalta , singular se adora :
 Naquelle inculto monte , que preclara
 Elegeo , para ser brilhante Aurora ,
 A seus devotos sempre facilita
 Celeste a protecção , segura a dita.

LIII. Ad.

LIII.

Admirado da graça meritoria,
 Que a toda a graça solícita inveja,
 Na propria Igreja divizava a Gloria,
 Vendo a Gloria assistir na propria Igreja:
 Que, como tanto Sol com luz notoria,
 Por ser Throno da Gloria, se corteja,
 He muy preciso que com justo abono
 Assista a Gloria onde está seu Throno.

LIV.

Debayxo desta rustica montanha,
 Obrada pela propria natureza,
 Tambem vio de hũa lapa a gruta estranha
 Em rude proporção, tãscã grandeza:
 Pela parte que o mar soberbo a banha,
 Dous pórticos se vem, que na largueza
 Communicão da luz a formosura
 A' bronca esphera, opáca architectura.

LV.

Por pavimento tem toscos penedos,
 Por guarniçoens roturas differentes,
 Por paredes os asperos rochedos,
 Por abobada as penhas eminentes:
 Seria origem de confusos medos,
 Se nas suas planices competentes
 Não fora da Capella, que descobre,
 Archivo singular, ou Claustro nobre.

LVI.

Dentro , pois ; deste concavo Edificio,
 De incultas rochas humido Orizonte ,
 A quem servem , sem moldes do artificio,
 De columnas os jaspes deste monte :
 Se adora sempre com fervor propicio ,
 No Soberano Altar , que está de fronte ;
 A Santa Margarida , que he no exemplo
 Da fé Sacratio , da virtude Templo.

LVII.

Hum luzido Oratorio se venera
 Não longe , em quatro faces dividido ,
 Do Humanado Creador, decête esphera,
 A's ternuras de Infante reduzido :
 De hum jardim, que vistoso se exaggera,
 Se ostenta nobremente guarnecido ,
 Fundação , que pública a gloria justa
 Da grandeza de Aveiro sempre Augusta.

LVIII.

De outras muitas Capellas a lindeza
 No districto notou deste deserto ,
 Applaudindo no tofco da aspereza
 Não sómente o primor , mas o concerto ;
 Mas tanto que alli Phebo á gentileza
 Do claro dia pôs limite certo ,
 Este sitio deixando appetecido ,
 Para Azeitaó se volta divertido.

LIX. Ape-

LIX.

Apenas a Thitonia luz formosa
Resplandeceo no crystallino Emporio ,
Logo , com diligencia cuidadosa ,
Se dispôs o exercicio venatorio :
Outra vez deste monte a selva umbrosa
Se penetrava com fervor notorio ,
Nãõ falta o gosto no districto inculto ,
Augmenta-se o prazer , cresce o tumulto.

LX.

Refreava o Monarcha preeminente
Com maõ briosa a colera arrogante
De hum ginete, que foy no fogo ardente
Hyprogripho veloz , Pegaõ errante :
E se nãõ lhe domára a furia urgente
Do aureo freyo a rémora brilhante ,
Parecera , no impulso que o soccorre,
Rayo que rompe , exhalação que corre.

LXI.

Descobre , porque nada alli se occulte,
Todo o fragoso sitio da espessura ,
Sem que o passo a seu genio difficulte
Intratavel retiro , ou penha dura :
Pois para que mais gosto lhe resulte
Desta alegre lisonja , que procura ,
Examina , do allivio deseioso ,
Todo o monte intricado, e valle umbroso.

LXII. **Eu**

LXII.

(to,

Eis q̄ hum cervo veloz pettende occul-
 Com temeroso curso arrebatado ,
 Os ramos penetrar do bosque inculto ,
 Nos ramos naturaes bosque animado :
 Perfeguido das vozes do tumulto .
 Venatorio , que o segue acelerado ,
 Por mais que quer livrar-se na fugida ,
 Com Regia bala perde logo a vida .

LXIII.

Porque o destro Monarcha dirigindo
 Os ajustados pontos da escopeta ,
 Fez com seu tiro despenhar cahindo
 Este monstro veloz , rustica setta :
 Se bem que a regalia presentindo ,
 De tao valente peregrino Athleta ,
 De seu galhardo brio temeroso .
 Cahio prostrado , e se rendeo medroso .

LXIV.

Já paraõ junto de huma fonte fria ,
 Que entre mãres de flores se mostrava
 Serêa de crystal , que adormecia
 Os sentidos nos éccos , que animava :
 Mas quando no crepusculo sentia
 Que moribundo o Sol agonizava ,
 Vertia triste nesta auzencia breve
 Rios de prata em lagrimas de neve .

LXV. Se

LXV.

Se já não parecia em resplandores ,
De transparente aljofar delatado ,
Nascendo alegre em thálamo de flores
Cisne sonoro , rouxinol nevado :
Porque os bellos crystaes murmuradores,
Entre as delicias de hum vistoso prado ,
Eraõ , no seu susurro bem composto ,
Imán do agrado , e rémora do gosto.

LXVI.

Alli se chega a turba venatoria
Junto ás delicias desta fonte amena ,
Por mitigar no allivio de huma gloria ,
Da fadiga do monte a debil pena ;
Já dos dourados rayos a vangloria
Occultava do Sol a luz serena ,
E Thetis nos seus humidos espaços
Lhe abria as portas, lhe offertava os bra-

LXVII.

(cos.

Aos ginetes applicaõ diligentes
As esporas , deixando a clara fonte ;
Do ruido dos passos taõ vehementes
Se abála o valle , se estremece o monte :
Outra vez pelo allivio mais contentes ,
Atropellando as sombras do Orizonte ,
Buscavaõ do Palacio a regalia ,
Chegada a noite , concluido o dia.

Par-

*Parte Sua Magestade de Azeitão
para Setuval , e chega ao
campo do Anjo da guar-
da.*

OBSERVAÇAM II.

Q Uando hum gosto agradavel se me-
Costuma sempre , com ração notoria ,
Ser presagio ditoso de huma dita ,
Ou preludio aprazivel de huma gloria :
Na complacencia anticipada incita
Para novas delicias a memoria ,
Sem que admitta, prevendo o seu festejo,
Tregos o allivio , ferias o desejo.

II

Isto no Povo se observou famoso
De Setuval , por sorte destinada ,
Querendo do seu Rey taõ generoso
Ver a presença summamente amada :
Porque o seu grande amor taõ cobigoso
Se mostrou desta gloria desejada ,
Que anticipando affectos applaudia
Taõ suspirado bem , tanta alegria.

III. Em

III.

Em quanto a feu benevolo desvélo
Esta alegre fortuna lhe tardava ,
Sentindo auzencias com prudente zelo ,
Das dilaçoens amante se queixava :
Já não sabia quando o logro bello
Lhe daria os recreyos , que esperava ,
Sendo destes excessos de laudoso
Feliz consolação , premio amoroso.

IV.

Que no relogio sempre dos amantes,
Que impacientes fogem das demoras ,
Eternidades são poucos instantes ,
Seculos largos as ligeiras horas :
Mas as Regias grandezas relevantes ,
Forão de tanto allivio precursoras ,
Inferindo de pompa tão galharda
A ventura que espera, o bem que aguarda.

V.

A presença Real , que estava auzente,
Suspirava já ver com zelo amante ,
Pertendendo lograr , como presente ,
O grato bem , que estava inda distante :
O desejo lhe dobra mais vehemente
A pertençaõ do affecto vacillante ,
Porque hũa gloria auzente he na tardança
Magoa da idéa , offensa da esperança.

VI. He

VI.

He a auzencia hum pezar originado
 Pela falta de hum gosto appetecido ,
 Que quando se medita imaginado ,
 Entaõ mais penaliza repetido :
 Mortifero veneno do cuidado ,
 Em doces esperanças divertido ,
 Officina tyranna do tormento ,
 Morte do gosto , suspenção do alento.

VII.

He no rigor , que o coração maltrata,
 Parocismo , que acerbo o mortifica ,
 Pois na lembrança , com tristeza ingrata,
 O fusto augmenta , a confusão duplica :
 Entre as angustias , que o temor dilata ,
 As ancias nos gemidos multiplica ,
 Sendo no mal de taõ nociva lórte
 Vivo sepulchro , lastimosa morte.

VIII.

He no amoroso mar de huma alegria
 Tormenta , que o baxel do pensamento
 Molesta opprime , sendo na porfia
 Hum gosto o norte , se a desgraça o vento :
 Porque de allivio confundindo o dia ,
 A noite só descobre do tormento ,
 Porque padeção com mortal presagio
 Perdas os olhos , a rizaõ naufragio.

IX. He

IX.

He na faudade de hum cuidado absorto
Martyrio triste , disfavor nocivo ,
Vive , mas deixa o coração por morto ,
Morre , mas fica o sentimento vivo :
Sem ter remedio , nem fingir conforto
He ferida efficaz , golpe excessivo ,
Sentimento cruel , da morte ensayo ,
Symptoma da alma , da afeição desmayo.

X.

He da luz , que faudosa se pertende ,
Grosseira nuvem , desabrido eclipse ,
Entre as varias memorias , com q̃ offende,
Delirio da razão , de amor doudice :
Espada , que aleivosa só depende
Do debil fio de hum favor felice ,
Monstro do mal , esphinge da alegria ,
Da dor Chiméra , e do regalo Harpia.

XI.

Sempre o pezar na dilacão confunde
Todo o justo prazer , que se pertende ;
Porque magoas intrinsecas diffunde ,
Quando nas esperanças se defende :
Por mais que do discurso lhe redunde
Allivio , nunca o damno se suspende ,
Que o golpe da faudade desabrida
Penetra o coração , suffoca a vida.

XII. Se

XII.

Se bem que na distancia se renova
 Do intenso amor a chãma successiva ;
 Porque a fineza do querer se prova
 Quando a vista do amado bem se priva
 Todo o cuidado com vehemencia nova ,
 No sentimento acerbo mais se aviva ,
 Que a cithara do affecto mais serena,
 Melhor se affina quando toca a penna.

XIII.

Com tudo , desta Praça o requintado
 Desejo ingenuamente cuidadoso ,
 A fineza acredita no magoado ,
 O desvélo realça no faudofo :
 O fervor da esperanza anticipado
 Lhe representa o bem muy vagaroso ,
 Que sempre para as ancias da memoria
 He remissa a ventura , e tarda a gloria.

XIV.

No relógio da auzencia o sentimento ,
 Por mais que o coração queira occultá-lo ,
 Faz que as horas só corraõ do tormento ,
 Nunca jámais chegando as do regálo :
 Assim parece o mal no soffrimento
 Eterno , sem que possa moderá-lo ,
 Para que seja no affecto vacillante
 Seculo triste o limitado instante.

XV.

Molesto foro, que a tyranna inveja
Costuma impôr na pertençaõ mais grata,
Porque o summo favor, que se deseja,
Sempre para a fineza se dilata:
Quiçá para que indicio claro seja
Nas graves diligencias com que trata
De procurar allivios taõ supremos,
Que faz excessos, que executa extremos.

XVI.

Que, como ha de lograr com gloria ju-
Taõ rara protecçaõ na Regia vilita, (sta
Do tormento da auzencia naõ se assusta,
Porque espera que o seu favor lhe assista:
No excelsa allivio desta sorte Augusta,
He bem que dos tormentos já desista,
Fazendo no alvoroco successivo,
Que o lustroso se admire no festivo,

XVII.

Que de Carthago imite as alegrias,
Na pompa Militar dos Africanos,
Quando Annibal com tantas primazias
Vencedor nella entrava dos Romanos:
Ou que siga as plausiveis ufantias
Dos lauros, que na Curia Soberanos
Conseguiu Mario, quando taõ constante,
De Jugurtha rebelde entrou triumphante.

XVIII. Que

XVIII.

(zas,

Que faça iguaes applausos ás grande-
 Que logrou de Alexandre o nome invicto,
 Dominando com bélicas grandezas
 A vastíssima Persia, o nobre Egypto :
 Ou quando combatia as Fortalez s
 Com numero de mortos infinito
 Das Cidades, que fama tem notavel,
 De Tyro insigne, e Thebas formidavel;

XIX.

Mas do Nosso Monarcha a prodigiosa
 Grandeza deve ser mais decantada,
 Merecendo com sorte respeitosa
 Huma immortal memoria respeitada :
 Nos volumes da idade mais famosa
 Ficará com razão posterizada,
 Sem que lhe possa obstar o tempo vario,
 Mais q Alexandre, que Annibal, q Mario

XX.

Affim de Tubal este illustre assento,
 Hoje de Marte generoso hospicio,
 Lograr queria taõ Real portento,
 Com bello ornato, e bélico exercicio
 Notando que da auzencia o sentimento
 Com termo se extinguia taõ propicio,
 Esta dita esperava verdadeira,
 Naõ somente festiva, mas guerreira.

XXI. Já

XXI.

Já dos Astros o Feniz cintilante ,
Do mar deixando as liquidas espumas ,
Por toda a esphera descubria amante
As bellas gállas , e douradas plumas :
Em doce acclamação sempre triunfante ;
As varias aves com cadencias summas
Adulavaõ seus claros resplandores ,
Gloria do prado , perfeição das flores.

XXII.

Tanto que o Sol resplandeceo formoso,
Ficando neste agrado repetido ,
O ar sem tanta trevoa mais lustroso ,
O Ceo sem tanta sombra mais luzido :
Vencida a noite do farol vittoso ,
Permittio que com garbo mais crecido ;
Deixasse no fulgor , que reverbera
Brilhante o dia , e luminosa a esphera.

XXIII.

Vendo luzir a singular belleza
Se eximem da infeliz melancolia ,
As plantas enfeitando a gentileza ,
As flores alentando a galhardia :
Porque livres da funebre tristeza
Da noite , que eclipsou tanta alegria ,
Reverdeciaõ com delicias tantas
Gratas as flores , prósperas as plantas,

XXIV. Era

XXIV.

Era do dia o mimo focgado
 No brando alento, com que o ar serena,
 Tanto dos olhos, como do cuidado
 Lifonja alegre, formofura amena:
 O campo dava com benigno agrado
 Férias á dor, interrupçoens á pena,
 Sendo tudo motivo de alegria
 Com rizo o campo, com belleza o dia.

XXV.

Mas no tempo, em q̃ o Sol já declinava,
 O Rey sublime de Azeitaõ sahia,
 Que parece que os raios humilhava
 Quando o Sol Portuguez resplandecia:
 Deste aprafivel fitio se apartava,
 Causando com Real Soberania
 A's flores de taõ fresca amenidade
 Mais que inveja efficaz, grande faudade.

XXVI.

A vaidosa républica das flores
 Em terna, quanto ufana competencia,
 Lamentou dos distantes resplandores
 A digna falta, e meditada auzencia:
 Bem que estampas de aromas superiores
 Retratando do garbo a preeminencia,
 Com caracteres dizem sempre amantes
 Do Regio nome em fylabas fragrantas.

XXVII. Era

XXVII.

Era no alegre dia consagrado
A'quelle affombro peregrino , áquella
Aurora , que , sem sombras do peccado,
He do mundo esplendor, do mar estrella:
Angelico luzeiro immaculado ,
Que foy contra Lusbel sempre luz bella ;
Espelho, em que entrou o Sol Divino ,
Ficando intacto seu crystal tão fino.

XXVIII.

Maria , illustremente Sacrosanta ,
Archivo do candor mais transparente ;
Que pizou bella com Divina planta
O cõllo astuto da infernal serpente :
Em quem resplandeceo virtude tanta ,
Que nas luzes da graça preeminente
Dos thesouros do Ceo foy Santo Erario,
Templo da perfeição , de Deos Sacratio.

XXIX.

Neste admiravel dia , que ditoso ,
Vigésimo de Junho se numera ,
Bulcou o Luso Sol tão luminoso
Da Tubal a Colonia para esphera :
O tempo brandamente e carinhoso
Então das horas vespertinas era , (da
Quando no cápo entrou do Anjo da Guar.
Com Regia pompa, ostentação galharda.

XXX.

Para admirar-se, vendo a Magestade
 Mais Regia, veyo turba populosa,
 Qual nunca se aggregou na antiga idade:
 Na acclamação dos Cesares famosa:
 Ou já na Militar solemnidade,
 Quando Scipião triunfara da invejosa
 Carthago, de quem teve o Soberano
 Honorifico nome de Africano.

XXXI.

O Magnânimo Rey resplandecia
 Aflombro em tudo, sendo na grandeza
 Mais forte que Alexandre em valentia,
 Mais bello que Narciso em gentileza:
 Das luzes exemplar na galhardia,
 Protótypo das flores na lindeza,
 Porque com graves brios superiores
 Vencia as luzes, dominava as flores.

XXXII.

Era da Tyria cor a gália illustre
 Nos purpureos asseyos que assignála,
 De toda a gália peregrino lustre,
 Mostrando o lustre, sem q' affecte a gália:
 A mimosa fragrançia sem deslustre
 Delicias bellas docemente exhála,
 Prodigio sendo em brios duplicados
 Tanto dos olhos, como dos agradés.

XXXIII. Na

XXXIII.

Na flor dos annos, sempre appetecida,
Que a flor mais bella retratar defeja,
Com relevante admiração luzida
Éra de todas Magestosa inveja:
Pois de tanta grandeza repetida,
Para que assombro peregrino seja
Aprendiaõ com licitos recreyos
O jardim perfeicoens, o prado asleyos.

XXXIV.

Porèm naõ se presume ser possivel
Do Lusitano Sol incomparavel
Dizer a galhardia taõ plausivel,
Por ser no resplandor sempre admiravel:
Parecendo esta gloria incomprehensivel
Pelos altos excessos de ineffavel,
Naõ deve com discursos expender-se,
Porq̃ nunca he possivel comprehender-se.

XXXV.

Taõ portentoso assumpto venerado,
Como naõ póde ser encarecido,
Só no silencio deve ser louvado,
E nunca em rude applauso diffinido:
Por esta causa fica o limitado
De taõ nescio discurso inadvertido,
A' vista desta luz taõ Magestosa,
Parecendo huma sombra defairosa.

XXXVI.

De Alexandre, Monarcha generoso,
 Apelles merecendo ser aceito,
 Lhe ordenou com desejo fervoroso,
 Que o Sol retrate com pincel perfeito:
 Para formar debuxo taõ formoso
 O pintor, incitado do preceito,
 Huma sombra no lenço retratava,
 Porque o Sol só por sombras se pintava.

XXXVII.

Sendo, pois, taõ sublime o luzimento,
 De que ornou liberal a natureza
 Este de prendas singular portento,
 Esta de agrados superior grandeza:
 Não se atreve o mais raro entendimento
 A louvar de seu garbo a gentileza,
 Que, como peregrino tanto assombra,
 De Sol taõ bello só se pinta a sombra.

XXXVIII.

Todas as cores, que matiza Flora,
 Os resplandores dessa esphera ardente,
 A galhardia da brilhante Aurora,
 Dos Planetas a luz resplandecente:
 A belleza dos Astros brilhadora,
 Das joyas o valor mais eminente,
 A copia dos diamantes estimada,
 A' vista de seu brio tudo he nada.

XXXIX. Os

XXXIX.

Os Principes , na luz que reverbera
Do Sol fraterno neste luzimento ,
Foraõ flores da Lusa Primavera ,
Sendo estrellas do Regio Firmamento :
Nas galhardias relevantes era
Qualquer delles magnifico portento ,
Onde com graça se aggregou ditosa
Discreta a pompa , a discriçaõ pomposa.

XL.

A' vista de feu brio Magestoso
Podia já ficar como esquecido
O capricho de Adonis desairoso ,
O respeito de Ascanio delmentido :
Antes no excelso garbo decoroso ,
Que resulta de adorno taõ luzido ,
Bem pudera julgar-se sem receyo
Inculto Ascanio , quando Adonis feyo.

XLI.

Porque qualquer na graça peregrina
Retrato Soberano ser pudera
Desta flor , que nas flores só domina ,
Desta luz , que nas luzes sempre impera :
Pois tanto nessa esphera crystalina ,
Como tambem na viridante esphera
Lhe rendem vassallagem decorosa
Humilde o Sol , e reverente a rosa.

XLII. No

XLII.

No campo entãõ do Anjo suspenderãõ
 As Pelloas Reaes o seu caminho ,
 Sendo o primeiro dia que tiverãõ
 Do campo as plantas taõ sublime alinho :
 Mas como venturofas mereceraõ
 O Regio luzimento taõ visinho ,
 Se vestiraõ , levadas da jaçtancia ,
 De nova gãlla , e singular fragrancia.

XLIII.

Como este bello campo viridante
 Arvoredos ostenta taõ viçofos ,
 Frescura produziaõ bem galante
 As verdes fayas , alamos frondofos :
 Melhor que a Selva Idalia, donde amante
 Logrou Venus recreyos deleitofos ,
 Ou que o bello dos tempos Orizante ,
 Elyfio valle , ou Heilyconio monte.

XLIV.

Pois neste fresco epytome de agrados
 Se viaõ , como em centro , mais formofos
 De Athenas os jardins taõ decantados ,
 De Adonis os payneis taõ primorofos :
 Os Hortos de Lucano celebrados ,
 Os Vergeis de Mecenas taõ famofos ,
 E quanto foy na ayrosa Primavera
 Gloria de Egnido, adorno de Cythéra.

XLV. En-

XLV.

Entre os gratos passeyos, q̃ os verdores
Dividem com galante variedade
Por fazerem mais bellos os primores
Do alegre alinhó, e fresca amenidade:
De artificios se ostenta superiores
A fonte, que em gentil sublimidade
Excede quantas foraõ com grandeza
Pafmo na traça, affombro na belleza.

XLVI.

O licor crystallino destilava
Das Ninfas o primor, do agrado idéa,
Que nos sonoros éccos se julgava
Nevado Cisne, ou candida Serêa:
Em diluvios de prata desatava
A copia natural com que campêa,
Sendo o susurro, que alternar se atreve
Lyra de aljofar, ou clarim de neve.

XLVII.

Como por fino seu crystal se quebra
No meyo do arvoredó em copia grata,
Foy para a Regia pompa, que celebra,
Arpa de gelo, e cythara de prata:
Tanto os ouvidos singular requebra
O liquido alabastro, que desata,
Que pareceo na ácorde melodía
Que descantava, quando mais corria.

XLVIII. No

XLVIII.

No cume desta fonte resplandece
 De finissimo marmore esculpida
 Huma imagem do Anjo, que ennobrece
 Taõ bem formada machina luzida :
 Defronte logo á vista se offerece
 Do proprio Anjo a celebrada Hermida,
 A quem dos freixos o verdor sereno
 Fabrica claustro variamente ameno.

XLIX.

Na Capella Mayor com Religiosa
 Decencia no seu Throno sublimado
 A Sacrosanta Imagem milagrosa
 Se adora de Jesus Crucificado :
 Do Bom Fim se intitûla, porque gofa
 Ditoso alegre fim no seu cuidado
 Quem lhe supplica com fiel designio
 Celeste amparo, egregio patrocínio.

L.

Seus milagres dizer nunca he possivel,
 Porque vencem na summa inexplicavel
 As estrellas, que o Ceo mostra plausivel,
 As flores, que o jardim produz amavel :
 Porque á vista do excessõ imperceptivel
 Dos prodigios, que faz sempre admiravel,
 Parecem no primor das pompas bellas
 Poucas as flores, menos as estrellas.

LI. Sol-

.LI.

Solicita suas aras numerosa
Frequente concurrencia de devotos ,
Sendo victima sempre affectuosa
Tantos suspiros , como assistem votos :
Ardendo em chammas desta fé piedosa
Se apressaõ dos lugares mais remotos
A buscar neste pélagos de amores
Mares de graça , enchentes de favores.

LII.

Ouve o Senhor as supplicas sentidas,
Nas petiçoens do pranto articuladas ,
Seguindo-se á piedade de attendidas
O benigno favor de despachadas :
Antes fazendo ás lagrimas vertidas
As clemencias do affecto anticipadas ,
Por dar á toda a magoa desafogos
Permitte allivios , sem custarem rogos.

LIII.

Neste horror dos terrenos maleficios,
Bello Sol com Divinos luzimentos ,
Alternando amoroso os beneficios ,
Dispensa luzes , communica alentos :
Porque á vista de rayos taõ propicios ,
A nuvem de indecentes pensamentos
No mais infauſto damno com q̃ assombra
Se acabe nevoa , e se desminta sombra.

LIV. O

LIV.

O Magnifico Rey com zelo ardente
 Seguido dos tres Inclytos Infantes
 Entrou na Santa Hermida , e reverente
 A Deos affectos saerifica amantes :
 Por huma , e outra parte toda a gente
 Se admirou dos suspiros relevantes
 Com que nesta occasiaõ taõ meritoria
 Adora o Rey da terra ao Rey da Gloria.

LV.

Mas como seu favor com tanto augmẽ-
 Da Igreja o Culto amplificar deseja , (to
 He certo que a Deos tem no pensamento
 Quem zela tanto a perfeiçaõ da Igreja :
 Taõ Catholico amor , taõ Sacro intento
 Digno de eterno applauso he bem q̃ seja,
 Que o Monarcha, q̃ em Deos vive empre-
 gado, (tado.
 Deos lhe defende o Imperio, exalta o El-

LVI.

Taõ Magestosa pompa acompanháraõ,
 Os Titulos do Reyno mais illustres ,
 Que todos com grandezas ostentáraõ.
 Flamantes gallas , e garbosos lustres :
 A galhardia Lusa sublimáraõ ,
 Sem que se vissem no primor deslustres,
 Que todos se exporaõ có mais decencia ,
 Passádo-se em silêcio a preferêcia. LVII.

LVII.

As Pelloas Reaes com fé devida
Medidas Sacras foraõ recebendo
Do Senhor do Bom Fim, em que a luzida
Amante devoçaõ se estava vendo :
Estas lhe offerta o Capellaõ da Hermida
Elias Xavier do Couto , sendo
Quem na entrada tambẽ (sendo mãdado)
Agoa benta lhe deo todo humilhado.

LVIII.

Como o Monarcha heroico entrar que.
Nesta Praça feliz publicamente , (ria,
Os Infantes com nobre companhia
Para o Palacio foraõ preeminente :
Hum coche foy com rápida porfia
A portatil esphera , que eminente
Seis brutos apressados transportáraõ ,
Que exhalacoens velozes se ostentáraõ.

LIX.

Qualquer delles na graça parecia ,
Que em seu rosto gentil reverberava ,
Que ás flores mais ayrosas competia ,
Ou que ás luzes mais bellas igualava :
Se bem que a gentileza, que se via,
Que tantos luzimentos duplicava ,
Fazia com mais unicos primores
Excesso ás luzes , preferencia ás flores.

LX. Naõ

LX.

(do,

Naõ brilha tanto a Imperatriz do pra-
 Que se applaude com garbo presumido
 Cometa de carmin, Astro encarnado,
 Purpureo resplendor, Rubi luzido:
 Quando seu grave adorno nacarado
 Sobre o throno de Abril se vê subido,
 Aonde, dando leys, a Primavera
 Gentil domina, e Magestosa impéra.

LXI.

Menos o cravo, que se julga ayroso
 Com taõ soberba galhardia altivo,
 Aromatico enigma do formoso,
 Emblema rubicundo do attractivo:
 Pois vestindo de nacar luminoso
 A belleza do adorno successivo,
 Parece nas cheirosas relevancias
 Thesouro de ambar, cofre de fragancias.

LXII.

Nem tanto resplandece nos candores
 O jafmin, que no livro se descreve
 Da tenra planta, em folhas de verdores
 Ponto de prata, e virgula de neve:
 A quem fragrantos mimos superiores
 O prado ameno agradecido deve,
 Pois lhe offerta com glorias taõ propicias
 Benigno aromas, prodigo delicias.

LXIII. E

LXIII.

E menos da Açucena a gentileza
Com tanto aroma , que galante exhála ,
Pois no espelho da candida pureza
Enfeita a formosura , adorna a gália :
Por mais que jaçtanciosa na lindeza
Ser claufura fragrante se assigná-la ,
Que entre muros de prata tem luzida
A pompa occulta , a graça recolhida.

LXIV.

Porque os Altos Magnificos Infantes
Na sua respeitosa galhardia
Os adornos venciaõ mais flammantes ,
Que o vergel alimenta , o prado cria :
O primor dos affeyos relevantes
Os naturaes alinhos excedia ,
Que lograõ na républica cheirosa
A açucena , o jafmin , o crayo , a rosa.

*Descrevem-se os arcos, que estavam
nas ruas principaes, por on-
de Sua Magestade en-
trou.*

OBSERVAÇÃO III.

P I.
Ara applaudir a entrada Magestosa
Do seu Grande Monarcha Lusitano,
Setuval lhe destina generosa
Festiva pompa, obsequio soberano:
Na grandeza inculcando decorosa
Jubilos graves do desejo ufano,
Tres arcos lhe dedica em desempenho
Da illustre acclamação, sublime empenho.

II.
Igual demonstração de galhardia
Nunca Roma ostentou nas superiores
Opulencias triumphaes com q̄ applaudia
As victorias de seus Imperadores:
De Cesar nunca teve a regalia
Taó magnificos cultos brilhadores,
Collocando triumphante o Regio Solio
Sobre as glorias do Augusto Capitolio.

III. Nem

III.

Nem menos tão Real magnificencia
Manifestou Pompeo , quando o Senado
Vencedor o acclamava da insolencia
Do Syrio pertinaz , do Persa armado :
Exaltando na publica eminencia
De tantas luzes o valor ousado
Com q̄ tanto affombrára em toda a parte
No mar Neptuno, nas campanhas Marte.

IV.

Nem gloria mereceo tão successiva
Do grande Octaviano o applauso justo ,
Que a propria Roma consagrou festiva
A seu capricho heroico, e nome Augusto:
A quem , para vangloria persuaziva ,
Rendidas foraõ do inimigo injusto ,
Em signal das victorias verdadeiras ,
Por despojos as Indicas bandeiras.

V.

Ou quando nas Provincias do Oriente,
Reduzidas a misera penuria ,
Marco Aurelio deixava do insolente
Avidio Cassio tão punida a injuria :
Pois vencedor entrando preeminente
Pelas Colonias da admirada Hetruria ,
Obsequio tanto lhe não coube em sorte
No excelsõ applauso da Romana Corte.

VI. Quan-

VI.

Quanto agora consagra agradecida
 A seu Monarcha com louvor notorio
 Esta de Tubal fundação luzida,
 Illustre Corte, decantado Emporio:
 Porque no zelo amante dirigida
 De seu nobre congresso Senatorio,
 De tanto gosto relevante exprime
 A summa elevação, dita sublime.

VII.

Para theatro destas relevancias
 Bem desejava expôr tantas fortunas,
 Seguindo de Corintho as elegancias,
 Imitando de Memphis as columnas:
 Ou do pincel mais destro as observancias,
 Pertendendo affectar mais opportunas
 Fazer que concorressem neste empenho
 Pharrasio no primor, Zeuxis no ingenho.

VIII.

Ou q̃ as linhas regessem competentes,
 Por regras do artificio nunca errantes,
 Para estatuas polissem mais decentes
 Jaspes Philisca, marmores Thimantes:
 Em cujas esculturas eminentes,
 Como em nobres idéas relevantes,
 Se renovassem com mayores lustres
 Generosos Padroens, Timbres illustres.

IX. Po-

IX.

Porèm substituiu da antiga idade
Taõ divulgados celebres primoes
O zelo singular de huma vontade
Explicada em finezas exteriores :
Porque sempre huma grande actividade ;
Executando affectos superiores ,
Com desvélos exprime mais egregios
Magnificas acçoens , jubilos Regios.

X.

O portico primeiro na eminente
Porta do Sol com luzimento estava ,
Que este nome logrou mais propriamente
Pelo Sol Lusitano , que esperava :
Taõ summa perfeição resplandecente
De rayos brilhadores ostentava ,
Que foy nos seus reflexos duplicados
Pasmos dos olhos , gloria dos agrados.

XI.

Mostrava ayrosamente guarnecidos
Com proporção gentil ambos os lados ,
Seguindo-se á belleza de luzidos
As suspensoens precisas de admirados :
Do metal , que de Phebo os repetidos
Luzimentos retrata , taõ copiados
Resplandores vibrava , que continha
Quáto Ophir ennobrece, e Colchos tinha.

XII.

No admiravel lavor o nova acerto
 Bem descobria, para illustre indicio,
 Entre os adornos graves do concerto
 As invençoens mais raras do artificio:
 Dos olhos o absoluto arbitrio incerto,
 Entre as glorias de agrado taõ propicio,
 Distinguir naõ sabia no vistoso (foi
 Qual era o mais perfeito, ou mais formo-

XIII.

Neste ornato, que he justo q̃ se estime
 Por grande affombro, se admirava sobre
 Seu cume o grave Escudo taõ sublime
 Das Regias Armas com realce nobre:
 Entre as grandezas, que luzido exprime,
 O beneficio excelso se descobre,
 Que Nosso Redemptor Crucificado
 Ao torte Affonso fez, Rey sublimado.

XIV.

Por bayxo estavaõ, com debuxo bello,
 As Armas de Setuval opulenta,
 Sendo a fabrica insigne de hum Castello,
 Que sobre duas barcas se sustenta:
 Nos lados delle com piedoso zelo
 Das Ordens Militares, se acrescenta
 De Christo, Nosso Bem, a Cruz Sagrada,
 E de Jacobo Santo a invicta espada.

XV. De

XV.

De huma , e outra parte dos curiosos
Alinhos desta machina decentes
Dous Anjos assistiaõ caprichosos ,
Guarnecidos de adornos refulgentes :
Dispendiaõ com termos respeitosos
Flores sobre o concurso diferentes ,
Que , sendo muito varias nos primores ,
Mostravaõ ser Angelicas as flores.

XVI.

Por conta dos Ourives só corria
A despeza de fabrica taõ grata ,
Que logo ser de gente parecia ,
Que logra immenso ouro, e muita prata:
No galhardo fulgor , que transluzia ,
Hum jardim florescente se retrata ,
Que das mais flores na excellência propria
Suspirava o primor , vencia a copia.

XVII.

Assim como no ameno labyrintho
De odoríferas flores mostra o prado
Em debaixo de pompas naõ succinto
Hum thesouro de aromas naõ versado :
Em cujo garbo , nunca sendo extincto
O successivo adorno duplicado ,
Parece a varia perfeição , que avista ,
Assombro da attenção , pasmo da vista.

XVIII.

Da mesma sorte enlevo parecia
 O porticó admiravel , fém desdouro ,
 Brilhando na pomposa galhardia
 De luzes bellas singular thesouro :
 No seu garbo fém duvida se via
 A propria esphera do Planeta louro ,
 Porque todo o discurso confessava
 Que na porta do Sol o Sol brilhava.

XIX.

Com varia industria de hũ lavor juctun-
 Outro portico estava lisongeiro, (do,
 Que, cabendo-lhe em sorte o ser segundo,
 Merecia nas pompas ser primeiro :
 Na eminencia dos garbos foy profundo
 Paradygma de rayos verdadeiro ,
 Aonde foy na excelsa architectura
 Sublime a graça , egregia a formosura.

XX.

Esta elevada fabrica perfeita
 Com peregrina admiração se via
 Na grande rua , que por ser direita ,
 Direitamente só lhe pertencia :
 Com tão notavel artificio feita
 A fórma do lavor , que parecia
 Natural formosura , que no indicio
 Não dependeo de enfeites do artificio.

XXI. Em

XXI.

Em quatro perspectivas se formava ;
Correspondendo altiva a quatro ruas ,
Com tantas perfeições, q̄ bem mostrava
Que singulares eraõ , naõ commúas :
Porque á vista das flores , que ostentava,
O proprio Mayo enfeitaria as suas ,
Porque no bello adorno dar pudera
Engraçadas liçoens á Primavera.

XXII.

No vistoso apparato da estrutura
Se admirava com lúcida grandeza
Dar a riqueza graça á formosura ,
A formosura esmaltes á riqueza :
Que , como sempre dividir procura
Estes dotes avara a natureza ,
Alli se via com primor garboso
O rico vinculado no formoso.

XXIII.

Ferindo o Sol as flores , que se viaõ ,
Indecizos os olhos duvidavaõ
Se os rayos eraõ flores, que luziaõ ,
Se as flores eraõ rayos, que brilhaõ :
Porque tantos luzeiros reflectiaõ
Dos flãmantes esmaltes que as douravaõ,
Que o seu sitio faziaõ, sem delmayos ,
Mappa de luzes , e jardim de rayos.

XXIV. A

XXIV.

A vista pertendendo recrear-se
 Naquelle gloria , que chegava a ver-se ,
 Hydropica no gosto de alegrar-se ,
 Não podia jámais fatiszar-se :
 Da admiravel cobiça de empregar-se
 Novo affecto nascia de entreter-se ,
 Ficando em tanta galliardia immensa
 Não sómente elevada , mas suspensa.

XXV.

Tantos não patentea resplandores
 Iris flammante , quando reverbera ,
 Fazendo ostentaçãõ das varias cores
 Na scena circular da vaga esphera :
 For influxo dos rayos superiores ,
 Que liberal o Sol lhe concedera,
 Nos grandes luzimentos , que accumula,
 Os Orizontes doura , a vista adula.

XXVI.

Como entãõ transluzia portentosa
 A debuxada fabrica benigna ,
 Os olhos attrahindo luminosa ,
 As attençõens roubando peregrina :
 Porque a sua belleza portentosa ,
 De não vulgares excellencias digna ,
 Parecia no bem composto asseyo
 Luzido assombro , scintillante enleyo.

XXVII. Com

XXVII.

Com magnífica pompa se erigia
O portico terceiro junto á Praça ,
Guarnecido com tanta galhardia ,
Que foy nova a invenção, sublime a traça:
Prototypo de adornos se applaudia ;
Porque de tanto luzimento a graça
Por affombro chegava a reputar-se ,
Porque o mesmo era ver-se, q̃ admirar-se.

XXVIII.

Enganados os olhos nos labores ,
Que o subtil artificio compuzera ,
Prezumiraõ que alli todas as flores
Cifradas tinha a verde Primavera :
Ou que seus agradaveis resplandores
Communicar-lhe o mesmo Sol quizera ,
Porque prodigio fosse luminoso
Igualmente o luzido , que o formoso.

XXIX.

As cores dos debuxos engraçadas
Formavaõ com lisonjas diferentes
Entre amenas folhagens complicadas
Labyrinthos de ramos florecentes :
Em cujas galhardias retratadas ,
Com vistosos matizes refulgentes ,
A novidade do ouro na verdade
Representava de ouro nova idade.

XXX. A

XXX.

A summa perfeição , que se assigná-la,
 A vista mais curiosa tanto adula ;
 Que , até do muito excessso do estimá-la ,
 Pelo julgar taõ pouco se estimula :
 Mas galante o primor de tanta gálla ,
 Inexplicaveis gostos lhe accumula ,
 Perdendo-se o discurso entre os enleyos
 Da nova Babylonia de recreyos.

XXXI.

Naõ penetraõ taõ bellos os fulgores
 Da Thitonea Conforte os Orizontes ,
 Quando com seus purpureos resplandores
 Matiza os valles , enriquece os montes :
 A quem festejaõ respirando as flores ,
 Ou já celebraõ discorrendo as fontes ,
 Porque nas luzes , que brilhante excita ,
 Humas alegre , as outras refuscita.

XXXII.

Como alegrava os olhos a eminente
 Sumptuosa grandeza relevante ,
 Conciliando encomios de excellente
 Nas magnificas pompas de elegante :
 Testimunho fiel do reverente
 Fervoroso desejo , com que amante
 Setuval , para gosto recreativo , (vo.
 Do seu Monarcha espera o ingrosso alti-

XXXIII. Ne-

XXXIII.

Nestes arcos, em fim, que o gosto attento
Formou para triumpho taõ pomposo,
Se cifrava o mais nobre luzimento,
Tanto no excelso, como no custoso:
Porque nelles se unio, para ornamento
De taõ festivo obsequio decoroso,
Quanto aprendeo com docil exercicio
O discurso na escola do artificio.

XXXIV.

Nelles se quiz fingir recopilado
Quanto a cobiça descubrio luzido,
Ou no centro das agoas sepultado,
Ou no claustro das minas escondido:
O diamante em reflexos desatado,
O Pirópo em luzeiros convertido,
A perola, a quem fazem brilhadora
Rizos do Sol, e lagrimas da Aurora.

XXXV.

Esse metal, que avaro difficulta
A's ancias dos mortaes tanta riqueza,
Pertendendo esconder na mina occulta
De seus formosos rayos a belleza:
Depois que nos incendios mais avulta
Dos preciosos quilates a fineza,
Entre os lavores com brilhante escolha
Taõ dobrado se vio, que estava em folha.

XXXVI. Alli

XXXVI.

Alli fez o debuxo estar suaves,
 Entre seus odoriferos verdores,
 No frondoso vergel voando as aves,
 No aprazivel jardim luzindo as flores:
 A fonte, dispendendo as copias graves
 Dos liquidos crystaes murmuradores,
 Se fingia entre as plantas, que retrata,
 Em galla verde guarniçaõ de prata.

XXXVII.

Por estes altos porticos brilhantes,
 Erigidos nas ruas mais formosas,
 Entrará, dando assombros relevantes,
 O Augusto Rey com pompas magestosas:
 Nunca adornos ostentaõ mais flammantes
 No mimo da manhãa purpureas rosas,
 Como em tanto concerto se assignála
 Garbosa a perfeiçaõ, sublime a galla.

XXXVIII.

O Palacio se via taõ luzido
 Nos aureos paramentos de adornado,
 Que ás vistas, cobicozas do attendido,
 Motivos se leguiaõ do admirado:
 A grandeza do ornato dividido
 Pelas fâlas com lustre concertado,
 Bem pôdia fazer com justo excessõ
 Avaro a Constantino, e pobre a Cressõ.

XXXIX. Pro-

XXXIX.

Prototypo de luzes se mostrava
No Regio ornato a Soberana esfera ;
Pois no concerto insigne se cifrava
Quanto a India idolatra , Ophir venera:
Nas peregrinas reflexoens , que dava ,
De tantas sedas matizadas era
Cada estancia hum Elyfio trasladado ,
Ou cada fála hum Ceo recopilado.

XL.

Dos aromas a doce actividade
Delicias motivou com tal vehemencia ,
Que , sendo dos sentidos suavidade ,
Foy do gosto attractiva complacencia :
De Arabia , e de Pancaya a variedade
Odorifera dava competencia ,
Imitando em regálos lisongeiros
Arabia em mimos, e Pancaya em cheiros.

XLI.

As ruas se ostentavaõ ricamente ,
Adornadas com tanto luzimento ,
Quanto nunca pudera diligente
Excogitar curioso pensamento :
Guarnecidas com pompa taõ decente ,
Que parece em seu methodo opulento
Se clausulava com primor jucundo
Todo o grande apparatus, q̃ ha no mundo.

XLII. As

XLII.

As bellas colchas ostentou da China,
 Os ricos lós da India relevantes,
 Da terra Ausonia a seda peregrina,
 Da Tartaria os brocados scintillantes:
 Do Norte a téla, que se applaude fina,
 Os damascos da Persia mais galantes,
 A prata do Japaõ sem ter desdouro,
 Do nosso Rio de Janeiro o ouro.

XLIII.

As pedras, que abatidas se cobriaõ
 Com frescas espadanas, que as ornavãõ,
 Como taõ preciosas se fingiaõ,
 Talvez por esmeraldas se julgavaõ:
 Alcatifas amenas pareciaõ,
 Que com lisonja ufana se offertavaõ
 Para serem no humilde rendimento
 Do Regio fasto verde pavimento.

XLIV.

O povo, que em concurso numeroso
 Vinha ver hum festejo taõ luzido,
 Or parabens se dava venturoso.
 De lograr este applauso nunca ouvido:
 Mas fundamento teve muy forçoso,
 Pois no concurso dos annos repetido
 Nunca a esperanza merecer podia,
 Taõ ditosa occasiaõ, taõ fausto dia.

Da Igreja do Anjo vay Sua Magestade para a porta, que se chama do Sol.

OBSERVAÇAM IV.

I.
O Invencivel Joaõ, Monarcha Quinto
 No nome faustamente venturoso,
 Cujõ applauso não pôde ser extincto,
 Mas sempre em toda a idade decoroso:
 Depois que se apartou do labyrintho
 De taõ vistosas arvores frondoso,
 Onde a delicia vive, o gosto mora,
 República de Abril, Corte de Flóra.

II.

Modesto ouvindo a popular frequencia,
 Que nas plausiveis vozes excessivas
 Lhe dava com solemne complacencia
 Dignas acclamaçoens, alegres vivas:
 Com lustrosa Real magnificencia,
 Que condecora glorias taõ festivas,
 Passou pelo Convento sublimado,
 Que o nome tem do Precursor Sagrado.

III. Do

III.

Do Santo , que foy livre da desgraça
 Da culpa nõ materno claustro , sendo
 Santificado , pois nascendo em graça
 Lhe veyo a graça entãõ como nascendo :
 Depois, para que a Deos mais satisfaça
 Na virtude , em q̃ foy sempre crescendo,
 Mereceo os applausos taõ luzidos
 De se acclamar mayor entre os nascidos.

IV.

De frequente concuſſo apparatuso
 Neste breve caminho acompanhado
 A² porta chega , que do Sol formoso
 O nome participa celebrado :
 Alli sendo com zelo decoroso
 Recebido do amplissimo Senado ,
 Com discreta oraçaõ , palavras graves ,
 Da nobre Praça lhe offerace as chaves.

V.

Neste tempo com jubilos decentes
 A grande multidaõ dos populares
 Lhe repetia vivas preeminentes ,
 Ferindo os corações , rompendo os ares .
 Porque como nos seculos presentes
 Tantas ditas naõ teve singulares ,
 Era nesta alegria taõ notoria
 Sem termo o goſto , sem limite a gloria.

VI.

Logo foy procedendo este admiravel
Triumpho pela rua mais plausivel ,
Que o nome tem do Santo incomparavel,
Que desterra da peste o mal terrivel ;
Que estava nos adornos taõ notavel ,
Quanto a todo o desejo foy possivel ,
Pois retratava com diversas cores
De Abril as perfeições, de Mayo as flores.

VII.

Foraõ diante deste applauso ufanos
Os sonoros clarins , que na harmonia
Dos alternados éccos soberanos
Os jubilos duplicaõ da alegria :
Com taõ bella cadencia, que os tyrannos
Effeitos da tenaz melancolia
Venciaõ , pois nos musicos assentos
Eraõ do gosto doces instrumentos.

VIII.

Das altas torres, com q os sumptuosos
Templos se qualificaõ celebrados ,
Servindo-lhe edificaõs taõ formosos
De excellentes adornos sublimados :
Os sinos , repetindo sonoros
Diferentes repiques alternados ,
Eraõ nos seus harmonicos ruidos
Consonancia estrondosa dos ouvidos,

IX. Lo-

IX.

Logo diversas danças se seguião
 Ornadas com bellissimos affeyos,
 Que, nos circulos gratos, que faziaõ,
 Multiplicavaõ celebres recreyos:
 Nas lindas invençoens, com que se uniaõ,
 Eraõ da vista curiosa enleyos,
 Causando no seu methodo ajustado
 Alegre allivio, gracioso agrado.

X.

Regulando os galantes artificios
 Pel' som de sonoros instrumentos,
 Plausiveis davaõ da delicia indicios,
 Na graça dos ayrosos movimentos:
 Regalos sendo da attençaõ propicios,
 Ou doces do prazer divertimentos,
 Deixavaõ sempre com lisonja immensa
 Absorto o genio, a inclinaçaõ suspensa.

XI.

Admirado primor taõ concertado
 Se mostrava em taõ licito cortejo,
 Cobiçoso de gostos o cuidado,
 Hydropico de allivios o desejo:
 Por ficarem no invento destinado
 Para a gloria feliz deste festejo,
 No cárcere do agrado sem recurso
 Vinculada a razaõ, prezo o discurso.

XII. Qual

XII.

Qual na alegre planície divertida ,
Que ostenta o Cynthio, com gentis deco-
De Nynfas engraçadas assistida , (ros
Exercita Diana os bellos còros :
Sendo de mil Oriadas seguida ,
Alternando seus canticos sonóros ,
Duplica no recreyo concertado
Glorias do gosto , e jubilos do agrado:

XIII.

Dos canhoens a colerica porfia
As salvas dando , do furor violento .
Tremeo a terra , perturbou-se o dia ,
Moveo-se a esféra, alvorotou-se o vento:
O rio , que os horrores percebia ,
Provocado do estranho movimento ,
Serpe de prata nas ceruleas vêas
Mordia conchas , devorava arêas.

XIV.

Os clarins entre si se competiaõ ,
Os finos huns aos outros se emulavaõ ,
As charamélas éccos profeguiãõ ,
Os canhoens seus incendios fulminavaõ :
Porque em tudo alvoroços só se ouviaõ ,
Quando no mesmo tempo os festejavaõ
Charamélas gentis , clarins sonóros ,
Incessaveis canhoens , finos canóros.

XV.

Tambem se via com plausivel arte
 A gente Militar , querendo forte,
 Nos grandes brios, com q̄ imita a Marte,
 Mostrar que resoluta vence a morte :
 Nos applausos , que o Povo lhe reparte,
 Dobrava o gosto da festiva sôrte ,
 Naõ cessando nos bélicos clamores
 De hũa parte clarins , de outra tambores.

XVI.

Na vaidade das gallas admirada
 Se via com grandeza primorosa
 Huma pompa de enfeites extremada ,
 Huma dita de applausos extremosa :
 Lifonja foy de todos duplicada
 A multidaõ de adornos caprichosa ,
 Porque nelles alegre competia
 Grave a riqueza , insigne a bizzarria.

XVII.

Como bellas as Armas transluziaõ ,
 Quando em seus movimētos se vibravaõ ,
 Nos rayos , que brilhantes reflectiaõ ,
 Mayores seus luzeiros duplicavaõ :
 Os olhos diligentes , que attendiaõ
 No vario resplendor, que contemplavaõ,
 Ficavaõ com neutraes desalfocegos
 Na luz confuzos , na efficacia cegos.

XVIII. Se-

XVIII.

Seguia-se a Nobreza , que empenhada
Nesta grande alegria portentosa ,
Tanta dita applaudia desejada ,
De maiores festejos desejosa :
De gallas differentes adornada
Com tanta galhardia primorosa ,
Que podia no illustre luzimento
Ser o garboso inveja do opulento.

XIX.

Nos decentes vestidos se admirava
O metal , que de Ophir se transferia ,
Pois nas luzes os olhos alegrava ,
Quando na tyria côr resplandecia :
Tanta copia brilhante não lograva
O thesouro, que em Cólchos se escondia,
Aonde as Nynfas foraõ sem cautélas
Buscar seu vélo , com primeiras vélas.

XX.

De Santiago os Freires, que occupavaõ
Deste Povo as Parochias numerozo ,
Communidade illustre lhe formavaõ
Em congresso gentil , acto lustroso !
Com Cruz alçada todos lhe cantavaõ ,
Em concordante estylo sonoro ,
Os Psalmos de David taõ celebrados
Com doces vozes , éccos alternados.

XXI.

A Deos rogavaõ com fervor ardente ,
 Que exaltasse no cume mais louvado
 Deste Excellso Monarcha preeminente
 O largo Imperio , e venturoso Estado :
 E naõ menos seu zelo reverente
 Gratificava o gosto sublimado ,
 Que esta Praça ditosa recebia ,
 Quando a Regia presença merecia.

XXII.

Seguiaõ-se os Ministros com luzido
 Resplandecente adorno respeitado ,
 Sendo neste apparato ennobrecido
 Decente ostentaçaõ , lustre admirado :
 Causavaõ no decoro repetido
 Igual veneraçãõ ao summo agrado ,
 Com grandezas expondo persuasivas
 As insignias dos cargos respectivas.

XXIII.

o Temor dava esta vista poderosa ,
 Que sempre deve a Magestade amada
 Naõ só ser pelas Armas decorosa ,
 Mas tambem pelas letras venerada :
 Na discreta inteireza judicioza
 Deixavaõ tanta pompa acreditada ,
 Mostrando neste luzimento Augusto ,
 Que sempre fazem galla do que he justo.

XXIV. Ar-

XXIV.

Armas, e letras neste competente
Festejo brilhaõ com luzidas gallas,
Por se unirem no goſto preeminente
Culta Bellona, e Militante Pallas:
Affombro tambem ſaõ de toda a gente
As Regias Guardas em diſtinctas alas,
Ornadas com decenſe gravidade
Em decoro da Auguſta Mageſtade.

XXV.

Nas janellas eſtavaõ com luſtroſo
Alinho as Damas neste obſequio amante,
Como Sões no Zenith mais luminoso,
Como eſtrellas na eſféra mais flammante:
Applaudiaõ com genio appetitoſo
Taõ ſolemne triunfo relevante,
No liberal cortejo dos primores,
Vertendo aromas, derramando flores.

XXVI.

Entre copias choviaõ mais propicias
Nos que paſſavaõ, com gentís jaçtancias,
De nuvens duplicadas de delicias
Diluvios repetidos de fragrancias:
Servindo de liſonjas as caricias,
Alentavaõ do goſto as relevancias;
Porque pudette com mayor vangloria
Augmentar-fe o favor, crescer a gloria.

XXVII. Tan-

XXVII.

Tantas flores Abril não galantêa ,
 Dispensando aromaticas doçuras ,
 Quando no lenço alegre de Amalthêa
 Debuxa pompas , pinta formosuras :
 Por mais que a vista ufana se recrêa ,
 Notando a perfeição das cores puras ,
 Achando nellas o desejo grato
 Luzida estampa , esplendido retrato.

XXVIII.

Com luzes tantas a saudade triste
 A Thitonia consorte não diverte ,
 Quando dos olhos, em que a graça assiste,
 Desperdiça crystaes , perolas verte :
 Porque como na auzencia , a que resiste ,
 Em gosto o sentimento se converte ,
 Saõ nos doces allivios da esperança
 Rayos, que vibra . as lagrimas que lança.

XXIX.

Menos com tantos garbos se ennobrece
 O luzimento do vistoso dia ,
 Scintillante farol , que resplandece ,
 Para o mundo adornar de galhardia :
 Quando do obscuro horror, q̃ prevalece,
 Extermina a confusa tyrannia ,
 Revestindo com lúcida grandeza
 O Ceo de galla , os campos de belleza.

XXX. Nem

XXX.

Nem com tantas estrellas se diviza
Essa esféra de luzes taó radiantes ,
Primavéra feliz , que se matiza
Com tantas flores, quantos tem diamâtes:
Quando Cynthia formosa lhe suaviza
O resplendor dos rayos scintillantes ,
Para que a vista lhe decifre grata
Em papel de zaphir letras de prata.

XXXI.

Como se via com subtil discurso ,
Que as bellas Damas, ministrádo cheiros,
Lançavaó sobre o prospero concurso
De flores aromaticos chuveiros :
Com tanta multidaó , que sem recurso
Venciaó seus caprichos lisongeiros
Toda a pompa gentil , que reverbera
No proprio dia Aurora , Abril, e Esféra.

XXXII.

De Cavalheiros singular frequencia
Seu Monarcha ditoso acompanhava ,
Celebrando com publica decencia
O solemne triumpho com que entrava :
A pomposa feliz magnificencia ,
Que nas gallas brilhantes se ostentava ,
Era mais que dos olhos grave enlevo ,
Primor do garbo , admiraçáo do asseyo.

XXXIII. A'

XXXIII.

Alli com gravidade respectiva
 Os dous Duques se viaõ generosos ,
 Da Lusa Esfera com grandeza altiva
 Athlantes dignamente os mais zelosos :
 Na illustre relevancia successiva ,
 Com que exaltaõ feus timbres decorosos,
 Se divizava a primazia egregia
 Do sangue esclarecido , estirpe Regia.

XXXIV.

Luzimento immortal do nome ufano
 Daquelle grande Conde , cujo anhelo
 Foy terror bellicoso já do Hispano ,
 E depois gloria insigne do Carmelo :
 A quem no Augusto timbre Soberano ,
 De heroicos brios singular medelo ,
 Devem sempre offertar, para mais glorias,
 Os volumes annaes , o tempo historias.

XXXV.

De Fontes se seguia o generoso
 Marquez, que no seu tronco taõ fecundo,
 Insigne deo com timbre Magestoso
 Honras ao Reyno, admirações ao mundo:
 Arvore Regia , que brotou ditoso
 Luzimento de flores taõ profundo ,
 Que se verá do Tejo até o Idaspe
 Gravar-se em bronze, descrever-se em jaspe.

XXXVI. De-

XXXVI.

Deſte feſtejo foy participante (ſto,
De Alegrete o Marquez em tudo Augu-
Que dá por entendido, e por conſtante
A Pallas ſuſpenſoens, a Marte juſto :
Taõ grande em prendas, quanto relevante
Deve ſer ſeu louvor ; mas fora injuſto
Que coubeſſe na penna o nome altivo,
Para quẽ todo o mundo he breve archivo.

XXXVII.

Neſta pompa ſe achou com gloria ſũma
De Santa Cruz o Conde, na admirada :
Grandeza ſingular mais que nenhuma,
Deixando a Regia prole acreditada :
Pois ſem que o tempo avaro lhe conſuma
De ſeus timbres a gloria ſublimada,
Dos Mafcarenhas a excellencia altiva
Illuſtre exalta, e Soberano aviva.

XXXVIII.

Caprichoſo brilhava o Regio Conde
De Unhaõ naõ menos, realçado o herda
Inſigne luſtre, q̃ modesto eſconde, (do
Com briofas acçoens ſempre admirado :
Benigno eſpelho da Nobreza, donde
O timbre dos avós reverberado :
Moſtra em reflexos, que efficaz exprime,
Ser imagem de ſeus braçoens ſublime.

XXXIX. De

XXXIX.

De San Lourenço o Cõde preeminente
 Galhardia ostentou taõ venerada ,
 Que os respeitos inculca de eminente ,
 Tanto na discriçaõ , como na espada :
 Que muito se no sangue Regiamente
 Da ascendencia , que logra remontada ,
 Aprende para ser em toda a parte
 Se Mercurio na paz , na guerra Marte.

XL.

No meyo desta pompa por tributo
 O Conde da Ericeira venerado
 Do respeito mayor colhia o fructo ,
 Entre as flores do mais cortez agrado :
 Porèm todo o louvor he diminuto ,
 Merecendo em seu plectro ser louvado ,
 Pois he iõ com noticias taõ diffusas
 Mimo de Apollo , e credito das Musas.

XLI.

Naõ faltou neste obsequio decoroso ,
 Para tambem lhe dar bizarro augmento ,
 O Conde singular do Vimioso ,
 De Portugal illustre luzimento :
 Para expôr seu capricho respeitoso
 Precisas saõ da Fama as bocças cento ,
 Ou do mundo as distancias superiores ,
 Para serem volume a seus louvores.

XLII. Da

XLII.

Da mesma fórte se ostentou luzido
O Conde de Redondo, com decentes
Caprichos exaltando esclarecido
A gloria dos illustres ascendentes :
Cujó insigne decoro ennobrecido,
Como digno de encomios eminentes,
Devia ser assumpto no que admira
Do Thracio plectro, da Thebana lyra.

XLIII.

Igualmente respeitos merecia
De Coculim o Conde nos primores
Com que illustrava a herdada Fidalguia
O resplendor de seus progenitores :
Porque sendo a garbosa bizarria
Esmalte superior dos pundonores,
Nelle se via competir ufano
Tanto o luzido, como o Soberano.

XLIV.

Nesta propria Real sumptuosidade
De Santiago o Conde se diviza,
Condecorando a Regia qualidade
Tantos meritos altos, que eterniza :
Sem que nunca affustasse a gravidade
Da decorosa estimaçãõ preciza,
A todos inculcava sublimado
Naõ sómente respeito, mas agrado.

XLV. O

XLV.

O Conde Soberano de Pombeyro
 Também vinha com brio generoso,
 Fazendo nos agrados verdadeiro,
 Quanto fora em Narciso fabuloso:
 Mas como defestima o lisongeiro
 Vulgar applauso, sempre decoroso,
 Melhor se lhe attribue o ser no lustre
 Gloria do grave, e resplandor do illustre.

XLVI.

Juntamente esse Conde, que na idade
 Juvenil taõ magnanimo promette
 O fructo de prudente gravidade,
 Sendo flor do mais inclyto Alegrete:
 Pois collocando a fama a immensidade
 De tantos timbres, sobre os globos sette,
 Fará, por se escreverem verdadeiros,
 Pennas dos rayos, tinta dos luzeiros.

XLVII.

Gravemente tambem de Valladares
 O grande Conde sublimando vinha
 As altas preeminencias Titulares
 Já de Villa Real, já de Caminha:
 Herdeiro das grandezas singulares
 De taõ Regios braçoens, Augusta linha,
 Em decoros illustres, com que a fama
 Marquezes celebrou, Duques acclama.

XLVIII. Du-

XLVIII.

Duplicava em festejo taõ pomposo
O illustre Mello as glorias excellentes,
Monteyro Mór do Reyno, e decoroso
Paradygma de Regios ascendentes:
Em cujo excelso sangue generoso
Concorrem tantos meritos prudentes,
Que faz q̃ em seu capricho ingenuo seja
Aggravo a adulaçaõ, encomio a inveja.

XLIX.

Finalmente, assistiaõ com cuidado
Diogo de Mendoça, que os secretos
Oraculos attende do Alto Estado,
Archivo sendo dos Reaes Decretos:
Por naseimento illustre taõ louvado,
Quanto excessivo nos leaes affectos,
Com q̃ o Regio serviço observa amante,
Argos prudente, e Lynce vigilante.

L.

Do Crime alli da Corte o veneravel
Corregedor tambem luzio plauzivel,
Douto Brochado, em letras admiravel,
Se em rectas equidades inflexivel:
Fazendo em seu respeito inseparavel
Da Nobreza a sciencia indefectivel,
Porque nelle se vejaõ juntamente
Capricho illustre, erudiçaõ prudente.

LI. Gual-

LI.

Gualter de Andrada Rua, q̃ no ago.
 Com que serve a seu Rey taõ cuidadoso,
 Inda que alguem o imite no extremado,
 Nenhum pôde excedê-lo no extremo so ;
 Pois sendo pelas prendas venerado,
 Pela illustre aicendencia generoso,
 Lhe daraõ por subir ás ditas todas,
 A fama as azas, a fortuna as rodas.

LII.

Nesta pompa, que illustre se applaudia,
 Rebello insigne fez nobre assistencia,
 A cujo zelo activo pertencia
 Desta jornada a Regia providencia :
 Da Camara Porteyro, em quem se via
 Memoravel a heroyca diligencia
 Com que a conduzir do Imperio fora
 A Germanica Flor, Cesarea Aurora.

Entra pela porta do Sol Sua Magestade , visita a Igreja Matriz , e recolhe-se no Palacio.

OBSERVAÇAM V.

I.
ENtrava, pois, com Magestoso Estado
 O sublime Monarcha taõ luzido ,
 Que entre o preciso amor de venerado
 Merecia os encomios de applaudido :
 Attrahindo com seu benigno agrado
 Dos Vassallos o sequito subido ,
 Eraõ de seus affectos os quilates
 Agradaveis Magnetes dos Magnates.

II.

Na dourada regiaõ , que o Sol matiza,
 De alegres pompas repetindo ensayos ,
 Para ser com belleza taõ precisa
 Copia de adornos , lámina de rayos :
 Gosto taõ singular se naõ diviza ,
 Animando das flores os desmayos ,
 Que a noite com desdouro mostra injusto
 Mortas do assombro , pallidas do susto.

III. Quan-

III.

Quanto lograva , sendo recebido
 O Veneravel Rey , com tanto zelo
 Do fervoroso affecto repetido
 Do nobre applauso , popular desvélo :
 Decente acclamação , se não devido
 Alto cortejo do excessivo anhelos ,
 Com que amante Setuval lhe declara
 A mais firme afeição , fineza rara.

IV.

Este foy Regiamente o mais glorioso
 Memoravel troféo , que se divulga ,
 Pois vence o luzimento decoroso ,
 Que a fama em tantos seculos promulga :
 Nos eternos encomios de famoso ,
 Entre todos por celebre se julga ,
 Vencendo quantos foraõ com vaidade
 Gloria do mundo , admiração da idade.

V.

Mas toda esta grandeza , que se apura
 Na memoria dos annos successiva ,
 Ou parece sofistica pintura ,
 Ou se inculca sonhada perspectiva :
 A' vista da eminente gloria pura ,
 Com que Setuval taõ zelosa aviva
 O seu constante amor , quando empenhada
 Celebra do seu Rey a Augusta entrada.

VI. Hum

VI.

Hum ginete montava taõ brioso ,
Que, se naõ lhe domára o forte alento,
Fora no impulso da carreira ayroso
Vivente rayo , arrebatado vento :
Sepára altivo , inculca por vistoso
Tal garbo , suspendendo o movimento ;
Que , revendo-se em si , parece astuto
Nas ondas do suor Narciso bruto.

VII.

Era purpurea a galla , que vestia ,
Cujõ nacar vencer a luz pudera ,
Que prologo se inculca de alegria
No livro illustre da dourada esfera :
Ou de Venus a flor , que a galhardia
Augmenta da fragrante Primavera ;
Porque excedia , sem temer desmayos ,
Da rosa os brios , e da aurora os rayos.

VIII.

Mostrou no Regio aspecto taõ luzida
Gentileza , que a muitos na verdade ,
Naõ sendo a Magestade conhecida ,
Fez logo conhecida a Magestade :
Pois na presença Imperiosa unida
A graça á relevante gravidade ,
No sublime infundia , e no perfeito
Garboso agrado , e singular respeito.

H

IX. Dos

IX.

Dos olhos tantas luzes superiores
 Engraçado influio nas faces bellas ,
 Que se uniaõ com summos resplandores
 Lindas as flores , graves as estrellas :
 Se bem que o Sol absorto nos candores
 Que admirava no jubilo de vellas ,
 A tanto Regio fulgor , que se assignalla ,
 Prostrava a pompa , submettia a galla.

X.

Com tão vistoso Pállio se cobria
 A presença Real , que motivava
 No respeito galhardo , que infundia ,
 Decoro superior com que admirava :
 Que , como a Magestosa bizarria
 Tantos affombros icintillante dava ,
 Fazia na magnífica grandeza
 Luzida a graça , ayrosa a gentileza.

XI.

As Varas , que este Pállio sustentava ,
 Foraõ com moltras de excessivo agrado
 Repartidas , conforme lhes tocavaõ ,
 Pelas nobres pessoas do Senado :
 Que , como neste dia festejavaõ
 Hum gosto summamente requintado ,
 No empenho de alegria tão notoria
 Passava a mesma dita a ser vangloria.

XII. Ti-

XII.

Tinha o lugar primeiro o venerado
Presidente , e Juiz sempre applaudido ,
Tanto pela Nobreza respeitado ,
Quanto pela sciencia engrandecido :
Que, com graves acções, tendo illustrado
Dos Salemas o tronco conhecido ,
Promette a fórte aos seus merecimentos
Ditofas honras , prosperos augmentos.

XIII.

No segundo lugar tinha igualdade
Mattheus da Silva, que tambem se preza
De exaltar com decente gravidade
O venerado timbre da Nobreza :
Naõ menos Frias , dando á qualidade
Da sublime Familia mais grandeza ,
Este applauso augmentava ennobrecido ,
Tanto no ayroso , como no luzido.

XIV.

Seguia-se entaõ Costa , que brioso
Igual aos outros nos caprichos era ;
Martim Domingues Banha respeitoso
Na nobre obrigação com que nascera :
Tambem Pedro da Rosa , que zeloso
Do publico interesse se venera ,
Mostrando cada hum no grave aspecto
Vangloria especial , gosto sellecto.

XV.

Por hum , e outro lado se admiravã
 A grandeza dos Titulos mayores ,
 Que do seu Regio Sol , que scintillava ,
 Recebiaõ lustrosos resplandores :
 Tantos rayos na esféra não lograva
 A belleza dos astros brilhadores ,
 Quantos nesta occasiaõ yibrava ayrosa
 Do Regio rosto a vista generosa.

XVI.

No meyo dos illustres Cavalheiros
 Luzia o grande Rey com pompas bellas,
 Como insigne Planeta entre os luzeiros ,
 Como brilhante Sol entre as estrellas :
 Com jubilos o Povo verdadeiros ,
 Rompendo dos silencios as cautellas ,
 Em frequentes tumultos de alegria
 Vivas lhe dava , applausos repetia.

XVII.

De taõ sublime pompa acompanhado ,
 Para a Igreja Matriz foy dirigido ,
 Em cujo altivo pórtico elevado
 Outro Pállio lhe estava apercebido :
 Sendo nelle com gosto avantajado
 Do Clero dignamente recebido ,
 Seu Capellaõ Mayor taõ generoso
 Agoa benta lhe offerta obsequioso.

XVIII. O

XVIII.

O Veneravel Cunha , em cuja illustre
Clara estirpe com merito profundo
Se admira o timbre do mais Regio lustre,
Que applaude a fama, e reconhece o mun-
Dos caprichos espelho sã deslustre (do:
De esmaltes generosos taõ fecundo ,
Que ás Casas de mais alta Jerarchia
Une Grandeza , e dá Soberania.

XIX.

Taõ digno da mayor sublimidade ,
Quanto nas prendas se exaltou mayores ,
Augmentando na illustre qualidade
Os decoros de seus Progenitores :
Sendo a Suprema Augusta Dignidade
De Inquisidor Geral nos superiores
Progressos da virtude mais preclara
Presagio certo da mayor Tiara.

XX.

Pelo meyo da Igreja , que excellente ,
Pela copia de luzes taõ flammante ,
Fazia emulaçãõ resplandecente
A belleza dos astros scintillante :
Entre o concurso da admirada gente ,
A' Capella Mayor foy relevante ,
Primeiro reflexãõ fazendo attento
Ao Altar do Divino Sacramento.

XXI. He

XXI.

(fo,

He este grande Têplo o mais sumptuo-
 Que com Regio dispendio foy fundado,
 Pelo nobre artificio portentoso,
 Quanto pela grandeza celebrado:
 Pois para se exaltar mais decoroso
 A' Senhora da Graça he consagrado,
 Que, sem de Adaõ sentir mortal desgraça,
 He Joya da pureza, e Sol da Graça.

XXII.

Depois que a sua Veneravel Ara
 O Monarcha admirou taõ reverente,
 Piedoso expondo a devoçaõ preclara
 De seu zeloso amor, impulso ardente:
 Foy levado outra vez com pompa rara
 Do applauso universal de toda a gente,
 E debayxo do Pállio recebido
 Amplificou no excelso o mais luzido.

XXIII.

Com a propria grandeza do apparato,
 Que lhe assistia com desvêlo amante,
 Qualificando neste obsequio grato
 O timbre heroico de hũ fervor constante:
 Pelas ruas, que mais lustroso ornato
 Ostentavaõ, no alinhio relevante,
 Foy dando ayroso com galhardo asseyo
 A' vista admiraçaõ, ao gosto enleyo.

XXIV. Que

XXIV.

Que concha se mostrou nos matutinos
Agradaveis crepúsculos da aurora , (nos
Quão enclaustra entre os nacares benignos
Crystacs q̄ exhala , e lagrimas que chora:
Tão rica dos thesouros peregrinos
Na Gangetica margem donde mora ,
Que igualemente seus aljofares no preço
Tão Regio garbo, tão sublime excessão?

XXV.

Que rosa madrugou no viridante
Hemisferio do prado refulgente ,
Sendo cometa de ambar scintillante ,
Ou luzeiro de nacar florescente :
Que da galla , que veste tão galante ,
Não desalinhe a purpura luzente ,
Se acaso competille a bizzarria
De tanta galla , e tanta galhardia?

XXVI.

He certo que a sublimè gentileza ,
Que se admira no Regio luzimento ,
Excedendo os applausos da lindeza ,
Sem ser encomio mostra ser portento :
Assim sem se jactarem da belleza ,
Que lhe serve de tão lustroso augmento ,
Sujeição lhe tributaõ conhecida
A concha bella , a rosa presumida.

XXVII. Os

XXVII.

Os sonoros clarins , que se alternavaõ ,
 Taõ doce consonancia produziaõ ,
 Que se na guerra os brios despertavaõ ,
 Os sentidos entãõ adormeciaõ :
 Nas cadencias alegres , que formavaõ ,
 Acordes entre si se competiaõ ,
 Porque nos éccos do canóro assento
 Se suspendia o ar , parava o vento.

XXVIII.

Naõ cessavaõ da alegre melodia
 No proprio tempo as muitas charamellas,
 Motivando na harmonica energia
 Suaves recreaçoes , delicias bellas :
 Dos vivas repetidos a porfia
 Penetrava nos éccos as estrellas ,
 Dos sinos atroou o estrondo ufano ,
 Tremeo Neptuno , e fulminou Vulcano.

XXIX.

Com furor duplicavaõ repetido
 As Fortalezas seu estrondo usado ,
 Estremecer fazendo no bramido
 De Thetis o ceruleo principado :
 Retrocedeo , confusa do ruido ,
 A corrente do nosso patrio Sado ,
 Fugindo com mais tímida efficacia
 Para a Colonia antiga de Salacia.

XXX. Das

XXX.

Das janellas , e ruas , que a vaidade
Popular adornou com tanto alinho ,
Só de applausos se ouvia a immensidade ,
Com grave affecto , singular carinho :
Por toda a parte , adonde a Magestade
Soberana fazia seu caminho ,
Soavaõ juntos com geraes agrados
Do gosto os éccos , da alegria os brados.

XXXI.

No vario giro , que o discurso attento
Nos seculos antigos tem notado ,
Obsequio não se vio mais opulento ,
Festejo não se achou mais sublimado :
Nem Roma teve igual contentamento
No tempo dos seus Cesares passado ,
Que emular talvez possa na alegria
Taõ plausivel funçaõ , taõ Regio dia.

XXXII.

Os Cavallos do Estado numerosos
Conduziaõ serventes bem luzidos ,
Com féllas , e telizes muy preciosos ,
De ouro , e prata sendo guarnecidos :
Entre brilhantes circulos lustroios ,
Com primorosa fabrica tecidos ,
Gravadas vinhaõ com decoro justo
As Sacras Armas do Monarcha Augusto.

XXXIII. Já

XXXIII.

Já no Real terreiro este admiravel
 Decoroso triunfo se encontrava ,
 Adonde estava gente innumeravel ,
 Por ver o fim do applauso, que esperava :
 Mostrando-le o Monarcha muito affavel,
 No respectivo agrado , que indicava ,
 Do Cavallo desceo com Regio modo ,
 Roubando os olhos do concurso todo.

XXXIV.

Da Ordenança da Praça o Regimento,
 Que alli se achava muito bem formado ,
 Duplicando da festa o luzimento,
 Tres salvas deo com methodo ajustado :
 Do ruido ficou confuso o vento ,
 O ar do fumo se ostentou turbado ,
 Os meninos , que os éccos observáraõ ,
 Tristes generaõ , trémulos choráraõ.

XXXV.

De guarda entrou com sua Companhia
 Na porta Augusta do Palacio Regio
 O Capitaõ Francisco de Faria ,
 No timbre altivo, na Nobreza egregio :
 Joaõ Peres de Maceõ em outro dia ,
 E nos mais teve o proprio privilegio ,
 Mostrando insigne sublimado lustre ,
 No brio singular , no sangue illustre.

XXXVI. Tan-

XXXVI.

Tanto q̃ entrou no Paço o Rey zeloso
Foy fazer Oraçaõ logo á Tribuna ,
Fundando neste affecto taõ piedoso
O bom successo da mayor fortuna :
Esta exemplar acçaõ muy generoso
Na hora repetio mais opportuna ,
Em quanto se deteve , cada dia ,
Com grave devoçaõ , summa alegria.

XXXVII.

Que sã buscar-se a Deos nunca he possi-
Que se logre ventura favoravel , (vel
Que do seu grave arbitrio incõprehẽsivel
Depende todo o bem mais estimavel :
De taõ Suprema luz indefectivel ,
Como Divina causa inexplicavel ,
Resulta o summo augmento desejado
Do grande Imperio, Augusto Principado.

XXXVIII.

Que debil ave romperia os ares ,
Que rude fêra o bosque mais violento ,
Que leve peixe os inconstantes mares ,
Que atrevido baxel o dubio vento :
Que gosto naõ teria os seus pezares ,
Que allivio naõ chegara a ser tormento ,
Sem favor da Celeste Providencia
Deste increado Bem , Divina Essencia.

XXXIX. Mal

Mal pôdem referir os seus louvores
 Do ethereo globo as bellas luminarias,
 Por mais que se convertaõ seus fulgores
 Em vozes naturaes, em linguas varias:
 Nem menos os rhetoricos primores
 Das artes ao discurso tributarias,
 Pois naõ pôde explicar, por Soberano,
 Applauso taõ Divino engenho humano.

XL.

Nem o descreve o Sol, porq̃ succinctas
 Se julgaõ tantas reflexoens serenas,
 Ou ja das luzes se fizessem tintas,
 Ou ja dos rayos se apparassem pennas:
 Inda as cores, que fórma Abril distinctas,
 Entre as delicias da fragrancia amenas
 Saõ sombras; porq̃ estaõ seus resplandores
 Vencendo as luzes, excedendo as flores.

*Referem-se outras sublimes ac-
ções de Sua Magestade até
partir para a Corte.*

OBSERVAÇAM VI.

P Izava Cynthia com ligeiro curso
O cume altivo do nocturno emporio ,
E das sombras o funebre concurso
Roubava as luzes com rigor notorio :
Quando o Monarcha , para mais recurso
Do descanso no seu reclinatorio
Buscava nos allivios do socego
Do doce somno o natural emprego.

II.

He o somno delicia lisonjeira ,
Feitiço doce , saboroso alento ,
Labyrintho , em que fica prisioneira
A fórma do corporeo movimento :
Remora , que suspende a mais ligeira
Subtileza do vago pensamento ,
Veloz respiração , caricia leve ,
Descanço fugitivo , allivio breve.

III. Ape-

III.

Apenas nestes vinculos propicios,
 Recreyos naturaes da humanidade,
 Das viventes acçoens os exercicios
 Prendia nos grilhoens da suavidade:
 Ficando na carencia dos officios
 Racionaes suspendida a liberdade,
 Adulçaõ do gosto appetecida,
 Tregoa da alma, parenthesis da vida.

IV.

Quando ja na Celeste Monarchia
 A aurora nös crepusculos primeiros
 Alviçaras pedio de que nascia
 Infante o Sol em berço de luzeiros:
 Carácterès dourados lhe escrevia
 No livro de Zafir taõ lisonjeiros,
 Que puderaõ fingir-se em seus ensayos
 Letras de luzes, syllabas de rayos.

V.

De gallas o Planeta revestia
 O pálido temor dos Orizontes,
 Dourando com brilhante galhardia
 Os verdes valles, os altivos montes:
 Desfatavaõ com prodiga alegria
 Seu crytal fugitivo as claras fontes,
 E dos rios os impetos nevados
 Corriaõ selvas, discorriaõ prados.

VI.

Sahiaõ neste esplendido recreyo
Ufanas celebrando allivio tanto ,
As flores do seu claustro para enleyo ,
As aves do seu ninho para encanto :
Humas mais alinhando o grave asleyo ,
Outras mais affinando o doce canto ,
Por serem taõ luzidos resplandores
Mimo das aves , jubilo das flores.

VII.

Neste tempo se tinha levantado
Do aureo leito o Rey , porque deseja
Visitar outra vez o seu cuidado
Do Senhor do Bom Fim a illustre Igreja
Seu piedoto desvélo anticipado
Nãõ soffre intermissãõ , para que feja
Neste deassocego taõ discreto
Mais grave a devoçaõ, mais fino o affecto.

VIII.

De Domingo era o dia , e preparado
O Magnifico fasto ennobrecido
Sahio galhardo com lustroso estado ,
Dos Augustos Infantes assistido :
De pomposo concurso sublimado
De illustres Cavalheiros-foy seguido ,
Da Praça os bronzes glameráraõ logo
Nuvens de fumo com trovoens de fogo.

IX. Hum

IX.

Hum Ginete feroz com summa galla
 Reduzia a brandura facil logo,
 Pois quando ardente tanto fogo exhála,
 Sabia em que parava tanto fogo:
 Do estímulo dourado, que assigná-la,
 Não resultando hum breve defafogo,
 Faz que ordenando circulos perfeitos
 Inda hũ bruto lhe observe os seus precei-

X.

(tos.

Ja se achava no alegre campo ameno,
 Que do Anjo da guarda o nome gofa,
 Que no verdor, que o Ceo lhe dá sereno,
 He del plantas républica frondosa:
 De flores guarnecido o seu terreno
 Lhe formava alcatifa taõ vistosa,
 Que da Asia excedendo a mais decente,
 Natural parecia a florescente.

XI.

Entrou na Igreja, e logo reverente
 Do Senhor adorando a Imagem pia,
 Lhe supplicava com desejo ardente
 Que augmentos desse á Lusa Monarchia:
 Em seu devoto Altar resplandecente
 A Missa ouvio, com publica alegria
 De quantos viraõ neste sacrificio
 Seu Regio zelo, seu fervor propicio.

XII. De

XII.

De devoção taõ grande a gente fórma,
Para imitá-la, singular conceito,
Que sempre todo o Reyno se refórma
Pelo exemplo do Principe perfeito:
Concluida a funcão, na mesma fórma;
Exaltando as grandezas do respeito,
A Palacio se foy, dando-lhe o Povo
Solemne acclamação, obsequio novo.

XIII.

Mas quando do seu throno já descia
O Principe dos astros luminoso,
Outra vez no Cavallo se subia
O Monarcha dos Lusos generoso:
Alegre a tarde, e socegado o dia,
Allivio lhe offertava deleitoso;
Sahindo logo do Real terreiro
Buscou da praya o sitio lisonjeiro.

XIV.

Junto á muralha nova se dilata
Em prolongada fórma este passeyo,
Servindo extenso na planicie grata
De alegre diversão, gentil recreyo:
Porém mais aprazivel se retrata
Pelo famoso Caes, que tem no meyo,
Em que se vê fundada com grandeza
Huma bem prevenida Fortaleza.

XV.

De frente deste Caes já preparados
 Os bergantins estavaõ taõ galantes,
 Que nos crystaes do rio liquidados
 Puderaõ ser Narcisos por flammantes :
 Embarcou-se ; e rompendo accelerados
 As prateadas ondas espumantes ,
 Se avistou com derrota favoravel
 Da barra o propugnaculo admiravel.

XVI.

Apenas entrou dentro o Soberano
 Poderoso Monarcha , quando logo
 O salitrado genero tyranno
 Colericos trovoens moveo de fogo :
 Nereu , temendo algum sinistro damno ,
 Se affligio , sem que admitta defafogo ,
 As bálas sendo , com que o mar se altera,
 Rayos ardentes de Mavorcia esfera.

XVII.

Está na barra deste rio undoso
 Esta Torre , que ardia em vivas fragoas,
 Defendendo o perigo mais forçoso ,
 Dominadora das ceruleas agoas :
 A qualquer inimigo cauteloso
 Faz sempre retirar lentindo magoas ,
 Porque a todo o baxel com grande injuria
 he impede a entrada, lhe castiga a furia.

XVIII. Dan-

XVIII.

Dando-lhe a Torre falvas não menores,
Sepassou para a Troya delejoso ,
Que habitada ja foy de pescadores ,
Hoje inculto lugar , isthmo arenoso :
Deixádo o mais côcurso entre os fervores
Da caça , que anhelava cobiçoso ,
Huma Igreja foy ver alli fundada ,
A' Senhora da Troya dedicada.

XIX.

Digno exemplo de ser muito imitado ,
E só do Regio zelo bem seguido ;
Pois das cousas Divinas o cuidado
A todo o mais cuidado he preferido :
Chegada a noite , do soberbo Sado
Outra vez o crystal foy dividido ,
Entrando no Palacio com vaidosas
Repetiçoens de salvas estrondosas.

XX.

Segunda feira de manhã curioso
Foy ver com Regias pompas assistido
O Templo do Baptista portentoso ,
Pela Casa de Aveiro ennobrecido ;
E passando outra vez pelo formoso
Campo , que a fonte ostenta tão luzido ,
Visitou , dando a todos grande exemplo ,
Do Senhor do Bom Fim o illustre Téplo.

XXI.

E como se mostrava desejofo
 Das novidades , que observava attento ,
 Não quiz deixar de ver o Religiofo
 De Brancanes magnifico Convento :
 Edificio na fabrica vistoso , (mento
 Que alli mandou fundar com grande aug-
 Seu Soberano Pay , em toda a idade
 Gloriofo assumpto de immortal saudade.

XXII.

Não longe desta Praça se diviza
 Este Convento em bella amenidade ,
 Sendo nas plantas , com que se matiza ,
 Retiro alegre , umbrofa soledade :
 Na observancia da Regra tão precisa
 Archivo da perfeita Santidade ,
 Palestra , em que se estuda justamente
 A fórma austerá , a vida penitente.

XXIII.

O Templo tambem vio, q̃ he celebrado
 Pelo grave artificio peregrino ,
 Com devoção tão Regia consagrado :
 Ao doce nome de Jesus Divino :
 Em cujo Coro assiste o Venerado
 Seraphico Congresso tão benigno ,
 Louvando sempre a Deos o tempo todo
 Com sacro estylo , e recoleto modo.

XXIV. De

XXIV.

De San Filippe vio com brevidade
O Castello admiravel pelo invento,
Que sempre a nunca vista novidade
Naõ deixa de causar divertimento:
Na elevada de hum monte extremidade
Esta fabrica tem seu fundamento,
Bélico asylo do bifronte Jano,
Classe de Marte, escola de Vulcano.

XXV.

Hum theatro lhe tinha prevenido
De tarde o Nobilissimo Senado,
De excellentes adornos guarnecido,
Para os Touros se verem, destinado:
O terreiro do Paço foy luzido
Para o mastro lugar determinado,
Cuja bandeira, com vanglorias dignas,
Sendo quadrada, tinha cinco Quinas.

XXVI.

Hum janella no Palacio estava
Revestida de adornos relevantes,
Em que o galhardo luzimento dava
A todo o garbo invejas scintillantes:
Nella o Monarcha Augusto se ostentava
No meyo dos altissimos Infantes,
A cujo Throno o Cavalleiro attento
Tributou seu devido rendimento.

XXVII. Hum

XXVII.

Hum galhardo Cavallo reprimia
 Com taõ fogosa intrépida jaçtancia ,
 Que Real nos seus brios parecia
 Pelos garbos soberbos da arrogancia :
 Buscava hum Touro , e vendo que fugia ,
 Por nelle presumir gentil constancia ,
 Quando apenas da espada fez alarde ,
 Sendo valente lhe cahio cobarde.

XXVIII.

Outro logo sahio taõ cauteloso ,
 Pelos furores , que fingia vario ,
 Que a seus pés lhe morreo por temeroso ,
 Quando mais se inculcava temerario :
 Naõ menos outro se lhe oppôs fogoso ;
 Mas querendo mostrar-se por contrario
 Com seu rojaõ o mata resoluto ,
 Que quẽ discreto he naõ soffre hũ bruto.

XXIX.

Depois deste , com mais feroz denodo
 Outro se vio correr dissimulado ,
 Que ladraõ parecia no seu modo ,
 Por quanto muitas capas tem roubado :
 O Toureiro lhe dava alli de todo
 A sua , por ter mescla de encarnado ,
 Mas deixando-a, mostrou q̃ quãdo a perde
 Naõ gosta do encarnado , mas do verde.

XXX. Mui-

XXX.

Muitas danças na Praça se admiravaõ
Na vagancia em q̃ os Touros naõ sahiaõ,
Doçura as charamellas excitavaõ ,
Os clarins melodia diffundiaõ :
E se os Touros talvez quando fogavaõ ,
A colera bastante naõ moviaõ ,
He que o respeito Regio da grandeza
Lhes fez perder a natural fereza.

XXXI.

Inda na Praça se corria hum Touro,
Quando com grande pópa acompanhado
O Monarcha sahio , sendo hum thesouros
De heroicas perfeições , de excelso agrã-
Hum ginete opprimindo, q̃ desdouro (do;
Era entãõ do Bucephalo affamado ,
Buscou a praya , para mais recreyo ,
Sitio vistoso , singular pa Teyo.

XXXII.

Vio do Caes a importante Fortaleza ,
Das Fontainhas o bairo taõ lustroso ,
Do novo muro a regular grandeza ,
De San Braz o retiro deleitoso :
Em cuja alegre praya com destreza
Galharda escaramuça fez ayroso ;
Porèm chegadas as nocturnas horas
Entrou no seu Palacio sem demoras.

XXXIII. Na

XXXIII.

Na Terça feira apenas no Oriente
 Madrugou de Thitaõ a amada esposa,
 A caçar se partio com muita gente
 Na espessura da Arrabida fragosa :
 Multidaõ de Veados foy decete
 Despojo desta empreza taõ gostosa,
 E já de noite , pelo alegre effeito,
 Se retirou do allivio satisfeito.

XXXIV.

Era naquella noite confagrada
 Do Baptista a Santissima memoria,
 Da gente desta Praça festejada
 Com plausivel fervor , notavel gloria :
 Toda a rua em fogueiras illustrada
 Competencia ás espheras faz notoria,
 As Damas em concurios mais amigas
 Lhe entoaõ sempre celebres cantigas.

XXXV.

Mandou o grande Rey que se fizessem
 No seu terreiro tres fogueiras bellas,
 Que tres meços da Camara viessem
 Cõ tres tochas nas mãos logo accêdê-las :
 Elles fazendo ; quando lhe obedecem,
 Tres graves cortezias ás janellas,
 As luzes lhe applicáraõ sem dispendio,
 Cresceo o fogo , e parecia incendio.

XXXVI. Em

XXXVI.

Em toda aquella noite não cessavaõ
De cantar os concursos femininos,
Porque junto do Paço lhe formavaõ
Em doces vozes cantos peregrinos:
As muitas luminarias duplicavaõ
As lisonjas de applausos taõ benignos,
Porque em todas as noites sempre bellas
As luzes excederaõ das estrellas.

XXXVII.

Como seus éccos duplicavaõ logo
Os sinos, toda a gente prezumia
Que se tocava certamente a fogo,
Quando com luzes toda a terra ardia:
Mas ainda que o bello deza fogo
Das luzes toda a sombra desfazia,
Cada janella entaõ por alinhada
Não deixava de estar bem affombrada.

XXXVIII.

O Ceo as próprias luzes emprestava
A' terra, porque em tanta galhardia,
Mais que terra festiva, que brilhava,
Pereceo Firmamento, que luzia:
Nos muitos resplandores, que ostentava
Luminosas estrellas descubria,
Prezumindo na grata pompa bellas
De muy ditosa ser com tanta estrellas.

XXXIX. Obri-

XXXIX.

Obrigada do grande affecto amante ,
 Com que tanto explicou contentamento ,
 Desejou neste empenho relevante
 Sahir á luz com tanto luzimento :
 Na bella galhardia scintillante ,
 Distinguir nunca pode o pensamento
 Quem mayores applausos merecia ,
 Se alegre a noite , se vistoso o dia .

XL.

Sem duvida se foraõ competindo
 As luzes , entre si resplandecendo ,
 Porque todas se estavaõ consumindo ,
 Por irem cada instante mais ardendo :
 Porque como se vio tanto luzindo
 A noite , bem se estava conhecendo ,
 Que , sendo feya , nesta acçaõ pomposa
 Tambem logrou tres dias de formosa .

XLI.

Mas nesta universal celebridade ,
 Que tanto allivio deo no defafogo ,
 Se seguia do fogo a novidade ,
 Pois das luzes tambem resulta o fogo :
 Porque os foguetes tinhaõ tal vaidade ,
 Que , por causa dos fumos , foraõ logo
 A terra desprezando entre estallidos ,
 Subindo para o Ceo por presumidos .

XLII. Mas

XLII.

Mas como sóbem com galante traça ,
Do fogo da soberba levantados ,
Mostravaõ que naõ lograõ muita graça ,
Por se verem do Ceo precipitados :
Muitos delles , sentindo esta desgraça ,
Do seu mesmo rigor desesperados ,
Diante da gente alli , que estava vendo ,
Cahiraõ , muitas lagrimas vertendo.

XLIII.

Alguns, por se livrarem desta affronta,
Fugindo para as nuvens mais quietas ,
Constrangidos da cauda, que os remonta,
Pareciaõ da esféra ser cometas :
Porèm outros tambem de menos conta
Os pés buscando , como agudas settas ,
Por nelles motivarem seus pezares
Vinhaõ logo correndo pelos ares.

XLIV.

Outros muitos talvez, que presumiaõ
De soberbos , no alento que mostravaõ ,
Quando elevados para o ar subiaõ ,
Entre si de arrogantes rebentavaõ :
As fôgosas violencias lhes serviaõ
De ruidoso furor, com que estallavaõ ,
Causando nas tres noites sempre a todos
Alegre allivio por diversos modos.

XLV. Es

XLV.

Este obsequio se fez por diligencia
 Do mais claro exemplar da ingenuidade;
 Cabedo insigne, em cuja intelligencia
 Mais se realça a antiga qualidade:
 Se bem que com garbosa competencia,
 De qual merece ter mais gravidade,
 Contendem no seu genio egregiamente
 O brio illustre, o merito excellente.

XLVI.

Porém como não duraõ muitos dias
 Os allivios felices com firmezas,
 Porque costumaõ ser as alegrias
 As vespervas mais proprias das tristezaas:
 Já Setuval chorava as tyrannias
 De huma grande saudade, nas certezaas
 De que o ditoso Rey com fausta sorte
 Pertendia auzentar-se para a Corte.

XLVII.

Era chegado o dia venturoso
 Do Sagrado Baptista incomparavel,
 Quando logo sahio taõ Magestoso
 Do Palacio com sequito admiravel:
 Castigava hum Ginete, que animoso
 Era injuria do vento mais notavel,
 Sendo, porq os caprichos não transmigre,
 Nos impulsos Leão, nas furias Tigre.

XLVIII. Os

XLVIII.

Os finos deraõ mostras harmoniosas,
Os bronzes muitas salvas incendidas,
As charamellas vozes sonoras,
Os clarins consonancias repetidas:
Duplicando alegrias taõ gostosas,
Confirmavaõ vanglorias applaudidas,
Tudo junto fazendo citrondos dignos,
Charamellas, clarins, bronzes, e finos.

XLIX.

Já no campo se achava, em que diviza
Do Senhor do Bom Fim a Hermida Sãta,
Cujo Altar, que de luzes se matiza,
Amante busca com fineza tanta:
Mostrando effeitos de afeição preciza,
Prostrado adora a Imagem Sacrosanta,
Depois na Missa, que devoto attende,
Rogos lhe exprime, supplicas lhe expêde.

L.

Tanto que a devoção foy concluida
De taõ solemne Missa, sem demora
Lhe foy beijar a maõ toda a luzida
Nobreza, que a Setuval condecora:
Usando da clemencia sempre unida
A' Regia elevação dominadora,
Se auzentou com sincera gravidade,
Deixando a todos com geral saudade.

LI. Sa.

LI.

Sahindo da bellissima Capella ,
 Que estava ornada com decete allinho ,
 Sem nada se deter , para Palmella
 Dirigio generoso o seu caminho :
 O Senado , que a vista tanto anhela
 De seu Monarcha com gentil carinho ,
 Que em todo o Povo nobremente cresce ,
 As chaves desta Villa lhe offerece.

LII.

Com plausivel tambem solemnidade ,
 No Convento Real foy recebido ,
 Demonstraçãõ devida á Dignidade
 Do seu Gram Mestre, e Protector luzido:
 Daquella superior Comunidade
 Foy á Igreja no Pállio dirigido ,
 Em que recebe , porque mais se digne ,
 Agoa benta do seu Prelado insigne.

LIII.

He Dom Joseph Pereira de Lacerda
 Famoso em timbres, q̃ modesto encobre,
 Pois de ascendentes tão preclaros herda
 Familia grave , descendencia nobre :
 Que supposto que a inveja ingrata perda
 Nos meritos mais inelytos descobre ,
 A sorte lhe ha de dar, tẽ grãde empenho,
 Mayores honras a seu raro engenho.

LIV. Por-

LIV.

Porque este dia eternizado seja
Na memoria dos tempos mais perenne,
Lhe fez Pontifical na propria Igreja
Com Sacra ostentaçaõ, pompa solemne:
E porque nem tardança alli te veja,
Ou negligente incuria se condene,
Nas casas de Prelado taõ luzido
Da mesa estava o fasto prevenido.

LV.

Vindo o Monarcha excelsõ da precisa
Ceremonia da Missa preeminente,
Entrou na sala, donde se diviza
Setuval, e Lisboa claramente:
E tanto que a vontade se suaviza
Com manjares de fõrma diferente,
Para a Ponte da Telha caminhava
Com toda a Committiva, que levava.

LVI.

Porèm como naõ tem perseverança
Do mundo a mais feliz prosperidade,
Porque á grata lisonja da bonança
Se segue o triste horror da tempestade:
No caminho com subita mudança
O Ceo se revestio de obscuridade,
Frigida pedra os ares granizáraõ,
Trovoens se ouviraõ, raios se arrojaõ.

LVII. Con-

LVII.

Condensadas as nuvens desatavaõ
 Diluvios de chuveiros , que se viaõ ,
 Complicados os ventos conspiravaõ
 Contra as arvores fortes , que cahiaõ :
 Relampagos ardentes fulminavaõ ,
 Os Pólos em continuo fogo ardiaõ ,
 Os propios elementos tinhaõ guerra ,
 Soava o mar , estremecia a terra.

LVIII.

De nada se alterou o Athláte egregio,
 Que não póde temer algum traspasso
 Quem nasceo com sublime privilegio
 Grande no bérço , intrepido no braço :
 Porque a seu coração nos brios Regio
 He todo o mundo muito breve espaço ,
 Assim cahindo os rayos não se move ,
 Quemunca o invicto Marte teme a Jove.

LIX:

A? Ponte ja chegava : e socegado
 O mar de seu terrivel movimento ,
 Lhe ofertava em seu rio serenado.
 Feliz navegação , prospero vento :
 Entrou no bergantim , que o liquidado
 Penetrando diaphano elemento ,
 Chegou ligeiro com propicia sorte
 A's seis horas da tarde á illustre Corte.

LX. On-

LX.

Onde com glorias tão felices viva,
Que a teus pés se sujeite a furia brava
Da inconstante fortuna, por captiva,
Da intratavel inveja, por escrava:
E Cupido adorando a galla altiva
De tantas perfeições, lhe renda a aljava;
Porque a seu brio humilde se submetta
Sem força o arco, sem virtude a setta.

LXI.

Eu, que fuy atégora acompanhando
A Principes tão altos, discorrendo,
Seus vestigios illustres observando,
Para os ir nesta copia descrevendo
Tão relevante assumpto, ja deixando,
Vou os rasgos á penna suspendendo,
Porque mais dilatar-me não convinha
Deixo a Lisboa, e volto á Patria minha.

LXII.

Nesta terra com Regios pensamentos
Mandava o Rey fazer todos os dias
A pessoas honradas, e Conventos
Grandes esmólas, muitas obras pias:
Deixou para os Sagrados Ornamentos
Do Senhor do Bom Fim, que as regalias
Da Capella preservem sem desdouro,
Muy grande somma de moedas de ouro.

LXIII.

Gualter de Andrade Ruia era o secreto
 Esmoler , que estas obras ministrava ,
 A quem com Regio especial Decreto
 Taõ soberana commissaõ se dava :
 Por arbitrio de seu fervor discreto ,
 Subsídio taõ commum se dispensava ,
 A todos dando por diversos modos ,
 Porque conhece nesta terra a todos.

LXIV.

Assim se julga sempre agradecida
 A taõ zeloso amor , porque deseja
 Que nos augmentos, sendo a mais luzida,
 Sirvã ás mais terras de lustrosa inveja :
 De seu Porto a importancia conhecida
 Propôs ao grande Rey , para que seja
 Motivo para vir a visitá-lo ,
 Naõ sómente por vê-lo , mas honrá-lo.

LXV.

Elle foy Director desta jornada ,
 Que quiz fazer a Excella Magestade,
 Porque se viffe a industria bem traçada
 Com que o Rio tem mais capacidade :
 Pois do deslastre a fôrma exercitada
 Lhe resulta de tanta utilidade ,
 Que se livra de ser para desditas
 Hum monstro de cabeças infinitas.

LXVI. Dis-

LXVI.

Dispondo as novas Leys do Regimêto,
Com que o Direito do seu Saí se cobra,
Deo á Regia Fazenda mais augmento
Na sua direcção, notavel obra:
Correndo os annos, có mais justo intento
Se verá que o Commercio mais se dobra,
Devendo-se taó prospero recurso.
A seu bom zelo, e singular discurto.

LXVII.

Deſta Praça a grandeza mais honroſa
Sempre procura com fie l deſignio,
Que ſe póde chamar muy venturoſa,
Sómente por lograr ſeu patrocínio:
Taó nobre diligencia generoſa
De ſeu futuro augmento he vaticínio,
Devendo-ſe aclamar no amor piedoſo
Por Pay da Patria, e Protector zeloso.

LXVIII.

Esta he a copia, em fim, (ſe naõ me enga-
Da nunca viſta pompa ſublimada, no)
Com que o Luſo Monarcha Soberano
Fez em Setuval generoſa entrada:
Que impére Auguſto, que domine Ufano
Com propicio louvor, ſórte elevada,
Com plauſiveis troféos, perpetuas ditas,
Pompas immentas, glorias infinitas.

LXIX.

Assim permitta o Ceo , para que o veja
 Portugal com taõ prospera fortuna
 Ser Luz da Europa, Protecção da Igreja,
 De Africa Terror; da Fé Columna :
 E gozando das ditas, que deseja,
 Com forte a seus desígnios opportuna ,
 Exakte o seu louvor , que a Fama abona,
 De Pólo a Pólo , e de Zona a Zona.

LXX.

Seu nome acclame sempre victorioso
 Todo o Paiz , que o Sol tem manifesto ,
 Desde que nasce em thalamo formoso,
 Até que morre em tumulo funesto :
 E das armas , que logra venturoso
 Com tanta inveja do inimigo infesto ,
 Veja o Sacto pendaõ ser collocado
 Sobre as ruinas do Agareno ouzado.

LXXI.

Da Asia offerta , que o seu nome zela
 Benigno o Sol , e liberal a Aurora ,
 Na mina singular , na concha bella ,
 Rubis , que cria , e perolas , que chora:
 Para que logre com ditosa estrella
 Dos Lulos a bandeira vencedora
 Muy propicios troféos a seu desejo ,
 Por ser o Indõ tributario ao Tejo.

LXXII. No

LXXII.

No nome de Joaõ bem se acredita
Esta fortuna Regiamente grata,
Que ha de ser para nós de grande dita,
Pois parece do Ceo propicia data;
De Joaõ o Primeiro heroico imita
O valor, que invencivel se relata,
Debellados ficando com desdouros
Na Campanha Hespanhoes, em Ceuta os

LXXIII. (Mouros.)

De Joaõ o Segundo, que se acclama
Oraculo discreto da prudencia,
Com providentes documentos ama
As mais cultas idéas da advertencia:
De Joaõ o Terceiro, que na Fama
Exemplo fora da melhor Regencia,
Segue, para os arbitrios mais perfeitos,
Os sabios dõgmas, inçlytos preccitos.

LXXIV.

E do Quarto Joaõ, seu generoso
Memoravel Avò, tão decantado,
Com prompto estudo observé cuidadoso
Os altos pontos das razoens do Estado:
Porque em seu grave seculo ditoso,
Em politico acerto administrado,
Resuscite com mais prosperidade
De Augusto o tempo, ou de ouro a idade.

LXXV.

No jardim de seus annos, sem mudáça,
 Se habilite a colher em paz segura
 Das flores apraziveis da esperança
 Os fructos mais suaves da ventura :
 Mais que Tito , com firme confiança
 Da Patria chegue a ser delicia pura ,
 Melhor que Cesar com progresso insigne
 Na terra impére , sobre o mar domine.

LXXVI.

Para Rey taõ sublime , reverentes
 Só formem por idéas relevantes
 Os Lyfipos estatuaes excellentes ,
 Os Apelles retratos elegantes :
 Para que sempre fique em preeminentes
 Dourados caracteres scintillantes.
 Escrito em prata , eternizado em bronze
 Nas partes quatro , nas esferas onze.



EGLOGA

NA MORTE DO SENHOR
D. MIGUEL,
FILHO DELREY

D. PEDRO II.

*Que em 23 de Janeiro de 1724 nau-
fragou no Tejo.*

ESCRITA

PELO CONDE DA ERICEIRA

D. FRANCISCO XAVIER
DE MENEZES.

INTERLOCUTORES :

*Anfriso , Caçador. Fileno , Pescador.
Lise , Pastora.*

Anfriso.
Que fazes nestes bosques , meu Fi-
leno ?

Se do mar já desprezas o exercicio ,
Trocaste o tormentoso pelo ameno.

Deyxas da pesca o perigoso officio ?

Se antes as aves, do que os peixes segues,
Hoje

Hoje o Fado cruel me foy propicio.

Pois na minha amizade he bem q̃ em
pregues

Quanto a sua fineza te assegura:

Se esta inferencia he certa, não ma negues.

Suspiras? Choras? Que occasião tão
dura

Assim perturba hum animo constante,
Me move hum lusto, e hñ pezar te apura?

Fileno.

Anfriso, se o não diz o meu semblante,
Não saberás meu mal, porque não fio
Que a debil voz tão forte pena cante.

Da minha magoa agora delconfio,
Porque não he tão grande o seu excesso,
Que explique a dor, q̃ ás lagrimas confio.

Anfriso.

Antes q̃ faça em mim mayor progresso
O temor, que a certeza, dize, amigo,
Se o meu peito addivinha este successo?

Presago o coração falla commigo,
E me diz, quando tu timido calas,
Que teve Melibeo algum perigo.

Não me respondes, e do peito exhalas
Tristes suspiros, com que vejo os ares
Chorar nos éccos quanto tu me callas!

Oh como se anticipaõ os pezares!

Se

De D. Francisco Xavier de Menezes. 153

Se he certo o que imagino , agora vejo
Que buscas nos meus olhos outros mares.

Fileno.

Em parte faz a pena o que defejo ,
Pois deyxá conhecer-te quanto sente
A Tragedia mayor , que chora o Tejo.

Do triste não esperes o eloquente ,
E se o suppoens , a duvida , ay Anfriso ,
O pezar na certeza não te augmente.

Anfriso.

Se discorresse livre o teu juizo ,
Soubera que a verdade de hum affecto
Mais teme o mal confuso , que o preciso.

He desesperação o teu projecto ,
Commigo tanta dor fiel reparte ,
Não vejas só tão lastimoso objecto.

De Melibeo me toca tanta parte ,
Que aos dous huma amizade pura , e fina
Pode sincera a ambos igualar-te.

Fileno.

(gina

Não me esquece q̃ hum symbolo ima-
Aos tres nos seus altares a amizade ,
No Triangulo igual , que nos destina.

Apagou-se huma linha , com crueldade
Desfez a Parca huma união tão forte ,
Que até vencia a mesma eternidade.

De hum golpe atroz o inexoravel corte

Fez

Fez sepultar no mar , e no Occidente
Hum Sol, q̃ ha de dar luz á mesma morte.

Anfriso. (fente

Oh , não me digas mais ! Pois não con-
O coração no horror deste contagio
Novo veneno , que no ouvido fente.

Fileno.

Se já to prevenia o leu presagio ,
Attende agora quanto ouvir querias ,
Padeçamos no pranto outro naufragio.

A não ser sepultado em ondas frias ,
O' Melibeo , ás tuas cinzas puras
Duas Pyras ardentes já terias.

Nestes dous coraçãoens ardes , e duras ,
E eternamente em qualidade , e fórma
Pyramides , e Pyras te asseguras.

Anfriso.

Se em ambos huma pena se confórma ,
E hoje mais só do monte a soledade
Em a nossa faudade se transfórma ,

Conta-me esta Tragedia com verdade,
E unidos , o Epicedio cantaremos ,
Mas que depois morramos da faudade.

Fileno. (mos,

Para q̃ augmente a dor os seus extre-
Tyrannizando as vozes a memoria ,
Quáto ellas doces cantão , nós choremos.

De D. Francisco Xavier de Menezes. 155

Vivia, Melibeo, com tanta gloria,
Que até na nossa Patria superava
A inveja em benemerita victoria.

Regio sangue ao espirito animava,
Nobrememente a modestia o abatia,
Altamente a grandeza o elevava.

Esta contrariedade, que vencida,
Vinculando o carinho, e o respeito,
Voluntarios obsequios lhe adquiria.

Por mais que a inveja com maligno ef-
Cegasse das virtudes ao luzido, (feito
O odio da razãõ ficou sujeito.

E deyxou o impossivel conseguido
De que huma vez neste Paiz se visse
Ser invejado, e não aborrecido.

Se a sua gentileza te exprimisse,
Ou te julgára esquecimento indigno,
Ou quizera teu peito mais sentisse.

Era teu digno irmaõ, assim defino
O valente, o discreto, o generoso,
E quantos bens dá prodigo o destino.

Da illustre, e bella Lise amado esposo,
Lograva amante em vinculo adorado,
Sórte, que fez a Jupiter cioso.

Lise, que de opulento, e rico Estado
O fez Senhor, e de tres bellos fructos
Entre flores o amor vio coroadõ.

Her.

Herdeyros de preclaros attributos ,
 A quẽ tinha elevado o Graõ Monarcha ,
 A fer de antigas glórias substitutos.

Naõ se atrevia a temerosa Parca
 A Heróe tanto , se elle lhe naõ dera
 Fatal motivo na infelice barca.

Com Alecto , Thefifone , e Megéra
 Se introduz nella o funebre Caronte ,
 E só alli mortal o considera.

O Tejo transformado em Flegetonte ,
 Em tumulo de prata , em urna de ouro
 A lastima renova de Faetonte.

Occulta avaro o mais feliz thesouro ,
 Que guardou no seu Templo crystallino ,
 A quem venera o Vouga, adora o Douro.

Da caça ancioso Adonis peregrino ,
 Com settas mais activas, q̃ as de Apollo ,
 Suavizava dos Cynes o destino.

Das nuvens negras se cubria o Pólo ,
 De escumas brácas se encrespava a agoa ,
 De horriveis furias se valia Eólo.

Rayos forjava de Vulcano a fragoa ;
 Tantas Deidades , tantos Elementos
 Querem ser tristes causas de hũa magoa !

Os que s̃o devem ser os instrumentos
 Da alta felicidade dos humanos ,
 Os artifices saõ dos seus tormentos ?

Ado-

Adoremos decretos Soberanos ,
Porque a fé , e a razão vê que ſão juſtos ,
E ós negão ſó ſacrilegos profanos .

No animo-heroyco nunca entráráo ſu-
O valor muitas vezes da cautéla (ſtos ;
Naõ attende aos avisos, nunca injuſtos .

Por ver em Liſe a ſua amada eſtrela ,
Deſpreza as que ou eſcuras, ou contrarias
Huma luz lhe eſcondiaõ menos bella .

De Leandro as fuezas temerarias
Na erudita memoria hoje eſquecidas
O expõem cõ peito firme ás ondas varias .

Do amor , e da fortuna achou unidas .
As ſempre lamentaveis inconſtancias ,
Contra quem mais merece , prevenidas .

Incauto Palinuro , as ignorancias ,
Perdido o leme , padeceo primeiro ,
Pequeno emprego a tantas arrogancias .

Piedoso Melibeo , corre ligeiro
A ſoccorrê-lo , imita-o na clemencia ,
E em tudo igual o illuſtre companheiro .

Iphis , que do perigo na violencia ,
Naõ na fortuna , fino o acompaña ,
E ſó venceo dos Fados a inclemencia .

De infernal furacaõ a furia eſtranha ,
Tanta heroyca piedade abominando ,
Deſce do Imperio azul á azul campanha .

De Zefyro fugio o impulso brando ,
E aos implacaveis impetos do Noto
Ceo , terra , e mar ficáraõ vacillando ,

O Bergantim sem leme , e sem Piloto ,
Contra quem sobejavaõ menos iras ,
Sepultado se vio , perdido , e roto .

Anfriso , tu desmayas ; tu suspiras ?
Tu , que antes me animavas , já cobarde
No fim da Tragedia te retiras ?

Anfriso.

Permitte-me , ó Fileno , me acobarde ,
Que he nobre este temor , e se he possivel ,
Faze que tanto mal hum pouco tarde .

Fileno.

Anfriso , como o mal he infallivel ,
E o teu preceito unido com teu røgo
Deyxa o silencio inutil ; e impossivel ;

Seja aspero remedio o defafogo :
Quando a prizaõ sulfurea o Ethna røpe ,
Ninguem suspende o rápido do fogo .

E pois que a tua voz não me interrøpe ,
Acabarey o lastimoso caso , (pe.
Por quẽ meu peito em lagrimas proroni-

Antes que fosse o mar eterno Occaso
De Melibeo , que resistindo á sorte
Não prevenio este fatal aceso :

O pinho arroja , que o opprime forte ,
E do-

De D. Francisco Xavier de Menezes. 159

E dominando a quem o dominava ,
Em triunfante carro vence a morte.

Invejosó Neptuno , porque achava
Quem não cedia ao seu feróz imperio ,
Convocou de Protheo a furia brava.

Do centro do marítimo Hemisferio
Feridas do Tridente vem as Fócas
Da vida mais illustre em vituperio.

Não reserváraõ as occultas rocas
Monstros, q̃ pelo abyssmo se introduzem,
Que não-abrissem as horrendas boccas.

Os rayos de Diana inda não luzem ,
E Melibeo , que intrépido vencía ,
Já não acha as estrellas, que o conduzem.

Fiel Iphis primeiro o soccorria ,
E ouve que humilde ao Ceo invoca pio,
Teme devoto , forte não temia.

Expõem-se por livrá-lo , e no desvio:
Que fez dos dous irmãos a mayor onda ,
Sepulta a Melibeo o Patrio rio.

Se Pollux vive , Castor não se esconda
Se não para viver , e repartida
Huma immortalidade os conresponda.

Thetis , de tanto mal compadecida ,
As Nereidas , e as Tagides ao pranto
De Melibeo com lastima convida.

Ceruleo coro com funesto canto

Aug-

Augmenta com as lagrimas as agoas,
Foge das Focas o horroroso espanto.

Entre a neve o Amor accende as fra-
goas,

Ardem nas ondas os amantes rayos,
Nascem das mortas cinzas vivas magoas.

Cantaõ as Nynfas tragicos ensayos,
E suavizando as tristes consonancias,
Animaõ os obsequios nos desmayos.

De Suprema Deidade as finas ancias
Já nas margens auríferas feriaõ,
Interrompendo as doces dissonancias.

Da bella Franceliza conheciaõ
A suavissima queixa, o doce accento,
Que as maritimas grutas repetiaõ.

Thetis, tocando o funebre instrumêto,
Que a Melpomene rouba na Hypocrene,
Equivocava o canto, e o lamento.

Consagra a Melibeo rito solemne,
E em Semideos do Tejo o immortaliza;
Mas que Aquiles o inveje, e a condene.

Pois vê que hoje o adopta, e eterniza,
E o deyxá inteiramente invulneravel,
Que aquelle exemplo a prevençaõ lhe
aviza.

Regenerado o Semideos amavel,
Melhor defende o Tejo, que Portuno,
Do

De D. Francisco Xavier de Menezes. 161

Do irmaõ o Imperio fica inexpugnável.

Jove, que manda o Reyno de Neptuno,
Em altõ folio quasi a si o iguala,
E o destino cruel faz opportuno.

O ambar mais puro já do amor exhala
Fumos fragrantes, que no sacrificio
Ardente culto ao Numen assignála.

Hum templo de crystal deo exercicio
De Glauco em breve tempo á rara idéa,
Só para terra Melibeo propicio.

De coral o enriquece Galatêa,
E de nacar Doris o seu tecto esmalta,
As paredés de perolâs Deyopea.

Estatua viva a Melibeo se exalta,
Fica divinizada a gentileza,
E nem da morte entre os horrores falta.

As lamínas de aljofar tanta empreza
Em bem gravados symbolos publicaçõ,
E nem occulta o mar a alta grandeza.

A' Fé, e á Religiaõ a hum tempo ap-
plicaçõ

As mysticas figuras, que retrataõ.
Luzes, que em Melibeo se multiplicaõ.

Ao valor Jeroglyphicos dilataõ
Em mais sólida fórma, e mais robusta,
Com que á Parca, e ao tempo desbara-
taõ.

Part. I.

L

Tem

Tem a Docilidade copia justa ;
 Sinzel exacto representa o Regio
 Do Sangue excelso na profapia Augusta.
 Mostra a verdade o seu semblante
 egregio ,

Sempre adorado , e pouco conhecido ,
 Porque fugio do mundo ao sacrilegio.

A Generosidade , o mais luzido
 Emblema achou , e em ouro bem gravado
 Estava , ainda que prezo , diffundido .

Vê-se a Constancia em throno subli-
 miado ;

Com rosto igual debuxa-se a Prudencia ;
 Com suave attracção está o Agrado.

Aguda a Discrição , clara a Sciencia ,
 Florida a Erudição , e laboriosa ,
 E , unida com astres , doce Eloquencia.

A Agilidade prompta , e vigorosa ,
 E em ara triangular tem a amizade
 Culto , que o mundo razas vezes goza.

Hercules a sustenta , e persuade ,
 Theseo a conresponde , e fino observa ,
 Perithão a merece na igualdade . (va,

Tudo em sonhos me disse hoje Miner-
 E me inspirou Melpomene , ensinando
 Quanto aos altos espiritos reserva.

Os meus barcos já deyxo naufragando ,

De D. Francisco Xavier de Menezes. 163
As redes rompo , o porto , que buscava,
Aborreço por placido , e por brando.

De Ericice a altiva rocha eu dominava ,
A quem deo nome Venus Ericina ,
Que com candidos Cysnes a illustrava.

O caracol torcido , a concha fina ,
De que a Lyra formou o Deos ligeiro ,
A Musa funeral hoje abomina.

O mar foy deste mal motor primeiro ,
Naõ quero vê-lo mais , suas mudanças
Tolere o ambicioso aventureiro.

No bosque as florescentes esperanças
De Melibeo o nome reproduzão
Em verdes folhas tragicas lembranças.

Do Tejo as agoas justamente accuzão,
Pois ainda Melibeas as naõ chama ,
Porque a taõ grande nome se reduzão.

O mar Icario perpetua a fama
De hum vôo transformado em precipi-
cio ;

A que a cega vaidade Febo inflamma.

Foy de Helle meños nobre o sacrificio,
E em eterna memoria o Helle ponto
Leo da sua piedade claro indicio.

Naõ foy igual ao caso , que te conto ,
O que immortalizou com doce pena,
As tristes ondas barbaras do Ponto.

Egloga
Anfriso.

Cessa, Fileno, cessa, pois condena
O meu affecto em lagrimas afflictas
Quanto a ti só Melpomene te ordena.
Dotes heroicos, glorias infinitas
Tambem quero cantar, para que logo
As sciencias, e as artes tu repitas.

Fileno.

Seja o louvá-lo eterno defaffogo.

Anfriso.

Galhardo Melibeo, quando te via
Na caça nestes verdes orizontes,
Teu acerto, e teu braço parecia
Nobre estrago dos ares, e dos montes:
Velóz, e astuta a ave, que corria,
Faz que tu mais sublime te remontes,
Sem que possa livrá-la a azul esféra,
Nem verde asylo á mais horrivel féra.

Fileno.

O engenho mais sublime, e mais agudo
Se elevava, e feria mais activo,
E no amor da sciencia alcançou tudo,
A que não chega o fabio mais activo:
Não basta aos argumentos forte escudo,
Mysterio occulto, ou inferior motivo
Não teve a natureza reservado
Ao dõuto Filosofico cuidado.

An

Anfriso.

Se o visses dominar destro, e robusto,
De hum cavallo os impulsos vigorosos,
E quando mais ardente, e mais adusto
Render-lhe os féros impetos fogosos :
Mandar sem ira, executar sem susto
Da arte equestre os preceitos generosos ;
Entenderás que o mar o acha opportuno
Para reger o carro de Neptuno.

Fileno.

Quanto nas Mathematicas ensina
Clara a verdade com principios certos,
Dos numeros na celebre doutrina,
Das linhas nos mysterios encobertos :
Lusitano Archimedes examina,
E deyxá os seus segredos descobertos ;
Mas sendo eterno o circulo, que apuras,
Naõ te haõ de comprehender tantas figu-

Anfriso.

(ras.

Scientifico fazia o exercicio
Da negra espada nos ensayos claros,
Robusto esgrime, mas naõ quer propicio
Que sirvaõ ás offensas os reparos :
Pois quando fora debilitacio
Todo o valor, a golpe taõ preclaros,
Os impulsos activos da violencia,
Moderava nas iras a prudencia.

Fi-

Tanto sabia do Latino idioma ,
 Que adoptariaõ suas doutas frases
 No mais polido seculo de Roma ;
 Horacios puros , Tullios efficazes :
 E quanto Italia, Hespanha, e França toma
 Da origem Lacia as linguas só capazes ,
 Deve á sua eloquencia os documentos ,
 Em Lyricos , Rhetoricos accentsos.

Anfriso.

Doce harmonia em cláusulas canoras
 Compunha o Cysne, que no Tejo morre,
 Velóz o plectro a agitaçoens sonoras ,
 Sem faltar á cadencia a lyra corre :
 Ayroso , e destro nas nocturnas horas
 Hum Colisseo magnifico discorre ,
 Na musica se vê a melodia ,
 Na dança ouvem os olhos a harmonia.

Fileno.

(bre,

Quanto a fábula em véos subtil enco-
 Quantos successos referio a Historia ,
 Quanto erudita a Critica descobre ,
 E acha a Filologia na memoria :
 Feliz emprego da attençaõ mais nobre
 Deo aos vastos estudos tanta gloria ,
 Que quasi em cinco lustros pareciaõ :
 Que nas folhas dos livros floresciaõ .

An-

Anfriso.

Pincel polido, e remontada penna
Destros rasgos com vãos elevados.
Fia ao papel, a quem a fama ordena
Que fiquem no seu Templo debuxados:
Com caracter perfeito assim condena
Caracteres vulgares, que apagados
Indigno emprego a hum Escritor famoso
Vem inutil o jaspe, o bronze ocioso.

Fileno.

Mas huma voz ao longe mais suave
O Epicedio interrompe, o ar lastima:

Anfriso.

He Filomena, que lamenta grave
O grande mal, que a Aurora desanima:

Fileno.

Naõ he taõ triste, ou harmoniosa a av
Como esta, que desmaya quanto anim

Anfriso.

Ouve, q̃ he Lise quẽ cantando a somb
Que ao silêcio deo voz, deo luz á somb

Lise.

Melibeo adorado, já que a sorte,
Para que eu morra mais, naõ queb que
pire.

E a vida em q̃ ainda vive a minha mor
Faz, porque dure o fogo, que resp

E já que surdo o mar , tyranno , e forte
 Entre as ondas não deyxá que suspire ,
 Sem que penetrem no rigor das magoas
 Os suspiros em ar ; do pranto as agoas .

Para chamar por ti , a este desterro
 Busca faudosa huma infelice amante :

A côr. das esperanças, he hum erro,
 Que lisonjêa huma alma taõ constante :
 Tem vizos de ouro , e coração de ferro .

O Tejo , que te rouba naufragante ,
 E se a firmeza no seu centro occulta ,
 Como a ti só , e a mim me não sepulta ?

Se não basta o carinho de meus braços
 Para resuscitar-te , donde fias

Te não deixe outra vez romper os laços ,
 Mas que o queira fatidico o destino :

Vê que te chama Aonia , os seus abraços
 De affecto paternal emprego digno ,

Com Pierio , e com Inaco renovem
 Os nomes Regios , que o respeito mo-

vem ,

Verey se he a innocencia mais activa ,
 Já que foy a fineza delinquente ,

Mas se do meu affecto a chamma viva
 Não basta , as outras obraõ tibiamente :

Se não accende as ondas , e se activa
 Não leva aos Ceos hum holocausto ar-

dente , Ou

De D. Francisco Xavier de Menezes. 169
Ou se perca entre os Astros, ou naufrague,

Certa estou, Melibeo, que não se apague:

Ainda que congelasse a errante neve

A tua bella estatua crystallina,

A animá-la o meu peito aqui se atreve,

Sem usurpar ao Ceo chamma Divina:

E se a huma idolatria o premio deve,

Quem a outra rendeo victima fina,

Corra o véo o maritimo theatro,

Verá se ao dar-lhe espirito a idolatro.

Naõ temo q̃ chegasse a corromper-se

Quem de mim nunca pode dividir-se,

E se em meu coração veyo a accender-se,

Como hũ eterno ardor vejo extinguir-se?

Tambem sey que naõ ha de desfazer-se

Quem á minha firmeza soube unir-se,

E se em urna inconstante as cinzas vago,

Na pyra de meu peito naõ se apagaõ.

Thetys cruel, a tua sorte invejo;

Mas naõ hey de imitar tua inconstancia:

Sol menos bello entre os teus braços vejo,

E cada dia o largas sem constancia:

Quem te chamou formoso, horrivel Tejo,

E achou suave a tua dissonancia!

Finges, e ainda és mais barbaro q̃ o Nilo,

Dourado Monstro, vago Crocodilo.

Meli-

Melibeo, Melibeo, não me respondes?
Pois immudeça o meu sentido canto ;
E se nas agoas tragicas te escondes ,
Porque não escolheste as de meu pranto?
Mas se divinizado correspondeste
A hum fino affecto , que te adora tanto ,
Faze que eu seja na immortal idéa
De melhor Acis nova Galatêa.



SENTIMENTOS

DE

D. PEDRO,

E DE

D. IGNEZ DE CASTRO,

POR

MANOEL DE AZEVEDO PEREIRA.

PRIMEIRA PARTE.

I.

E Ra na meya idade, ta que chegava
 Em fragoas de zafir o Sol que ardia,
 E nas azas do tempo, que voava,
 Icaro de seus rayos era o dia:
 Quando com flâmas de ouro se abrazava,
 Que morrer incendiado entã queria,
 Sendo por renascer com novo alarde
 Em cinzas de rubim Feniz da tarde.

II. Na

II.

Na lisonjeira planta se enlaçava
 Cortez o vento com gentil porfia,
 E nos jardins a rosa, que encalmava,
 Em berços de esmeralda adormecia:
 A simplez avezinha se banhava
 No murmureo correr da fonte fria,
 Renovando na vista, e doce alento
 Narcisos nos crystaes, Orféos no vento.

III.

Mas Ignez, que por penas só vivia,
 Naufragando em soluços cada instante,
 Ignez, aquella Ignez; que amor fazia
 Por lhe dobrar as magoas mais constante:
 Aquella, em cujas graças competia
 Ser formosa, discreta, e ser amante;
 Em cujas prendas não tiveraõ parte
 Artificios da industria, invenções da arte.

IV.

A que nos dotes da alma tão possante,
 Discreta, grave, terna, e generosa,
 Que, da mesma belleza sendo Atlante,
 Tinha por menor prenda o ser formosa:
 Nos donaires do talhe tão galante,
 Nos alinhos da graça tão vistosa,
 Que, topando na culpa de Narciso,
 Fora sem culpa o seu discreto aviso.

V. Mas

V.

Mas qual o passarinho descuidado ,
Lisonja mais gentil da tenra idade ,
Foy das mãos do menino aprisionado ,
Que lhe roubou no laço a liberdade :
E quando delle mais galanteado
Exprimenta no mimo a crueldade ,
E quando a cor das pennas lhe contenta ,
Nas que lhe tira, muitas lhe accrescenta.

VI.

Tal Ignez na manhaã dos tenros annos,
Nas primeiras auroras da esperanza
Deo nos laços de amor doces enganos ,
Do vendado rapaz linda vingança :
Mas os golpes da Parca deshumanos
A belleza por flor em flor alcança ,
E experimentou na sempre amarga sorte
Por mãos do Deos de amor armas da

VII.

(morte.

Eraõ gentil emprego a seus cuidadõs
As finezas de Pedro , que a beldade
Soube nellas trazer aprisionados
Ceptro , Coroa , vida , e liberdade :
Entre ambos tinha amor já taõ ligados
Os soltos alvedrios da vontade ,
Que foy nelles baldado , e foy perdido)
Nascer Anteros , por crescer Cupido .)

VIII. Mas

Mas oh tyranna dor, que amor inventa !
 Forçosa foy de Pedro a dura auzencia ,
 Atropos da alma , que da pena izenta
 Sabe nella sentir mortal violencia :
 Como prezo partir-se Pedro intenta ,
 Ignez na alma sentio nova inclemencia ,
 Que quer a sorte , pois amor ordena ,
 Onde não chega a morte, offenda a pena.

IX.

Quantas vezes, Ignez, no pensamento
 Este dezar notaste a teus favores ,
 Quantas vezes, Ignez, nas mãos do vento
 Os viste , vês agora , e verás flores !
 Tanto nas afeiçoens gosto avarento
 Este pezar sentiste em teus amores ,
 Que não posso dizer que neste emprego
 Estavas , linda Ignez , posta em locego.

X.

Entre os braços de Pedro ardête fragoa
 Se acosta Ignez sem vida , e sem sentido ,
 Que multiplica a dor , e dobra a magoa.
 Lograr presente o bem, q̄ he já perdido :
 Dos olhos solta dous chuveiros de agoa ,
 Oceanos de neve , onde Cupido
 Quiz da belleza já molhando as vélas ,
 Chegasse a tempestade até ás estrellas.

XI. Qual

XI.

Qual em berços de purpura olorosa ,
Delicias da manhaã , da tarde empreza ,
Dos melindres de flor enferma a rosa ,
Desmayado o valor , murcha a lindeza :
A que já foy de Abril pompa lustrosa ,
Livro de amor , emblema da belleza ,
Perde a graça, por ver que o Sol lhe talha
Do mesmo carmesim gälla , e mortalha.

XII.

Tal do fogo de amor na immēsa calma
A cor Ignez perdeu , que amor ordena
Os desmayos , q̃ tinha impressos n'alma ,
Trasladaſſe no roſto a viva pena :
Já despojo da dor , da magoa palma ,
Com respirar de flor , ar de açucena ,
Exhala nova dor ao pensamento
Em faudosos ays o doce alento.

XIII.

Ay caduco prazer , diz lastimada ,
Esperança de hum bem , doce tormento!
Ay que por verde murchas apressada
Primavera de amor , da dor portento !
Ay melindrosa flor agonizada ,
Despojado jasmim de qualquer vento ,
Que quando nasce traz na mesma alvorã
Gälla, mortalha, berço, e sepultura!

XIV. Ay,

XIV.

Ay, que chegas, ó dia, em q̄ amor tira
 Duas almas de hum peito! oh noite fria!
 Oh noite, digo; porque a quem suspira:
 Foge a luz, morre o Sol; acaba o dia:
 A bocca, de que hum ay outro ay retira
 Já cançada, mais baixo repetia:
 Paray, Senhor; mas hum soluço ardente
 Suffoca o par; repete o ay sómente.

XV.

Paray, torna a dizer, meu gosto amado,
 Gloria desta alma em quãto gloria tinhã;
 Mas ay, allivio meu, ay meu cuidado;
 Como podeis parar, se he gloria minha!
 Mas se destina o Céu, e manda o fado.
 Esta alma castigar, que amor mantinha,
 Deixay-me a vossa, porque a sorte ordene
 Mais almas tenha, porq̄ affirma mais pene.

XVI.

Mas não, q̄ he contra amor esta possia;
 Mas não, q̄ deixo amor nisto aggravado!
 Muitas almas não quero, que seria
 Repartir o tormento a meu cuidado:
 Mas se a pena permite companhia
 Nesta atzencia cruel, (oh triste fado!)
 Antes que a dor m roube da partida,
 Levay-me, vida minha, a minha vida.

XVII. Só

XVII.

Só com vosco, Senhor, irá segura,
Sem que mortal acheque lhe aconteça;
Porque talvez do fado a forte dura
Fóra deste meu peito a desconheça:
Nem poderá temer minha ventura
Que sombra de pezar vos entristeça,
Pois farey no tormento mais esquivo
Correr por conta della o sensitivo.

XVIII.

Se só para viver na ley de amante
Forçosa seja a vida repetida,
Ay, Senhor, que não pôde ser bastante
Para viver auzente huma só vida!
E se amor he de vidas tão possante,
Huma nos dê por ambos repartida,
Posto q̃ a dor entre ambos se accomoda,
Melhor vos partireis levando-a toda.

XIX.

Cá me fica outra vida, que não passa,
Em que padeça morte repetida,
Que quer amor tyranno que renasça
Huma vida das cinzas de outra vida:
Pois como tão cruel penas me traça,
Como me traz em fogo convertida,
A acabar outra Feniz me condena,
Morrendo em cinza, renascendo em pena!

XX.

Ay, quẽ cuidára, amor, ã os teus favores
Fossem fingidas sombras mentirofas !

Ay, quem cuidára, amor, ã em teus amores
Fossem mais os espinhos do que as rofas !

Mas depois que triunfo a teus ardores

Foraõ de Marte as armas generosas ,

Taõ guerreiro ficaste , ufano, e forte ,

Que bem pódes matar a propria morte.

XXI.

Mas , pois forçosamente me condena
A que vos auzenteis , a tyrannia ; (na,
Deixay, Senhor, deixay, deixay-me a pe-
Porque só della quero a companhia :

Na noite, ou mais escura, ou mais serena,

(Que para auzentes nunca nasce o dia)

Chorarey , permittindo minha estrella ,

Inda mais que a faudade, a caufa della.

XXII.

Naõ demontadas penhas mais visinhas

(Sujeitar a meus ays penhasco possa)

Vos buscarão, Senhor, lagrimas minhas,

Minhas, se póde ser , sendo a alma vossa :

De meus annos a flor entre as espinhas

Passarey , sem perder esta fé nossa ;

Mas antes perderão seu bruto alento:

O Mar, o Fogo, o Ar, a Terra, o Vento.

XXIII. Mas

XXIII.

Mas ay, q̄ he tal a dor de meus retiros,
E taõ firme nas leys da tyrannia ,
Que vendo q̄ me assistem meus suspiros,
Quiçá delles me roube a companhia :
Mas ainda mais, e mais acerbos tiros
Contra mim fuzilar amor porfia ,
Pois sem dar attenções á minha queixa ,
Por mais só me deixar, sem mim me deixa.

XXIV.

Qual quádo na manhãa naufraga o dia
Nos undosos crystaes, que o Cco desfata,
O jasmin desmayado se agonia
Dos achaques da gotta , que o maltrata :
E com dezar trocando a galhardia ,
Icaro já nas agoas se retrata ,
O que lisonja foy taõ prateada ,
Se no prado jasmin , nas ondas nada.

XXV.

Tal Ignez já de lagrimas banhada ;
De seus olhos gentís mortaes desares ,
Pois quiz a natureza acantelada ,
Que o Occaso de dous Sóes fasssem dous
Exhalava de todo agonizada : (mares:
O suspiro final a seus pezares ,
Que , com ver-se entre lagrimas undosas,
Soube na bocca achar maré de rosas.

XXVI.

Já Pedro, emfim, rendido a seu cuidado
 A dor quer disfarçar de seu retiro,
 Mas como o coração tem já quebrado,
 Hum pedaço lhe traz cada suspiro:
 E como, emfim, no peito agonizado
 Sentio da mortal frecha o novo tiro,
 Notando Ignez no pranto do seu rogo,
 Exhala em agoa quanto bebe em fogo.

XXVII.

Naõ chores, diz, formosa Ignez, agora
 Ficar auzente sem partir commigo,
 Que se es vida da minha, que te adora,
 Na alma te levo, por viver contigo:
 Naõ pertêdo auzentar-me hoje, Senhora,
 Supposto que partir-me hoje profigo,
 Que se as almas trocar amor consente,
 Nem tu só ficas, nem me parte auzente.

XXVIII.

O corpo se auzenta, a alma naõ parte,
 Que em fim naõ vivo de potencias suas,
 Que, como me alimento só de amar-te,
 Bastaõ para viver memorias tuas:
 E porque amor nos tiros, que reparte,
 Fulmina contra mim frechas mais cruas,
 Quãdo a vida me rouba, outra me ordena,
 Que fora em mim matar-me a menor pe-
 na.

XXIX. Mas

XXIX.

Mas nota , Ignez formosa , esta fineza
A fazer impossiveis offrecida ,
Pois que contraminandó a natureza ,
Teu mesmo amor me mata, e me dá vida;
Mas como amor notou nessa belleza
Os impossiveis só de merecida ,
Quiz tomar por razaõ , força infallivel ,
Obrar por alcançá-la outro impossivel.

XXX.

Bem vês agora, Ignez, como abrazado
Nos vivos holocaustos de meu peito
Meu coração confagro a teu cuidado
Em victimas de lagrimas desfeito :
Agora alcançarás como alentado
Todo me sacrificio a teu respeito ,
Pois chego a consagrar-te em viva calma
Sangue do coração , reliquias d'alma.

XXXI.

Succeda á Primavera o secco Estio ,
A serena manhã tarde calmosa ,
Seja manso regato quem foy rio ,
Sejaõ seccas reliquias quem foy rosa :
Seja , queni foy clavel , cadaver frio ,
Seja , quem foy jasmin , cinza olorosa ,
Seja tudo a mudança , emfim , sujeito ,
Que amor firme será dentro em meu pei-
to.

XXXII. Nes-

XXXVIII.

Já nos braços da Aurora, q̄ afluava,
 Renacido chorava o novo dia,
 Quando Ignez fraudosa entãõ negava
 A seu triste pezar a companhia:
 A' solidãõ do campo se apartava,
 Onde só lamentava, e só gemia,
 Porque mais no rigor de seus retiros
 Piedade faltasse a seus suspiros!

XXXIX.

Entre flores inquire o doce amado,
 Presente em cada flor o considera,
 E dando hũ breve encanto a seu cuidado,
 Busca nas flores quanto em flor perdera:
 Corre de flor em flor, de prado em prado,
 Topa só magoas, onde gosto espera,
 Que foãõ seu prazer, e seus favores
 Perdas choradas, quando apenas flores.

XL.

Procura em cada planta o q̄ anhelava,
 Porque no seu tormento engano escolhia,
 Mas oh, que seu pezar escrito achava
 Lições para sentir em cada folha!
 Já nas liquidas perlas, que chorava,
 Penhascos, plantas, prado, e flores molha,
 E na lembrança já do bem perdido
 Lhe interrompe hum gemido outro ge-
 mido.

XLI. Qual

XLI.

Qual o menino fica enternecido ,
Entre perplexidades palmadinho ,
Quando no verde prado entretenido
Lhe foge o gosto atraz de hũ passarinho:
Já soluça , já pasma esmorecido ,
Já busca cada flor , cada raminho ,
Já melindrosos ays , mimoso alento
Apoz o passarinho leva o vento.

XLII.

Tal Ignez na penola tyrannia ,
Entre flores inquire o doce amado ,
Mas foy lifonja só da fantazia , (do :
Pois mais se nega hum bẽ quando busca
Já queixosa das flores se desvia ,
Já nas queixas diverte seu cuidado ,
E nos alentos d'alma , com que espira ,
Já soluça , já pasma , já suspira.

XLIII.

Na margem de hũa fonte se acostava ,
Que já clara correo com seus favores ,
E se delles travessa murmurava ,
Em lagrimas agora exhala amores :
A's plantas , aos penhascos se queixava ,
Outra vez já seu mal contava ás flores ,
Onde nos eccos , que respira a monte ,
Suspira o valle , porque chora a fonte.

XLIV. Ay.

Ay , caducas bellezas , lhes dizia ,
Ay , flores , se queixava enternecida ,
Que sendo vossa vida de hum só dia ,
Muitas horas contaís na vossa vida !
Mas , oh de minha dor mór agonia !
Oh morte em menor vida repetida !
Que , como em soledades só discorro ,
Naõ conto instantes , porq̃ sempre morro .

XLV.

Vós , rosas , que no mimo de hũa Aurora
Lograis do vosso adorno a pompa bella ,
Que , talvez por firmar vossa melhora ,
Tivesséis ao nascer taõ boa estrella :
Mas , oh que pezar , que choro agora !
Nestes fogaçosos ays , que o peito anhella ,
Escolheo minha estrella em triste sorte
Por pena a vida , por lisonja a morte .

XLVI.

Vós , plantas , que sentís mudavel erro ,
Cifrando em cada folha hũ pensamento ,
Se Dezembro lamenta vosso enterro ,
Abril em flor vos dá dobrado alento :
Mas , oh , q̃ em meu sentir , e em meu desfer-
Eterniza hum rigor meu sentimento ! (ro
Pois quer amor , na sorte que me ordena ,
Se alimente huma pena de outra pena .

XLVII. E

XLVII.

E tu , bruto penhasco inhabitado ;
Tosco sepulchro da polida fonte ;
Es agora das flores matizado
Idolo de crystal , gälla do monte :
Mas , oh tyranna dor ! que meu cuidado
Hoje lamenta o mal , que chorcu honte ,
Vendo que teu terror com bruto aviso
Hontem foy Polifemo , hoje he Narciso.

XLVIII.

(dos,

Mas , oh queixas , paray , torna y , cuida-
Paray , façamos tregoaç pensamento ,
Que dos males talvez communicados
Póde nascer dezar ao sentimento :
Correy da alma pedaços destillados ,
Dizey , lagrimas minhas , meu tormento :
Minhas ! Naõ digo bem , que juntamente
Perdî tudo no bem , que choro auzente.

XLIX.

Germana y-vos , correy mais caudalofas ,
Seja vosso correr mais repetido ,
Naõ cuideis que vos choro cuidadofas ,
Porque deis desaffogo a meu sentido :
Que como nas memoriaç rigorofas
Vossa causa lamento o que hey perdido ,
Se talvez mitigais hum sentimento ,
De novo accrescentais outro tormento.

L. OI

L.

Oh, corraõ cõ valor vossas violenciãs ,
 Por duplicar incendios a meu rogo !
 Que naõ fora querer sentir auzencias ,
 Se vos chorára só por defaffogo :
 Que posto deis allivio ás inclemencias ,
 Naõ podeis dar allivios ao meu fogo ;
 Pois , como sou das penas avarenta ,
 Qualquer allivio voffo me atormenta.

LI.

Correy livres, correy, q̃ amor ordena
 Sejais a meu rigor ancia penosa ,
 Que naõ comprais allivio a huma pena ,
 Quando chegais a fer paga forçosa :
 Que pois amor por força me condena
 Tributar-vos por dívida custosa ,
 Mal podeis mitigar o mal, que tenho,
 Quando sois do que devo desempenho.

LII.

Naõ me péde obrigar outro motivo ,
 Se naõ chorar-vos só por natureza ,
 Que quer que seja amor, por excessivo,
 Tributo natural o que he fineza :
 Que como a seu querer sujeita vivo ,
 Rendida a seu rigor , cativa , e preza ,
 Naõ se péde isentar minha afeiçaõ ,
 Que meu chorar naõ seja obrigaçaõ.

LIII. Em

LIII.

Em vos sentir agora mais penosas ,
Dessas mudas razoens faço argumento ,
Porque quando chegais a ser queixosas,
Naõ limitais a dor ao sentimento :
E foreis só lisonjas enganosas ,
Mas naõ crueis verdugos ao tormento ,
Quando na voz queixosa , que formára ,
Lastimas a meus ays sollicitára.

LIV.

Mais duro sentimento , mais nocivo
No ser da alma pedaços vos confesso ,
Pois se levais a parte , com que vivo ,
A parte me deixais , com que padeço :
Que como neste mal , por excessivo ,
Repartida minha alma reconheço ,
Se levais huma parte naõ pequena ,
A vida póde ser , mas nunca a pena.

LV.

Oh , torna atraz , arroyo fugitivo ,
Alma da penha , coração do monte ,
Torna atraz , que o meu pranto successivo
Te fará rio , quando apenas fonte :
Oh , torna atraz velóz , detem-te esquivo ,
Detem-te , espera que meus males conte ,
Que vás talvez com prata taõ lustrosa
Calçar as plantas de huma ingrata rosa.

LVI. S

LVI.

Se te vás despenhar ambicioso
 Por aspirar a creditos de rio,
 Leva meu triste pranto lacrimoso,
 Oceano ferá teu senhorio:
 Embarga teu correr taõ cuidadoso,
 Suspende teu raudal, teu desvario,
 Que lá terás no mar, onde te escondas,
 Quantas lagrimas levas; tantas ondas.

LVII.

Mas, oh, paray, razões, tornay gemidos,
 A dor interpretay, que o peito sente,
 Que talvez em meus ays, por repetidos,
 Os éccos ouça de quem choro auzente:
 Ay, doce auzente meu, naõ dos sentidos,
 Ay, quem pudéra, amor, ter-vos presente;
 Mas deixay-me fallar, talvez que possa
 Ouvir na minha voz éccos da vossa.

LVIII.

Aqui, meu doce amor, meu bẽ querido,
 Se me duplica a dor ao pensamento;
 Pois quando em vós me falta meu sêtido,
 Naõ me sabe faltar meu sentimento:
 Em vós lamenta amor meu bem perdido,
 Em mim renova a dor novo tormento;
 Mas creyo, doce amor, que sentir possa
 Menos a minha dor, que a falta vossa.

LIX. Me-

LIX.

Menos dor, menos d'ãno, em fim, tivera,
Menos cruel sentira meu cuidado,
Quando neste rigor, que padecera,
Me pudera esquecer do q̃ hey logrado:
Mas ay, que nesta dor outra me espera,
Hum mal outro me traz appensionado!
Pois chego a padecer em meu sentido
O mal que passo, o gosto q̃ hey perdido.

LX.

Bem conheço que possa na lembrança
Vossas prendas lograr, meu doce esposo,
Mas o bem, que se perde na esperança,
Fica, quando lembrado, mais penoso:
Mas nesta triste dor, dura esquivaça,
Se me duplica amor mais rigoroso;
Pois só quer meu sentido vincular-se,
Para mais padecer, ao mais lembrar-se.

LXI.

Assim chorava Ignez, e assim sentia.
Mas, oh, tragica dor, rara estranheza!
Que já topa nas mãos da tyrannia
Armas sempre mortaes contra a belleza:
Nas mãos de dous tyrannos já se via
Entre crueis espadas, (tosca empreza!)
Mas que rola no campo, Aurora, molhas,
A que não falte a vida, e sobrem folhas?

LXII. Pa-

Paray, detende a furia procellosa,
 Paray, paray, detende o bruto alento:
 Quem contra o fresco mimo de hũa rosa,
 A quem sobeja hum Sol, e basta hũ vento?
 Mas, ay; discreta Ignez, Garça formosa!
 Remonta agora mais teu soffrimento,
 Que temo, linda Ignez, teus lindos brios
 Accrescentem coraes a tantos fios.

LXIII.

Qual na tecida sylva da espessura,
 Labyrintho de espinhos intricado,
 Com ballidos se queixa da ventura
 O simplez cordeirinho aprisionado:
 Já soluça em melindres com ternura,
 Das maternas delicias apartado,
 E o que mimos achou em cada hervinha,
 Topa mortal rigor em cada espinha.

LXIV.

Tal lastimada Ignez troca em gemidos
 Quãtas vozes no peito articulava,
 Em quanto os dous algozes fementidos
 As mãos lhe prendem com q̃ amor atava:
 Já fugindo os alentos aos sentidos,
 O soluçar as vozes lhe embargava;
 Mas, oh, que amor lhe deo no pensamento
 Razões ás ancias, voz ao sentimento!

LXV. Ay,

LXV.

Ay, tyrannos crueis ! oh sorte dural
(Entre suspiros diz agonizada)
Que delicto commette a formosura,
Com que possa a belleza ser culpada ?
Oh, deixay-me esta vida em pena escura,
Se me quereis a morte dilatada,
Que nesta triste dor taõ repetida
Menos me mata a morte, do que a vida.

LXVI.

Oh ! suspendey sentença taõ penosa,
Majgay por hum pouco a crueldade,
Que naõ podeis dar morte rigorosa,
Que possa matar mais que a faudade,
Mas já que minha dor menos piedosa
Vos naõ pode causar nova piedade,
Naõ me roubeis meus filhos taõ queridos,
Unicas prendas só de meus sentidos.

LXVII.

Ay, caras prendas minhas taõ queridas,
Reliquias do amor, d'alma pedaços,
Ay, como sentireis em mim perdidas
As mimosas delicias de meus braços !
Mas pois naõ pode ser entre homicidas
Lograr, amores meus, vossos abraços,
A Deos fiçay-vos já gostos amados, (dos.
A Deos alma, a Deos vida, a Deos cuida-

LXVIII.

Mais quizera fallar enternecida; - (te!
 Mas, oh não digna acção de hũ peito for-
 Hum tyranno cruel, torpe homicida;
 Nos fios de hũ punhal lhe tece a morte:
 Inclina o lacteo collo adormecida,
 Avassallada já da infausta sorte,
 Exhala a vida o corpo de alabastro,
 Fenece amor com Dona Ignez de Castro.

LXIX.

Quat a branca açucena, que cortada
 Sentio do tempo, ou ferro a crueldade,
 Em sep mesmo candor amortalhada,
 Defunta flor em flor, da flor idade,
 A quem ficou semente de engraçada
 Os antigos rascunhos da beldade;
 Tal fica a bella Ignez amortecida,
 Com galla, luz, com graça, mas sem vida.

LXX.

Vós, agora, troféos da formosura,
 Apparencias vitaes de ramillete,
 Cothey as vélas, porque a pouca altura
 Qualquer onda vos molha o galhardete:
 Olhay que a branca rosa, flor mais pura,
 Acha berços, e campas no alegrete,
 Attentay, leve flor, belleza vã,
 Que he mais antiga a tarde, q̃ a manhã.

SEN-

SENTIMENTOS
DE
D. PEDRO,
E DE
D. IGNEZ DE CASTRO,

SEGUNDA PARTE.

I.
JA' da fatal tragedia retiradas
As restantes ruinas da fereza,
Ficáraõ só no campo idolatradas
Humas breves reliquias da belleza;
Auzente Pedro, sem que as malogradas
Lamentasse memorias da fineza,
Taõ ditoso nas magoas só discorre,
Que morre ufano sem saber que morre.

II.

Queixosa, emfim, fenece a galhardia;
Solicita queixumes a ternura,
Vendo já no desdem da tyrannia
Menos cruel a Parca, que a ventura:

196 *Sentimentos de D. Pedro* ,
Que como qualquer dote se avalia
Por symptoma mortal da formosura ,
Aquella mesma dita , que entre sortes
Cumula prendas , multiplica mortes.

III.

A ventura se queixa que a beldade
Fosse causa da perda , porque unida
Naquellas prendas da melhor idade
Fez acabar rigor o que era vida :
Pois a Parca tyranna por vaidade
Solicita bellezas advertida ,
Porque dellas talvez se se olvidara ,
Morte fora huma prenda , e só matára.

IV.

Só suspirão , só choraõ lastimosas ,
Que não pára nas queixas a fineza ,
Aquellas , que restáráõ só piedosas
Troyás do amor , ruínas da belleza :
Aquellas , digo , prendas lacrimosas ,
Dous Infantes gentis , que a natureza
Deixou com vida , porque em seu tributo
Fosse a morte da flor vida do fructo!

V.

Qual nos braços da pláta mais visinha,
Em roupas de rubim , cama olorosa ,
Sentindo huma lanceta em cada espinha ,
Sangrada no jardim fenece a rosa :

Con-

Confagrando-se flor quem foy Rainha,
Em Tyrios holocaustos sanguinola,
De cujas cinzas restaõ por grinalda
Reliquias de ouro em cofres de esmeral-

VI. (da.

Que pezares, que penas, que rigores
Amor formava, e cada qual sentia!
Qual nos gemidos soluçando amores,
Em carinhos as magoas confundia:
Qual desmayado no tapiz das flores
Se recosta troféo da tyrannia,
Notando aquelle peito, cujo enfeite
Lhe troca em pena quanto foy deleite.

VII.

Quantas vezes fallando enternecidos
Em soluços lhes pára o doce alento!
Quantas na voz do monte repetidos
Os lacrimosos ays lhes torna o vento!
Quantas a ser naufragios dos sentidos
Em crystaes se deriva o sentimento!
Pois quer a dor, querendo amor agora,
Chorem dous Sóes a falta de hã Aurora.

VIII.

Alentado o rigor duplica os tiros,
Sobem globos de fogo, esféras de agoa,
Naõ resiste clavel, que nos retiros
Naõ morra espuma, e naõ feneça fragoa:

198 *Sentimentos de D. Pedro* ,
Multiplica-se o vento nos suspiros ,
Fogosos rayos lhe despe a magoa ,
Já não sabe nascer , nem brilhar rosa ,
Que não pafme defunta mariposa.

IX.

Naõ tributaõ lisonjas aos sentidos
Nestas mudas razões , que amor ordena ,
Que sujeitos amantes defunidos ,
Aquelle que mais chora ; esse mais pena :
E se lagrimas faõ nos mais queridos
Almas do coração , bem se condena
Qualquer a mais sentir , pois he patente
Que quẽ mais almas tem , muito mais sête.

X.

A solidaõ de Pedro imaginada
Lhe accêde as almas , lhe distilla os peitos ,
Que não morrera Ignez , se retirada
Naõ sentira distantes seus effeitos :
Porque como he de amor muito apertada
A gentil uniãõ de dous sujeitos ,
Quãdo matar hum delles a dor trata ,
Sem defunir os dous hum só não mata.

XI.

Assim passãõ da magõa a ser espanto
Os dous ayõs do mimo , os dous Cupidos ,
Narciso cada qual do próprio pranto ,
Metõntes , em fim , de seus gemidos :

Se foraõ gálã, da belleza em quanto
Eraõ gentis desvêlos dos sentidos,
Lastimas ficaõ já da tenra idade,
Culpas de amor, delictos da beldade.

XII.

Quaes simplez avefinhas, que roubadas
A's lisonjas de Abril, mimos de Flora,
Dos maternas alentos apartadas,
Suspira cada qual, cada qual chora:
As que foraõ do campo idolatradas,
Oraculos do Sol, linguas da Aurora,
De si mesmas agora occulta fragoa
Concebem pena, quando abortaõ magoa.

XIII.

Mas já funesta voz, turbado alento
Por lingnas de metal enrouquecido
Formava o semideos monstro violento,
Gigante pela fama conhecido:
Aquelle, cujo alado atrevimento
Se remonta veloz, e taõ subido,
Porque nelle talvez o mundo veja
Voarem penas a pezar da inveja.

XIV.

Lá fez a tuba lastimoso effeito
Nos alentos de Pedro, que em suspiros
Os mais dos éccos interpreta o peito,
Dobrando magoas, renovando tiros.

200 *Sentimentos de D. Pedro,*
Quando apenas, emfim, na dor desfeito
O coração lhe pázma, que em retiros,
Suffocado talvez da intensa calma,
Se izentou de viver por conta da alma.

XV.

No combate fatal deste desmayo,
Lastimosos parenthesis da vida
Tributa da vidas ao mortal ensayo,
A's sentinellas da alma já vencida:
Não morre, Pedro, não, que aquelle rayo
Foy lançada de amor, que repetida
Se pertende matar, a quem suspira,
Menos o mata, se lhe a vida tira.

XVI.

Assim vivendo morre, quando amante,
Assim morrendo vive, quando auzente,
Que se morre, pois pena por distante,
Vive tambem, pois vive porque sente:
Mas, emfim, não passára tanto avante
Nas finezas amof, que fora urgente
Acabar-se na vida, se a roubára,
E taó fino não ser, se não matára.

XVII.

Mas quem diria agora o que sentiste
Nesta, Pedro, de amor menor ventura,
Dos carinhos auzente, que já viste
Brotar melindrés, produzi brandura

Oh,

Oh , que dirias Pedro , quando abriste
Aqueles dous conceitos da ternura !
Os olhos digo ; mas em fim me ordena
Parte das queixas interprete a pena.

XVIII.

Ja no pardo capuz , roupas faudosas ,
Immudecida a terra se encobria ,
E nos hombros das nuvens tenebrosas
Ataudes de sombra o tempo erguia :
Confagrando com tochas luminosas
Mudas exequias ao defunto dia ,
Dando claros signaes o Joven louro
Em torres de çafir nos finos de ouro.

XIX.

Quando a favor da vida o sentimento
Novos em Pedro reproduz gemidos ,
Sendo sumilher da alma o novo alento ,
Que lhe corre as cortinas aos sentidos :
Mas a liquida dor , claro tormento ,
Se acredita nos olhos advertidos ,
Que quem nas penas solitario mora ,
Só lhe resiste vivo em quanto chora.

XX.

Solicita retiros , em que unidas
Se acreditem de finas as faudades ,
Que são mais primorosas , se sentidas
Não permitem motivos a piedades :

202. *Sentimentos de D. Pedro* ,
Tributaraõ labéos de mal nascidas ,
A naõ passarem mostra de vaidades ,
Quando naõ foraõ mais que eternizadas
Solitarias , occultas , retiradas.

XXI.

E já nas solidoens entretenido
Interpreta lisonjas aos cuidados ,
Pois vay dando nas flores advertido
Mortas prendas , alinhos mal logrados :
Mas apenas se lembra enternecido
Daquelles sóes agora imaginados ,
Quando já vacillante , e só discorre ,
Aqui pasma , alli geme , acolá morre.

XXII.

Qual Girasol gigante , que atrevido
A beber luzes amoroso aspira ,
Se bem que entre zeloso , e presumido
Desdenha ufano , e temeroso gira :
Mas vendo apenas , que o galaõ querido
Em disfarces de nacar se retira ,
Porque se vê das glorias todo auzente ,
Languido pasma , cuidadoso sente.

XXIII.

Em fim , rompe nas queixas amorosas
Agora Pedro , quando as vê sentidas ;
Que naõ pôdem livrar-se de penas.
Quando sabem fugir a ser ouvidas :

E só discretas saõ , se rigorosas .
As que menos se prezaõ de entendidas ,
Que já por isso Pedro , se as pertende ,
He só porque a si mesmo naõ se entende .

XXIV.

Ay, gloria minha, diz, gloria sonhada!
Minha te chamo, quando assim perdida,
Que se naõ tens as véras de lograda,
O dezar naõ padeces de esquecida:
Como gloria maltratas, se lembrada,
Como molestas glorias possuida;
Na posse logras ancias de fallivel,
Na memoria rigores de impossivel.

XXV.

Como soube deixarme assim frustrado
Este rigor, que gloria se habilita,
Quando me fez mayor q̃ o mesmo fado,
Mayor que amor, mayor q̃ a mesma dita:
Quem nie dissera entaõ que este cuidado
Fosse rosa, que apenas se acredita,
Quando se vê nas mãos da natureza
Troféo da dor, sangria da belleza.

XXVI.

Ay, triste solidão! ay, pena ingrata!
Quanto menos cruel foras agora,
Se, permittindo a magoa, que maltrata;
Naõ roubáras a gloria, que se adora:

204 *Sentimentos de D. Pedro*,
Mas esta dor não fora, que assim mata,
Rigoroso pezar, se assim não fora;
Pois não se mede o mal de quem suspira
Pelo que tem, senão pelo que tira.

XXVII.

Mas ainda mais avante acompanhada
Desta dor outra pena já me alcança,
Pois na magoa da perda lamentada
Os allivios me rouba da esperança:
Mas como se não fora eternizada,
Maltratára das glorias a mudança,
Que o pezar sem remedio padecido
Mata, porque ha de ser, não porq̃ ha sido.

XXVIII.

Nem pódem mitigar esta saudade
Assistencias de amor, porque resiste
Outra nova razão da soledade,
Que na distancia desse amor consiste:
Que, como aquelle objecto da vontade
Hoje feito impossivel não me assiste,
Sendo vinculo amor entre sujeitos,
Não tendo extremos, não produz effeitos.

XXIX.

Só deixára de ser eternizada
Esta dor, mas se fora divertida,
Se a memoria da prenda imaginada
Não passára a ser pena padecida:

Só razaõ de prazer, quando lembrada,
Essa gloria tivera, que he perdida,
Se, sendo assim passada na lembrança,
Soubera ser futura na esperança.

XXX.

Nem queixumes de lagrimas sentidas
Allivio pôdem ser nesta saudade,
Que, sendo parte d'alma desunidas,
São causas naturaes da soledade:
Porque quando nos olhos advertidas
Procuraõ fugitiva liberdade,
Aquella mesma vida, que me alenta,
Tambem nellas partida se me auzenta.

XXXI.

Oh, quem me dêra já ser assistido
Dos penhascos talvez, que o monte cria
Mas quem não tem razões para sentido,
Não pôde ser nas magoas companhia:
E hum rigor por ausencias padecido
Com nenhuma presença se allivia,
Que quem nas ancias, q̄ padece hū triste,
Juntamente não pena, não lhe assiste.

XXXII.

E menos me permite esta esquivança
Ser de vós assistido, lindas flores,
Pois por gentis emblemas da mudança
Jeroglyphicos sois de meus favores:

E se

206 *Sentimentos de D. Pedro ;*
E se produzís glorias na lembrança ,
Mal podeis assistir a meus rigores ,
Que não faz assistencias nos retiros
Quem motiva principios aos suspiros.

XXXIII.

Nem já , feras , talvez vossa bruteza
Resta para topar branda piedade ;
Mas como pôde fer , se a natureza
As noticias vos nega da faudade ?
E no fatal rigor de huma tristeza ,
Nos effeitos mortaes da soledade
Não pôde ser a dor compadecida ,
Sem que seja na causa conhecida.

XXXIV.

Nem sereis , avesinhas , no faudofo
Companheiras gentis a meus retiros ,
Que differentes sujeitos no penoso
Tem diversas as magoas nos suspiros :
E bem se creê que o mal todo invejoso
Mais a mim do q̃ a vós fulmina os tiros,
Poís hum rigor fatal , hum dâno esquivo
Mais mata o racional ; que o sensitivo.

XXXV.

E menos podeis ser a meus sentidos
Deleitoso carinho na faudade ,
Lisonjeiros arroyos , que atrevidos
Solicitais dos olhos a vaidade .

Mas

Mas como, se a meus ays, e a meus gemitos
Multiplicais melhor a soledade, (dos
Pois em vós retratado descontente
De mim mesmo me vejo estar auzente.

XXXVI.

Mas inda assim, paray, porque melhora
Nestas lagrimas minhas vosso augmento :
Se professais correntes, como agora
Sabeis livres fugir ao sentimento ?
Paray, não murmureis, que nisso fora
Muito mais conhecido vosso alento ;
Olhay que se condena, ou se aventura
A não fazer remansos quem murmura.

XXXVII.

E vós, paray nas queixas amorosas,
Galantes cortezáas da soledade,
Que não cantais por pontos de faudosas,
Quando dais tantas falsas á faudade :
Paray, digo, a meus ays, paray piedosas,
Paray nos quebros, tende a liberdade,
Aprenderéis a ser nestes retiros
Hum Peniz cada qual de meus suspiros.

XXXVIII.

Paray, gentis emblemas da vaidade,
Flores, digo, paray, paray faudosas,
Não bebais presumpções, q̃ a pouca idade
Creis de meus incendios mariposas :

Apren-

8 *Sentimentos de D. Pedro*,
prende dos alinhos da beldade,
vossa vida digo, a ser piedosa,
se sempre foy nas regras da ternura
eis capaz de lições a formosura.

XXXIX.

Paray, feras, tambem nestes ruidos,
ardas do monte, archeiros da fereza;
zey caso das penas, que os bramidos,
gumentos parecem da bruteza:
o basta, paray, que os entendidos
dem talvez notar vossa estranheza:
inhas queixas ouvi, que allivio fora
nem não pôde fallar me ouvisse agora.

XL.

Paray, toscos penhascos, que o Ceo cria
ra pardos Atlantes dos retiros,
vos vence huma liquida porfia,
como já resistis a meus suspiros?
as, oh! Que digo! Pare a cobardia,
chale o peito, multiplique os tiros,
multiplique a dor, e dobre o sentimento
goa nos olhos, nos suspiros ventos.

XLI.

Ferido o coração, tribute em foga
ndosa prata, derretido alento,
liquida sangria ao desaffogo,
ifonjeira lanceta ao sentimento.

Successivo queixume , ardente rogo ,
Se verta em neve , se distille em vento ,
Naõ fique planta , que a pezar do espanto
Naõ morra em fogo , naõ se affogue em
XLII. (pranto.

Sejaõ linguas dos olhos mudas agoas ,
Interpretes da dor tristes retiros ,
Eloquencias do peito vivas fragoas ,
Razões do coração ternos suspiros :
Rhetoricas da pena ardentes magoas ,
Elegancias de amor dobrados tiros ,
Immudeça a razão , que só parece
Sabe tambem sentir quando immudece.

XLIII.

Distille o coração , duplique o vento
Ethnas ao pezar , agoas ao rogo ,
Morra por gloria de seu mesmo alento
Troya nas ondas , e Narciso em fogo :
Incendios solicite ao sentimento ,
Diluvios multiplique ao desaffogo ,
Sendo de seu rigor o mesmo ensayo
Na causa nuyem , nos effeitos rayo.

XLIV.

Naõ cresça tyrio , q̃ naõ sinta os tiros ,
Clavel naõ gire , q̃ naõ pafme em fragoas ,
O que Feniz naõ for entre os suspiros ,
Morra já Faetonte sobre as agoas :

210 *Sentimentos de D. Pedro* ,
Sejaõ vozes nas magoas os retiros ,
Que melhor no retiro se ouvem magoas ,
Se se póde na dor , que amor ordena ,
Ouvir a magoa ; sem sentir a pena.

XLV.

Naõ reste planta, que se atreva a tanto,
Que naõ murche dos ays enternecidos ,
Rosa naõ fique , que, a pezar do espanto,
Se naõ seque , ludibrio dos gemidos :
Em fim, duplique a dor, produza o pranto
Lastimosos naufragios aos sentidos ,
Seja neste pezar , nesta esquivança.
Carybdis da alma , e Cabo da esperança.

XLVI.

Mas ay! q̃ as plantas no desdẽ da idade,
Mas ay! - q̃ as flores no rigor de hũ vento,
A naõ serem jasmĩns na brevidade ,
Naõ seriaõ perpetuas no tormento :
Só tu , terrivel'ancia da saudade,
Eternizas agora o sentimento ,
Porque quando matar-me amor ordena ,
Me deixas vida , com que o corpo pena.

XLVII.

Quem seubera cuidar q̃ a mais crescida
Tyrannia cruel dá dor mais forte
Fosse , quando nas perdas de huma vida,
Impossiveis sentisse de huma morte :

Mas

Mas he rigor da magoa repetida ,
Por industria fatal da iniqua sorte ;
Porque quando talvez matar-me trate,
Por me topar sem vida, me não mate.

XLVIII.

E se fora da vida roubadora
Esta forte fatal , tormento esquivo ,
Tivera só por pena matadora.
Qualidades de grande no intensivo :
Mas não; q̃ como o amor pertende agora
Cumular intenfoens ao sensitivo ,
Não quer que a dor me mate, pois durára
Muito menos a pena se matára.

XLIX.

Agora alcançarás , prenda querida ;
Os rigores de amor na minha forte ,
Pois agora me quer roubar a vida,
Só por ma não tirar primeiro a morte :
Mas ay ! que a pena se duplica unida ,
Mas ay ! que a magoa se eterniza forte ;
Pois que vejo na dor do mal esquivo ,
Que não posso morrer, porque não vivo.

L.

Mas agora na pena , a que me entrega ,
Vejo que quer a dor , e a mais aspira ,
Que padeça na morte , que o mal nega ,
E que pene na vida , que amor tira :

115 *Sentimentos de D. Pedro,*

Aqui verás , Ignez , a quanto chega
Esta pena de amor , que amor conspira ;
Pois agora não sey no que discorro ,
Se vivo auzente , nem se auzente morro.

LI.

Mas, emfim, q̃ me queixo dos rigores,
Com que talvez amor me tyranniza ?
Quando mais martyrizão seus favores
Onde qualquer lembrança os eterniza :
Pois quando apenas se alentárao flores ,
Passárao quasi flor , que se agoniza ,
Por isso minha queixa mais se ordena
A sentir meu desdem , que a minha pena.

LII.

Oh duro amor! oh fragoa dos gemidos!
Prizaõ da vida , Argel da liberdade !
Martyrio d'alma , guerra dos sentidos !
Encanto doce da melhor vontade !
Teus favores só foraõ conhecidos
Por gentis prendas da mais tenra idade ,
A não serem primeiro teus favores
Seccos espinhos , que animadas flores.

LIII.

Que cuidados não causas, Joven cego !
Que rigores não dás ao pensamento !
Que delicias não roubas ao socego !
Que lisonjas não finges ao tormento !

A que

A que peito não dás custoso emprego !
A que vida não tiras doce alento !
De que genios não reynas ! de que idades !
De que prendas gentís , de que beldades !

LIV.

Quê me dissera, quando Ignez, lograva
Nos carinhos gentís de teus favores ,
Quando nelles amor idolatrava ,
Para poder talvez morrer de amores :
Quem me dissera, digo , que aspirava
Hum caduco prazer a taes rigores !
Quem me dissera então , que da ventura
Era mortal delicto a formosura !

LV.

Quem dissera que os lassos alvedrios ,
Gentís madeyxas , onde a natureza
Repartio liberal por tantos fios
Os melhores extremos da belleza :
Esses agora , que acabáráõ brios ,
Se arrastassem bandeiras da tristeza !
Mas que muito , se nunca em seus enáyos
Algum por louro se izentou de rayos !

LVI.

Oh bem , que pouco duras possuido !
Só logras algum ser , quando esperado ,
Nos molestos receyos de perdido
Tyrannizas o gosto de alcançado :

Oh

214 *Sentimentos de D. Pedro,*
Oh sonhada lisonja do sentido !
Oh mais terrivel ancia do cuidado !
Flor, que apenas se vê , quando se chora,
Enteada do Sol , filha da Aurora.

LVII.

Aquelles olhos , donde o Sol furtava
Os melhores thesouros da vaidade ;
E em luzidas capellas consagrava
Dous altares amor a huma beidade :
Aquelles , cuja luz interpretava
Os occultos archivos da vontade ,
Estes mesmos erarios da belleza
Deixa a perder de vista huma fereza.

LVIII.

Oh debil gloria , lisonjeiro ensayo ,
Abel da vida , lingua do escarmento ,
Desfeita sombra do mais breve rayo ,
Quebrado vidro do mais tibio vento :
Jasmin , q̃ pasinas de qualquer desmayo ;
Clavel , q̃ morres de teu mesmo alento ;
Oh gloria humana, enfim, gloria sonhada,
Vidro , sombra, jasmin, clavel , ou nada!

LIX.

Aquella bocca, donde a mais lustrosa
Se derivava purpura incendida ,
Em quem se vio nascendo a bella-rosa
Com menos folhas, quando mais partida:
Ago-

Agora só se occulta lastimosa
Em desmayos de neve amortecida ;
Mas que prenda não tem, que formosura ,
Muito menor a vida , que a ventura ?

LX.

Lá pertende o clavel nascer luzido ,
Mas em casa gentil botaõ techado ,
Porque aquella manhaã, q̃ o vio nascido ,
O chorasse primeiro amortalhado :
Quem purpureo clavel taõ pretumido ?
Mas quem gentil clavel taõ lastimado ,
Que lhe chegue a tecer a natureza
A mortalha primeiro que a belleza.

LXI.

Aquelle brando affeyo da ternura ,
Aquelle doce Argel da liberdade ,
Aquelle emblema só da formosura ,
Aquelle bello encanto da vontade :
Aquelle gentil pasmo da ventura ,
Aquelle rico erario da vaidade ,
Nos alinhos se vê já confundida ,
Troféo da morte , lastima da vida.

LXII.

Que pouca duraçaõ , que mal segura
Tem nas prendas da vida huma belleza!
Só vive em quanto nasce a formosura ,
E espira em quanto vive a gentileza :

Em-

216 *Sentimentos de D. Pedro*

Em fim, mais morre, quanto em fim mais
Mortalidades traz por natureza, (dura,
Quanto mais alentada, e mais luzida,
Mais accidental logra, e menos vida.

LXIII.

Mas, se são melindrosa enfermidade
Prendas de amor, e dotes de huma vida,
Que muito, bella Ignez, que essa beldade
Fosse de teus alentos homicida!
Contigo a morte foy no Abril da idade
Menos ambiciosa, que atrevida,
Sem reparar, Ignez, que seus rigores
Perdessem fructos por cortarem flores.

LXIV.

Mas vivirás, Ignez, que amor ordena,
Nestas memorias, donde a tyrannia
Por não lograr-se mal a minha pena,
Debuxára melhor tua galhardia:
Aqui verás, Ignez, se me condena
Amor, que por tyranno se avalia,
A fazer impossiveis, pois discorro
Viver lembrado, quando ausente morro.

LXV.

Morra no ramallete flor cobarde
A que rosa nasceo mais alentada,
Vomitando rubins pague na tarde,
Quantas perlas bebo na madrugada:

Seja

Seja bruto fiscal de tanto alarde
O mesmo dia, que chorou cortada,
Que nenhuma manhaã, nem tarde temo
As contas tomar possa a tanto extremo.

LXVI.

Aqui passo talvez a mais querer-te
Onde chego mais fino a mais lembrar-me;
Porque foraõ distancias de naõ ver-te
Incentivos quiçá para olvidar-me:
Mas nem topo motivos de perder-te
Nesses teus infalliveis de deixar-me,
Que sendo vida minha, só pudera
Por perdida julgar-te, se eu morrera.

LXVII.

A ssm se queixa Pedro, quando ausente
Daquellas prendas nunca mais queridas,
Pois amor, que lembradas as consente,
As pintou bellas, quando as vio perdidas:
Quando nas penas, que cõbradas sente,
Quando nas queixas, que repete unidas,
Já desmayando pasma, porque ordena
A mesma queixa, que se cale a pena.

LXVIII.

Qual o lyrio gentil nas mãos da tarde,
Quando fragoas se alêta, incendios gira,
Funesta tumba de seu mesmo alarde,
Bebendo rayos, abrazado espira:

218 *Sentimentos de D. Pedro*,
O que roxo matiz nas penas arde,
Parda nuvem murchando se retira,
Em quanto a Aurora tarda, q̄ de hũ rayo
Lhe corte gallas para novo ensayo.

LXIX.

Assim Pedro se pasma, e não consente
Os sentidos queixumes, que derrama,
Que se vive queixoso quem mais sente,
Põem limite nas queixas quem mais ama:
Mas aqui lhe concede amor presente
Aquellas prendas, com q̄ mais o inflâma,
Que são talvez motivos do socego
As memorias gentís do doce emprego.

LXX.

Agora, humanas prendas, se entēdidas
O desdem desprezais da infauſta forte,
Que não duraõ taõ pouco vossas vidas,
Que não saibaõ passar além da morte:
Attentay, se notardes advertidas,
Que naquelle de amor rigor mais forte
Aconteceo da misera, e mesquinha,
Que depois de ser morta foy Rainha.

AO MESMO ASSUMPTO,

GLOSSA DA OITAVA

DE

C A M O E N S

PELO DOUTOR

ANTONIO BARBOSA BACELLAR,

O I T A V A .

E Stavas, linda Ignez, posta em focego
De teus annos colhendo o doce fruto
Naquelle engano da alma ledo, e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito,
Nos faudosos campos do Mondego
De teus formosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando, e ás hervinhas
O nome, que no peito escrito tinhas.

G L O S S A I .

Querida prima minha, alma ditosa,
Que do corpo as prizões desampara-
E qual candida flor, ou fresca rosa (ste,
De teus annos a flor em flor murchaste:

Hoje

Hoje, que habitas pátria lúminosa,
 Não te esqueças de mim, q̄ tanto amaste ;
 Quádo, dando a meus olhos doce empre-
 Estavas, linda Ignez, posta em socego. (go,

II.

De teu formoso rosto o bem perdido
 A's rosas, e aos jasmims eraõ ensayos,
 Pois com belleza igual, igual partido
 Brotava o rosto Abril, os olhos Mayos:
 Os olhos, que eraõ ninho de Cúpido,
 Os olhos digo, que frechavaõ rayos ;
 Delles recebe a morte hoje tributo,
 De teus annos colhendo o doce fruto.

III.

Já em reynos de luz, passos de gloria
 Pizas com pés de prata estrellas de ouro,
 E retumbando o Ceo, Ignez. vitoria,
 Esconde avara a terra o mór thesouro:
 Emprego he já da morte, ou vil memoria
 A mão de prata, e o cabello de ouro ;
 Da morte he já, se foy da vida emprego
 Naquelle engano da alma ledo, e cego.

IV.

• Mas por mais q̄ o rigor da esquiva terra
 Nas entranhas me escóda o gosto amado,
 Com tudo a perfeição, que bella encerra,
 Estará no meu peito debuxado :

No prazer, no pezar, na paz, na guerra
De teu formoso gesto o fiel traslado
Durará em meu peito nunca enxuto,
Que a fortuna não deixa durar muito.

V.

Meu canto a ti será, e a mim meu pranto
Em victimas de lagrimas sagrado, (to
Canto o pranto será, e o pranto canto
Por mãos de meu tormento dispensado:
Teu nome ensinarey, se posso tanto,
A's conchinhas do Tejo celebrado,
Repetindo saudoso, e sem socego
Nos saudosos campos do Mondego.

VI.

Algoz será da vida meu tormento,
E ministro da morte meu cuidado,
Só penas me darão contentamento,
Só gostos me darão pezar dobrado:
Affogado em suspiros cento a cento,
De mil a mil em lagrimas banhado,
Pagarey com meus olhos o tributo
De teus formosos olhos nunca enxuto.

VII.

Alli a terra, o bosque, e o penedo
Ouvidos prestarão a meu descante,
Indicios do pezar dará o rochedo
Nas firmezas, e lagrimas constante:

Esculpirey teu nome no arvoredo,
 Sempre choroso, quando mais amante,
 Todas as perfeições, que illustres tinhas,
 Aos montes euinando, e ás hervinhas.

VIII.

Pois hoje habitas patria luminosa
 Em tribunaes de luz resplandecente,
 Entre as rosas do Ceo mais beila rosa,
 Entre os Astros estrella mais luzente:
 Se não te esqueceo ainda generosa,
 Conferva na memoria eternamente
 O nome, a quem de puro amor mátinhas,
 O nome, que no peito escrito tinhas.



SONETO.

D'E

FRANCISCO RODRIGUES LOBO,

Com a Glossa do Doutor Antonio Barboza Bacellar.

FOrmoso Tejo meu, quam differente
 Te vejo, e vi, me vês agora, e viste,
 Turvo te vejo a ti, tu a mim triste,
 Claro te vi eu já, tu a mim contente.
 A ti foy-te trocádo a grossa enchente,
 A quem teu largo campo não resiste,
 A mim trocou-me a vista, em q̃ cõsiste.
 O meu viver cõtente, ou descontente.
 Já que fomos no mal participantes,
 Sejamo-lo no bem: oh quem me déra
 Que fossemos em tudo semelhantes!
 Mas lá virá a fresca Primavera,
 Tu tornarás a ser quem eras de antes,
 Eu não fey se ferey quem de antes era.

GLOS.

G L O S S A I.

EM fim, mereci verte, ó Tejo amado,
 Em fim, pude lograr o meu desejo,
 E por prova fiel do meu cuidado
 Em meus olhos mostrar-te hũ novo Tejo:
 Que differente corres, que mudado!
 Não sey já como creyo que te vejo,
 Quão turbadas as agoas, e a corrente,
 Formoso Tejo meu, quão differente!

II.

Quão entre glorias me adulava a sorte
 Era tẽço crystal teu movimento;
 Hoje, que triste não receyo a morte,
 Medonho em ondas te recea o vento:
 Oh da minha fortuna fiel consorte,
 Companheiro leal de meu tormento,
 Pois alegre huma vez, outra vez triste
 Te vejo, e vi, me vês agona, e viste!

III.

Ay esduco prazer, doce mentira!
 Ay tyrannia pensão da mór ventura!
 Jasmim, que apenas abre, quando espira,
 Rosa, que em quanto nasce, apenas dura!
 Voltou-se a sorte, que a meu dano aspira,
 Variou-se o tempo, q̃ em teu mal se apura
 E em vez daquella gloria, em q̃ me viste,
 Turvo te vejo a ti, tu a mim triste.

Não

IV.

Naõ chore a pena, quẽ naõ teve a gloria
Que só quem vio o bem, sente o tormẽto,
Quem se vio nos applausos da victoria,
Só sabe quanto custa hum rendimento:
O mal, q̃ he bem passado na memoria,
Só parece que apura o soffrimento, (te,
E assim, porq̃ a dor nossa mais se augmẽ-
Claro te vi eu já, tu a mim contente.

V.

Em quanto puro, suave, e prateado,
Eras luzido espelho das estrellas,
Entaõ em hũ mar de glorias remontado
Gozava a Lisis doce inveja dellas:
Variou-se o tempo, variaste o estado,
Cansou-se Lisis, e cansaraõ-se ellas; (te,
A mim trocou-me o mal de hũ peito ausẽ-
A ti foy-te trocando a grossa enchente.

VI.

Tanto cõmigo podem meus pezarẽs,
Que esse campo, que inundas caudalozõ,
Igualmente a meus olhos, q̃ a teus mares
Deve o rio adoptivo o curso undoso:
Se nesta tosca gruta repousares,
Verás como se abranda ao som queixoso,
Que só Lisis resiste ao peito triste,
A quem teu largo campo naõ resiste.

VII.

Naõ ha pena, q̃ doa, ou mal, q̃ espante,
 Se presente ao q̃ ama, hum peito chora,
 Que só cõsiste o bem de hũ peito amante
 Na vista do que estima, e do que adora:
 Julga pois se he meu mal mais penetrãte,
 Pois fugindo cruel Lisis traidora,
 Por negar este bem ao peito triste,
 A mim trocou-me a vista em que consiste.

VIII.

Mas se do mal, que passo, he procedido
 O bem de conhecer, amado Tejo, (hido,
 Que inda ha quẽ naõ se esqueça de hũ ca-
 Ufano já meu proprio mal invejo:
 Oh verdadeiro amigo, e naõ fingido!
 Pois ou te vejo alegre, ou triste vejo,
 Parece que varia a tua corrente
 O meu viver contente, ou descontente.

IX.

Ambos igual fortuna padecemos,
 Mas tu já tens o allivio de queixar te;
 Ay de quem passa taõ crueis extremos,
 Que do tormento a voz naõ sabe parte!
 Ambos pois nossas queixas alternemos,
 Pois cõmigo teu mal soube igualar-te;
 E sejamos no allivio similhantes,
 Já que fomos no mal participantes.

Naõ

X.

Naõ seja muda a voz em tanta guerra ,
Nã ande ociosa a lingua em tal tormêto ,
Ouça o mar, saiba o Ceo, e veja a terra,
Que se dou agoa ao mar, dou vêto ao vêto
E se ainda em tanta pena hũ bẽ se encerra
Que he poder declarar o sentimento ,
Já que fomos iguaes na pena fera ,
Sejamo-lo no bem, oh quem me dera !

XI.

Ay quem me dera, que pudera o prãto
Defabafar o peito em tanta pena ;
Mas a causa da pena pôde tanto ,
Que a perpetuo silencio me condena :
Seja por ambos o teu triste canto ,
Já que a gloria da causa, que me ordena,
Naõ quizerãõ os fados inconstantes
Que fossemos em tudo semelhantes.

XII.

(te,

Mas oh naõ chores, naõ, teu mal presẽ-
Pois te aguarda a ventura de outro fado ,
Que ocioso sente, quem seus males sête ,
Quãdo espera a seus males outro estado :
Hoje escurece o campo tua corrente ,
Mas lá virá Abril mais socegado ;
Hoje as estrellas o teu curio altera ,
Mas lá virá a fresca Primavera.

Teraõ no campo as flores varias cores,
 E adornando-se o Ceo de luzes bellas,
 Competirão com luzes, e verdores
 Estas cheirosas, lucidas aquellas:
 Entaõ mimo de estrellas, e de flores
 Serás espelho ás flores, e ás estrellas,
 Enthesourando perolas brilhantes,
 Tu tornarás a ser quem eras de antes.

XIV.

(trato

O Mas eu, q̃ morro ás mãos de hũ falso
 Como posso dar tregoa ao soffrimento!
 Pois me dá a fortuna de barato, (to:
 Por curar de hũ tormento, outro tormẽ-
 Mas pois q̃ o tempo a hum peito ingrato
 Naõ quiz esperar allivio ao sentimento,
 E entre as mudanças de hũa ingrata fera,
 Eu naõ fey le ferey, quem de antes era.



AO MESMO SONETO.

OUTRA GLOSSA

Do mesmo Author.

I.
E Spelho de crystal das Ninfas eras,
 Quando eu Cupido fuy destas Serranas,
 Luzes a mayor luz prestar puderas,
 Como eu favores dar ás mais ufanas:
 Mas fe do tempo a forte consideras,
 Qualquer de nós verás, se não te enganas,
 Estar daquillo, que era antigamente,
 Formoso Tejo meu, quão differente!

II.

Já vi teu resplendor em meu cajado
 Argentar campos, e enlaçar penhores,
 Como as arêas, que douraste ao prado,
 Como as do prado, que brotavão flores:
 Agora feyo tu, e eu desprezado,
 Se exemplos de favor são disfavores,
 Sentir o mal do bem, que não sentiste,
 Te vejo, e vi, me vez agora, e viste.

En

III.

Em quáto com brandura, e có piedade
 Regaste os campos, q̃ eu amey prudente
 Tivemos sempre igual prosperidade,
 Tu com fer claro, eu com fer contente:
 Mas depois que o poder te deo vaidade,
 E o favor me fez impertinente,
 Com q̃ eu fuy claró, e tu da máy sahiste,
 Turvo te vejo a ti, tu a mim triste.

IV.

Hum refrigerio só, huma esperança
 Podemos ter nos lances da ventura, (ç.a,
 Que inda q̃ mude o mal, (naõ por bonan-
 Mas por nös dar segunda desventura)
 Impossivel naõ faça esta mudança
 Ver-me eu sem goito, tu sem formosura,
 Pois neste mesmo campo alegremente
 Claro te vi em já, tu a mim contente.

V.

De rio a fonte estavas reduzido,
 Olha o rigör do tempo; e eu mudado
 Das ufanas de favorecido,
 Com fer teu semelhante consolado:
 De fonte em mar te vejo convertido,
 Tu nunca a mim me viste melhorado,
 Nada a mim me trocou de descontente
 A ti foy-te trocando a grossa enchente.

VI.

Das nuvens de meus olhos fomentado
Entras no mar com tanto poderio ,
Que tornas doce a quem te faz salgado,
E a quem te pintou mar, debuxas rio :
Repara em mim, não corras tão inchado;
Olha que em vindo a sequidaõ do Estio
Essa furia te quebra hum seixo triste ,
A quem teu largo campo não resiste.

VII.

Pouco tens que sentir, se alternamente
Teu mal, e bem n'um anno o considero,
Mas eu passay de alegre a descontente ,
E neste mesmo estado persevero :
Melhor estás, pois que huma só enchente
He igual ao que soffro, e ao que quero ,
Se por mais me não ves , qual tu me viste,
A mim trocou-me a vista, em que cõsiste.

VIII.

De modo se accrescentaõ lastimosos
A' vista de teus gostos meus pezares ,
Que turvaõ estes olhos de invejosos
Os crystaes de teus rios com seus mares:
Sejamos ambos tristes .ou ditosos,
Porque eu não chore quãdo tu cantares ,
E não te impedirá correr florente
O meu viver contente, ou descontente.

Mas

IX.

Mas não repares, não, corre avarento,
 Que confiado estou que inda algum dia,
 Como nasceo teu bem do teu tormento,
 Nascerá de meu mal minha alegria :
 Turvo estiveste já, eu descontente,
 Quando choravas tu, eu não me ria :
 Hemos de ser nos bens communicantes,
 Já que fomos no mal participantes.

X.

Em quanto fomos tristes, conservaste
 Cômigo sempre estreita sociedade,
 Tanto que foste alegre, me deixaste,
 Pode mais o interesse, que a amizade :
 Se agora me mudar, qual te mudaste,
 Já que não fomos na infelicidade
 Companheiros no mal, como devera,
 Sejamo-lo no bem: oh quem me déra !

XI.

Sejamo-lo no bem, sem te offenderes
 De ser meu companheiro em tal destino,
 Porque eu posso subir, e tu desceres,
 A ser ditoso eu, tu a mofo :
 Reparte com meu mal de teus prazeres,
 Para depois pagar-te, que imagino
 Tem decretado os fados inconstantes,
 Que fossemos em tudo semelhantes.

Mas

XII.

Más ay de mim, q̃ nesciamente iguálo
O bem dos dous n'um mesmo paralelo,
Se para não viver basta esperá-lo;
Melhorando-te tu sempre em perdê-lo :
Desesperado estou de restaurá-lo ,
Tu não o perderás; pois para tê-lo ,
Nunca mais cá tornou aquella fera ,
Mas lá virá a fresca Primavera.

XIII.

Virá a Primavera, e matizando
De boninas o campo em varios cofres,
Infante de jasmim, solemnizando
Com linguas de crystal livres aljofres:
Entre estrellas de flores coróandô (fres
Das Ninfas, q̃ em cothurnos de ouro sof-
Esperdiçando perlas, e diamantes,
Tu tornarás a ser quem eras de antes.

XIV.

Eu estou de ser feliz tão duvidoso ,
Que inda em tanta abũdancia de alegria ,
Que tudo faz alegre , e faz ditoso ,
Eu se hey de ficar , como tohia :
Nesta mudança deste Abril formoso ,
Segundo minha estrella me annuncia ,
Tu bem sey q̃ has de fer o que se espera ,
Eu não sey, se serey quem de antes era .

AO MESMO SONETO.

OUTRA GLOSSA.

I.
Formoso Tejo meu, tristes suspiros,
 Que do-mar, e do peito derivados
 Tudo lagrimas sois, que em varios giros
 Huns corrẽ manfos, e outros magoados:
 Vós alegres buscais verdes retiros,
 Eu chorando contẽplo os meus cuidados;
 Quão diferente sois nessa corrente,
 Formoso Tejo meu, quão diferente.

II.
 Em riso alegre, em ondas carregado
 Nos vimos, tu furioso, eu florecente,
 Tu agora sereno, antes inchado,
 Eu agora chorando, antes contente:
 A ti mudou-te a sorte, a mim o fado,
 A mim trocou-me a magoa, a ti a corren-
 Com esta differença alegre, e triste, (te,
 Te vejo, e vi, me vês agora, e viste.

III.
 Mudou-se o ser, mudaraõ-se as corrẽtes,
 Com diferente emprego as agoas vejo,
 Fontes os olhos choraõ ás enchentes,
 Corre suave em lagrimas o Tejo:

Tristes fim maravilhas, mas decentes,
Pois quando o rio (oh misero desejo!)
Tumba te solicíta, espelho assiste,
Turvo te vejo a ti, tu a mim triste.

IV. (ouro

Naõ basta, ó Tejo meu, q̃ em cápos de
Brindes ao Sol a prata em ondas frias,
Nem que de escarcha o liquido thesouro
Corra por dilatadas galarias: (ro
Entaõ se enluta o campo, humilha o tou-
Quando tu manso as perolas enfias,
A pena naõ se muda, o gosto mente,
Alegre te vi eu já, tu a mim contente.

V.

Oh fortuna infeliz, triste mudança,
Que do bem para o mal passas correndo!
Diga-o mentida essa corrente mansa,
Que embravecida foy diluvio horrendo:
Muda-se em desengano o q̃ he esperança,
Outro es já, Tejo meu, outro estou sêdo:
A mim trocou-me em cinza hũ Sol ausête
A ti foy-te trocando a grossa enchente.

VI. (to!

Mas ay minha saudade, ay meu tormẽ-
Se assim dentro do peito manso, e brando
Correras, como o Tejo, doce, e lento,
Naõ matáras, passáras magoando:...

O Tejo em si se alenta, eu desalento,
 Elle pára esquecendo, e eu lembrando :
 Esta he a differença amante, e triste,
 A quem teu largo campo não resiste.

VII.

Ditoílo tu, que vez ao Sol brilhante,
 Quádo eu cego húa sombra adoro, e figo;
 Em ti cada reparo he hum diamante,
 Em mim cada memoria he hum castigo:
 Tu vez ao Sol em ti, eu cego amante
 Não vejo o Sol, q̄ sempre anda cômigo :
 E pois consiste a vida em ver hum triste,
 Amim trocou-me a vista, em que consiste.

VIII.

Mas que digo, que passo, e que admiro!
 Entre penas, allivios, agoas, flores,
 O que he recreação, he já retiro,
 Naufragio as agoas são, veneno as cores :
 Morte o descanço foy, vida o suspiro,
 Não quero suspensão, quero os rigores;
 Pois consiste em penar, e estar presente
 O meu viver contente, ou descontente.

IX.

Não te enganes, ó Tejo, brando e máfo,
 Quádo mais descuidado em teu emprego;
 Que assim sereno fuy no meu remanso,
 Assim lerás tu agora ledo, e cego:

Hum

Hum rayo consumo o meu descanso,
Hum trovão moverá o teu socego ;
Choremos pois do bem breves instantes,
á que somos no mal participantes.

X.

Confórmes já nas lagrimas suaves,
Que he lisonja da dor sentir as penas,
Semendo tristes, e sentindo graves,
Em fôtos de crystal, urnas amenas,
Nos feraõ canto as mais sonoras ayes,
Nos feraõ pranto as fontes mais serenas:
Unidos neste mal, que a forte altera,
Dejamo-lo no bem: oh quem me dêra!

XI.

(te
Mas não, ó Tejo meu, q̃ he mais constã-
A pena em mim, do q̃ é teu curso a forte,
Tu muita enchente tens, muita vazante,
Eu tive huma só vida, huma só morte:
Hum dia corres turvo, outro brilhante,
Eu sempre tenho hũ fer, e figo hũ norte:
Quem pudera alcáçar, quanto distantes,
Que fossemos em tudo semelhantes.

XII.

Bem vejo que do Estio o fogo ardente
Te prende humilde em carceres sôbrios,
E que o fingido Outono altera, e mente
De tanto impulso os alentados brios:

Mas

Mas eu do Inverno o luto infaustamente:
 Visto, ou corra o mar, ou sequem os rios;
 Agora arrebatado o ar, se altera,
 Mas lá virá a frésca Primavera:

XIII.

(ra,

Se assim como has de ser, eu fosse ago-
 Ou algum dia a ser tornasse o que era,
 Menos a morte padecida fora,
 Dobrada a pena agora padecera: (ra;
 Mas quem tanto impossivel cego implo-
 Primeiro o bronze se tornará em cera,
 Eu jámais largarey laços amantes,
 Tu tornarás a ser quem eras de antes.

XIV.

Com esta impaciencia, este tormento,
 O que perdeu hum bem, a sorte apura,
 Tu correndo no mar buscas assento,
 Eu parado me chego á sepultura:
 Tu tornarás com novo nascimento,
 Eu ficarey de posto á perda dura;
 Como de antes serás gloria da esféra,
 Eu não sey se ferey quem de antes era.

AMANTE DESPREZADO.

I D I L I O.

EM hum valle adornado
 De rozas , e boninas ,
 Por onde o manso Tejo caminhava ,
 Que o deixa matizado
 De gotas crystalinas ,
 Hum mancebo gentil chorando estava.
 E pois alli me achava ,
 E me compadecia
 De o ver estar gemendo ,
 Anciozo a procurá-lo fuy correndo
 Para ver se abrandar seu mal podia ;
 Pois hum pranto excessivo
 Torna o mais cruel peito compassivo.

Cheguey , e á sombra amena
 Com elle descansando ,
 Logo lhe perguntey quem lhe cauzava
 Taõ insoffrivel pena ;
 Mas elle , soluçando ,
 Só em resposta lagrimas me dava :
 E como eu dezejava ,
 Que allivio exprimentasse
 No seu mal rigorozo ,

Outra

Outra vez lhe intimey que era forçoço ,
 Que a cauza da sua magoa m' explicasse :
 Elle , que já me ouvia ,
 Na resposta, que dava, assim dizia.

Nas margens desse rio ,
 Que a fragrante espessura
 De brilhantes crystaes está bordando ,
 Me pôs o fado impio ,
 Porque a magoa mais dura
 Meu coração ficasse exprimentando :
 Ahi , amigo , quando
 Cheguey , quiz logo a forte ,
 Que eu visse huma belleza,
 Obra tão singular da natureza ,
 Que a troço de a avistar soffrera a morte ;
 Pois tal me parecia
 Como a luz do luzido Sol que ardia.

Esta formozza estrella
 Dava luz aos meus olhos ;
 E qual iman deixava-me attrahido
 A sua graça bella.
 Se d'asperos abrolhos
 O mais agreste campo era vestido,
 Apenas tão luzido
 Sol nelle se mostrava
 Quanto triste o fazia,
 Parece que de gloria se vestia

E alegre a sua vinda festejava,
 Que hum taõ lindo portento
 Motiva universal contentamento.

O natural mais brando
 Mostrava no semblante,
 E nas accoens de bronze ter o peito
 Ella está indicando;
 Pois quanto eu mais amante
 Altares lhe erigia no respeito,
 Tanto menos acceito
 Era o meu sacrificio :
 E como a minha vida
 Era da sua vista procedida,
 Porque me não fizesse hum beneficio ,
 E a morte me cauzasse ,
 Nunca mais permittio que a avistasse.

Vê tu, prezado amigo,
 Se eu posso estar contente
 Depois de fopportar tanto desgosto;
 Se avistar não consigo
 Quem amo firmemente ,
 Como poderey ter o menor gosto?
 Eu vivo já disposto
 Para acceitar a morte ;
 Pois vida taõ penoza
 Só quando finaliza he proveitoza.
 Mas ay! que determina a dura sorte,

Que inda mais tempo eu viva ,
Só porque soffra a magoa mais activa.

Vive em minha lembrança

Aquella ingrata bella,

Para que meu pezar seja dobrado;

Porque sem esperança

De ver taó linda estrella

Cada vez serey mais desconsolado.

Com aleivozo agrado

Ella me vio hum dia:

Mas oh quem de tal gloria

Já pudesse riscar toda a memoria !

Que assim mais toleravel ficaria

A minha dor vehemente , (mente.

Que a lembrança he q̄ faz q̄ o mal se aug-

As chammas em meu peito

Mais fortes se ateáraó

Quando me vi por ella desprezado ;

E com grande respeito

Meus olhos intentaraó

Outra vez conseguir taó bello agrado:

Mas fuy dezenganado

Vendo que se auzentava

Sem que indicio me desse

De affecto, que igualar o meu pudesse;

Pois como enfurecida me deixava ,

Fazendo desta sorte

Que

Que eu ficasse chorando até á morte.

Qualquer fonte correndo
 Gasta a pedra mais dura:
 Só de meus tristes olhos as correntes
 Naquella formozura
 Vejo fazer effeitos differentes ;
 Pois muito mais vehementes.
 Se ostentaõ seus rigores ,
 Se o meu pranto se augmenta,
 E parece que em mim fogo accrescenta ;
 E produz no seu peito mais furores,
 Só porque desgostozo
 Eu acabe no estado mais penozo.

Meus suspiros podiaõ
 Tornar hum ferro brando ,
 E nos montes as féras se espantavaõ
 Dos ays, que ahi me ouviaõ:
 As aves, que voando
 Seu canto pelos ares espalhavaõ,
 Apenas me avistavaõ
 Mudas hiaõ fugindo,
 Mostrando fentimento
 Deste pranto, que ouviaõ taõ violento;
 Pois taõ grande martyrio estou sentindo,
 Que a todos cauza pena,
 Menos áquella ingrata, que o ordena.

Naõ póde ser nascida

De humana creatura,
 Quem trata deste modo a quem a adora.
 Nas brechas escondida,
 E na verde espessura
 Huma fêra também outra namora.
 Tanto que nasce a Aurora,
 As aves do seu ninho
 Sahem também cantando
 Seus amores occultos publicando :
 E até vive amante hum passarinho,
 E huma fêra tyranna,
 Para que me aborreces deshumana ?

Permittio-me a gloria

De ver seu lindo rosto,
 Só porque este martyrio hoje soffresse.
 Mas oh quam transitoria
 Foy esta, e que desgosto,
 Desta lembrança no meu peito cresce !
 Ella de mim se esquece
 Mas eu a todo o instante
 Suspiro só por vê-la,
 E por mais que tyranna se mostre ella
 Sêpre me heide mostrar seu firme amate,
 Que hum verdadeiro affecto (cto.
 Não póde em tempo algũ mudar de obje-

Se a minha amarga pena

Cresce a qualquer instante,

He forçozo que eu viva descontente:
Pois se quem me condena
A dor taõ penetrante
Meu verdugo ha de ser perpetuamente,
Cada vez mais vehemente
Será o meu tormento,
Até que desta sorte
Eu chegue a dar a vida pela morte:
Que d'um taõ insoffrivel sentimento
A magoa procedida
Só póde ser extincta com a vida.

Disse, e com triste pranto
Da vista me fugindo
Nenhuma attençaõ dava ao que eu dizia:
Cada vez mais espanto
Me estavaõ influindo
Os afflictos suspiros, que lhe ouvia;
O lugar, por donde hia,
Com lagrimas molhava,
Qual hum grande chuveiro,
E parece que aos lobos nesse couteiro
O seu cruel pezar communicava;
E desgraça taõ forte,
Deve servir de exemplo até á morte.

Por hum Engenho desta Corte.

A O C O N D E
 D E
 V A L - D E R E Y S ,
 S E N D O R E G E D O R D A S J U S T I Ç A S .
 O I T A V A S .

N O Regio Throno, no Solio ^(tivo) primi-
 Do Supremo Senado preeminente,
 Empunhay o bastão, ó Conde altivo,
 Que Afréa vos tributa reverente:
 Porque nos jaspes, ás memorias vivo,
 Empenho a tanto merito decente,
 Se veja em vós regêda sem mudança
 Recta a justiça na fiel balança.

II.

Mas suspende, ó Muza, o vdo incerto,
 Com que ao Sol te remontas sublimada,
 Que ao ver-te subir da luz taõ perto,
 Te vaticinio a quêda despenhada:

Já

Já Propercio te accuza o deza certo ,
Na ruina de tantos celebrada ,
A quem tributa em funeraes, que teve,
Brandoens a cera em tumulos de neve.

III.

Mas sêdo certo que empenhar se deve,
Em funçoens grâdes o q̄ quer vencellas ,
Pois nunca a honra de conseguillas teve ,
O que temeo o risco de emprendellas :
Por gloria immortal de quem se atreve
Basta sómente o empenhar-se nellas ,
Que o valor não prevê cazos avêssos ,
Que he só Máy a fortuna dos successos.

IV.

Bem pôdes pois, ó Muza, em gloria tâta
Remontar-te ao esplendor, q̄ eterno dura,
Pois os riscos, que a gloria te levanta
Ao despenho os applausos te assegura :
Na lyra pois, que metrica descanta ,
Elogios immortaes, que a fama apura
Affina accentos ja que he feliz sorte
Cantando hũ Fenix tarde Cisne a morte.

V.

Porèm para fazé-lo só tomara
Das Castallias o liquido thesouro
Ter nos influxos dessa luz preclara ,
Com regio auspicio, com felice agouro :

Por-

248 *Ao Conde de Val-de-Reys,*
Porque quando a Hypocrene liberara
O candido crystal com bico de ouro,
Cantar pudesse o que aqui se trata,
Em tiorba de ofir com vóz de prata.

VI.

Agora só, o Conde esclarecido,
Invejo aquelle estylo soberano,
Em clausulas sonoras repetido,
Que inclinou mais Divino, do q̃ humano:
E toque a vós o modo encarecido
Do Tracio, do Grego, e do Thebano,
Que a impulso só de accentos singulares,
Enfrea as ondas, retrocede os mares.

VII.

Porém se ja não pude merecê-lo,
Mereça hum desejo affectuozo
As desculpas no arrojio de emprendê-lo,
Temerario igualmente, e temerozo:
Substitua as finezas de hum delvélo,
As faltas do discurso primorozo,
E só lhe explique em gloria relevante,
As azas desse passaro gigante.

VIII.

Regey pois, Conde illustre, o merecido
Bastaõ, que o Cezar Luzo vos offereçe,
Que sempre o vosso merito subido,
Ha de Conde informar do que merece:
Nelle

Nelle verá o mundo suspendido ,
Que em vós a piedade resplandece ,
Quando nessa palestra esclarecida
De justiça a regeis á vara unida.

IX.

Melhor Licurgo, Conde soberano,
Sereis de nosso Imperio venerado ,
E nesse Capitolio Lusitano ,
Ficareis nas acções eternizado :
Excedendo a Tito , e a Troyano ,
Sempre da fama no gloriozo brado ,
Por glozador a Curcio dos melhores
Sereis veneração de professores.

X.

E se fazendo o ramo parecido ,
Ao Tronco Regio, donde derivado ,
O mostra o nobliario mais subido ,
Se esse ramo do tronco sublimado :
Tornando em ramo o tronco florecido,
O tronco deixa em ramo equivocado ,
Trocado Cõde excelso em vós acclamo ,
Em ramo o tronco, e em tronco o ramo.

XI.

Porèm se fois de Jove rayo ardente ,
Que muito ã de hum pólo a outro pólo
A tanto simulacro reverente
Eterno culto sacrifique Apollo !

250 *Ao Conde de Val-de-Reys* ,
Se na Campanha com furor vehemente ,
Tirais do louro insigne de Pactolo ,
De hum, e outro luminoso ensayo,
A Phebo o ramo, a Jupiter o rayo.

XII.

E porque o mundo veja conresponde ,
Nesse valor o medo do Otomano
Lá de donde o Sol nasce, the cá donde ,
Se lhe constroe pira o Oceano :
Mostray, *Mendõça* illustre, excelso Cõde,
Que allõbro Portuguez, pasmo Africano
Seguis em tudo a gloria, passo a passo
Do da Veiga famozo Garcilaço.

XIII.

Dilate pois o Ceo a vossa vida ,
Para que nos progressos da grandeza
Deixeis da Patria a fama engrandecida ,
Em pira de alabastro Troya acceza :
O mesmo Sol com gloria repetida ,
O vosso nome em singular fineza ,
Lhe tribute *Furtado*, o mesmo bronze
Onze estatuas nas espheras onze.

XIV.

Só vós podeis, só vós, Conde excellẽte,
Louvar aquillo mesmo, que vos toca ,
Por galan, por discreto, e por valente :
E assim ferindo de metal a boca ,

A tan-

A tanta gloria o pasmo reverente ,
Vos dá, quando a fazé-lo vos provoca ,
Para correr do mundo as partes todas ,
A fama as azas, a fortuna as rodas.

XV.

Suspende pois as vozes já remissas ,
Dos accentos , ó lyra resonante ,
Que os applausos nos eccos desperdiças :
Baite dizer , que desse Imperio Athante
Sois Regedor supremo das Justiças ,
Pois em padroens eternos de diamante
O vosso nome só na vossa idade
Val de Reys, Cõde excelso, a Magestade.



RETRATO DE HUMA DAMA

POR O PADRE

EUSEBIO DE MATOS.

O I T A V A S.

I.
Podeis dezafiar com bizzarria ,
 Só por só, cara a cara, bella Aurora ,
 Que a Aurora nem só cara vos faria ,
 Vendo taõ bõa cara em vós, Senhora :
 Senhora fois do Sol , e luz do dia ,
 Do dia, em que nascestes até agora ,
 Que se a Aurora foy luz por sua estrella,
 Duas tendes em vós a qual mais bella.

II.

Sey que vos dera o Sol o seu thesouro,
 Peló negro gentil desse cabello ,
 Taõ bello, q̃ em ser negro foy desdouro
 Do Sol, q̃ por ser de ouro foy taõ bello :
 Bella fois, e fois rica sem ter ouro ,
 Sem ouro haveis ao Sol de convencello ,
 Que se o Sol por ter ouro he celebrado,
 Sem ter ouro esse negro he adorado.

Vaõ

III.

Vão os olhos, Senhora esta y attento:
Sabeis os vossos olhos o que são?
São de todos os olhos hum portento,
Hum portento de toda a admiração:
Admiração do Sol, e seu contento,
Contento, que me dá consolação,
Consolação, que mata o bom desejo
Desejo, que me mata quando os vejo.

IV.

A boca para cravo he pequenina,
Pequenina se he, será rubi,
Rubi não tem a cor tão peregrina,
Tão peregrina cor eu nunca vi:
Vi a boca, e julguey-a por Divina
Divina não será, eu o não creyo,
Mas creyo que não quer a vossa boca
Por rubi, nem por cravo fazer troca.

V.

Ver o nevado aljofar, que dezata,
A Aurora sobre a galla do rosal,
Ver os raios de nacar dessa prata,
E perolas em conchas de coral:
Ver diamantes em golpes de escarlata,
Em piques de rubi puro crystal,
He ver os vossos dentes de marfim,
Por entre os bellos labios de carmin.

Em

VI.

Em peito não socega esse Amor cego,
 Cego só pelo amor de vosso peito,
 Peito, em que o cego Amor não tẽ socego,
 Socego por vos ter amor perfeito .
 Perfeito foy o amor em tal emprego,
 E o emprego perfeito em tal effeito,
 Effeito, que he mal feito dizer mais,
 Quando chega o amor a extremos taes.

VII.

Tanto se preza Amor de vosso amor,
 Que o mayor, que tem, he amor tanto
 Tanto, que diz o Amor que outro mayor
 Não teve por amor, nem por encanto:
 Encanto he ver o Amor em tal ardor,
 Que arda tambem o peito por espanto,
 Tendo, do fogo vivo por final,
 Duas vivas empolas de crytal.

VIII.

A dizer dessas mãos não me aventuro,
 Que a ventura das mãos a tudo mata,
 Mata Amor nessas mãos já tão seguro,
 Que tudo ás mãos lavadas desbarata:
 A cuja neve, prata, e crystal puro,
 Se apurou o crystal, a neve, a prata,
 Bellissimas pyramides formando,
 Onde Amor vay as almas sepultando.

A def-

IX.

A descrever a cinta não me atrevo,
Porque a vejo tão breve, e tão succinta,
Que em ve-la me suspendo, e me elevo,
Por não ver ategora melhor cinta :
Mas por seguir o estylo, que aqui levo,
Digo que he vossa cinta tão distincta,
Que o Ceo se faz anel da formosura,
Só para cinta ser de tal cintura.

X.

Vamõ-nos para o pé, mas tate, tate,
Que descrever o pé tão peregrino,
Seloucura não he, he disparate,
Disparate, que passa a dezatino :
Aqui dezatiney, pois me deo mate
O picante do pé tão peregrino,
Que pé tomar não posso em tal pegada,
Pois he tal vosso pé, que em pontos nada.



DE BERNARDO VIEIRA,

PELOS MESMOS CONSOANTES

Applicando-as a hum Cadaver.

O I T A V A S.

I.
Quem vos mostra mudada a bizzarria
 Da cara, q̃ a luz dava á bella Aurora
 Creyo nenhuma affronta vos faria,
 Se a morte contemplara em vós Senhora:
 Porque sem luz vereis naquelle dia
 A cara, que brilhar vedes agora,
 Porque entãõ haveis ter só por estrella
 Ver em cinza desfeita a cara bella.

II.

Horror ferá entãõ esse thesouro,
 Que hoje naufraga em ondas de cabello,
 Trocando com mortifero desdouro
 Em fealdades quanto tem de bello:
 Por mais rico se vence agora o ouro,
 Entãõ a terra ha de convencello,
 Que quem na vida vive celebrado
 Perde na morte as prendas de adorado.

Esse.

III.

Esses olhos, que hoje olhaõ taõ sê têto
Entaõ naõ haõ de ser o que hoje saõ ,
Porque hoje se saõ da luz portento ,
Das trevas haõ de ser admiraçaõ :
E se por claros hoje daõ contento ,
Naõ haõ de dar entaõ consolaçaõ ;
Porque veraõ o fim de seu dezejo
Terminar nas cavernas , que eu já vejo.

IV.

A boca, que, por ser taõ pequenina ,
Ao cravo conquista , e ao rubi ,
Trocará quanto tem de peregrina ,
Pela mais triste boca, que eu já vi :
Algum dia a ouvi chamar Divina ,
Mas confesso, Senhora, que o naõ cri ,
Porque entendia que havia a vossa boca
Pela de huma caveira fazer troca.

V.

Esse aljofar, que agora se dezata ,
Para brilhar melhor nesse rozal ,
Naõ mostrará no nacar fina prata ,
Quando vir consumido o seu coral :
Esses dentes , que em golpes de escarlata
O rutilante mostraõ do crystal ,
Entaõ, no descorado do marfim,
Dentes se haõ de ver, e naõ carmin.

VI.

O peito, q̄ hoje he fragoa do amor cêgo
 Não será fragoa entãõ, nem será peito;
 Porque por dar á parca seu secego,
 Perderá quanto tinha de perfeito :
 Se em algum tẽpo foy do fogo emprego,
 Entãõ verá em si taõ rico effeito,
 Que julgará perfeito a tudo o mais,
 Que não chegue a ver prodigios taes.

VII.

A cauza, q̄ algum tempo foy do amor,
 Aqui vomitará tal odio, e tanto,
 Que não verá o mundo outro mayor.
 Na fabuloza Ley de seu encanto :
 Porque o que causava tanto ardor
 Da fealdade mesma será espanto,
 Não vendo em si figura, nem signal
 Dos dous botões, que tinha de crystal.

VIII.

Das mãos hey de dizer, pois me avẽuro,
 Que se sua belleza agora mata,
 Seu horror matará entãõ seguro,
 Quanto timido agora desbarata :
 Que se agora são prata, e crystal puro,
 Entãõ não se verá crystal, nem prata :
 Pois ossos haõ de ser, que vão formando
 Ganhos, que vão mortos sepultando.

IX.

Pòr os olhos na cinta não me atrevo,
Porque a vejo de carne tão succinta,
Que já me não suspendo, nem me elevo,
Da belleza, que vejo nessa cinta:
De a ver, na garganta a morte levo,
Porque a vejo tão feya, e tão distincta,
Que não acho signal da formozura,
Mais que hum osso, que serçe de cintura.

X.

Do pé hia' a fallar mas tate, tate,
Que não tem nada o pé de peregrino.
Oh loucura do mundo! oh disparate!
Aqui minha senhora dezatino:
Quem consumio o pé, quẽ lhe deo mate?
Mas ay! que a terra o vio tão pequenino,
Que por não ver em si sua pégada,
O picante do pé tornou em nada.



*Descripção da noite.***S O N E T O.**

Como está toda a terra escurecida !
 Como corre callada aquella fonte !
 Já o Sol não se avista no Horizonte,
 Já nenhuma outra luz he conhecida.
 He horrivel a selva mais florida,
 Dezampara o rebanho o verde monte,
 Ninguém se vê passar aquella ponte,
 Nenhuma voz ao longe he percebida.
 Com o gado o pastor á aldea chega,
 Nos bosques dorme a fera, o peixe na
 agoa,
 Tudo em fim ao silêncio já se entrega.
 Mas em meu triste peito, ardente fragoa,
 Por hum tenue momento não socega
 O estrôdo, que motiva a minha magoa.

A Clori,

*A Clori, que tocando una cithara
hizo morir hum Cysne.*

S O N E T O.

TAñia Clori hermosa, y la escuchaba
Un armiño canoro, un jasmín vivo,
Mas no me admiro en verlo a sí cautivo,
Que una belleza al fin todo lo acaba:
A consonancia tal suspenso estaba,
Quando de Clori el canto successivo
A su muerte apresada dió motivo,
Quando a su pecho amate alivio daba.
Pero no es mucho acabe en tal encanto,
Pues de Clori no fuè la tyrannia,
Como del Cysne fuè consuelo tanto:
Porque si ha de morir con harmonia,
Esperar no podia mejor canto,
Que de Clori la dulce melodia.

Descripção de hum prado.

S O N E T O.

A Donde o manso Tejo a clara^t en-
chente

De suas agoas mostra mais crescida,
Revestido da galla mais luzida,
Hum verde prado está, que affombra
a gente.

Alli logo que as portas do Oriente
Apollo patentêa, he conhecida
A sua linda luz, e sempre ouvida
A voz, que as aves fazem docemente.

Em fim aquelle sitio he tão brilhante,
Que julgo a natureza o tem criado,
Para que allivio fosse a hum triste
amante.

Mas nelle meu martyrio foy dobrado,
Porque em quanto de vós viver di-
stante,
Crescerá cada vez mais meu cuidado.

*Alludindo ao que diz Eliano lib.
14. cap. 23. que o Cysne ven-
ce a Aguia, se esta o de-
zafia.*

S O N E T O

A Rainha das aves provocando
Persegue o Cysne só, como entendido,
Que quem he por prudente conhecido,
Só deve pelear dezafiado.
Prudente, generoso, e alentado
No conflicto jámais fica vencido,
Porque como pelega de offendido,
Anima-lhe o valor ver-se aggravado:
Jeroglyfico o Cysne he da sciencia;
A Aguia de valor, e bizzarria,
Ambos querem vencer em competencia:
Mas quem troféos ao Cysne negaria,
Conhecendo que he tymbre da pru-
dencia:
O saber triumphar da valentia?

*Dezajando na sanguinolenta batalha de
Canas os mais nobres mancebos
dezamparar Italia, Scipião Afri-
cãno com a sua authoridade
os impedio. Falla com elles.*

S O N E T O.

Heroes famosos, que animozamente
Tendes este contrario accommettido
Pelejay, que he mais nobre ser vécido,
Que fugir, ou render-se lyremente.
Se temeis que vós vença facilmente,
Seja o vosso furor mais accendido,
Que no combate o medo conhecido
Faz que o fraco se atreva ao mais va-
lente.

A grande mortandade, que estais vendo,
Nenhum susto vos cauze, que a victória
Só se alcança com risco combatendo.
Combatey, que esta acção fará notoria
A vossa illustre fama, e aqui morrendo,
Ainda á gente Romana dareis gloria.

*Voando huma borboleta junto aos
olhos de F.*

S O N E T O.

Vão viviente, irracional alado ,
 Que quemarte procuras atrevido ,
 Por te ver como Fenix renascido ,
 Resuscitando em llamas abrazado :
 Aqui tienes el fuego destinado
 En los ojos de Filis encendido ,
 Onde revivirás desvanecido ,
 Quando no pueda ser por inflamado.
 Quemate como Fenix; pues te inflamás ,
 No temas padecer contraria suerte ,
 Que atrevidos de dichas no maltratan:
 Quemate pues dichoso en estas llamas ,
 Adquirirás la vida con la muerte ,
 Que dan vida estos ojos, quando matan.

*Venceo Scipiã a nova Cartago, nõ mesmo dia,
em que a ella chegou, e havendo alli huma
muito gentil Donzella, para ver a qual
gente innumeravel concorria, logo pro-
hibio que ella viesse á sua prezença, e
ordenou que a seu Pay, e Esposo
fosse restituída. Falla com os seus
Soldados.*

S O N E T O.

Esta Donzella, q̃ admirais formoza,
Sujeita a meu Imperio nõ se entende,
Pois, querer castigar quem nõ offende
A hum heroé he açcaõ indecoroza.

A mayor gloria desta empreza honroza
Só consiste em vencer quem nõ me
attende:

O meu animo agora nõ pertende,
Senaõ q̃ a Patria fique mais famoza.
Nã cõsintais que o meu semblante veja,
Porq̃ nõ digaõ q̃ he de amor vécido
Hum peito, em que a victoria já sobeja.
Levay a a seu Esposo, e Pay querido,
Porque vejaõ, na força da peleja,
A razaõ com que tenho combatido.

A ALE-

A ALEXANDRE

Chorando, porque ouviu dizer que havia mais mundos.

S O N E T O.

SE deseja mais mundos arrogante
 Para vencer teu animo valente,
 Melhor final de teu desejo ardente
 Era, q̃ hũ prãto, hum rayo fulminante.
 Neste luzira teu valor constante,
 E naquelle naufraga debilmente;
 Se já o mundo te adora reverente,
 Suspiras vencedor, choras triunfante?
 Que mais fizeras, se á contraria forte
 Alguma vez te viras reduzido,
 Se assim sentes as glorias de Mavorte?
 Mas como o mundo, q̃ ha, tens já redido,
 Não se distingue em teu alento forte
 O não ter que vencer de estar vencido.

*Muta Fúrio Bruto seus filhos , e sobri-
nho, por se terem conjurado com os
Aquilios , e Vitelios para mete-
rem em Roma os Tarquínios.*

S O N E T O .

B Arbaro iniquo, e indecorozo Intêto
He o vósso, ó ingratos, ó traidores,
Pois do dâno da Patria sois fautores,
Devendo só querer o seu augmento.
Prestais universal consentimento
A' entrada daquelles contendores,
Para que Roma, e seus habitadores,
Outra vez sintão seu rigor violento?
A' vista d'uma acção tão indecente,
Pede o meu brio q' eu tome o despique,
E fulmine o castigo mais vehemente.
Morrey, que he bẽ tal pena vos applique,
Para que a affronta da Romana gente
Tambẽ por vossas mortes morta fique.

AF. que morreo de ar.

S O N E T O.

COm ar madruga a flor mais en-
graçada,
Pavaõ de Abril pomposo, e matizado;
Mas para o seu alinhó ser prostrado,
Basta-lhe o mesmo ar da madrugada.
Nasce ayrosa a vergontea delicada,
Pluma do bosque, pavelhaõ do prado,
Mas de hum zefiro o sopro arrebatado
Entre as plantas a deixa sepultada.
Assim foy, Fabio, Filis soberana,
Delicada vergontea, e flor luzida;
Hum ar a corta, se outro ar a abala:
Fragil morreo, se madrugava ufana,
Porque em fim toda a põpa desta vida
Apenas brilha, quando em ar acaba.

Descripção da Aurora:

S O N E T O.

Como se vê no Aereo firmamento
 Luzir da brilhante alva os resplãdores,
 E servirem do prado ás lindas flores
 As lagrimas da Aurora de ornamento.
 Febo mostrando vem seu luzimento
 Aos valles, aos penhascos, aos verdores,
 E as aves com harmonicos clamores
 Applaudem seu vistozo nascimento.
 Em fim, logo que rompe o claro dia,
 Deste Planeta a luz resplandecente
 Enche todo o Emisferio de alegria.
 Só eu existo triste, e descontente,
 Soppoortando da forte a tyrannia,
 Sem jámais esperar viver contente.

A F. com huma espada na mão.

S O N E T O.

EN vano, ó Filis, esse azero, en vano
 Cortar quiere a una vida el plazo estre-
 cho,
 Que quien muere al azero de tu pecho,
 Ya no siente la espada de tu mano,
 Vibra los filos desse harpon tyrano,
 Que yo le darè mi vida satisfecho;
 Que si la muerte a un triste es de pro-
 vecho,
 Quien vive desdeñado, muera ufano.
 Però nõ, que es agravio a tus luzeros;
 Dexa Filis hermosa los enojos,
 Porque escusas las armas, quando miras:
 Vibra los ojos, dexa los azeros,
 Que más rinden, pestañas de tus ojos,
 Que sujetan impulsos de tus iras.

*A Filis.***S O N E T O.**

EM quanto ás Leys de amor não fuy
 fujeito,
 E gozava da minha liberdade,
 Vivia na melhor tranquillidade,
 Afflicções não sentia este meu peito.
 Não tinha em mim lugar algum preceito,
 Não dominava alguẽ minha vontade,
 Para mim era d'ouro aquella idade,
 Para mim era o tempo mais perfeito.
 Porém quando vos vi, bella Senhora,
 A vós me dediquey inteiramente,
 De querer mais não tive huma só hora.
 Mas com a minha sorte sou contente,
 Pois como firme esta alma vos adora,
 He meu gosto ser vosso eternamente.

Ao seu cuidado.

S O N E T O .

NO verdor da floresta delectosa,
 Quando de Abril a Aurora he mais
 ferena,
 Reclinado nos braços da açucena
 Vi o purpureo carmin da mesma rosa:
 Essa de ambar fragrante mariposa
 Vi bordar de escarlata a selva amena,
 E em quebros vi cantar a filomena,
 Entre as ramas de Daphne mais frondosa.
 De Flora o campo cheyo de harmonias,
 De aljofar guarnecendo os verdes prados,
 Essas de Thetis liquidas sangrias,
 Tudo em fragrancias concedia agrados:
 Mas ay, que entre taõ doces melodias
 Sómente me elevaraõ meus cuidados!

*Descripção da Primavera.***S O N E T O.**

JA de Pomona os campos matizados
 Estão de lindas flores nobremente,
 E parece convidaõ toda a gente
 Para ver sua galla os verdes prados.
 Já selvas, montes, bosques adornados
 De verdores se ostentaõ novamente,
 E fazem nos seus ramos docemente,
 Os passarinhos cantos alternados.
 Já em fim ao romper da amena Aurora,
 Alegre o gado espalha na espessura,
 E nella se revê huma pastora.
 Só eu da magoa mais tyranna, e dura,
 Offendido me vejo a toda a hora,
 Porque auzenté da vossa formozura.

Aos gostos breves do Mundo.

S O N E T O.

GLoria do amor, q̄ breve q̄ feneceſ!
 Pena do amor, que larga te dilatas!
 Que largamente hũ coração maltratas!
 Com quanta brevidade deſvaneces!
 Gosta fingido no melhor peroces,
 Verdadeiro tormento ſempre matas,
 Se te concedes, logo te recatas,
 Se te apoderas, nunca te enterneces.
 Pena cruel, que a alma me trãſpaſſas!
 Gloria caduca, que taõ poílco aturas!
 Que pudera emmendar tâtas diſgraças!
 Quem tivera n'hum ſer ſẽpre as vêturas!
 Es doce de paſſar, por iſſo paſſas;
 Es dura de ſoffrer, por iſſo duras.

*Descripção do Campo...***S . O . N . E . T . O .**

A Menos campos, tremolos verdôres
 Dos crystaes desta fonte matizados,
 Que agora novamente sois ornados,
 De verdes folhas, de fragrantés fiores.
 Apenas no Orizante os resplandores,
 Do luminoso Sol são avistados,
 Vos illustraõ, e em vós são conservados
 Até que a noite mostre seus horrores.
 Oh quam distincta he minha fonte agora
 Desse vosso brilhar, e formozura,
 De que vos adornou a roxa Aurora,
 Pois se a vossa alegria hoje seapura,
 A pena porque meu coração chora,
 A mais etuel tristeza me perdura.

A hum passaro cantando.

S O N E T O.

Que alegre pẽdurado de hũ raminho
 Cantádo em alta voz estás cõtente,
 Sem temeres o mal, estando ausente,
 Que te espera, ó incauto passarinho!
 Acorda pois de pressa, que addivinho,
 Se tardares hum pouco, descontente
 Inda mal chorarás eternamente
 O roubo de teus filhos, e o teu ninho.
 Faze já de meus males claro espelho,
 Pois por viver ausente, e confiado
 Perdi tudo o que tinha merecido.
 Mas ah, que tarde tomas meu conselho!
 Na perda ficarás defenganado,
 Já que cantas ausente, e divertido.

*Com pena de morte prohibio Charondas Thurio ,
 que nenhum Atheniense, armado de espada, en-
 trasse em ajuntamento de povo, e casual-
 mente vindo de huma Quinta com a mesma
 arma, que traxia, foy visto entre bastan-
 te gente, e advertindo-se-lhe a Ley,
 que estabolecera, por lhe dar exe-
 cuçãõ, a golpes da propria espa-
 da se mata.*

S O N E T O.

Morre Charondas, porq̃ mais seapura
 Em cõfervar as Leys, q̃ a propria vida,
 Porque sabe que dellas he nascida
 Dos Imperios mayores a ventura.
 A paz deixar a Athenas só procura
 Na morte, que recebe da ferida,
 Não se mostra a Republica sentida,
 Por elle a regerá na sepultura.
 Aos exemplos do Rey ninguem resiste,
 E, por isso, a pezar do mayor damno,
 Este em dá-lo ao seu povo agora insiste.
 Podia desculpar-se com o engano
 Mas taõ grande justiça nelle existe,
 Que do seu corpo o ob riga a ser tyran-
 ho.

APPLAU.

A P P L A U S O

D A

GLORIOSA VICTORIA
DAS LINHAS DE ELVAS,

Alcançada em 14 de Janeiro de 1659.

P A N E G Y R I C O

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. ANTONIO LUIZ

DJE M E N E Z E S,

Conde de Cantanhede.

O I T A V A S.

P O R

ANTONIO DA FONSECA SOARES.

I.
SE, invicto Cõde, a Muza, a voz, o accõto
Debil voz, Múza indigna, accõto he breve
Para louvar accõens, cujo ardimento
ã nos Annães da Europa a Fama escreve:
Vos me inspiray aquelle heroico alento,
Que em vós o mûdo admira, a patria deve,
Cãreis que acẽzas deste ardor na chãma
loẽ a voz, cante a Muza, e grite a Fama.

Oh

*Com pena de morte prohibio Charondas Thurio,
que nenhum Atheniense, armado de espada, en-
trasse em ajuntamento de povo, e casual-
mente vindo de huma Quinta com a mesma
arma, que traxia, foy visto entre bastan-
te gente, e advertindo-se-lhe a Ley,
que estabolecera, por lhe dar exe-
cução, a golpes da propria espa-
da se mata.*

S O N E T O.

Morre Charondas, porq̃ mais se apura
Em cõservar as Leys, q̃ a propria vida,
Porque sabe que dellas he nascida
Dos Imperios mayores a ventura.
A paz deixar a Athenas só procura
Na morte, que recebe da ferida,
Naõ se mostra a Republica sentida,
Por elle a regerá na sepultura.
Aos exemplos do Rey ninguem resiste,
E, por isso, a pezar do mayor damno,
Este em dá-lo ao seu povo agora insiste.
Podia desculpar-se com o engano
Mas taõ grande justiça nelle existe,
Que do seu corpo o ob riga a ser tyran-
ho.

APPLAU.

A P P L A U S O
 D A
GLORIOSA VICTORIA
DAS LINHAS DE ELVAS,
 Alcançada em 14 de Janeiro de 1659.

P A N E G Y R I C O
 AO EXCELLENTISSIMO SENHOR
D. ANTONIO LUIZ
DE MENEZES,
 Conde de Cantanhede.

O I T A V A S.
 P O R
ANTONIO DA FONSECA SOARES.

SE, invicta Cede, a Muza, a voz, o accêto
 Debil voz, Muza indigna, accêto he breve
 Para louvar accoens, cujo ardimento
 Já nos Affinês da Europa a Fama escreve:
 Vós me inspiray aquelle heroico alento,
 Que em vós o mudo admira, a patria deve,
 Fareis que acêzas deste ardor na chamma
 Soe a voz, cante a Muza, e grite a Fama

VIII.

Disto informado o Conde generoso
 De Cantanhede, o Conde, que de parte
 Pondo o gosto da Corte delizioso,
 Para as fadigas se dispõem de Marte:
 Não soffre, não, q' o Reyno mais glorioso,
 De quem inda veneraõ o Estandarte
 Tãtos climas, nações, Reynos, Imperics,
 De Hespanha se sujeite aos vituperios.

IX.

Já lida aquelle espirito invencivel
 Nas prevenções, q' faz para esta empreza,
 E aquella fé no zelo inaccessivel
 Arde entre chammas de valor acceza:
 Das forças junta logo o que he' possivel,
 E engrossando a milicia Portugueza:
 Cozas levas, que lhe vem do Reyno todo,
 De socorrer a Praça estuda o modo.

X.

Por não pôr a fortuna em contingência,
 Que tudo arrisca hã hora, e perde hã dia,
 A gente fez fahir com diligencia,
 Bem que o valor ao numero excedia:
 As acções, que se estudab' na experiencia,
 De tal forte o valor substitua,
 Que armado o peito desta confiança
 Mostrou mayor o acerto, que a esperança.

Sobre

XI.

Sobre hum rayo quadrupede parece,
Quando se ostenta em breve movimento,
Que o feroz animal se ensoberbece
Do pezo insigne, que lhe infunde alento:
Tanto ao pizar os campos estremece,
Tanto ao correr corrido deixa o vento,
Que o julga a vista com veloz desmayo.
Emplumado cometa, ay rolo rayo.

XII.

Vendo pois já o Exercito formado,
E estando para a marcha prevenido,
Oh que observancias mostra de soldado!
Oh que eloquencias véte de entendido!
Desorte ánima a todos alentado,
Tanto persuade a todos advertido,
Que co'as razões, em q' a efficacia sobra,
Tanto o juizo, como as armas, obra.

XIII.

A confiança, que ha de quem governa,
Desorte anima a Lusitana gente,
Que, por ser digna de memoria eterna,
Anhela os riscos com furor ardente:
Hum bravo orgulho, hũa alegria externa.
Faz a victoria a todos taõ presente,
Que era das que o destino promettia,
A menor circunstantia profecia.

XIV.

Deo final o clarim com força estranha,
 Cujó bellico impulso, e vivo alento
 Fazendô estremecer toda a campanha,
 Foy salva ao Sol, e adulaçãõ ao vento :
 Movem-se as tropas com galharda sanha,
 E os esquadroens iguaes no movimento
 Ao som tremolaõ de armas, e tambores
 Dos Estandartes as diversas cores.

XV.

O Sol, que ou já das nuvens offendido,
 Ou já da nossa injuria envergonhado,
 Negava ao mundo em sombras escódido
 A luz, que alegra o môte, anima o prado:
 Entãõ de tantos rayos guarnecido
 Desvaneceo das nevoas o toucado,
 Que coroando a todos de esplendores,
 Outros Soes pelas armas fez mayores.

XVI.

Porèm antes que a fulgida carroça
 Em montes de crystal se submergisse,
 E antes q̃ ao pobre alvergue, á breve cho-
 Lavrador, ou pastor se reduzisse: (ça
 Mandando á gente já, que se alvoroça,
 O Conde fazer alto, e que se visse
 O sitio mais capaz de alojamento,
 Deo ao trabalho allivio, ao cápb assento,
 Dous

XVII.

Dous cursos tinha o coche luminoso
Repetido na egyptica luzente,
E triunfando do horror caliginoso.
Terceira vez brilhava no Oriente:
Quando o Varaõ supremo cuidadoso
Da grande empreza, que se vê presente,
Medindo a fôrma, em q̃ ha de executá-la,
Aos Cabos principaes consulta, e falla.

XVIII.

Resolvendo em fim todos este dia
Quanto o grande Varaõ determinava,
Já do quartel o Exercito sahia,
Galharda a fôrma, a valentia brava:
O coração no peito não cabia
A cada qual, que a todos lhe saltava
Pelas mãos, pelos olhos de tal forte,
Que o menor catapulta era da morte.

XIX.

Donde dos Generaes mais defendidas
Linhas, trincheiras, fossos, estacadas
Se vem, e com cuidado guarnecidas
De tantas gentes bravamente armadas:
Manda sejaõ primeiro accommettidas,
Bem que mais para vistas, que escaladas;
Que o peito a grandes couias destinado
Vay ao risco mayor mais alentado.

Havia

XX.

Havia de huma nevoa o toldo espesso,
 A pezar do desvélo Castelhano,
 Com véo escuro, e tenebroso excesso
 Coberto o risco, e recatado o damno:
 E bem que tinha no discurso impresso
 Qual era o fim do intento Lusitano,
 Tinha em tardar a crer que era preciso
 Mais nevoas, que nos olhos, no juizo.

XXI.

Discorria o Valido, entao facundo,
 (Que tambem erra ás vezes o inimigo)
 Que era exercito breve todo hũ mundo
 Para yencer das linhas o perigo:
 O fado contra nós via iracundo,
 O poder, e a opiniao tinha comfigo,
 Do terreno a vantajem o ajudava,
 E mais que tudo o que de nós cuidava.

XXII.

Mas a pezar do agouro, que este dia
 Aos Menezes tégora ameaçava;
 Por não perder o Conde a bizzarria,
 Que em todos arde, e ferve, o desprezava:
 Se isto de si nos móres tranfes fia,
 Quando a supersticao lho condenava,
 E isto em dia de agouro mostra o fado;
 Que fará, no seu dia affortunado!

XXIII.

O' Muza ; se algum hora a minha lyra
Mereceo de teu plectro o doce encanto ,
Divino alento a meu favor inspira ,
Que humana voz não basta a dizer tão to :
Assim nunca esse monte, onde respira
O brando som de teu mellifluo canto ,
Se veja em lastimosa dissonancia
Profanado da inveja, ou da ignorancia.

XXIV.

Começou da trombeta o som terrivel
A encher o ar de horror, de espâto a ter-
Intimando fatal com furia incrível (ra,
Medo ao Sol, ira ao vêto, ao mûdo guer-
Sinal do ultimo dia era infallivel (ra :
A muitos dos que o câpo agora enterra,
Não nos mortos, que então resuscitaraõ,
Porém nos muitos vivos, que acabaraõ.

XXV.

Logo o grande Varaõ, que á sua espada
Tinha da guerra as artes reduzido ,
Manda se déffe as linhas a escalada ,
A que o valor se tinha offerecido :
E porque em tudo não ficasse nada ,
Que não vencesse o braço não vencido ,
Sendo merecedor de eterno templo ,
Menos usou do mando , que do exemplo.

XXVI.

Naõ taõ violento o mar tempestuoso,
 Quando abyssos, e estrellas ameaça,
 Eicumando de bravo, e de furioso
 A praya investe, as rochas despedaça :
 Como o Conde entre os riscos valoroso,
 A pezar dos perigos, que rechaza,
 Sem se lhe dar do posto, que interrompe,
 As linhas quebra, as estacadas rompe.

XXVII.

Para cegar o fõssõ dilatado
 Voa, naõ corre, cada qual ligeiro ;
 E apenas algum cahe de apressado,
 Quando serve de ponte ao companheiro:
 Parece que da morte arrebatado
 Naõ basta o espirito ser guerreiro ;
 Pois faz que ao Rey, em taõ confusa sorte
 Sirva até c'os çadaveres a morte.

XXVIII.

As cargas da Hespanhola artilheria
 Taõ vastas se repetem cento a cento,
 Que o ar se atroa, e se esmorece o dia,
 Turbaõ se os Ceos, e treme o Firmamêto.
 Pállido o Sol o resplendor enfia,
 O mar se esconde em seu profundo affeto
 E tudo em fim confusamente triste
 Sem luz, sem forma, e sem discurso assiste.

XXIX.

Vendo da Praça os Héros generosos
O valor, e o soccorro dos amigos,
Já não socegaõ bravos, e invejosos
De que a hõra lhes ganhem nos perigos:
Bem que em numero breve, valorosos
Accommettem de forte aos inimigos,
Que nas acções, que a cõpetencia cresce,
Cada qual hum exercito parece.

XXX.

Menos feroz o touro, que estivera
Prezo, quando no curro se dilata,
Com furia brava, e catadura fêra
Brama, e carva, accõmette, offêde, e mata:
Menos embravecido o mar altera,
As penhas ergue, os orbes arrebatã,
Vento, que solto das prizoens, que teve,
Ao mar, á terra, ao mesmo Ceo se atreve.

XXXI.

Pelo meyo das armas Castelhanas
Unir se ao nosso Exercito pertendem;
E franquear ás Quinas Lusitanas
Hã das partes, que do campo emprendẽ:
Naõ bastaõ ao Hespanhol forças huma-
Bem q cõ arte as forças se defendẽ; (nas,
Porque o valor, daquelles vencedores
Inda mais he que para accoens mayores.

292 *Applauso da Gloriosa Victoria*
XXXII.

O Conde illustre, que os amigos via
De Bellona entre as armas empenhados ;
E entrar tambem em cada qual queria
A honra dos successos arriscados :
Onde a peleja mais se embravecia ,
Onde vê já ceder muitos soldados ,
Bravo se arroja, e na mayor tormenta
Quáto hũ perde outro ganha, elle sustêta.

XXXIII.

Todos a seu exemplo aventureiros
Do amor da chara vida se despojaõ ,
E expondo-se das bálãs aos chuveiros,
Sõ de não ver-se em tudo o mais se enojaõ:
Nenhum ha, que não seja dos primeiros,
Todos ao risco intrepidos se arrojaõ
Com furia tal, que em golfos de eicarlata
Este choca, esse fere, aquelle mata.

XXXIV.

Em fim, rotas as linhas do inimigo,
E formado o esquadrão no seu terreno,
Dando ás soberbas trágico castigo
De estrago se enche logo o câpo ameno :
Está já com temores do perigo
O mayor dos seus Grandes tão pequeno,
Que se antes lhe era hũ mudo est feita pra-
Hum canto já lhe sobra na desgraça. (ça,
De

XXXV.

De Marte entaõ co' as iras, e rigores
Foy a batalha taõ cruel, e ardente,
Que parece que os orbcs superiores
Chocavaõ pelo mundo iradamente :
Todo o campo entre furias, e clamores
Era da morte huma rapida torrente,
Sendo hum fatal da vida parocismo ,
Copia do cahos, e original do abyfmo.

XXXVI.

Granizando os mosquetes, e arcabuzes
Rayos de chumbo entre trovões ardêtes,
O mesmo fogo das funestas luzes
De farol serve aos animos valentes:
Os leõens Estremenhos, e Andaluzes,
Por mais que entaõ as garras impacientes
Fêros esgrimaõ, morrem, bem q' ufanos ;
Entre os Herculeos braços Lusitanos.

XXXVII.

Entre nuvens de fumo anoitecido
O Cee se ignora, o mundo se escurece ,
Tudo vaga entre as armas confundido ,
Tudo em iras, e mortes se enfurece :
Em diluvios de chammas derretido,
Que chega o mundo ao triste fim parece;
Pois sem que baste a tanta furia escudo,
Tudo se offende, e se consume tudo.

294 *Applauso da Gloriosa Victoria*
XXXVIII.

No roxo mar, que o campo representa
Desorte o mais intrepido naufraga,
Que coçobrado em misera tormenta
A vida perde quando a sede apaga;
Outro desorte as veyas alimenta,
Se exausto delle em suas ondas vaga,
Que ao mesmo tempo, q' esta acção lastima,
Quando aquelle se affoga, este se anima.

XXXIX.

O Conde invicto, que a fortuna irada
Vê no vagar, com que a victoria chega,
Montes rompe de ferro com a espada,
De sangue hums rios abre, outros navega;
E qual o segador co' a mão armada
Da curva foice em Julho espigas lega,
De hum golpe fô nas bellicas fadigas
Cabeças corta mais que aquelle espigas.

XL.

As pernas bate ao rápido giiete;
Que impellido da força, que o domina,
Sepiza, em quanto intrepido accõmette,
Quanto encontra belligero arruina;
Sendo do ar fogoso martinete,
Tanto a villa, e distancias desatina,
Que n'hum só ponto a tudo está presete,
Viyo trovão, relampago vivente.

Dos

XLI.

Dos cavallos o estrepito furioso ,
O retinir das armas repetido ,
Dos mortos o espectaculo horroroso ,
Os ays do afflicto, as vozes do rendido:
Do estropeado o grito lastimoso ,
E em fim dos que agonizaõ o alarido .
He tal , que ecco lo de tantos males
Magõa as penhas, e atormenta os valles.

XLII.

Mas já de Hesperia as gêtes, cujo estrea-
As nossas tropas sem parar cresciaõ, (go
O campo convertendo em roxo lago,
Aprelhados das sombras se valiaõ :
Huma infausa ruina, hum triste amago
Nos deformes cadavres se viaõ ,
Causando a vista deste horrendo ensayo
Aos olhos medo, aos coraçoes desmayo.

XLIII.

Em fim, cahio a estatua, que queria
Adoraçãõ no mar, na terra, e vento,
Cahio a torre, que intentado havia
Chegar do Luso ao alto firmamento:
Com pedra negra Hespanha deste dia
Conte a memoria, e chore o sentimento ;
Que o Luso, inda q̃ esqueça isto, q̃ aeclama,
Em vivos bronzes lho eterniza a fama.

XLIV.

Voltando rota em fuga declarada
 Toda Hespanha com vozes, e alaridos,
 Já deixa a preza, e gente affinalada,
 E os mais dos Cabos mortos, e feridos:
 Segue a victoria a Portugueza espada,
 E os clarins vivamente repetidos
 Celebrando do Conde excessivo a gloria,
 Alegres já lhe cantão a victoria.

XLV.

Com pressa logo o Conde, cujo alento
 Nenhum repouso ao braço consentia,
 Os fortins cerca, e com cuidado attento
 Mais, que do bem, da vigilancia fia:
 Atitudino de Hespanha o sentimento,
 Capuz de sombras arrastava o dia;
 Mas logo o Ceo lho rópe em luzes bellas,
 Pondo por luminarias as estrellas.

XLVI.

Mas já da Aurora o rosciler brilhante
 De aljofares bordado amanhecia,
 E o Sol, deixando o leito de diamante
 Rayava os montes, e dourava o dia:
 Dos Ceos o que era lugubre semblante
 De luzes cheyo, e nácarés se via,
 E ao brando som, que o vento respirava,
 A fonte ria, e o Rouxinol cantava.

Quan-

XLVII.

Quando rendidos os fortins, e entrado
 A faco todo o campo do inimigo,
 Foy o despojo mais que imaginado,
 Foy mayor a ventura que o perigo: (do
 O Conde entao (oh grãde Heroe!) prostra-
 Do mudo ao grãde Author, fóra, e cõfigo
 As graças do que ao Ceo dever entende,
 Como a Deos dos exercitos lhe rende.

XLVIII.

Se pois fois a columna deste Imperio,
 (O' Varaõ grande, ó Conde esclarecido)
 A quem o Atlante do Monarcha Hisperio
 Se vio prostrado, e se chorou vencido:
 Do polo Austral ao Artico hemisferio
 Seja esse nome, esse valor sabido;
 E porque mais a todo o mundo espante,
 A Muza o louve, a mesma Fama o cante.

XLIX.

(da

Porém se empreza he louca e presumi-
 Querer lutar accoens da vossa espada,
 A melhor Muza em vozes convertida,
 E a mesma Fama em linguas de zafada:
 Voe a Muza em silencios reduzida,
 Cale a Fama entre os pafmos elevada; (gõa)
 Que onde o mayor dizem applauso min-
 O silencio he discurso, o pafmo he lingua:

VIDA

V I D A

DE HUM ESTUDANTE POBRE.

O I T A V A S.

I.

Os Portuguezes peitos não demados
 Cante o Corte Real dignos de estima,
 Os mares só por elles navegados,
 Celebre Camoens com grande rima:
 As magoas, e os amores delicados,
 Alcides cante junto ao seu Lima,
 Mostre Pereira a quem o não sabia,
 O sangue hoje fresco em Barbaria.

II.

E quem desta alma té a melhor parte,
 A quem todos são hoje inferiores,
 Mostre no que quizer engenho, e arte,
 E gathe para si dignos louvores:
 Pinte a seu gosto o sanguinozo Marte,
 Ou faça alegres rimas por affores,
 Que eu não canto amor, nem gentilleza,
 Mas chorarey misérias, e pobreza.

De-

III.

Depois de nascer nũ, sendo criado
Em tal miseria, qual me não convinha ;
Passey da vida o pueril estado ,
Em bexigas, serampaõ, farna, e tinha :
Depois ao juvenil sendo chegado ,
E querendo provar a sorte minha ,
O Reyno desprezando, sorte, e terra,
O exercicio segui da dura guerra.

IV.

E nelle consumi seis, ou mais annos,
Os melhores de toda minha idade ;
Levando as esperanças com enganõs,
E louvando da vida a liberdade :
Por esta não temia graves damnõs,
Nem morte, nem doença, ou adversidade,
Porque por tudo passa sem receyo ;
Hum livre peito de nobreza cheyo.

V.

Zomba do dito do vilão praguento ,
E se não zomba, da lhe feu castigo ,
Ao misero Fidalgo avarento,
Que tudo funda em seu sangue antigo :
Se de primor carece, ou fundamento
Descobte sem temor de algum perigo ,
E cõ temor que a todo o Mundo excede,
Lhe prova vir de Sara o Mafamede.

Aque-

VII

A quenta com illicita oufadia,
 O fumo do fantastico escudeiro,
 Que tem por honra só na estrevaria,
 Hum quasi morto, e misero sindeiro:
 E sendo Almotacel por qualquer via,
 Provê primisiro o Sastre, e o Capateiro,
 E deixa o pobre, posto que honrado,
 Sem vinho, carne, e pão, e sem pescado.

VII.

O rustico villaõ, que com torpeza
 Com o suor do seu sangue se fez nobre,
 Não aguardando tempo, a velleza
 Do pay, mãy, e avô logo descobre;
 Estima o primor, e a gentilleza,
 O honrado venera, ainda que pobre,
 Que não se ha de estimar, só pela renda,
 O que honrado nasceo, e sem fazenda.

VIII.

Traz esta liberdade fuy gastando
 Os annos por Provincias muy remotas,
 A vida de continuo arriscando, (tas:
 Por terra em Esquadroes, por mar em Fro-
 Comendo hum dia muito, outro jejuando,
 Hora despido nú, hora sem botas,
 Até que de miserias enfadado
 Determiney tomar hum novo estado.

Este

IX.

Este foy tal, qual foy minha ventura,
Pois não o tomar nunca fora acerto,
Fora-me melhor na sepultura
Estar de humida terra bem coberto:
Porque huma fome, e mofina pura,
Me tem chegado, e posto em tal aperto,
Que vivêdo todo homem porque come,
Eu vivo só por só morrer de fome.

X.

He manifesta causa destes damnos,
E de outros muitos males, que padeco,
Ser Estudante, se me não engano,
Na terra onde nasci, e ser sem preço:
A culpa he minha, pois de anno em anno,
Ando para fugir, porque conheço;
Mas tem-me taõ atado o soffrimento, (to.
Que hoje soffro hũ nescio, a manhaã cẽ-

XI.

Hum jura que me vio forçar Dózellas,
Outros que me vem roubar Altares,
Hum meu delicto tem cem mil quérellas,
Todas as noites mato homens a pares:
As publicas matracas dey de Cellas,
D'outros delictos fiz cem mil milhares;
A insignes Prelados virtuosos
Fiz torpes versos baixos, e odiosos.

XII.

Outro me tem por nescio impertinente
 Outro por infame emmascarado;
 E juraõ ser muy licito, e decente,
 Emmascarar-se hum homem avizado:
 Assi que a vida he qualquer agente,
 Mas a morte he de fome em hũ honrado;
 Naõ ha quem por vedar taõ grãdes males,
 Me encha a bolsa vazia de reales.

XIII.

Entaõ o nescio vem, e de enfadado,
 Quer ser cortezaõ, e dar preceitos,
 E só por Estudante, e bom Letrado,
 Fallar por girigonças, e mil geitos:
 He para mim hum castigo taõ pezado,
 Que me tem bofes, e figados desfeitos,
 Assim que a fome pura, e tal madraço,
 Me tem a vida posta no espinhaço,

XIV.

Se tivera este tal seu aposento,
 Qual tenho o meu sem bãco, e se cadeira,
 E sem dormir passara o meu tormento,
 Pois me serve de cama huma esteira:
 Se como a mim, lhe faltara o mantimêto,
 E comera, como eu, sempre lazeira,
 Houvera de fazer mil dezatinos,
 Corrido a cada passo dos meninos.

Mas

XV.

Mas eu com tudo isto ando pairandó,
E he-me por demais, que quando entro,
Na pobre caza, entro suspirando,
Por não ter que comer da porta adentro:
Então com grãde angustia ando buscádo
Da engelhada bolsa o duro centro,
Se topo algum vintem com alvoroço,
Nas mãos o meto do faminto moço.

XVI.

O qual com huma pressa não usada
Me traz quatro de pão pelo costumé,
Seis de ovos com mais huma sellada,
E hum dos ovos foy-se pelo lume:
Contempla, alma devota, em tal jornada,
O que se descobre, ou ainda prezume,
Que fará com tanto pão, e ovo e meyo,
Hum grande ventre de agoa fria cheyo.

XVII.

Outras vezes tambem com brevidade,
(Quem della amigo for aprenda,)
Vay o moço com graõ facilidade,
Entra muy prestes na primeira venda:
E diz á Taberneira, á puridade,
Que nenhum dos circumstantes o entenda,
Dez de carne me day, Senhora minha,
E lhe enche a tigella de enzinha.

XVIII.

No mesmo instante, com alegre rosto,
 A carne me apresenta mal cozida;
 Tomo-lhe a salva, e com pouco gosto,
 Acho-a falgada, ou enchabida:
 Mas como lou de boca bem disposto,
 E não tenho para que poupar a vida,
 De carne como cinco, e da tigella,
 A agoa xilra sorvo, que vem nella.

XIX.

Se hũ amigo me convida, he escuzado
 A fabrica, ou gasto em que se mete,
 Porque huma sua breve consoada,
 He para mim esplendido banquete:
 A vida trago sempre regulada,
 Pelo pouco que a fortuna me promette,
 Assim não faço caso da comida, (vida.
 Porque fome, q̃ a outros mata, a mim dá

XX.

Assim já de comer desesperado,
 Por outra via caminhar procuro,
 Astrologo ferey muy consumado,
 E o fio romperey do fado duro:
 Os olhos porey sempre no estrellado
 Crystallino Ceo, que he limpo, e puro,
 Eu medirey do Sol curso, e caminho,
 Pois não posso medir nem paõ, nẽ vinho.

XXI.

A vida passarey contando estrellas,
Por não ouvir de mim mil falsidades;
Satisfarey a fome só com vellas,
E com gozar de suas claridades:
E quem me vir tratar tanto com ellas,
Dirá, em que lhe pez, do Ceo verdades,
E se algum por si então foy distrahido,
A causa não ferey de ser perdido.

XXII.

Naõ me daraõ entãõ por culpa, e erro,
Aquillo que não foy, nem. será dado
A minha pouca dita, tal desterro,
Qual lhe quizerãõ dar, mas he forçado:
Se houver de morrer a sangue, e ferro
Deixem-me antes morrer de lazerado,
E não póde a morte dar-me mór tormêto,
Que tomar a fome só por instrumento.

XXIII.

E quando disto não se contentarem,
E quizerem que morra por mofino,
A traça lhe darey para acabarem
De cumprir c'õ seu desejo, e dezatino:
A vez primeira que muy bem fartarem
Este meu ventre de comida indigno,
Destã presente vida logo parto, (to.
Porque eu não posso morrer senãõ de far-

VARIOS SONETOS
 DE
 SOROR VIOLANTE
 DOCEO,

Religiosa no Convento da Rosa de Lisbõa.

A LA SEÑORA
 CONDEÇA DA VIDIGUEIRA
Vestida de pardo por la auzencia del Conde.

SONETO.

O Stenta la mayor soberania (la,
 En la misma humildad, Ni se la hermo-
 quedando por bizarra victoriosa,
 Sin dever a las galas bizzarria.
 Por nõ causar su Sol tanta alegria,
 Quando de una tristeza está quexosa,
 Pardas nubes admite rigurosa,
 Y en pardas nubes luze mas su dia.
 O' tu, que por quedar en todo rara,
 Opuestos admitiste en lo divino,
 Bien tu ingenio tu intencion declara:
 Pues muestra de tu Sol lo peregrino
 En nube tan escura luz tan clara,
 En traje tan grossero amor tan fino.

A DO-

A DONA MARIANNA
DE LUNA.

S O N E T O.

MUzas, que no jardim do Rey do dia
Soltádo a doce voz, prendeis o vento :
Deidades, que admirando o pensamêto
As flores augmentais, que Apollo cria:
Deixay; deixay do Sol a companhia ,
Que fazendo invejoso o Firmamento
Hũa Lua, que he Sol, e que he portêto,
Hùm jardim vos fabrica de harmonia.
E porque não cuideis que tal ventura
Póde pagar tributo á variedade
Pelo que tem de Lua a luz mais pura:
Sabey que, por mercê da divindade ,
Este jardim canoro se assegura
Com o muro immortal da eternidade.

A LA MUERTE
DE LA SEÑORA
DUQUEZA DE AVERO.

S O N E T O.

A Qui yaze sin luz el Sol de Avero,
Muerta su claridad, su día obscuro,
Que pudo de la Parca el rigor duro
Dexar sin esplendor tan gran luzero.
Tu, que mirando estás, ó passagero,
En la presente pira el mal futuro,
Sabe, que en un valor tan santo, y puro
Principio fue del bien el mal postrero.
Juliana murió, mas de tal suerte
Siguio de la virtud el mismo passo,
Que vive, porq̄ es muerta, eternamēte.
No te desmayes pues, que en esta muerte
Si fue para tal Sol el Mundo ocafo,
Tambien es de tal Sol el Cielo oriente.

A LA SEÑORA
CONDESA DE PENAGUIAN.

S O N E T O.

SI como miro en vós, (miro,
Explicara de mi lo que en mi siento,
No hallara en el abono detrimento (ro.
Lo que en mi siento, y lo q̄ en vós admi-
Mas ay! que a tanto bien en vano aspiro,
O' rara suspension del pensamiento:
Explique admiracion, y sentimiento
El exceso feliz, con que deliro.
Que quien en tal objeto contemplando
Como en inmẽso mar se v̄ perdiendo,
Callando significa, acierta errando:
Pues admirando, al passo que sintiendo,
Si offende la cordura delirando,
Acredita el ingenio conociendo.

A UNA AMIGA.

SONETO.

Belisa, el amistad es un tesoro
 Tan digno de estimarse eternamente,
 Que a su valor no es paga suficiente
 De Arabia, y Potosí la plata, y oro.
 Es la amistad un licito decoro, (te;
 Que se guarda en lo ausente, y lo presente
 Y con que de un amigo el otro siente
 La tristeza, el pezar, la risa, el lloro.
 No se llama amistad la que es violenta,
 Sino la que es conforme simpatia,
 De quien lealtad hasta la muerte ostenta.
 Esta la amistad es, que hallar queria (ta.
 Esta, la que entre amigas se sustenta,
 Y esta, Belisa, en fin la amistad mia.

A E L R E Y

D. JOAÕ IV.

S O N E T O.

Que logras Portugal? Hum Rey
perfeito.

Quem o constituiu? Sacra piedade.

Que alcançaste com elle? A liberdade.

Que liberdade tens? Ser-lhe sujeito.

Que tens na sujeição? Honra, e proveito.

Que he o novo Rey? Quasi deidade.

Que ostenta nas acçoens? Felicidade.

E que tem de feliz? Ser por Deus feito.

Que eras antes d'elle? Hum labyrintho.

Que te julgas agora? Hum firmamento.

Temes alguẽ? Não temo a mesma Par-
Sentes algũa pena? Huma só sinto. (ca.

Qual he? Não ser hũ mudo, ou não ser
cento,

Para ser mais capaz de tal Monarcha.

A O

AO MESMO SENHOR
D. JOAÕ IV.

S O N E T O.

HUm só pezar, Senhor, sente a vonta- (de
 Neste excesso da gloria Portugueza,
 E he naõ poder comvosco huma fineza
 Deixar de parecer commodidade.
 Quem se vos rende, alcança liberdade;
 Quem vos adora, ostenta subtileza;
 Servir-vos muito he denotar grãdeza;
 Morrer por vós buscar eternidade.
 Tudo finezas são, mas de tal modo
 Commodidades só parecem, quantas
 Finezas ha, na paga que dais nellas:
 E assim de todas o remedio todo
 He fazermos por vós finezas tantas,
 Que talvez o pareça alguma dellas.

A O DOUTOR
DUARTE MADEIRA
ARRAES.

S O N E T O.

O Tu, q̄ opposto sempre á dura Parca
Conservas em teu ser o ser humano,
Pois por ser Esculápio soberano,
Menos respeito teu a morte abarca.
Tu, que Arraes deves ser da vital barca,
Que navega no mar do mal tyranno,
Novo Galeno, Apollo Lusitano,
Medicõ em fim do Portuguez Monar-
Logra de singular a feliz forte, (cha:
Tanto a pezar da intrepida homicida,
Que sejas do mais douto immortal
Norte.
Pois victoria será bem merecida,
Que quẽ oppor se sabe á mesma morte,
Saiba dar a teu nome immortal vida.

CANTO

EPICO, E ENCOMIASTICO.

Em que se descrevem Soberanias, Altivezas, e
Suavidades da Voz, Discrição, e Formozura
da Senhora

D. FLORENCIA,

Religioza em certo Mosteyro.

OITAVAS.

Não cãto as armas, cãto a gentileza
Do rosto mais gentil de huma clausura;
Porẽm se canto os dotes da belleza,
Canto as armas tambem da formozura:
As armas saõ de amor pela fereza,
E de Venus os dotes por brandura;
Pois quando por formozza mais se exalta,
Com as armas de amor Florencia mata.

II.

Tambem canto a nobreza mais seleta,
Daquella discrição mais decoroza;
Pois quando a formozura he taõ discreta
Naõ deixa a discrição de ser formozza:
Em Florencia deixou a sorte affeta,
Dous contrarios uzar uniaõ gostozza,
Querendo nella, só por novidade,
Unir a discrição com a beldade.

Tam-

III.

Tambem canto da voz o sonorozo
Attractivo do peito mais distante ,
Por cujo estylo vive venturozo ,
Quem só por escutá-lo morre amante:
Tres dotes cáto, e qual mais portentozo,
Ou tres graças , e qual mais similhante ,
Pois canto em cantar tal soberania ,
Belleza , Discriçaõ , e Melodia.

IV.

Naõ rogo q̃ me inspire a sacra chãma ,
Que diffunde na mente discursiva ,
Aquelle , a quem ficou a laurea rama ,
Por despojo da bella fugitiva :
Naõ quero que me affista mais que a fama
Ao pintar de belleza taõ altiva ,
Pois só pode inspirar a meu contento
Quem repete huma voz por bocas ceto.

V.

Bella fama te louve taõ somente ,
Mas de ouvir teus assombros taõ amante,
Que nego ter alguém quando presente ,
O poder, que tu tens quando distante :
Vem ferir-me no peito reverente ,
Aquelle ecco da fama penetrante ,
E quando meu amor por fé te pinta ,
A fama da-me a penna , o peito a tinta.

VI.

Já não falta senão capacidade
 No meu debil furor, fragil talento,
 Mas pôde a fortaleza da vontade
 As trevas desterrar do entendimento :
 Não me falta da tua gravidade
 Memoria, que por fé te represento ;
 Porque devem tres graças infinitas
 Com tres potências d'alma ser descriptas.

VII.

Cuidou a providencia de occultar-te,
 E depois na clausura de esquecer-te,
 Somente por culpada não achar-te
 Nos estragos de quem chegasse a ver-te :
 Porém como não soube despojar-te
 Daquella gentil cauza de querer-te,
 Efeito do que intenta não rezulta,
 Que o gentil nem se esquece, nã se occult.

VIII.

(ta.

He cauza de querer-te, a formozura,
 Que mostra no Divino o permanente ;
 E se a causa he Divina, e sempre dura
 O efeito deve ser sempre existente :
 Por isso não te impede essa clausura
 Tantas vidas tirar tão gravemente
 Pois sêpre foy com graça, e cõ primores
 Costume do gentil, matar de amores.

Tam.

IX.

Tambem as tuas vozes,quádo ouvidas,
Podem, quanto de amor as armas fortes ;
Què se as settas de amor acabaõ vidas ,
As tuas consonancias causaõ mortes :
E pela similhaça das feridas
Equivócas na gloria os doces córtes ,
Parece que por doces , e discretas
As vozes saõ de amor, tuas as settas.

X.

Mas já vejo , Florencia , que preferem
A's settas de Cupido as tuas vozes ;
Porque como os teus eccos almas ferem,
Ostentaõ mais poder por mais velozes :
As settas com menor poder deferem ,
Pois estas só nos peitos saõ ferozes ,
E parece que he menos tirar vidas,
Que fazer nos espiritos as feridas.

XI.

Na tua suavidade , e na belleza
Ha da gloria celeste similhaça ,
Pois como he Ceo a tua gentileza
A tua voz he bemaventurança :
Aquelles teus requebros por terneza
Te fazem perduravel na lembrança ,
E naõ devem deixar de ser lembrados ,
Fazendo a todos bemaventurados.

Pela

XII.

Pela voz, pela graça, e pelo agrado,
 Que em ti vejo, em ti acho, e em ti contê-
 Só teu composto bello tem ornado, (plo,
 Com despojos de amor o Sacro Templo:
 Tem Cupido o seu arco pendurado,
 Porque, como tu segues seu exemplo,
 Bastaõ só teus agrados, e ternuras,
 Para ter as victorias mais seguras.

XIII.

Oh que forte poder Florencia amada,
 Nas tuas doces vozes se imagina!
 Pois he com duas almas animada
 Cada voz, que repetes peregrina:
 He alma a discrição por elevada,
 He alma a consonancia por Divina:
 E quem pôde, por mais que seja isento,
 Negar ás vozes d'alma o rendimento!

XIV.

Até o Amor de amor por ti perdido,
 A' vista dessa luz, em que me emprego,
 Perdendo o ser de lynce fementido,
 Só por ver-te ficou de todo cego:
 E eu sem ver-te da mesma luz ferido,
 A' força dos reflexos não me nego,
 Nem podia negar-me aos resplandores
 De quem o mesmo Amor cega de amores.

XV.

Porèm cegar o Amor por ti de amante,
Muito bem pode sêr, pois em ti mora ;
Mas hum peito Florencia taõ distante ,
Como assim de teus olhos se namora !
Confesso que me deixa vacillante
O effeito de huma causa, que se ignora ;
Mas bem se mostra a causa da porfia ,
Adonde naõ se esconde a sympatîa.

XVI.

Mas ay, que dous ultrajes vou fazêdo,
No affecto, e no louvor, que te vou dão!
Ultrajo o teu decoro em te ir quêrendo,
Ultrajo o teu primor em te ir louvando :
No louvor, por ser teu, vou-te offendêdo,
No affecto, por ser meu, vou te aggravaõdo
Pois aggravaõ sujeitos superiores,
Por humildes, affectos, e louvores.

XVII.

(dade,

Porèm quando em mim vês tâta humil-
Naõ trates por indigno o que he decente;
Pois todo o sacrificio da vontade
Humilde pode sêr, mas reverente:
Inclina por hum pouco a Divindade,
Se he que o teu genio altivo to consente,
E verás se parece horror muy fero ,
Desprezar por humilde o que he sincero.

Oh

XVIII.

Oh não te esqueças, não, bella Florêcia,
 Da fé, que te consagro na distancia !
 Mas ay, que, tendo tu muita excellencia,
 Parece que não tens muita constancia!
 A belleza he tyranna por essencia ;
 E como tens a mesma circumstancia,
 Vais fazendo tyrannos desperdicios
 De tantos amorozos sacrificios.

XIX.

Para a fé, que minha alma te segura,
 Não importa que sejas rigorosa ;
 Que para ser constante, viva, e pura,
 Só lhe basta que sejas taõ formosa :
 Mas ainda para amar por conjectura
 A tua faculdade lhe he forçosa ;
 Pois sem dares o teu consentimento
 Não te quero aggravar por pensamento.

XX.

Mas ay, q̃ o fero amor com finas traças
 Me foy fazer errar os meus projectos!
 Pois entrey decantando as tuas graças,
 E fuy por fim chorádo os meus affectos :
 Porém como os discursos embaraças
 Com dotes superiores, e selectos,
 He força que quem chega a decantar-te
 Não acabe o seu canto sem amar-te.

JORNADAS

DE

JERONYMO BAHIA,

DEDICATORIA.

MEu D. Francisco de Sousa ,
 Que por linguas tão diversas
 Sois homem de muitas partes ,
 Nascendo só n' huma terra :

Vós , cujas armas publicação
 De crescentes Luas feitas ;
 Que sois Fidalgo nas Luas ,
 Que ainda he mais , que nas Estrellas :

Vós , César novo in utroque ,
 Digo na espada , e na penna ,
 Em quem he lustre , e não mancha ,
 O ter folha , e saber letra :

Vós , que no jogo da espada
 Tendes a dextra tão d'ésira ,
 Que quem vos mantém o jogo ,
 Sempre de piques se queixa :

Part. I.

X

Vós

Vós, que não gínete mais bravo
 Sem esporas, e sem rédeas,
 Quando não he todo trigo,
 O meteis n'uma joeira;

Vós, a quem fez Capitão
 A Musal Corte novena,
 Que por versos de Bengala
 Vos dá posto da gínetá:

Vós, (mas basta tanto vós)
 Que a minha Muza burlesca
 Temo, que della se diga
 Que não canta, mas vozea.

Passo pois avante, e digo
 Que a mim me deo na veneta
 (Que a minha vea por pobre
 He mais veneta, que vea)

Escrever-vos muy de burlas
 O que fenti muy de veras:
 Ouvi pois minhas jornadas,
 E vereis minhas tragedias.

Ouvi, Francisco elegante,
 Que cedo Muza mais terfa,
 Revestindo meus affectos,
 Celebrará vossas prendas.

JORNADA I. DE LISBOA PARA COIMBRA.

R O M A N C E.

O Senhor da Esféra quarta
Mais armado, que o da quinta,

Pois sempre traz a pessoa
Dentro n'hum sino metida,

Ouro brilhante pezava,
Que foy nascido nas Indias,
Ouro fino para Daphne,
Bem que Daphne lhe pôs liga.

Naõ puro para jacintho,
Pois dizem prender queria
Em seu ouro amartellado
Jacintho por pedra fina.

Porém façamos já ponto,
Que naõ quero que se diga
Vay minha Muza com pezo,
Mas que naõ vay com medida.

Pezava todo o seu ouro
A deidade sobredita.

E por final que pezava
 Todo o seu ouro huma libra.

Quando (naõ ouvida mágoa!)
 Partí (naõ dita, desdita!)
 De Olyfsea, ay Olyfsea!
 Para Coimbra, ay Coimbra!

As meninas dos meus olhos
 Choravaõ como meninas
 Pedacos d'alma, que entaõ
 De cantaro parecia.

Perlas netas naõ choravaõ,
 Que, como saõ taõ tenrinhas,
 Inda naõ tem perlas netas,
 Apenas tem perlas filhas.

Dava-me a agoa pela barba,
 E creyo se affogaria
 O meu rosto, se o meu rosto
 Naõ nadára com bexigas.

Mas ah fim, que o dia, e hora
 Da jornada me esquecia,
 Porque sobre ingenium tardum
 Sou tambem memoria infirma.

De outro dia me parece
 Que foy aquella hora esquiva,
 Pois foy a hora de terça,
 Sendo da segunda o dia.

Se quereis ver meu alforje ,
Ouvi minha Poesia ,
Que se não dais audiencia ,
Mal vos poderey dar vista.

Tres aves , que n'hum só valle
Fiz eu despachar da vida ,
Matey ; mas não foy façanha ,
Porque em fim eraõ gallinhas.

Mais hum , que qual verso culto
Dente de coelho tinha ,
Animalejo taõ rico ,
Que tem em casa huma mina.

O Graõ Diogo Ferrás ,
A quem Castella inimiga ,
Mais que bravo no appellido ,
Vio bravo na valentia ,

Seis queijos para meus queixos
Me deo com graõ fidalguia ,
E foraõ para a memoria
Não achaque , mas mésinha.

Os doces vos não descrevo ,
Pois bem vedes que convinha
Levar alforjes de doce
Hum engenho da Bahia.

Só caminhey duas legoas ,
E porque rifoens desminta ,

De vir mal acompanhado
O vir taõ só me naõ livra.

Na Boca de Sacavem
Encontrey linguas malditas,
Que mais que a Boca de larga,
Tinhaõ ellas de compridas.

Rico fora õ meu barqueiro
Mais que Cressõ, mais que Midas,
Se recolhera de juros
O que de juras dizia.

Reynava no mar hum vento
Daquelles, que Camoens pinta,
Taõ valente, que de hum sopro
A mil vélas mataria.

Para reparar seus golpes
Puz huma gorra de friza;
Mas elle se fez taõ facil,
Que de gorra se metia.

Tomey terra, achey poufada;
Chamey, respondeo Maria:
Poz-se a meza, e sobre a meza
Paõ de segunda, e de prima.

Agora, Apollinho, agora
Manday, meu louro, que assista
A Poeta comedor
Uma Muza comefinha.

Comi dois Santantoninhos
Com huma fome excessiva ;
E ser entaõ papa Santos
Naõ foy certo hypocrisia.

Despachey o paõ primeiro ,
E o outro , que se seguia ;
Naõ estava todo trigo ,
Vendo fome taõ canina.

Pedi mais peixe , mais peixe
Põs rebolindo a mocinha
Pescada partida em postas ,
E pela posta comida.

Cuidareis, lendo meus versos,
Que jantey com alegria ?
Ah , que fevey muitos tragos
Por certas razoens , que tinha !

Acabo pois de jantar ,
Nesta rima , e nesta rima
Basta dizer a Deos graças ;
Sem que aos homens graças diga.

Calvaguey n'hum macho negro ,
Que já ser branco podia ,
Posto que está nos seus treze :
Bella idade para Ninfa !

Caminhey de espora , e botas ,
E sempre o moço dizia

Nas tabernas : Lança , lança ;

Nas estradas : Pica , pica.

Tambem fuy só nesta tarde

Sem encontrar alma viva ,

Mariano do dezerto ,

Naõ Padre da Companhia.

Dey co' meu corpo na Alhandra ,

Estalagem bem provída ,

Já quando a boca da noite

Beijava o rabo do dia.

Naõ me estranheis este verso ,

Pois com razaõ conhecida

A taes beijos taes alfoces

Applicou minha Thalia.

Perguntey : Ha que comer ?

Respondeo-se : Ha azevias :

E temí , porque naõ são

A negros muito propicias.

Com tudo doze comi ,

E dando-mas muy bem fritas ,

Me admirey de vir taõ quente

Peixe , que taõ fresco vinha.

Eraõ valentes as doze

A's doze mil maravilhas ,

Mas eu as deixey taõ fracas ,

ne foraõ postas na espinha.

N'uma caixa de perada
Bem temperada, e bem fina
Já tocava a recolher ;
Porque marchar não podia :
Quando vossas saudades ,
E logo lagrimas minhas
Deixaraõ qual peixe na agoa
O peixe , que em mim se via.
Da cea me levantey ,
E porque o somno cahia ,
Presto caminhey da Cea ,
Com ser taõ longe , a Caminha.
Fim da Jornada : Laus Deo ,
E quem me não der hum viva ,
Morra de morte macaca
Sem huma vela bugia.

JORNADA II.

R O M A N C E .

A Bella mãy de Memnon ,
Memnon monstroozo parto,
Porque, sendo a mãy taõ alva ,
Foy o filho taõ mulato ;

Como

Como bella bellicosã,
 Armada de ponta em branco
 Campava com sua estrella,
 E capeava os mais astros:

Quando, amicissimo Sousa,
 De huma cama me levanto,
 Que soy, por fria, de vento,
 Que soy, por dura, de campo.

Puz-me a cavallo, mas minto,
 Naõ me puz senão em macho,
 Taõ matador, que estivera
 N'hum porro mais descancado.

De singular presumido
 Deixa o caminho trilhado,
 Naõ anda a rasto da besta,
 Sendo besta, que anda a rasto.

Esgrimidor fez o golpe
 Onde naõ fez o ameaço,
 Pois, por matar-me a revezes,
 Sempre me buscava atalhos.

Eu lhe grito: Porque foges,
 Dize, besta do diabõ?
 Naõ de diabo ligeiro,
 Mas de algum diabo tardo.

Dando hum sonorozo orneya,
 Intimidou o lacayo,

Me respondeo muy humilde ,
Que nunca foy desbocado.

Escutay , que he muy subtil ,
E vereis , Francisco amado ,
Em versos muy pouco femeos.
Conceitos , mas muito machos.

Nada comi na estalagem ,
Como quer pois , Senhor amo ,
Que tenha pés de repente
Quem não tem pés de pensado ?

Fujo a estrada por fugir
Hum atoleiro nefando ,
Porque sendo tão agudo ,
Não he bem fique atolado.

De que lhe serve apertar-me
Essas estrellas nos lados ,
Se as vejo mais de faminto ,
Do que as sinto de picado ?

Ha quasi dezeseis horas
Que me tem feito mil quartos
Seus piques , porque seus piques
Só são de saca bocado.

De mais , que já sou muy velho ,
E qual se fora novato ,
Ha seis dias me meterao
Mil encravaçoens nos cascos.

Quer que caminhe com fome,
 Como caminho com pasto?
 Sou eu *Gemi*, para ser
 Hum mesmo em diversos casos?

Quem disse barriga farta
 Pé dormente, he hum madraço,
 Pois eu tenho o pé dormente
 Em não tendo o ventre farto.

Nem agoa me sabem dar,
 E com effeitos contrarios,
 Quando venho mais sedento,
 Então venho mais agoado.

Morto me creyo, meu Padre:
 Se pois estima os adagios,
 Depois do seu asno morto
 Lance-lhe cevada ao rabo.

Seja liberal commigo,
 Que, bem que conto mil annos,
 Hum Bucefalo ferey,
 Se for commigo Alexandro.

Como posso caminhar
 Por hum caminho empedrado,
 Se está calçado muy bem,
 Quando me acolhe descalço?

Se vou por hum prado atheno
 Demil flores matizado,

Pizo lirios , pizo rofas ,
Porèm nunca pizo cravos.

A penuria me tem feito
Poeta de pé quebrado ,
As chagas me fazem Cancer ,
Então como Cancer fallo.

Porèm já não fallo mais ,
Porque temo ser notado ,
Que quem vive tão estreito ,
Não he bem falle tão largo.

Mas vá de vagar , que eu espero ,
Bem que seja censurado ,
Que só por não ver-me em pressas
Elcolho ver-me em trabalhos.

Tanto os vagares estimo ,
Tanto com pressas me canso ,
Que fugi de ser vendido ,
Só por não ser apressado.

Contar-lhe quero hum segredo ,
Mas tanto que for contado ,
Mande-me tapar a boca
Com todos os de cavallo.

Aquellas meyas Inglezas
Para o Miranda admirando ,
Que he cunhado de seu tio ,
Mas não val mais por cunhado ;

Per si só tem tanto preço ,
 Tem per si só valor tanto ,
 Que bem que não he bizonho ,
 Nunca poderá ser pago.

Essas meyas pois lhe ficam
 Na mão do vendeiro Caco ,
 Que só mear lhe faltava ,
 Para ser de todo gato.

Acabou sem dizer *Dixi*
 O machinho de cansado ,
 Muy sobrado de razoens ,
 Porém de razoens muy falto.

As minhas meyas , infame ,
 Disse então para o lacayo ,
 He bem que em venda me fiquem
 Depois de te-las comprado ?

Tornemos atraz por ellas ,
 Me disse , mas eu bizarro ,
 Esso no es de Cavalleros
 Lhe respondo em Castellano.

Torna tu só para Turco ,
 E dize a esse borracho ,
 Que se te der o perdido ,
 Que tu lhe darás o achado.

Dize-lhe que sou sobrinho
 De hum Lente de Prima raro ,

Ha muitos annos Marçal ,
Ha poucos mezes Casado.

Dize-lhe mais que he meu tio
Desembargador de Aggravos ,
Que se põem embargo ás meyas ,
Que tem certo o desembargo.

Ameaça-o com algozes ,
De que o Reyno está muy farto ,
Pois he coufa , que já Deos
Os dá por esses Carrascos.

Quando nada disto baste ,
Chama o Juiz espadano ,
Que to prenda ; e pois tem meyas ,
Tenha ligas o velhaco.

Dize-lhe que será sempre
Em meus cultos Sonetaços
Naõ espadano Juiz ,
Porèm sim Juiz louvado.

Dize-lhe : Mas isto basta ,
Vay correndo , vay voando ,
Que te terey por bom fervo ,
Se correres como hum gamo.

Partio de carreira o moço ,
Eu me fiquey esperando
As meyas sobre a carreira ,
Porèm naõ sem sobrefalto.

Em Villa-Nova esperey
 Deste dia blasfemando,
 Mas não levarey mordança,
 Que não era o dia santo.

Oh terça feira, lhe disse,
 Oh dia sempre aziago
 A Bahias pelas meyas,
 A Menezes por çapatos!

Oh, que bem que foste a Marte,
 Sem ser livro, dedicado,
 Dia mais crú que D. Pedro,
 Mais que D. Affonso bravo.

De aço se veste o teu Deos,
 De valente rebentando,
 Porém, mais do que nas guerras,
 Nos amores gasta o aço.

Vay-o perguntar a Febo,
 Vay-o saber de Vulcano,
 Que eu não quero referir
 Successo tão enredado.

Demais, que fabulas digo,
 Se to disse mentecapto,
 Não deves ser fabulista,
 Porque tens pouco de humano.

Distava igualmente o Sol
 Do Oriente, que do Occaso,

O Sol badalo luzido
De tantos Signos dourados.

Mas o relogio das tripas
Apontava as tres, ou quatro,
Que como estava muy leve,
Corria muy apressado.

Quando pedi de jantar,
Deraõ-me coelho assado,
Que já foy lançado acima,
Que já foy lançado abaixo.

Deo-mo o famoso Pereira;
E posto que neste caso
Hum só coelho me dá,
He senhor de muitos dados.

Chegou mais huma gallinha
Das tres que tenho contado,
E tive pão como terra,
E vinho como bagaço.

Jantey, fita da casa cama,
E travesseiro do manto,
Deitey-me fulto de gosto,
Porèm de cama sobrado.

Dormi, e acordey mil vezes,
Nas meyas imaginando
Que me tomarão de meyas
O devélo, e o descanso.

Chegou o lacayo em fim ,
 Odre vivo , e novo Baco ,
 De meyas muy mal provido ,
 De botas muy recheado .

A poder de puro tinto
 Deixou as meyas em branco
 Naõ trouxe o magano meyas ,
 Mas trouxe gatao magano .

Trazes as meyas ? lhe disse ,
 E respondeo muy borracho ,
 Meyas sim , porẽm canadas ,
 Que quanto Inglezas naõ trago .

Das meyas me fez meadas ,
 E fallou taes embaraços ,
 Que buscando humas Inglezas ,
 Com mil ingrezias o acho .

Perguntey-lhe se comera
 Disse que naõ amuado ;
 Dey-lhe entãõ humã gallinha ,
 Bem que merecia hum gallo .

Parto em fim de Villa-Nova ,
 Em fim na Azambuja paro ,
 Onde fiz este Romance
 Muy miseravel , muy largo .

Foy feito á doucada luz
 De hum candieiro estanhado :
 Y
 Se

Se tem graça, o candieiro
 Me emprestou o garavato.

Ceey, sem limaõ, nem lima,
 Outra franga como hum pato,
 Foy mal limado o comer,
 Qual o verso mal limado.

Dous contrarios n'hum sujeito
 Acho no licor de eacho,
 Pois tendo espirito pouco,
 Era não pouco arrobado.

O somno, ladraõ da vida,
 He ladraõ tambem do fato,
 Porque nos deixa em camiza
 Mais cruel, quanto mais brando,

Neste ponto me rendeo
 O meu plectro, Souza claro
 Foy facil ficar dormindo
 Quem nunca foy acordado.

JORNADA III.

R O M A N C E.

Rompia esquadrens de Estrellas
 Na celestial campanha
 Dando com balas de argento
 Huma bella rociada

Bem que sab todas huns raios,
 De tal sorte as despachava,
 Que só ficou huma Estrellada,
 Para contar da batalha.

Companhias de volantes
 Deixaõ de estar emboscadas,
 Vendo palma tão luzida,
 Vendo victoria tão clara.

Todos ornados de plumas,
 E todos postos em ala,
 Quando triunfa no Ceo,
 Na terra lhe fazem salva.

Perguntareis quem triunfa?
 Digo que bem se declara,
 Deixando a pessoa em branco,
 Que a tal pessoa era a Alva.

Era do pobre Thiton
 A bella mal maridada,
 Pobre lhe chamey; mal disse,
 Que Thiton sem muita branca.

Era a Doidade, que brinca
 O Ceo de mil cores varias,
 Mas bem que em brincos começa,
 Em chorinhos sempre acaba.

Era: porém basta de Bras,
 Que se lhe dou eras tantas,

Ficará terrivel dona,
 Não ficará bella dama.

O que quero que isto monte,
 He que no Ceo se mostrava,
 Se não taõ batalhadora,
 Pelo menos affomada.

Quando muito dorminhoco
 Sahi da dita poufada,
 Porque he quarto da modorra
 Para mim o quarto da Alya.

Fuy caminhando, e dormindo;
 Porém a poucas passadas,
 Com não ser pessoa illustre,
 Me vi pessoa estirada.

Cama me buscou o macho,
 Quando vio modorra tanta,
 E foy custosa pois nella
 Me vi coberto de lama.

Em fim dormindo cahi,
 Mas dey a queda taõ branda,
 Que depois de estar cahido,
 Cuidey que fora fohhada.

Da roupa me não passou,
 Meu Senhor, esta desgraça;
 Porém encher-se de barro
 Não foy bargo para a capa.

Quando aqui cayo, o laçoy
 Qual onça ligeiro falta
 Por onças me ferve o moço
 Mas por arrobas me enfada
 Porém baste já de quedas
 Porque suspeito vos canções
 Ver de Author tão bem cahido
 Tão mal cahidas palavras

Cuido vão pastas de lodo
 Quaes do vestido as botavas
 Mas não me culpeis que em quedas
 Muito chamente se falla

Almoçar fuy ao Cartaxo
 N'uma venda defaestrada
 Muito limpa de cõfinha
 E muito çuja de fala
 Apresentou-me a vendeira

Cruel bacalhão de pasta
 Oh quem lhe pagara em soltas
 O que em bacalhão me dava
 Bem que tinha muito sal

Eu lhe achei tão pouca graça
 Que me indigney, mas em fim
 Não me passou da garganta

Deixey ao laçoy o peixe
 E puz-me eu a ler as chanças

Que

Que campão por hem dispostas
 Com nome de Canceradas,
 De Dom Jeronymo Cancer
 As obras li celebradas,
 E me dey a comer livros,
 Quando o moço a comer pastas.
 Logo nas primeiras folhas
 Vi em decimas delgadas
 Que teve seu nome a fome,
 Como tem seu nome a fama,
 Com fome li, mas com gosto,
 Porque em fim me consolava,
 Nesta miseria presente
 Con la miseria passada,
 Daqui fuy a Santarem,
 De Portugal terra Santa,
 De quem disse milagres
 Pela Hostia consagrada,
 A jura não me estranheis,
 Que nesta Villa affamada
 Quem lança votes a Christo,
 Mais agrada, do que agrava,
 Porém nada dizer quero,
 Porque são cousas muy claras
 As que por mar, e por terra,
 Zela o mar, e a Villa guarda.

A's dez cheguey ao Mosteyro,
 E para tratar da pança,
 Bem que chegava deixe ficar,
 A deshoras não chegava.

Naõ refiro o que comi,
 Pois cuido que já me chama
 O leytor *amicus mensæ*,
 Sendo eu amigo *â fque não arar*.

A Santa Clara cheguey,
 Onde, e não pouco estrellada
 A gemma da formosura,
 Achey n'humã Preira Clara.

Consenti me que vos pinte
 Amaryllis a galharda,
 Que della não dissey cousa,
 Que lhe não venha pintada.

Eyla vem, eyla apparece,
 Eyla sahe a formozica,
 Com vestida de Quareina,
 Porèm com cara de Palco.

Era mar de formosura
 A cara mil vezes cara,
 E por ser sempre mar leite,
 Maré de rosas formava.

Advirta o leytor que aqui
 Do cabello se não falla,

Por-

Porque quando tomou ordens,
Logo ficou tonfurada.

Deixou diferentes sedas,
só por buscar a laá parda;
Mas quando veyo por laá,
Foy a moça tosquada.

He de leite, e de deleite
sua fronte dilatada,
Mas de leite, a quem pudera
Dar o leite meya nata.

Menos branca junto della
Se via a branca toalha,
Muy de Hollanda para as vistas,
Muy para as vistas de caça.

Os olhos são taó suaves,
Inda quando está mais brava,
Que se arregalla seus olhos,
Todos os olhos de galla.

As pestanas fura vidias,
Taó agudas como lagás,
Eraó picantes e unguis,
De suas luzes castanhas.

São da cor das violetas,
E bem merecem que a fama,
Melhor que Pestanas rofas,
Conte violetas pestanas.

Encordoava os extremos
 Da cintura delicada,
 Hum cordão, que ao Ceo chegou,
 Sendo nascido das malvas.

Naõ tive de pé cantiga
 Para ver do pé a planta,
 Porém digo, e que bem digo,
 Que seu pé, n'hum ponto nada.

Da condiçãõ nada sey,
 Mas ser bõa se declara,
 Porque tal bella pessoa
 Deve ser pessoa brada.

Em fim, no garbo, no brio
 He seu corpo feyto de almas,
 Dezalmado tem mais obras,
 Bõa vista tem Almada.

A^c gentilleza as Sereas
 São com ella comparadas,
 Estas nem carne, nem peice,
 Aquella carne de vacca.

Viraõ-se junto a seu rosto
 Ariadna, e Atalanta,
 Atalanta em muitas partes,
 N'hum Labyrintho Ariadna.

A bella filha de Ceres,
 De Perseo a gentil dama,

Huma ficára trigueira,
Outra atadinha ficára.

Ficará do grande Eneas,
As confortes olvidadas,
Creusa toda perdida,
Digo toda traspallada.

A brancura, e a brandura
De seu rostinho deixára
Thisbe negra como Moura,
Daphne dura como planca.

Se o Sol de seus olhos vira,
Rhodas ao Sol dedicára,
Deixando o Sol com seus olhos,
Rhodas lhe chamára Amalta.

Se tornára a competir,
Sobre a maçã Venus alva,
Posto que venceu em Ida,
Não vencera na tornada.

Porém direis que sou largo,
Sendo muy breve a muchacha,
Mas bem que ficou pequena,
Crede que não ficou baixa.

Alta por seus ascendentes,
E por suas prendas alta,
Só no corpo he mal medida,
Porém não he mal tallada.

Falley-lhe com bravo estylo,
 Poaem com modestia rara,
 Pois cliegando a *Musa, Musa,*
 Não passey a *Amo, amas.*

Discorria respeitozo,
 Amante me não mostrava,
 Rara foy a cortesia,
 A continencia mais rara.

Não sey inda entender como
 Suas discretas palavras,
 Tendo tantas descabidas,
 Tem tanto de levantadas.

Mas os conceitos, que diz,
 Já nas veras, já nas graças,
 Não retratarey, amigo,
 Que o que diz, não se retrata.

Houve merenda no caso,
 De diversos doces simples,
 Foy esta tarde muy doce,
 Mas tambem foy muy dalgada.

Despedi-me quando o Sol
 Em todo hum mar se affogava,
 Que quem he Sol, não convem,
 Affogar-se em pouca agua.

O' Muza sentenciosa,
 Como me dás esperanças

De andar muy cedo por feitos,
 Pois já por sentenças andas.
 Chego a casa, poem-se a meza;
 Mas acabe-se a jornada
 Que teve, por ser terceira,
 Gran parte de Franciscana.

JORNADA IV.

ROMANCE

A Democrita do Ceo,
 Ou a Heraclita da Polo,
 Que se desfaz toda em riso,
 Que se desfaz toda em choro:
 Filozofa no desprezo,
 De perolas hum thesouro
 Derramava sobre a terra,
 Bem que as trazia nos olhos.
 Quando a ordey, doce amigo,
 Ao som de meus proprios roncos
 Era o tal somno cobarde,
 Ronquey-lhe, e fugio logo.
 Vesti-me, e o rosto lavey,
 Porque se não lavo o rosto,

Por

Por meyos de deslavado
Se mete a ser vergonhozo.

Altrocey hum frangainho,
E peras cobertas oito;
Seis foraõ, mas conto mais;
Porque me vem mais a conto.

Os consoantes pediraõ
As duas, que de mais ponho.
Que por amigos de doce
Querem campar de bom gosto.

Inda que as tiro da boca,
O que me pedem lhe otorgo,
Que como saõ taõ meus amos,
Com elles peras fraõ jogo.

Montey, meu Soufa, no macho,
Bem que nelle nada monto,
Pois da minha authoridade
He inimigo nos ossos.

Por elles trigõs me vou,
Porèm no campo espaçozo,
Bem que vou por elles trigõs,
Do caminho não me alongo.

Na Golegaã de cavallo,
Ou de macho, que he mais proprio,
E se defasnára, fora
Muy mais elegante modo.

Esta-

Estalajem' á mão direita ,
N'hum aposento taõ roto ,
Que por seus velhos remendos
Se viaõ seus entreforros.

A miseria lhe notey ,
Mas a soberba mais noto ;
Porque , tendo poucas partes ,
Acho naõ tem fumos poucos.

Poeta me pareceo ,
Mas naõ Poeta ostentozo ,
Porque com ter varias rimas ,
Mostra nada ter composto.

Hum instrumento de bocca
Temperou nossa ama logo ,
E eu vendo que ella tempera ,
Minha garganta dispoñho.

Mas nisto chegou nossa ama
Com hum prato muy formozo ,
Porque tinha huns olhos verdes ,
A pedir de bocca os olhos.

Eraõ muy tenros , muy doces ;
Mas sou eu de taõ máo gosto
Que com serem taes , os trouxe
Entre meus dentes hum pouco.

Depois dos olhos de couve
Huma forçurinha como,

E comi bem por miudo ,
 Bem que o digo muy por grosso.

Huma franga muy sem penna
 No cadafalso goloço ,
 Por ser christãã nova hum tanto,
 Sahio condenada ao fogo.

Era o vinho , que bebi ,
 Taõ delgado , taõ gostozo ,
 Que muitos furos abaixo
 Lhe fica o Falerno toscó.

Era em fim tal , que melhor ,
 Que a Freira de melhor gosto ,
 Obrigaria aos amantes
 Naõ se apartarem do torno.

Regaley-me como hum Padre ,
 E fartey-me como hum tolo ,
 Cevey-me como espingarda ,
 E fiz-me como hum pelouro.

Comi finalmente hum doce ,
 Mas por ser muy torpé poço
 O desta Villa , naõ quiz
 Que fosse agoado o meu gosto.

Puz-me logo a caminhar ,
 E já depois do Sol posto ,
 Qual engenhosa abelhinha ,
 N'uma cortiça-me alojó.

Referir-vos eu a cea
Fora processo enfadozo ,
Bem que por estar muy quente ,
A despachey n'hum affopro.

Comer , e calar me agrada ,
Darey pois na bocca hum ponto ,
Porque de mim se não diga
Que bem como , e que mal cozo.

JORNADA V.

R O M A N C E .

OH Como estou descancado !
Mas que muito , illustre Souza ,
Se na minha quinta estou :
Pouco falta ; maõs á obra.

Vergonhosa , e magoada
Se mostrou a bella Aurora ,
Magoada de huma morte ,
De huma vida vergonhosa.

Por Tithaõ a ter taõ muita ,
Por Memnon a ter taõ pouca ,
Traz no coração a magoa ,
E traz no rosto a vergonha.

Em fim, que chorava , e ria
 A froxissima modorra ,
 Que como prudente guarda
 La risa para la llora.

Quando eu muy Cavalleiro
 Redear solto , aperto esporas ,
 E Pegafo feito o macho
 Naõ corte só , porèm voa.

A vista lhe arde em cachões
 Com colera generosa ,
 E da fervura dos olhos
 Escumas lhe vem á bocca.

Pasmey-me desta esperteza
 Depois de tanta modorra ;
 Em fim correo como gama
 Quem naõ caminhava jota.

He conceito do A B C ,
 Mas por ser Grego se soffra ,
 Que bem com taõ Grega besta
 Grega frase se accomoda.

Cedo entrey por Anciaõ ,
 Mas naõ direy nesta copla
 Coufa nova , porque implica
 Anciaõ com coufa nova.

Eraõ sette horas e meya ,
 Pouco importava esta conta ,

Mas

Mas de pobres , e covados
Dando estaõ meus verlos horas.

A' porta descavalguey
De huma venda muy bõa ,
Mas sendo muy bõa a venda ,
Fiz eu muy infame compra.

Pelo almoço perguntey ,
Acudio logo huma moça
De fórma muy liberal ,
Mas de muy seccas respostas ,
Temos bacalháo , me disse ;
Pedi logo duas postas
Muito mais seccas que hum páo ,
E mais que hum páo matadoras.

Em provando as reprovey ,
Pedi mais alguma cousa ,
E vindo huns oves com mel ,
Me cahio no mel a sopa.

Era taõ bemquisto o mel ,
Que segundo minhas contas ,
Nunca por elle se disse ,
Que nelle senaõ põem moscas.

Pois quando a torta virey ,
A y que vista taõ nojosa !
Na torta huma mosca vi ,
Que me deixcu a alma torta.

Naõ acabo de entender
 Como foy taõ rigorosa
 Aquella , que por taõ mança
 Parecia mosca morta.

Nada mais pude comer ,
 Mas que muito que naõ coma ,
 Se a torta me deo quebranto
 Com sua vista medonha ?

Logo me puz a cavallo ,
 Seguindo minha derrota ,
 E caminhey taõ depressa ,
 Como quem hia com mosca.

Logo descobri Coimbra ,
 E com trompa dorminhoca ,
 Dorminhoca lhe chamey ,
 Porque resonava a trompa.

O' Cidade , que estás rindo ,
 Lhe digo , das mais lustrozas ,
 Ou cá neste Mundo vivas ,
 Ou no outro Mundo morras.

Vós sois a melhor Cidade ,
 Que tem Lusitania toda ,
 Mais gente de capa preta
 Naõ vio Pariz , nem vio Roma.

O pé vos beija o Mondego ,
 Fonte em graça , rio em copia ,

Que

Que campa com sua Estrella
Entre os mais rios de Europa.

Vós me déstes de mamar ,
Vós me criastes com broa ,
Que se fazia amarella
De minha fome medrosa.

Vós me fartastes de tentos ,
Feijoens digo , e em minhas trovas ,
Porque então tentos me déstes ,
Vos dou louvores agora.

Hoje de Lisbõa chego ,
E bem que he terra famosa ,
Me crede , que os vossos longes
São os pertos de Lisbõa.

Palavras não eraõ ditas ,
Quando entro pela porta ,
Que tem Moça, Leaõ, Serpe ,
Que tem Serpe, Leaõ, Moça.

A casa fuy de meu tio ,
E subi sem dizer oyla ,
Hum pajem me encontra , minto ,
Recebe-me, não me encontra.

Em fim me abraça meu tio ,
E minha Muza gostosa
As graças em pé remata ,
Quando dou principio ás glorias.

Acabey qual Prégador,
Porèm foy traça engenhosa
Dar-lhe com gloria no fim,
Que alfim se canta la gloria.

*Fim das Fornadas de Lisboa para
Coimbra.*



EGLOGA

PASTORIL.

Timarinto, Palémon, Vilanio.

COm os rayos brilhâtes, q̃ espalhava,
 Os viventes a Aurora despertava :
 O Sol, que vinha entrando no Orizote,
 Já reflexo fazia no alto monte :

Tornava a florecer o verde prado,
 Sahia dos curraes o manfo gado :

Quando já na espessura das campinas,
 Que rega o Tejo chêas de boninas,
 Timarinto, e Palémon se encontravaõ,
 Que alli a seus rebanhos pasto davaõ :
 Hum cabras, outro ovelhas possuía,
 Qualquer de pouca idade parecia ;
 Ambos da mesma Aldêa, e de igual gête,
 Ambos cantar sabião docemente.

Era a Estação, em q̃ as fragrâtes rosas
 Brilhavaõ entre as plantas mais viçosas :
 Na verde relva os doces passarinhos,
 Faziaõ canto alegre nos raminhos ;
 E attrahidos das sôbras d'huns verdores
 Estavaõ neste sitio estes pastores.

Aq

Aqui todos entregues ao descanso
 Viaõ correr aquelle rio manso ;
 Tudo quanto a seus olhos se mostrava
 A mayor gloria cada vez lhes dava ,
 Viaõ seus gados fartos de verdura ,
 Julgavaõ naõ haver mayor ventura.

Vilanio neste tempo conduzia
 Os seus novilhos para a fonte fria ,
 E entrando já nas agoas a manada ,
 Escutou esta muzica alternada :

Timarinto.

Graças ao Ceo, que já nos tẽ mostrado
 O feliz tempo , o tempo dezejado :
 A' nossa vista o campo já floresce ,
 Todo a nossos rebanhos já se ofrêce.

Palémon.

Tornará, Timarinto, aquella idade ,
 Em que reinou na terra a liberdade ,
 E offrecia o sustento á humana gente
 A natureza cuidadosamente.

Timarinto.

Ja parece , Palémon , que estou vendo
 Os homens a Saturno obedecendo ;
 De abundancia, e innocencia chêa a terra,
 Até o nome esquecerá da guerra.

Palémon.

Nestas verdes campinas desde agora
 Habi-

Habitará gostosa a bella Flora :
Cada dia mais gordos , e augmentados
Nossos olhos verão os nossos gados.

Timarinto.

Os outeiros , os valles sem cultura
Veremos cheyos da melhor verdura :
As ovelhas , as cabras abundantes
Serão em leite mais do que eraõ d'antes.

Palémon.

De nós os mesmos Deoses mais amigos
Apartarão a ira , os seus castigos :
Da violencia dos lobos carniceiros
O Deos Pan livrará nossos cordeiros.

Timarinto.

Em quanto aqui brilhar a luz do dia ,
As aves farão doce melodia :
Ouviremos as Ninfas desse monte
Responder ás que habitão nessa fonte.

Palémon.

Pastay , minhas ovelhas , livrementẽ
Na verdura, que o Ceo vos faz presente;
Que em quanto durar vossa feliz vida
Para vós ha de a terra estar florída.

Timarinto.

Pastay, tenras cabrinhas, nos verdores,
Que rebentando vão entre essas flores :
Não temais o rigor do lobo irado ,

Que em vós hū grãde Deos põem seu cui-
 Vilanio, q̃ soffrer já não podia (dado.
 O dezejo de ver a quem ouvia,
 Seus novilhos á pressa conduzindo,
 Corria atraz do som, que estava ouvindo;
 Quãdo n'humã campina deleitosa
 Os vio ao pé d'humã arvore frondosa:
 A ambos logo abraçando, de contente
 Estas palavras disse alegremente :

Vilanio.

Quanto vencem as rosas ás mais flores,
 Tanto em cantar vêceis os mais pastores:
 A vossa melodia vale tanto,
 Como dos roxinoes o doce canto.

Cátay, q̃ mais me agrada essa harmonia
 Que o murmureo daquelle fonte fria :
 No vosso alegre canto o mundo veja
 Quanto Arcadia vos deve ter inveja.

O mundo veja o tempo dezejado,
 Tempo, que só por vós lhe será dado :
 Cantay, moços pastores, na espeffura,
 Cantay, que igual não tem vossa vêtura,

Como servẽ de enfeite ao prado as flo-
 Vós tambẽ sois a glória dos pastores; (res,
 Este campo sem vós triste parece
 A' vossa vista tudo aqui floresce.

Vivey gostosamente a vossa vida,

Que

Que a alegria este sitio vos convida :
Dos antigos trabalhos a memoria
Perca-se á vista dessa vossa gloria.

As Oreadas desçaõ lá dos montes ,
As Napéas se apartem dessas fontes ;
Venhaõ-vos offerecer crôas vistosas
De vérdes murtas , de brilhantes rosas.

Assim Vilanio alegre lhes mostrava
O muito, que o seu canto lhe agradava :
Mas como o ardor do Sol , que já subia ,
Naquelle sitio ameno os persegua ,
Contentes procuraraõ com seus gados
Melhores sombras nos vizinhos prados.



SOLILOQUIO
DE
HUM PECCADOR
-prostrado aos pés de hum
CHRISTO
CRUCIFICADO.

Pelo Padre
ANTONIO DE BARROS.

SONETO PREVIO.

JA', Muza, os meus cabellos prateados;
A's exhortaçoes da neve reduzidos,
Me admoestaõ que saõ todos perdidos
(Tirádo os de salvar-me) outros cuida-
dos.

Sejaõ, pois, do meu plectro desterrados
Os affectos de Lidias, e de Armidos,
E cante só soluços, e gemidos,
Pregoeiros da dor de meus peccados.
Se o Cyfne, quando está vizinho á morte,
Disfarça em canto as lagrimas, q̃ chora,
Eu, que já Cyfne sou, justo he q̃ o câto,
Com que elle chora, imite; e desta sorte
Minha voz, outro tempo taõ sonora,
Se já muzica foy, seja hoje pranto
SEXTI.

S E X T I N A S.

I.
Meu Deos, cuja sagrada humanidade
 Pregou nesse madeiro sacrosanto
 Mais vosso amor, que a nossa crueldade;
 Porque, se o mesmo amor não fora tanto,
 A uzar com vosco não se atreveria
 Tal odio, tal furor, tal tyrannia.

II.
 Meu disse! Oh q̃ excessivo atrevimêto!
 Como meu ! Se no tempo, q̃ hey vivido ,
 Apenas houve instante, houve momento,
 Em que por mim não fosseis offendido:
 Só quiz com meus peccados, e torpezas
 No numero igualar vossas finezas.

III. (to
 Mas, meu torno a dizer, porq̃, se he cer-
 Que me comprastes quando fuy cativo,
 Pelo preço, que desse lado aberto
 Correo taõ liberal , como excessivo ;
 Como posso negar, sem novo aggravo ,
 Que fois vós meu Senhor , e eu vosso es-
 cravo ?

IV.

(era

Eu sou, meu Deos, aquelle escravo , q̃
 Taõ desleal, protervo, e taõ perjuro ,
 Que sendo para os vicios branda cera ,
 Para as virtudes fuy marmore duro,
 Tal, que quando me vejo, e me contêplo,
 Em mim só de mim mesmo acho exêplo.

V.

(rivel,

Eu sou, meu Deos, aquelle môstro hor-
 Que sem medo á justiça , e sem receyo
 Do tremendo Juizo , e do terrivel
 Fogo do inferno temerozo , e feyo ,
 Tantas vezes pequey, que parecia
 Que era espora ad peccar quanto temia.

VI.

(nha,

Taõ costumada ao vicio era a alma mi-
 Que sem que a tentação fosse o convite
 Do peccado parece que em mim tinha
 Mais lugar o costume que o appetite ;
 Peccando de manhã , á tarde, e á noite
 Sem temer da justiça o digno açoite.

VII.

Para cahir nos laços, que me armava,
 E que me offerecia o pensamento ,
 Quando aos delictos mais me convidada ,
 Foy taõ ligeiro o meu consentimento ,
 Que

Que, no mesmo pensamento anticipado,
 Não quiz ter a desculpa de tentado.

VIII.
 Tanto me habituava no peccado,
 Que, antes de ver o objecto prohibido,
 Sem me vencer, me tinha já prostrado,
 Sem me prostrar, me tinha já vencido:
 Com que era em mim (estou para dizer)
 Primeiro o consentir, que o appetecer.

IX.
 Na guerra, que o Demonio me fazia,
 De suas settas nenhuma malograva;
 A que não me matava, me feria,
 Se he que alguma feria, e não matava.
 Oh quantas vezes fez no peito brecha
 Antes do golpe o disparar da frecha!

X.
 Nas tentações, q' ás culpas me incitavao,
 Não posso, inda q' queira, achar desculpa,
 Que, como auxilios nunca me faltavao,
 Se peccava, era só por minha culpa,
 Patrocinando nisto a natureza
 Mais a minha maldade, que a fraqueza.

XI.
 A Primavera dos floridos annos
 Aos vicios me servia de lisonja;

O Outono prégador de dezeñganos,
 E que he dos appetites branda esponja,
 Em vez de os apagar, pelo costumê,
 Novas chammas lhes dava; e novo lume.

XII.

Oh quantas vezes vossa piedade,
 Do meu profundo mal compadecida,
 Me trazia á memoria a brevidade
 Dos deleites, e goztos desta vida!
 Mas esta inspiração só me servia
 Como azeite ás chammas, em que ardia.

XIII.

He breve a vida, breves os deleites,
 Da-te pressa aos gozar por varios modos.
 Me dizia a mim mesmo; não rejeites
 Algum de quantos ves, logra pois todos.
 Não tardes, que as delicias são boninas,
 E só são flores, quando são meninas.

XIV.

Ocorria-me a morte de repente;
 Mas eu dizia, cego aos dezeñganos:
 Não temas, que na idade florecente
 Tããinda vida para muitos annos; (corrê)
 Se algúis morrerão assim, (poucos me oc-
 Logo has de ser dos poucos, q' assim mor-
 rem?

Mas

Quando a Mãe se vê *XVI*
Quando a Mãe se vê
Mas quembo que assim seja, e que ferera,
Antes do tempo a Paizã corte o fio;

Quando a Mãe se vê *XVII*
Quando a Mãe se vê
Faze tu pôdo gozar pa Primavêra,
O que naé poderás no Inverno;
Barras yba vida, seja rhode, e leve;
Luzganeq goftos, festos, annes breves;

Quando a Mãe se vê *XVIII*
Quando a Mãe se vê
Quando entre os horrozos estã pides
Me achava dos trovões, que fulminavao
Relampagos aos olhos, e aos curtidos;
Com forcaibveis lectos se partavao;
Dizia: este tenor naõ mte embaraço
Que, qué me quer matar, naó me atenga!

Quando a Mãe se vê *XIX*
Quando a Mãe se vê
Em ignoraq tem pestídes, similhantes
Me achey mil vezes! Mas se a minha forte
Me liberta de fúsciras fulminantes;
Porque tó, nesta hey, de achar a morte
Ohague a esta, casta de perigos;
Saó mais sãpre los temores, q' os castigos;

Quando a Mãe se vê *XX*
Quando a Mãe se vê
. Se quando me lembra a eterna pena,
A que taó justamente os peccadores
Vollã justas; comp razão condema
Dizia; de maldades, e fies temores;

Só cuidar que podia ter Laude
 Me dava obziquiosista, e sentimento
 Vivendo de meus males tão contente,
 Que tinha por faude, o estar doente.

XXXIII

Más, porque toda a Bemaventurança
 Collocava nos gostos desta vida,
 A' memoria não dava outra lembrança,
 Que os delicias, com que ella nos cõida,
 Dando nos ouvidos mizicas fencas,
 Ao gosto luras, e pompozis ceas.

XXXIV

Era do olfato o almiscar precioso,
 Ambar, balsamo, e algalia, as iguarias,
 Para o tacto o veludo mais mimozo,
 Finos cambrais, e tudo, quanto fias,
 Ou tecos com labores singulares,
 Indufrioza Hollanda em teus teares.

XXXV

A vista alimentava-se de rosas, e paeas,
 De amarantos, jasmims, e outras boninas,
 Perspectivas gentis, e Kutziozas,
 Raros quadros, pinturas peregrinas,
 Fantaziando sempre em mil chimeras,
 Novos Abris, perpetuas Primaveas.

XXXVI

De memoria trazia desterrado
 Tudo, o que me pedia dar tristeza,
 Cuidado só naquillo, em q' aoha agrado:
 A estragada, e corrupta natureza:
 Nadando alegres sempre os pensamentos
 Em pelagos de gozios, e contentos.

Este fuy meu Jesus, mas se allegora
 Fuy tal, qual vós sabeis, e eu vos dizêdo,
 Hoje, que vossa graça me namora,
 De ser qual tenho sido me arrependo;
 E me arrependo tanto, que quizeras
 Que a dor do coração me desfizera.

Para ter esta dor como por meyo
 Fallar-vos hoje humilde, e pezarozo;
 Mas, como me conheço, inda receyo
 Se me ouvireis irado, se piedozo:
 Mas que receyo? Quê me ouviu perdido,
 Como não me ha de ouvir arrependido?

Chega pois, por em tempo me impeça
 O horror de tantas culpas cometidas;
 E porque também temo, que não se ca
 voar outra vez vossas feridas:

Por-

(gue,

Porque h'hi morto, por mais q̃ esteja exan-
 A' vista do inimigo lança sangue.

XXX.

(veja,

No horrôrozo das Chagas, q̃ em vós
 Farey por ver das minhas hum retrato;
 Humas, e outras me podem causar pejo,
 Não sey se por cruel, se por ingrato.
 Porém sey que verey, como em crystal,
 Em vós todo o meu bem, e em mim meu

XXXI.

(mal.

Mas se he certo que morre o Basilisco,
 Vendo-se taõ deforme em hum espelho,
 A morrer com razaõ tambem me arrisco,
 Pois tanto ao Basilisco me assemelho.
 Porém, quando assim morra, será sorte
 Que o horror dos peccados me dê morte.

XXXII.

Ouvi-me, pois, e para que me ouçais
 Com mayor piedade, e mais clemencia,
 Sejaõ, quanto disser, suspiros, e ays,
 Que esta he de arrependidos a eloquẽcia.
 Começo pois: mas as palavras calem,
 E com linguas de prantõ os olhos fallem.

XXXIII.

Porém, para chorar tantos peccados
 Que lagrimas feraõ insufficientes,

Inda

Inda que o Nilo, e Ganges dezatados,
 Mudem para meus olhos as correntes?
 Day-lhes vós o valor, já q̄ eu não posso,
 Ajuntando o meu prato ao sangue vosso:

XXXIV.

Sayaõ, pois, pelos olhos derretidos
 Os sentimentos, que meu peito encerra,
 Desfaça-se em soluços, e gemidos
 Quão á minha alma fez taõ dura guerra:
 Tudo em mim testmūinha a dor, e a ma-
 No peito incēdios, e nos olhos agoa. (goa

XXXV.

Affogue-se no prato as culpas minhas,
 E aquelles mesmos olhos, q̄ outras vezes
 Foraõ venenos, sirvaõ de mezinhas;
 Se foraõ espadas, sejaõ agora arnezes:
 Qual a lança de Aquilles, que servia
 De balfamo ás feridas, que fazia:

XXXVI.

Porém, que chagas curarey primeiro?
 As que fez na minha alma o meu pecca-
 Ou as que abriu o odio carniceiro. (do,
 Nessas mãos, nesses pés, e neste lado?
 Mas nas lagrimas se achaõ taes mezinhas,
 Que as vossas curarey, se curo as minhas.

XXXVII. *Oh quem me dera*

Sinto de modo haver-vos offendido, T
 Que deste sentimento não quizera
 Nem a noticia ter de estar sentido; T
 Porque, se quanto o sinto, conhecera, T
 Seria tal o meu contentamento, T
 Que o gosto extinguiria o sentimento. T

XXXVIII. *Oh quem me dera*

Quem me dera, meu Deus, o sentimento, T
 Com que o mayor do vosso Apostolado, T
 Sagittas derramando cento, a cento, T
 Sementou pezarozo o seu peccado: T
 Porque foy, na fraqueza de vencido, T
 Elle o ingrato, e vós desconhecido! T

XXXIX. *Oh quem me dera*

Oh quem me dera a dor, que publicava T
 A Magdalena, quando em seus cabellos T
 O aljofar recolhia, que lançava, T
 Prostrada a vossos pés, dos olhos bellos; T
 Pois mais bellos então, e mais formozos, T
 Quando mais magoados, e chorozos. T

XL. *Oh quem me dera*

Mas estes sentimentos vos confesso, T
 Que sou mais que atrevido em dezejá-los; T
 Porque, sendo elles Santos, fora excessô T
 Pertender nas virtudes igualá-los. T

Oh quem

Sou

Sou peccador, dos peccadores quero
Ter as dores, que nelles confidero.

XLI.

Quizera ter na dor de meus peccados
Todas as afflicções, e sentimentos,
Que estão soffrendo todos os damnados
Entre as chammas maiores, e tormentos,
E que fossem no numero infinitos,
Porque a dor, fosse igual a meus delictos.

LXII.

Não porque queira seja este o motivo
Da dor de meus peccados, q̃ he mais no-
Mas porq̃ exprimir quero o fêsitivo (bro;
Da dor, que o coração no peito encobre,
E dobra-se esta dor no meu dezejo,
Quando assim vos contemplo, e assim vos

LXIII.

(vejo!

Quando vos vejo nessa Cruz ferido,
Este meu odioção, que todo he neve,
Acrezo em chammas quer agradecido,
Pagar parte do muito, que vos deve:
Mas he taõ grande o empenho, em q̃ me
Que o dezejo não passando dezejo: (vejo,

XLIV.

Devo esta grande copia de rubis,
Com que liberalmente me comprastes:

uoç

Devo

Devo esses preciozos carnezís ,
 E que as plantas, e as pedras matizantes,
 Quando em Gethsemani vossos suores
 De purpura, e carmin tomaraõ as cores.

XLV.

Devo açoutes, escarneos, bofetadas
 E de espinhos, lâça, e outras afrontas,
 E estas partidas todas, que lançadas
 Estão nas addições das nobras contas,
 Minhas dividas fazem tão crescidas,
 Que as não posso pagar com cem mil vi-

XLVI.

Mas o que com mil vidas não se atrevem
 Pode satisfazer huma só morte;
 Essa applicay, meu Deos, ao que vos devê
 Minhas ingraticidões; e desta sorte
 Se dirá (pois não pôde o devedor.)

Que paga o justo pelo peccador.

XLVII.

Devo mais, mas porquê entro em tão
 Du como murmurar em vão me atrevo,
 Quando çaber não podem no algarismo
 As mercês infinitas, que vos devo?

Das quaes quizera ser com mais cuidado
 Antes agradecido, que lembrado.

Mas,

Mas como hey de mostrar-me a grade-
 Se he tao grãde a pobreza, e in q̃ me vejo;
 Salto-se for tomando por partido q̃ me
 Substituir as obras na dezejo,

Ou fazendo de amar-vos yeriaga, e
 Pois q̃ hũ amor com outro amor se paga.

Seja esta a paga já que se he de arrear
 A pagar de ouzres modo o amor voffo
 Que quero; pois não posso quanto de vós;
 Amar-vos, pelo menos, quanto posso:

Eras Jezeirins; que agora aqui derramó,
 Sejaó prendesido muito, que vós amou;

Amo-vos, pois; e amar-vos de maneira
 Quizera, que em meu peito se accendesse
 Humna fornalha viva, humna fogueira;
 Em q̃ he meu coraçãõ vivendo ardelle;
 Quasi Salamandra, que na fogo izentó
 Vive, e do mesmo fogo se alimenta.

Tanto vos amo, que, se fer-pudera
 Gezar de vós no Céo, não vos amando,
 Mas amare-vos do Inferno, inda q̃ grãde
 Com os damnados, que alli estaõ pensando

2c17

Entre

Entre incendios de fogo sempiterno,
 Deixara o Céu, e fora para o Inferno.

Amo-vos, meu Jesus, co' tanto extremo,
 Que, sendo o coração pequeno vaso

Para tão grande amor, o que mais temo
 He que me tife a vida; e neste caso

Acabando-se a vida em tal empenho,
 O amor grande acaballe, que vos tenho

Ben se vê, se assim morro, eternamente
 Vos hey de amar no Céu; mas tábê vejo

Que o amor não he forte, e vivamente
 Vos quizera amar sempre o meu desejo

E a chamma, que assim arde, por ventura,
 Não he tão fuma, posto he mais segura

Este se he o pensamento na verdade
 He grande excesso em meu conhecimêto;

Pois, se vos amo alli, sem liberdade,
 Não tenho em vos amar merecimento,

E aqui logro o amor, que quero ter,
 Que he poder-vos amar, sem merecer.

Quizera no amor meu ter a finca
 Dos amantes mais finos; e entre tantos

Qu

Quizera ter o amor de hum Theresia,
De hum Francisco, A gostinho, e outros Sã
Quizera, se he possível, a ternura, (tos:
Que teve em vos amar a Virgem pura.

VL. (tos:
Quizera vos amar, quanto vos amão
Os Serafims, que, quando abatem as azas,
Accedem mais o fogo, em q se inflamaõ
Formando incendios das q só são brazas
Quizera em fim, Senhor, saber amar-vos
Quão souhe offeder-vos, e aggrayar-vos.

VII. (tos:
E se julgais que todos estes modos
Nõ satisfazem quanto me obrigastes
Seja o mayor hyperbole de todos
Querer amar-vos, quãto vós me amastes
Que inda que isto não póde ser possível,
O amor fêz que quer mais, q o q he factível,

VIII. (tos:
Nã me move a este amor, de nenhum
O Cõo, que vós me tendes prometido;
Nem me move o terror da infernao todo,
Posto que injustamente merecido
Porque em taes dous motivos se desco-
Que, inda que o amar he fãto, he magos

LIX.

O que me move a amar-vos he somente
O melino amor, sê outro algũ empenho ;
O que me move he ver qual a crueldade
Os homens vos pregarão nelle Lenho ;
E que de tudo quanto padocestes
Foy causa o grande amor, q̃ nos tivestes

LX.

Deixay-me, pois, para q̃ mais me incida
Na consideraçã desses tormentos
Que meu amor, deixay-me que os medite,
E delles tirã no vos sentimentos
Day-me licença, e day-me o q̃ mais quero
Amargo pranto, em quanto os considero

LXI.

Porem qual ha de ser destes objectos
O primeiro, em q̃ empregue o meu cuida-
Tõ todos tal lugar nos meus affectos,
Que confesso me vejo embarcado
Que, como a todos igualmente estimo
Igualmente de todos me lastimo

LXII.

Começo, pois, mas sempre indifferente
Sem que a nenhum conceda a preferẽcia:
O primeiro, que aos olhos se apresenta,
Tenha esse de primeira preeminẽcia

Nenhum será maior, q̄ eu nunca admito
 Infinito maior que outro infinito.

EXIII. **Esses dous Soes, q̄ tendes eclipsados,
 Não se se foy da morte, alta conquista
 Para que não tollem os meus peccados.
 Foyso objectos de tão bella vista
 Abri-os, pois, Senhor, porq̄ em taes pégos
 De luzes, achem luz meus olhos cegos.**

EXIV. **Abri-os, para que peço que os abrais
 Quando posso temer que, estado aberto,
 Vos não de provocar cada vez mais
 A humilhações, e a castigos certos.
 Tudo ha de causar-vos, quanto olhares,
 Novo não, novo honor, novos pezares!**

EXV. **Quando vereis mais, q̄ chagas lastimosa
 Nodosa, horripida, cicatriza feya,
 Golpes mortues, feridas afebrozas,
 Mais de peçonha, que de sangue cheyas,
 Manchas, que das mortíferas serpentes
 Imprimidas no meu venenozo dentes.**

EXVI. **Quando vereis, mais como juntamente
 Venenozas, e chagas, e as feridas,
 Com**

Com q̄ o grande amor vosso fez patente
O muito, que estimava as nossas vidas,
Por mais que as minhas sejaõ a scorozas,
Naõ as estranhareis, olhando as vossas.

LXVII.

Essas mãos, que algum dia torneadas
Viõ vossa Esposa ornadas de jacintos,
Como as contemplo agora traspalladas
De dous cravos em vosso sangue tintos?
Taes, que posso cuidar, vendo-as feridas,
Que, posto q̄ saõ mãos, saõ mãos perdidas.

LXVIII.

Essas mãos, a q̄ a terra deve as plantas,
E o Ceo deve as Estrellas rutilantes;
Essas mãos, que puderaõ vezes tantas
Desfazer serras, fulminar Gigantes;
Quem teve tanta força, e tanto engenho,
Que, ambas pode pregar n'hum duro Le-

LXIX.

(ahor)

Essas mãos, que estaõ cheyas de coral,
Que derretido corre dessas veyas,
Vos mostraõ manirroto, e liberal,
Pois, fazeis beneficios ás mãos cheyas;
Porque, a pezar dos cravos, q̄ as tẽ prezas,
Repartem menos sangue que finezas.

LXX. (mêtos,

Mas já q̃ o odio as pregou para os tor-
 Pregue-as o vosso amor para os castigos!
 Não se digaõ que foraõ mais attentos
 Que o vosso amor, os vossos inimigos :
 Pois será (se estaõ prezas) cousa rara ,
 Estando prezas, sacudir a Vara ,

LXXI.

Mas q̃ Vara, ou q̃ açoute temer posso ,
 Se em vossas mãos me ponho humildemẽ-
 E os effeitos espero do amor vosso (te?
 Taõ liberal, que vejo claramente
 Nessas mãos; q̃ de sãgue estaõ banhadas,
 Que o Ceo me quereis dar ás mãos lava-

LXXII. (das.

Dessas mãos passo aos pés; de-me licẽ-
 A Magdalena, q̃ choroza os prẽde , (ça
 Nem cuido que lhe faço nisto offensa,
 Que a minha dor da sua dor aprende :
 De-me licença, pois, para que chegue ,
 E que essas plãtas com meu prãto regue.

LXXIII.

O que aqui me dá mais admiraçaõ ,
 E o que serve ão discurso de embarçaõ
 He, que, sendo hũ dos passos da Paizaõ ,
 Não o s podeis bullir, nem dar hũ passo:
 E que,

E que, estando assim prezo, como estais,
Se eu vos não busco a vós, vós me buscais.

LXXIV.

Prendem-vos esses cravos; porém, sendo
Para produzir flores tão contrario
Esse asperrimo tronco, que estou vendo,
E sendo esse terreno do Calvario
Apto só para dar espinhos bravos,
Como produz agora pés de cravos?

LXXV.

Mas, pode-os produzir, porq̃ são filhas
Do mesmo monte as mais boninas bellas,
As flores da Paixão, as Maravilhas;
E os Bê me queres; sendo qualquer dellas,
Sem que perca das flores o conceito,
Entre as mais flores, a do Amor perfeito.

LXXVI.

Nesses pés, q̃ de sangue estão banhados,
Já tomo pé para que alentos cobre;
É para que no mar de meus peccados
A desesperação me não foçobre:
E tenho pé para que humilde peça
Perdão, por mais q̃ a culpa é de mereça.

LXXVII.

A estes pés, meu Jesus, dou mil abraços,
Porque postos com os meus emparallelo;

Acho que elles só podem de meus passos
 Ser norte, e ser certissimo modello :
 E que rectas seraõ minhas jornadas ,
 Seguindo , como he bem, suas pizadas !

LXXVIII.

Ah pés! cujas pégadas sempre bellas
 Podiaõ ser estampas preciozas
 Das que do prado saõ lindas estrellas ,
 E das que saõ do Ceo fulgentes rosas ;
 Prodigio, mas cruel, o amor vos trata,
 Pois vos prende em correntes de escarlata.

LXXIX.

Mas,naõ vos prende,naõ, q̃ da corrête,
 Que parece prizaõ , remedio fez ,
 Com que vos quiz curar da febre ardête
 Desse vosso amor, sangrando vos nos pés:
 Mas, ah cruel remedio! ah tyrannias!
 Minha a dôença, e vossas as sangrias!

LXXX.

Sim; para que com tal medicamento,
 Que inventaraõ as finezas mais divinas,
 Me curasseis, poupando-me o tormento,
 Que causaõ, de ordinario, as medicinas;
 E porque o enfermo a purga naõ rejeite
 He bem que a tome o mesmo, q̃ a receite.

Mas,

LXXXI.

Mas para q̃ nos pés mais me detenho,
Se com vozes de fangue me convida
Esse lado a que veja o raro empenho
Do vosso grande amor, que da ferida
Forma huma fonte tal, q̃ os Sacramentos
Corrẽ della em raudaes sanguinolentos?

LXXXII.

Porẽm, naõ sey se he fõte, se he thesou-
Fonte parece, porque correm della (ro:
Rios de fangue, que parecem de ouro:
Thesouro a julga quem se chega a vê-la;
Porque naõ poderia de outro modo
As dividas pagar do mundo todo.

LXXXIII.

Mas, se he thesouro, que juizo grave,
Sendo do amor thesouro, julgaria (ve
Que, para abrir-se, lhes emprestasse a cha-
A crueldade o odio, e a tyrannia? (to,
Mas, antes do odio a abrir, tenho por cer-
Que agazúa do amor o tinha aberto.

LXXXIV.

Entre os coaes, que dessa fonte corrẽ,
Vejo que se d'zata outra corrente
De crystaes d' rretidos, que s'occorrem
O peito, que se abraza em fogo ardente:

Ma

Mas ay, q̃ a tanto incendio, a tãta fragoa,
He pequena huma só fonte de agoa!

LXXXV.

Mas, se forem meus olhos taõ ditozos,
Que a lastima de verem essa ferida
Os transforme em dous rios caudalozos,
Unidos a essa fonte taõ crescida,
Poderaõ conseguir, sem mais dispendios,
Que modere esse fogo esses incendios.

LXXXVI.

Porèm o vosso amor, q̃ os seus regálcs
Acha no mesmo fogo, que o alimenta
Nenhum remedio quer para apagá-los;
Antes chammas a chammas accrescenta,
E oppõem, para remedio dos ardores,
A Vezuvios de amor, Ethnas de amores.

LXXXVII.

Se quereis, pois, q̃ cresça incendio tãto
(Se he q̃ pode crescer sendo elle immẽto)
Communicay-me parte, e vereis quanto
He, se naõ mais fogoço, mais extenso:
Porque do fogo só se verifica
Crescer mais, quanto mais se cõmunica.

LXXXVIII.

Este grande favor, supposto o espero,
Quem haverá, porèm, que mo aslegure?

Por isso, para o haver, eu mesmo quero
Ser quem o solicite, e o procure: (ta
E eu mesmo quero entrar, q̃, aberta a por-
Desse lado, ou fornalha, bem me exhorta:

LXXXIX.

Já dentro estou, Senhor: Oh q̃ finezas
Experimento aqui do vosso amor!
Oh que chãmas! q̃ incêndios! e q̃ accezas
Levaredas! Mas ay, que este calor,
Que vos abraça, em mim se apaga logo,
Pois que não me derreto em tanto fogo!

LXL.

Pareço-me com Pedro, quando estava
No atrio do Pontifice, em que ardia
O fogo, que, se aos outros abraçava,
Só para elle de neve parecia:
Pois se mostrou tão frio, e tão regêlo
Que huma mulher bastou para vencê-lo.

LXLI.

Porém se se deixou vencer do medo,
Vossa vista fez nelle tanto abállo,
Que, quem o vio no Horto dormir cedo,
Desperto o vio tambem cantando o gallo;
Sinta, pois, meu regêlo o mesmo effeito
Derretido nas chamma s desse peito.

LXII.

Naõ sey se deſſe lado taõ ferido
 Foy carnifice o amor ; porẽm naõ nego
 (Sendo taõ cego o amor) que parecido
 Foy Lóguinhos ao amor, porq̃ era cego;
 Faltou-lhe a viſta, e quãdo o peito aſalta,
 Ganha á ponta da lança o que lhe falta.

LXLIII.

Menos cruel no golpe, que no intento
 Foy, pois, ſem achar quem lhe refiſta ,
 Quiz mostrar q̃, o q̃ em vós foy rēdimēto
 Fora da ſua lança huma conquista :
 Para que ſe julgafſe neſta empreza
 Que obrara mais a força, que a fineza.

LXLIV.

No golpe deſſa lança o amor voſſo
 Deixou tantas finezas eſtampadas ,
 (Que de tão diluvio dizer poſſo ? (das)
 Que ſe he chuva do amor chove ás lança-
 Que ſaõ (por iſſo nelle naõ me aſſogo)
 Sendo lanças de amor, lanças de fogo.

LXLV.

(do

Mas ay, meu bom Jeſus, q̃ eſtou temen-
 Que entre lanças de tanta piedade,
 Já que de minhas culpas naõ me emendo,
 Haja outra lança, em cuja crueldade

V'o'sa

Vossa justiça irada , e offendida
Tome a satisfação, que lhe he devida.

LXLVI.

· Porèm, de que justiça taõ severa
Me posso recear? se estou mettido
Neste peito, do qual se se valera
O mesmo Judas , fora defendido :
Peito, que, se das culpas he Sagrado ,
Para a justiça está sempre fechado.

LXLVII.

Peito, que he soberano relicario
Da reliquia melhor, que o mundo adora;
Porque serve de cofre , e de Sacratio
Ao coração de hũ Deos, que nelle mora :
Peito, onde se retrata o excessivo (vo.
Amor , se em cores mortas , muito ao vi-

LXLVIII.

· Peito, em fim, onde quiz fazer-se forte
Cõtra as guerras do odio o amor Divino,
Que lhe quiz peito a peito dar a morte ,
Mas , com menos valor, que dezaõino;
Porque, se a hũ morto deo grande lâçada,
Pôs-lhe a lança no peito , e não fez nada.

LXLIX.

· Não fez nada: pois, quando parecia
Mais cruel na ferida de se peito ,

Inta

Intacto o coração, que nelle ardia ,
 Deixou sem fazer nelle algum effeito ;
 E a victoria, cabal nesta contenda ,
 Leva-a quem faz que o coração se renda.

C.

Supposto, pois, que do furor da lança
 O coração não pode ser despojo ,
 Day-me licença , e day-me confiança
 Para este atrevimento, a que me arrojo;
 Roubando o coração , que no conflicto
 O odio quiz deixar *pro derelicto*.

CI.

Com este piedoso sacrilegio
 Porey termo a outros muitos ; confiado
 Em que hei de achar hum privilegio
 Para ficar de todos perdoado :
 Entretanto , deixay que o sentimento
 Contemplar possa em vós outro tormêto.

CII.

Mas, outro ainda ! cousa me parece ,
 Depois de serem tantos , impossivel :
 Porém não, porque aos olhos se offerece
 Outro objecto cruel, fero, e terrivel
 Nos espinhos, que teçem a Coroa ,
 Que a cabeça vos fere, e vos magôa.

Cruel

CIII.

Cruel bem, que com nome especiozo,
Disfarçou de Coroa a crueldade;
Tormento de tormentos copiozo,
Pois fez brotar a sua impiedade
Da cabeça, que fere, e que maltrata,
Settenta e duas fontes de escarlata.

CIV.

Quando nessa Coroa considero,
O q̃ me assombra, e mais me causa espãto
He, q̃, sendo hum tormento taõ levero,
A vossa cortezia o estima tanto,
Que apondes, inda que ella o não mereça,
Com summa estimaçaõ sobre a cabeça.

CV.

Porẽm ella não sey se presumida,
Vendo a honra excessiva, que lhe dais,
Ou se por rustica he desconhecida
Aos obsequios, e amor, que lhe mostrais;
Vejo que, quando chega a recebê-los,
Se está com vosco, está pelos cabellos.

CVI.

Mas, como essa Coroa he de maneira,
Que se compõem de espinhos, está claro
Que ha de ser muito rustica, e grosseira:
Nos espinhos, q̃ a formaõ, he q̃ eu reparo,

CXIV.

Perdoay-me, meu Deos, mas ay, q̃ digo!
 Huma mercê taõ grande assim se alcãça!
 Já me esquece que fuy voffo inimigo!
 Pois, em que fundo agora a confiança,
 Naõ digo de alcançar, (que fora excessõ)
 Mas de intentar pedir o que vos peço.

CXV.

Mas, inda q̃ eu me esqueça, por vêtura
 Podeis vós esquecer-vos, quando tenho
 (Como disse S. Paulo) huma Escritura
 De meus crimes pregada nesse Lenho?
 Mas, bem pôde isto ser, que certo estou
 Que o sãgue, q̃ a escreveu, elle a apagou.

CXVI.

Mas, se a não apagasse, e inda estivesse
 Viva aquella Escritura, não seria
 Maravilha que já vos esquecesse
 Quanto de minhas culpas referia;
 Que as culpas de quem vive arrependido,
 Já não são culpas, posto o tenhaõ sido.

CXVII.

Pequey, porèm parece q̃ hey peccado
 Poucas vezes; pois toda a minha vida
 Hum só peccado foy continuado:
 E, sendo hum só peccado, quem duvida
 Que,

A vossa Esposa? Como agora horrores
Vejo, em vez de boninas? Não me admiro,
Porq̃ as flores, quaesquer q̃ vós quizeres,
Tornaõ-se sepinhos, sêdo malmequeres.

CXI.

Se, em quáto a terra pura, e innocente,
Não produzia espinhos, (que esta planta,
Só na culpa de Adão, teve a semente)
Vós, que destes á mesma terra Santa
A santidade, como agora destes
Tantos espinhos hórridos, e agrestes !

CXII.

Se quizestes fazer deste tormento
Coroa para os mais, era escuzado ;
Porque, para lograres esse intento
Já estaveis muitos mezes coroados :
E qualquer delles, pelo que magõa,
Vos servio de tormento, e não de Coroa

CXIII.

Baste já de discursos; falle agora
O silencio, porque este tambem falla:
Falle a dor, que entãõ falla, quádo chora,
E arrezõa melhor, quando mais cala :
Peçaõ de obras, palavras, pensamentos,
Perdaõ, pois deraõ causa a taes tormêtos

(lho,
Que, por mais que eu perdesse o ser de fi
Vós não perdestes nunca o ser de Pay :
E, se sois Pay, sou filho, pois me occorre
Que o Pay já não he Pay, se o filho morre.

CXXII.

Porém, ou seja filho, ou seja escravo,
Deve-me perdoar o vosso amor,
Se a filho, como Pay, qualquer agravo,
E se a escravo, também como Senhor :
E saõ estes dous titulos de forte, (forte.
Que não sey se ha de achar-se outro mais

CXXIII.

Se perderes hum filho, perdereis
A relação de Pay; e se acabares
Hum escravo, quem sabe se o achareis,
Como dizia Job, quando o buscares?
Vede, pois, q̄ eu não sey como isto possa
Ser perda minha, sem que seja vossa.

CXXIV.

E também perdereis as excessivas
Finezas, que por mim na Cruz obrastes:
Do sangue perdereis as fontes vivas
Demonstraçoens do muito, q̄ me amastes.
E perdendo-me a mim, perdeis hũa alma,
Que a todas as mais perdas leva a palma.

CXXV.

Se me não perdoais, tereis queixo
 Vosso a mor ; e por isso he necessario
 Considerat, se fois taõ valorozo, (rio :
 Que ás queixas rezistais de hũ tal contra-
 Deixay, pois, esse empenho, esse rigor,
 Não vos queirais tomar c' o vosso amor.

CXXVI.

Soborno seja á vossa piedadẽ
 O receyo de haver alguẽm, que diga
 Que, se commigo ufais severidade,
 A que a vossa justiça vos obriga,
 Parece, pelo menos, na apparencia,
 Que he mayor a justiça, que a clemencia.

CXXVII.

Bem sey q, sendo tãtos meus peccados,
 (Se a fé me não valesse) temeria
 Se em vós, para que fossem perdoados,
 Hum cabedal taõ grande se acharia :
 Porẽm, por mais que sejaõ meus delictos,
 Vossos thesouros saõ mais infinitos.

CXXVIII.

Pois, se saõ infinitos, sem receyos
 De que se esgottem, os reparti por mim ;
 E se os vossos tormentos foraõ meyos
 Para salvar-me, não se balde o fim :

Nem se cuide q̃ os meynos, q̃ escolhestes,
Naõ foraõ iguaes ao fim, q̃ pertendeistes.

CXXIX.

E se o dar he certissimo final
De hum coraçãõ amante, e peito nobre,
Mostrando-vos commigo liberal,
Podeis-me enriquecer, sem ficar pobre,
Pois, sem diminuir tantas riquezas,
Podereis ostentar vossas finezas.

CXXX.

Vede que na Doutrina do Evangelho
Resplandece entre todos os artigos
Aquelle mais que heroico conselho
De perdoar a nossos inimigos:
Vede agora, se naõ me perdoais,
Que dirãõ da Doutrina, que ensinais.

CXXXI.

Naõ me sirva de obstaculo o haver sido,
Entre os mais inimigos; mais protervo,
Pois póde acontecer que arrependido
Entre os mais servos seja o melhor servo;
Porque podeis fazer, sem muito espãto,
De hũ grande peccador, hũ grãde Santo.

CXXXII.

Seja tal o perdaõ, que de repente
Quãto a culpa em mim fez, tudo desfaça,
E que

E que sirva a minha alma juntamente
 De Occazo á culpa, de Oriente á graça :
 Seja qual luz do Sol esclarecida
 Que, se á noite dá morte, ao dia vida.

CXXXIII.

E se, para que seja perdoado,
 Pede a razão q̃ o meu primeiro empenho
 Seja ter odio, e horror ao meu peccado ;
 He tal o odio, e asco, que lhe tenho,
 Que, se a culpa pudera ser formoza,
 Me parecera fea, e horrorozza.

CXXXIV.

He tal o odio, que, sendo preciso
 O conhecê-la para que a aborreça,
 Dá-se por satisfeito o meu juizo
 De aborrecê-la, posto a não conheça ;
 Porque, considerando-a, receya
 Ver quanto tem de horrivel, e de feya.

CXXXV.

Tal odio tenho ás culpas, q̃, fomite
 Por saber que fuy dellas o instrumento,
 Quizera de mim mesmo estar auzente;
 Porque taõ feyo a mim me represento,
 Que, se me vejo em publico, e em segredo
 Eu mesmo de mim mesmo tenho medo.

CXXXVI.

Mas se, para alcançar o que pertendo
 Valem para com vosco outros padrinhos;
 Valha-me vossa Mãe, á qual devendo
 Estais taõ terno amor, tantos carinhos :
 Vede, pois, que por mim ella intercede,
 E se deveis negar-lhe o que vos pede.

CXXXVII.

Valha-me a Magdalena, que choroza
 Com preces de crystal por mim advoga,
 Peticão para vós taõ poderosa,
 Que não podeis negar-lhe o q̃ vos roga :
 Nẽm he muito que, sendo peccadora,
 De outro peccador seja intercessora.

CXXXVIII.

Valha-me quem do titulo de amado,
 Quando falla de si, tanto se preza ;
 Em seus rogos estou muy cõfiado (preza ;
 Que-ha de ter bõ despacho a minha em-
 Porque tem, para ser melhor ouvido,
 Grande prerogativa em ser valido.

CXXXIX.

Estes, que dessa Cruz mais perto estaõ,
 Companheiros fieis de vossas dores,
 Pedem de minhas culpas o perdaõ :
 Mas para que recorro a intercessores,

Se

Se outro mais poderozo allegar posso?
Perdoay-me, meu Deos, pelo amor vosso.

CXXXX.

Perdoay-me : porèm não me contento
(Tanto presumo já nesta contenda)
Somente do perdaõ, porque inda intento
Fazer que vosso amor a mais se estenda ;
Day-me, além do perdaõ, graça taõ firme:
Que nessa mesma graça me confirme.

CXXXXI.

Day-me hũa graça tal, q̃ na pendencia
De quaesquer tentaçoes dizer se possa
Que, inda que seja minha a resistencia,
Menos minha pareça, do que vossa :
E que, até quando for minha a victoria
Leve o troféo somente a vossa gloria.

CXXXXII.

Desta graça taõ grande necessito,
Porque conheço em mim tanta fraqueza
Que na continua guerra, e no conflicto,
Que me faz a corrupta natureza,
Temo que me derrube, e que me mate
Damenor tentaçãõ qualquer combate.

CXXXXIII.

Temo as occasioens, em que consiste
Das tentaçoes a força mais urgente,

Ar

A's quaes armas he raro o que resiste,
 E menos, se prezume de valente:
 Day-me, pois, meu Jesus, para vencê-las
 Hũ grande auxilio, q̃ he livrar-me dellas.

CXXXIV.

De mim mesmo me temo, que ferido
 Dos golpes de meus proprios pêsamêtos,
 Tantas vezes me vi delles vencido:
 Livray-me, pois, de taõ sanguinolentos
 Contrarios, porque vejo que me aguarda
 Em cada pensamento huma bombarda.

CXXXV.

Porèm, se estas mercês, se estes favores,
 Como a indigno, q̃ sou, quereis negar-me;
 Se quereis entre tantos peccadores
 Os tormentos do Inferno condenar-me,
 Osos decretos, inda que os ignoro,
 Humilde aceito, reverente adoro.

CXXXVI.

Neste terrivel caso, condenado
 Quando me veja ao Inferno, q̃ mereço,
 que alli me ha de dar mayor cuidado
 Não haõ de ser as penas, que padeço:
 O q̃ a minha alma afflicta alli mais teme
 He que, em lugar de amar-vos, vos blas-
 feme.

Con-

CXXXVII.

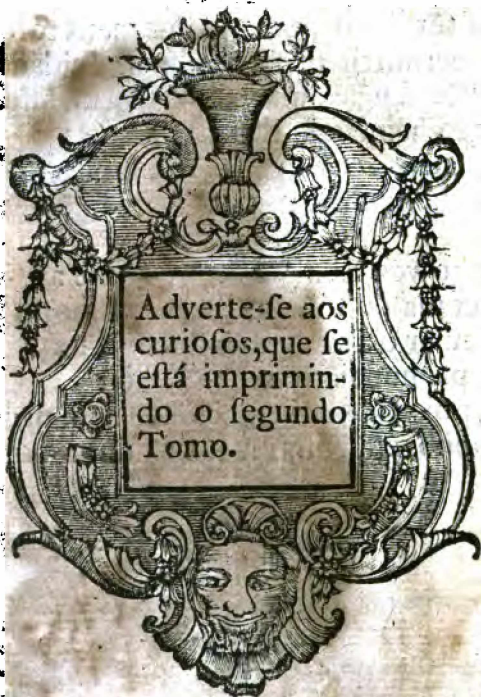
(tos,

Cõtêtay-vos, pois, só dos meus tórmẽ-
 Sem permittir que a minha iniquidade
 Nas blasfemias mitigue os sentimentos,
 E que chame á justiça crueldade :
 Blasfemar-vos a que se encaminha, (nha?
 Quando he mais pena vossa, do q he mi-

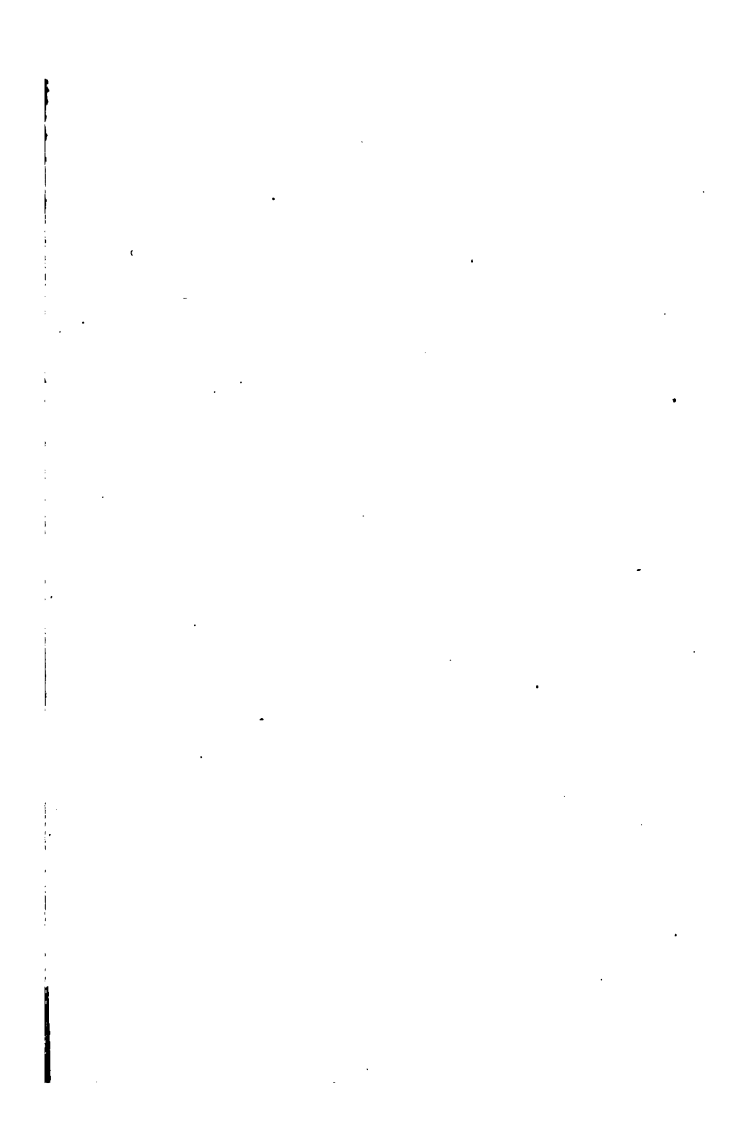
CXXXVIII.

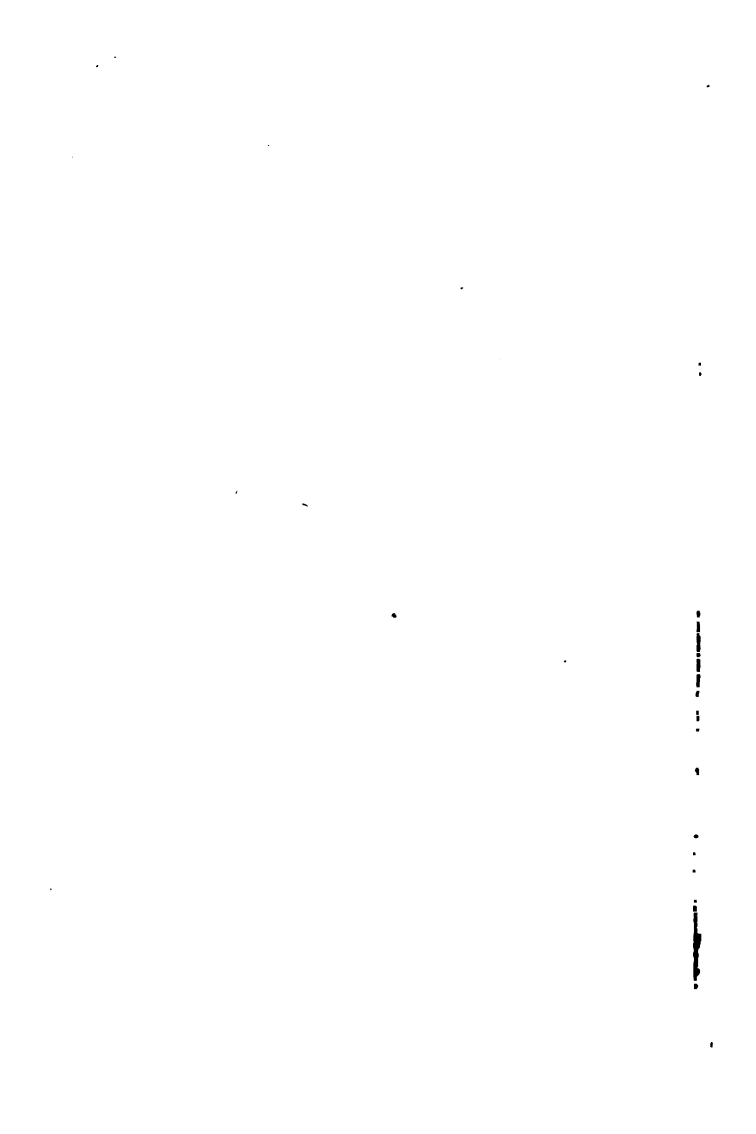
Peço-vos, meu Je ... mas já me assalta
 Tal copia de soluços , que não posso
 Articular o Sus, que inda me falta
 Para pronunciar o nome vosso :
 Mas, pois não posso mais, faço aqui pausa,
 E ponho em vossas mãos a minha causa.

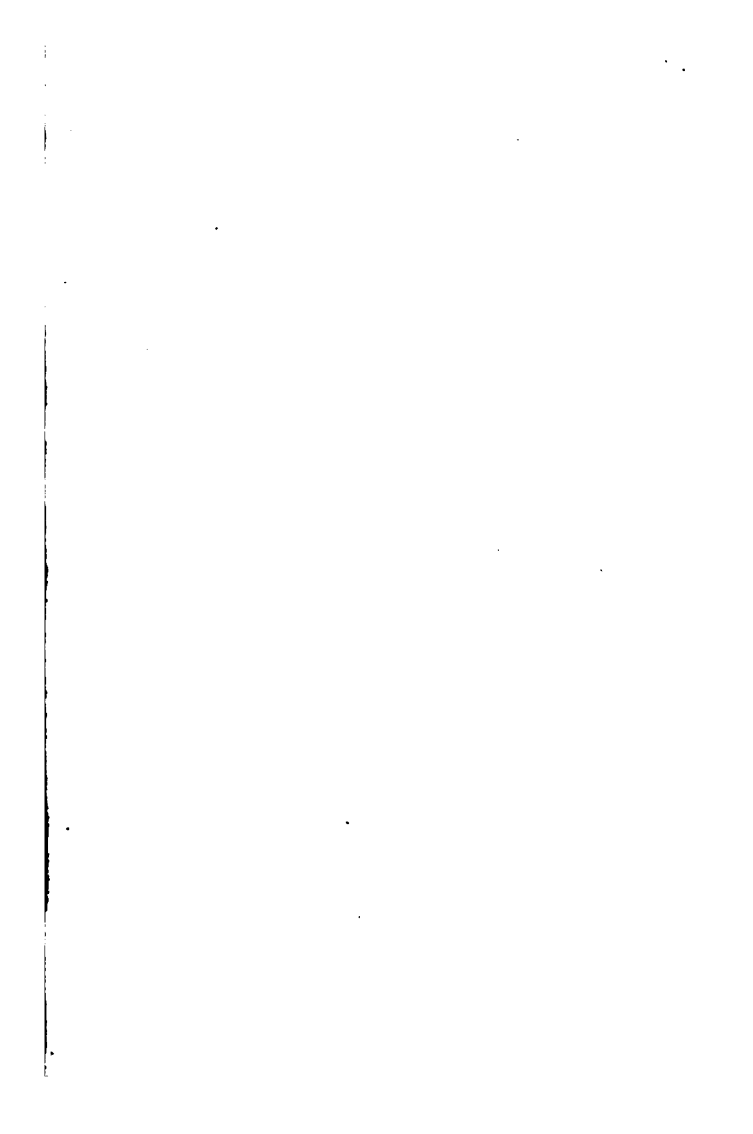
F I M.



Adverte-se aos
curiosos, que se
está imprimin-
do o segundo
Tomo.









Mr. Henry Steele

